



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III, IV

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Ana Raquel Lopes Tralha

Lisboa, julho de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teeresa da Silveira Botelho.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Amc Raquel Lopes Tralva.....

.....
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) em 1.º e 2.º.....
Ciclos do Ensino Básico..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 13 de julho de 20 12

O(A) Orientador(a)



Teeresa da Silveira Botelho

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III, IV

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Ana Raquel Lopes Tralha

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, julho de 2012

Agradecimentos

Para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional foram vários os intervenientes que colaboraram, direta e indiretamente, os quais merecem o meu reconhecimento e gratidão.

Começo por agradecer ao Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, por me ter permitido ter um ensino de excelência na Escola Superior de Educação João de Deus, bem como contractar com a realidade educativa nos Jardins-Escola João de Deus.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho, pelo apoio, dedicação, empenho e disponibilidade prestadas. Através da calma e organização que sempre me transmitiu, tiveram um elevado contributo para a realização deste trabalho.

Quero também agradecer aos Professores Cooperantes, das várias escolas pelas quais passei, por toda a dedicação prestada, bem como todas as críticas essenciais para o meu desenvolvimento profissional.

Não posso deixar de agradecer à equipa da Prática Pedagógica pelas críticas construtivas que foram bastante pertinentes para a minha evolução profissional.

Agradeço a todos os professores da ESEJD, em particular à Professora Doutora Filomena Caldeira por todos os conselhos e opiniões que me deu durante todo este percurso.

Às funcionárias da biblioteca ESEJD, em especial à Sofia Falcão.

Às crianças de todas as turmas que passei, pois com elas que fui conhecendo o que é realmente a prática da docência.

Aos meus pais por me terem ajudado a tornar a pessoa em que sou hoje. Sempre com a sua compreensão, amor, carinho que demonstraram ao longo da minha vida e pelos excelentes exemplos que sempre me deram.

Ao meu irmão, por me ter sempre apoiado ao longo de toda a minha vida, pelo seu carinho e por estar sempre presente em todos os momentos. À minha cunhada por todas as opiniões que me deu ao longo deste importante percurso.

Ao Pedro por estar sempre presente, por toda a compreensão, colaboração e por me ter ajudado a crescer ao longo de todo este percurso.

À minha tia Amélia por toda a dedicação que teve comigo desde sempre.

Aos familiares do Pedro, em especial à Teresa e ao Francisco, que tanto me apoiaram neste último ano do meu curso.

Ao meu afilhado, porque sempre foi e será uma grande fonte de inspiração para mim.

Índice geral

Índice de Figuras	xiv
Índice de Quadros	xvi
Introdução.....	1
1. Estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
2. Importância do Estágio Profissional	2
3. Local de estágio	4
4. Metodologia.....	5
5. Cronologia/Duração	6
Capítulo 1 - Relatos Diários	9
1.1. 1.ª Secção - 2.º Ano	10
1.1.1. Breve caracterização da turma	10
1.1.2. Rotinas diárias	12
1.1.3. Relatos diários	12
1.2. 2.ª Secção - 3.º Ano	37
1.2.1. Breve caracterização da turma	37
1.2.2. Rotinas diárias	38
1.2.3. Relatos diários	38
1.3. 3.ª Secção - 4.º Ano	59
1.3.1. Breve caracterização da turma	59
1.3.2. Rotinas diárias	61
1.3.3. Relatos diários	61
1.4. 4.ª Secção Estágio Intensivo – Torres Vedras	72
1.4.1. Caracterização da escola	72

1.4.2. Breve caracterização da turma	73
1.4.3. Relatos diários	73
1.5. 5.ª Secção 1.º Ano	78
1.5.1. Breve caracterização da turma	78
1.5.2. Rotinas diárias.....	79
1.5.3. Relatos diários	80
1.6. 6.ª Secção – Escola particular – 2.º Ciclo	101
1.6.1. Descrição da secção	101
1.6.2. Caracterização da escola	101
1.6.3. Relatos diários.....	102
1.7. 7.ª Secção - Jardim – Escola João de Deus do Entroncamento	148
1.7.1. Breve caracterização da turma	148
1.7.2. Relatos diários.....	149
1.8. 8.ª Secção – 4.º ano.....	169
1.8.1. Breve caracterização da turma	169
1.8.2. Rotinas diárias	169
1.8.3. Relatos diários.....	170
Capítulo 2 - Planificações.....	191
2.1. Descrição do capítulo.....	192
2.2. Fundamentação teórica	192
2.3. Planos de aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico	194
2.3.1. Plano de aula de Estudo do Meio.....	194
2.3.2. Plano de aula de Língua Portuguesa.....	198

2.3.3. Plano de aula de Matemática	202
2.4. Planos de aula do 2.º Ciclo do Ensino Básico	205
2.4.1. Plano de aula de História e Geografia de Portugal no 2.º ciclo	205
2.4.2. Plano de aula de Língua Portuguesa no 2.º ciclo	208
2.4.3. Plano de aula de Matemática no 2.º ciclo	212
2.4.4. Plano de aula de Ciências da Natureza no 2.º ciclo.....	215
Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação	219
3.1. Descrição do capítulo.....	220
3.2. Fundamentação teórica.....	220
3.3. Avaliação da atividade de Matemática	225
3.3.1. Contextualização.....	225
3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	225
3.4.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Língua Portuguesa ...	226
3.3.4. Descrição da grelha de correção.....	229
3.3.5. Gráfico de cotações	229
3.4. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa	230
3.4.1. Contextualização.....	230
3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	230
3.4.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Língua Portuguesa ...	231
3.4.4. Descrição da grelha de correção.....	233
3.4.5. Gráfico de cotações	233
3.5. Avaliação da atividade de História de Portugal	234
3.5.1. Contextualização.....	234
3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	234

3.5.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de História de Portugal	235
3.5.4. Descrição da grelha de correção	236
3.5.5. Gráfico de cotações	237
3.6. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa no 2.º ciclo	238
3.6.1. Contextualização	238
3.6.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	238
3.6.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Língua Portuguesa no 2.º ciclo	238
3.6.4. Descrição da grelha de correção	242
3.6.5. Gráfico de cotações	242
3.7. Avaliação da atividade de Matemática no 2.º ciclo	243
3.7.1. Contextualização	243
3.7.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	243
3.7.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Matemática no 2.º ciclo	244
3.7.4. Descrição da grelha de correção	245
3.7.5. Gráfico de cotações	245
3.8. Avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo	246
3.8.1. Contextualização	246
3.8.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	247
3.8.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de História de Portugal no 2.º ciclo	249
3.9. Avaliação da atividade de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo	250
3.9.1. Contextualização	250
3.9.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	251

3.8.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de História de Portugal no 2.º ciclo	251
Reflexão Final	253
Referências bibliográficas	259
Anexos	275

Índice de Figuras

Figura 1 – <i>Jardim-Escola João de Deus de Alvalade</i>	5
Figura 2 - <i>Sala de aula do 2.º ano</i>	11
Figura 3 - <i>Sala de aula do 2.º ano</i>	11
Figura 4 – <i>Calculadores Multibásicos</i>	14
Figura 5 – <i>Criança a manipular o material Geoplano</i>	16
Figura 6 – <i>A roda dos alimentos</i>	25
Figura 7 - <i>Sala de aula do 3.º ano</i>	37
Figura 8 - <i>Sala de aula do 3.º ano</i>	37
Figura 9 - <i>Cenários para a Festa de Natal</i>	38
Figura 10 - <i>Cenários para a Festa de Natal</i>	38
Figura 11 – <i>Material não estruturado</i>	46
Figura 12 – <i>Aluno a trabalhar com o material não estruturado</i>	47
Figura 13 – <i>Aluno a realizar a proposta de trabalho de língua portuguesa</i>	47
Figura 14 – <i>Jogo de estudo do meio</i>	48
Figura 15 - <i>Sala de aula do 4.º ano</i>	60
Figura 16 - <i>Sala de aula do 4.º ano</i>	60
Figura 17 - <i>Sala de aula do 4.º ano</i>	60
Figura 18 - <i>Sala de aula do 3.º ano – Torres Vedras</i>	73
Figura 19 – <i>Sala de aula do 3.º ano – Torres Vedras</i>	73
Figura 20 - <i>Sala de aula do 1.º ano</i>	79
Figura 21 – <i>Sala de aula do 1.º ano</i>	79
Figura 22 – <i>Gráfico de classificação qualitativa da proposta de trabalho de Matemática</i>	229
Figura 23 - <i>Gráfico de classificação qualitativa da proposta de trabalho de Língua Portuguesa</i>	233
Figura 24 – <i>Gráfico de classificação qualitativa da proposta de trabalho de História de Portugal</i>	237

Figura 25 – Gráfico de <i>classificação qualitativa da proposta de trabalho de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo</i>	242
Figura 26 – Gráfico de <i>classificação qualitativa da proposta de trabalho de Matemática no 2.º Ciclo</i>	245

Índice de Quadros

Quadro 1 – Horário do Jardim- Escola.....	4
Quadro 2 – Cronograma referente ao 1.º ano de estágio	6
Quadro 3 – Cronograma referente ao 2.º ano de estágio.....	7
Quadro 4 – Horário da turma do 2.º ano	11
Quadro 5 – Horário da turma do 3.º ano	38
Quadro 6 – Horário da turma do 4.º ano	60
Quadro 7 – Horário da turma do 1.º ano	79
Quadro 8 – Horário estágio no 2.º Ciclo.....	101
Quadro 9 – Horário da turma do 5.º ano do Entroncamento	149
Quadro 10 – Plano de aula de Estudo do Meio	195
Quadro 11 – Plano de aula de Língua Portuguesa	199
Quadro 12 – Plano de aula Matemática	203
Quadro 13 – Plano de aula de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo.....	206
Quadro 14 – Plano de aula de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo.....	209
Quadro 15 – Plano de aula de Matemática no 2.º Ciclo	213
Quadro 16 – Plano de aula de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo.....	216
Quadro 17 – Escala de avaliação utilizada	226
Quadro 18 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática do 1.º Ciclo	227
Quadro 19 – Grelha de correção do dispositivo de Matemática no 1.º Ciclo	228
Quadro 20 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo	231
Quadro 21 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo	232
Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de História de Portugal do 1.º Ciclo	235
Quadro 23 – Grelha de correção do dispositivo de História de Portugal do 1.º Ciclo	236

Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (1.º Parâmetro)	238
Quadro 25 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (2.º Parâmetro)	239
Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (3.º Parâmetro)	240
Quadro 27 – Grelha de correção dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º ciclo	241
Quadro 28 – Grelha de correção do dispositivo de atividade de Matemática no 2.º Ciclo	244
Quadro 29 – Grelha de correção do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º ciclo	245
Quadro 30 – Escala de avaliação de observação direta	248
Quadro 31 – Lista de verificação da atividade de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo	249
Quadro 32 – Lista de verificação da atividade de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo	251

Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular Prática Pedagógica I, II, III e IV e teve início a 11 de outubro de 2010 e terminou a 22 junho de 2012. Realizou-se nos 1.º, 2.º e 4.º semestres no 1.º Ciclo do Ensino Básico e nos 3.º semestre no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Este Relatório de Estágio Profissional integra uma forte componente prática, constituída pelos relatos diários, sempre seguidos de inferências e da respetiva fundamentação teórica.

1. Estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O presente relatório está dividido em quatro grandes capítulos e alguns divididos em secções.

O primeiro capítulo refere-se aos relatos diários onde se podem encontrar as descrições das observações nos 1.º e 2.º Ciclos de escolaridade do Ensino Básico com as respetivas inferências acompanhados da fundamentação teórica.

Este capítulo está dividido em secções, como já foi referido. Cada secção diz respeito a um ano de escolaridade, onde é explicitado o período de estágio, o nome da Professora Cooperante, bem como uma breve caracterização da turma, da faixa etária e das rotinas desse ano de escolaridade.

O segundo capítulo refere-se às planificações elaboradas durante a Prática Pedagógica, uma em cada área de ensino, para cada um dos ciclos de escolaridade, assim como a justificação da importância das mesmas.

O terceiro capítulo apresenta os dispositivos de avaliação. Neste é feita a descrição dos instrumentos de avaliação usados e a respetiva justificação teórica referente aos mesmos.

Por fim, a reflexão final de todo o período de estágio. Incorpora as considerações finais, e ainda as limitações inerentes ao presente relatório.

Este relatório encontra-se redigido de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

2. Importância do Estágio Profissional

O estágio profissional é de grande importância, pois com a sua frequência é possível uma melhor aprendizagem para a futura prática docente.

Segundo Lisboa (2005,p.29), durante esta formação, adquirimos conhecimentos basilares para podermos desempenhar corretamente a docência, mas tomamos também conhecimento de quais as características mais importantes para se ser um professor de qualidade.

Através da Prática Pedagógica, observamos modelos de professores diferentes, formas de lecionar distintas e ainda turmas com características diversas. Assim, com estas experiências, é possível criar um modelo profissional próprio, sendo de grande relevância este estágio. Ao longo dos vários dias de relatos foi feita uma reflexão de tudo o que foi observado.

Tal como refere Alarcão e Tavares (2003, p.35), a abordagem reflexiva, de natureza construtiva, assenta na consciência da imprevisibilidade dos contextos de ação profissional e na compreensão da atividade profissional como atuação inteligente e flexível, situada e recreativa. Assim, ao contactar com diversas realidades e modelos, foi possível criar uma maior previsibilidade do que pode surgir numa sala de aula.

Para desempenhar o papel de futuros professores é fundamental refletir sobre o que é educar. Segundo Reimão (2009):

educar consiste em oferecer e transmitir um modo de viver e de entender a vida, numa dimensão de liberdade; educar é acreditar na perfectibilidade do homem, na sua capacidade para aprender e para se aculturar; é acreditar no desejo do saber que o impele; é acreditar que os homens podem ajudar-se mutuamente através do conhecimento; mas educar é também um compromisso humano, o mais humano e o mais humanizado de todos. Esta humanização implica valores; são eles que determinam e orientam as finalidades da educação, obrigando-a a configurar-se como um permanente projecto em superação. (p.21)

Para exercer a função de professor é necessário que se tenha consciência de que esta é uma troca permanente de saberes entre professores e alunos, não apenas ao nível de conteúdos, visto que não é só essa a função da escola. O mesmo autor citado anteriormente define a escola como o local onde:

melhor do que qualquer outra instituição social, ao criar as condições de uma tensão entre a teoria e a prática, entre a reflexão e a ação, permite a consolidação de uma conduta moral e a realização de uma humanização cada vez mais consequente. (p.21)

As trocas de valores e experiências também constituem um processo de aprendizagem para os vários intervenientes na escola.

Galveias (2008) salienta que, através da Prática Pedagógica, é possível construir um conhecimento profissional na interação permanente entre a teoria e a prática.

3. Local de estágio

As Práticas Pedagógicas I e II foram realizadas no Jardim Escola João de Deus de Alvalade, em turmas do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. Este período de estágio refere-se ao 1.º ano do Mestrado do Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Este Jardim Escola tem valências desde a Creche até ao Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Relativamente ao 2.º ano de Mestrado o estágio foi praticado em diversas instituições, sendo elas:

- Uma instituição particular, em Lisboa, com turmas de 5.º e 6.º anos de escolaridade;
- Jardim-Escola João de Deus no Entroncamento, numa turma de 5.º ano;
- Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, numa turma de 4.º ano.

Horário de funcionamento

O horário de funcionamento das atividades curriculares e extracurriculares processa-se entre as 8h e as 19h. Nesta instituição, existe uma componente de apoio à família que decorre antes do início do horário letivo, durante o período de almoço e depois do final das aulas. Podemos observar este horário através do quadro 1, que se apresenta de seguida.

Quadro 1 – Horário do Jardim-Escola

	Componente de apoio à família	Componente Educativa	APTL
Pré-escolar	8h/9h	9h/12h	17h30m/19h
	12h/14h30m	14h30m/16h30m	
	16h30m/17h30m		
1º Ciclo	8h/9h	9h/13h	17h30m/19h
	13h/14h30m	14h30m/17h	
	17h/17h30m		

APTL – atividades de prolongamento e de tempos livres



Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus de Alvalade

Grupo de Estágio

Durante o primeiro ano deste mestrado, o estágio foi efetuado em colaboração com uma colega da minha turma, que, durante todo este período, se apresentou bastante interessada e dedicada. Trabalhámos em conjunto, elaborando alguns materiais de apoio às aulas.

No decorrer do segundo ano, partilhei o estágio com outros dois colegas da minha turma. Foram um grande apoio na aprendizagem da prática letiva.

4. Metodologia

Este relatório foi elaborado, aplicando de uma metodologia específica: a observação e a análise de dados. Afonso (2005, p.91) define observação como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vistas dos sujeitos.”

Quivy e Campenhoudt (1992, p.165) mencionam que a observação pode ser de dois tipos: direta ou indireta. Na observação direta, o investigador recolhe as informações de um modo objetivo e regista-as. Contudo, os sujeitos observados não intervêm na informação recolhida. Este tipo de estudo é “baseado na observação visual”. Torna-se também um método relevante, visto que “captam os comportamentos no momento em que eles se produzem”, não necessitando de outro tipo de documentos ou testemunhos (pp.196-197).

Pelo contrário, na observação indireta, o investigador contacta com os sujeitos a serem observados com a finalidade de lhes fornecerem informação. Este tipo de observação torna-se menos objetiva. Os mesmos autores referem ainda que, neste

tipo de observação, o instrumento que é utilizado é um questionário ou é um guião de entrevista. (pp. 166-167)

Lucas (2006) menciona que a observação participante ou observação direta consiste numa “técnica não documental”. Esta também pode ser intitulada de observação naturalista ou descritiva. Ainda segundo o mesmo autor, a técnica de observação participante é “caracterizada pelo papel e a postura que o investigador adopta durante a observação, bem como o seu nível de participação e interação com o que observa”.

No decorrer deste período de estágio foram observadas turmas dos anos já referidos anteriormente durante três manhãs por semana, no período das 9h às 13h. Posteriormente foi elaborado o registo do trabalho.

Metodologicamente, este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000), de forma a organizar as ideias do trabalho por mim realizado.

5. Cronologia/Duração

Os cronogramas abaixo apresentados esquematizam a cronologia do período de estágio e a elaboração do relatório, correspondendo, respetivamente aos primeiro (Quadro 2) e segundo (Quadro 3) anos de Mestrado, onde se podem verificar o número de horas destinadas às aulas observadas, às aulas programadas, às aulas surpresa, às reuniões de Prática Pedagógica, ao estágio intensivo e ainda, às pesquisas bibliográficas e elaboração do relatório de estágio profissional.

Quadro 2 – Cronograma referente ao 1.º ano de estágio

Mês	outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho				Horas
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas Observadas																																					35
Aulas Programadas																																					1
Aulas Surpresa																																					2
Reuniões de P.Pedagógica																																					12
Estágio Intensivo																																					40
Pesquisas Bibliográficas																																					100
Elaboração do relatório de estágio profissional																																					110
Total de horas																																	300				

Relatório de Estágio Profissional

Quadro 3 – Cronograma referente ao 2.º ano de estágio

Mês	outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho				Horas
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas Observadas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	30
Aulas Programadas																																					2
Aulas Surpresa																																					0
Reuniões de P.Pedagógica																																					3
Estágio Intensivo																																					16h30
Pesquisas Bibliográficas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	100
Elaboração do relatório de estágio profissional	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	110
Total de horas																																	245				

Capítulo 1

Relatos Diários

Este capítulo foi dividido em oito secções. Cinco correspondem ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, duas ao 2.º ciclo, por fim, uma secção de novo para o 1.º Ciclo. Para cada uma farei uma breve caracterização das turmas e apresentarei as rotinas das mesmas.

1.1. – 1.ª Secção

Período de estágio: de 12 de outubro de 2010 a 26 de novembro de 2010

Ano de escolaridade: 2.º ano

1.1.1. Breve caraterização da turma

Iniciei o estágio numa turma de 2º ano, constituída por 24 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Os 24 alunos tinham feito 7 anos (feitos até Dezembro).

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na sua maioria, os alunos provenientes da Infantil desta instituição, visto que o regulamento assim o prevê. Contudo, há algumas exceções, como é o caso das transferências.

Nesta turma, 22 alunos frequentam o Jardim-Escola desde o início, a turma do o Bibe Amarelo (3 anos) e 2 alunos iniciaram na turma do no Bibe azul (5 anos).

De uma forma geral, os alunos da turma mostraram interesse por todas as áreas curriculares. No entanto, nesta turma há 3 alunos que revelam dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades sentidas a nível das aprendizagens manifestam-se ao nível da escrita, do cálculo e da ortografia.

É de referir ainda que um dos alunos revela problemas comportamentais.

A escola dispõe de recursos para apoio aos alunos com dificuldades. O 1.º Ciclo tem duas educadoras/professoras de apoio que cumprem, nas aulas, o horário das 11 às 16.30 horas, com um plano pré-estabelecido, semanalmente, para apoiar todas as turmas em tempos iguais. A professora titular da turma dá informações acerca dos alunos que, em cada dia, serão apoiados e em que atividades deverão ser.

O professor da turma disponibiliza, naturalmente, todo o apoio e presença direta junto dos alunos que revelam mais dificuldades e maior insegurança durante o respetivo tempo letivo, promovendo o ensino individualizado e a adaptação de trabalhos sempre que se verifique essa necessidade.

Como já foi referido, são também são elaborados Planos Educativos Individuais (PEI) destinados os alunos com Necessidades Educativas Especiais, aprovados em Conselho de Professoras. Estes Planos são revistos e assinados pela Direção do Jardim-Escola, pela Professora Titular, pela Professora de Apoio e pelo Encarregado de Educação.

O espaço de sala de aula pode ser visto nas figuras figura 2 e 3, onde se observa a boa iluminação e se reflete o ar acolhedor, através da própria decoração feita com placardes mostrando os conteúdos lecionados.



Figuras 2 e 3 – Sala de aula do 2.º ano

O horário da turma pode ser observado através do quadro 4.

Quadro 4 – Horário da turma do 2.º ano

Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00	Leitura				
09:30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00	Recreio/Higiene				
11:40	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:50	Higiene /Almoço				
13:30	Recreio/Higiene				
14:30	Língua Portuguesa	Educação Física	Inglês	Matemática	Língua Portuguesa
15:30	Estudo do Meio	Matemática	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Informática/Biblioteca
16:10	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Assembleia
17:00	Higiene/Lanche/Saída				

1.1.2 - Rotinas diárias

- Acolhimento

Todas as manhãs os alunos são acolhidos no ginásio ou no recreio da escola onde permanecem a fazer jogos ou simplesmente a conversar. Nestes espaços da escola não estão apenas os alunos do segundo ano, mas os restantes alunos do Jardim-Escola.

Por volta das 9h, a professora sobe com os alunos para a sala de aula. Estes vão à casa de banho e às 9h30 começa o dia de aulas.

- Higiene Pessoal

Um professor acompanha os alunos à casa de banho que, depois de fazerem a sua higiene pessoal, se dirigem em fila, para cada sala.

Os momentos de higiene efetuam-se no início da manhã, antes e depois do recreio.

- Recreio

O professor da aula acompanha os alunos até à zona do recreio, onde são vigiados pelas professoras do Jardim-Escola.

Para mais acrescento que observei os recreio entre as 11h15 até as 11h45.

- Almoço

Sempre acompanhados pelo professor, os alunos vão almoçar ao refeitório, por volta das 13h, onde se juntam com alunos de outras turmas e de outros anos.

1.1.3. Relatos Diários

Dia 12 de outubro de 2010

Quando cheguei à escola, um pouco antes das nove horas, os alunos estavam a brincar, no recreio. A professora estava atenta aos comportamentos dos alunos.

Às nove horas, a professora chamou-os para fazerem comboio e irem para a sala de aula. Ao chegarmos, fui com a minha colega acompanhar as meninas à casa de banho, por solicitação da professora, o que ocorreu com bastante calma.

De volta à sala, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática sobre “o dobro e a metade e o triplo e a terça parte”. O dobro e a metade tinham sido conteúdos abordados no dia anterior. Contudo, alguns alunos não se recordavam que operação era necessária efetuar para calcular a metade de um número. Para relembrar este conteúdo, a professora pediu a quatro alunos que fossem ao pé dela. A mesma colocou-os em fila e dividiu a fila em duas partes. E, desta forma, fez a revisão do que é a metade.

Os alunos realizaram exercícios sobre dobro e a metade, após que a professora iniciou a explicação do triplo e da terça parte. Para explicar este conteúdo não utilizou qualquer material manipulável. Apenas usou alguns exemplos que estavam na ficha de trabalho que os alunos resolveram de seguida.

Depois, os alunos iniciaram uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa. Nesta, tinham que realizar um exercício caligráfico. No verso da folha constava uma breve explicação sobre o número dos nomes e dois exercícios relacionados com o mesmo tema.

Às onze horas, os alunos foram para o recreio, onde permaneceram cerca de meia hora.

De regresso à sala de aula e depois de terem ido à casa de banho, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática. A mesma tinha como base o tema “o ano comum e o ano bissexto”. A professora começou por explicar o movimento de rotação e translação da terra, através de uma imagem presente na ficha, e pediu a duas alunas para irem junto dela a fim de exemplificarem estes movimentos. Explicou que o movimento de rotação dá origem aos dias e as noites, e o movimento de translação às estações do ano. Explicou ainda o respetivo tempo que cada um dos movimentos demora para se realizar. Demonstrou depois que um ano tem 365 dias e mais seis horas e que, de 4 em 4 anos, com a soma dessas seis horas, temos mais um dia chegando assim à noção de ano comum e ano bissexto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia foi possível compreender algumas das rotinas dos alunos desta turma. As rotinas são imprescindíveis para os alunos se organizarem no quotidiano. Estas permitem que se tornem mais seguros e autónomos pois, segundo Zabalza (1998, p.52) “esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir”.

Assim sendo, as rotinas transmitidas às crianças são muito importantes para o a sua organização durante o dia escolar. O fato de saberem a ordem pela qual vão desempenhar as tarefas ao longo do dia, funciona como um instrumento organizador das mesmas. Durante esta aula observada foi possível detetar que os alunos possuem esta estrutura organizadora. Por exemplo, quando a professora referiu que o recreio tinha acabado, os alunos dirigiram-se para o interior do edifício, foram à casa de banho e, de seguida, para a sala de aula. Quando chegaram à sala, sem a professora fazer qualquer tipo de referência, continuaram o trabalho que estavam a realizar anteriormente.

Ao longo de um dia, que a criança passa em contexto escolar, os recreios são muito importantes. Hohmann e Weikart (1997, p.433) referem que o recreio ao ar livre permite que as crianças se expressem e exercitem melhor do que no interior. Para estes autores, no recreio as crianças desenvolvem-se na medida em “respiram ar fresco, absorvem vitaminas do sol, exercitam o coração, pulmões e músculos, e vêem horizontes mais abertos”. Como tal, os recreios são marcos importantes ao longo do dia escolar para que a criança se desenvolva a vários níveis. Os alunos deste Jardim-Escola possuem vários recreios ao longo do dia.

Dia 15 de outubro de 2010

Neste dia a professora iniciou a aula com a área de Matemática. Usou o material Calculadores Multibásicos (Figura 4) como auxiliar. Começou com a explicação das regras do material.



Figura 4 – Calculadores Multibásicos

De seguida, ditou um número e solicitou a diversos alunos que fizessem a sua leitura por ordem e por classes, que referissem qual era o algarismo de menor e maior número relativo e absoluto. Depois, pediu aos alunos para dizerem números, que foi registando no quadro.

Solicitou, posteriormente, que um aluno fosse ordená-los por ordem crescente. Após estarem ordenados, diversos alunos foram ao quadro indicar quais eram os números pares e ímpares. Para a realização deste exercício, a professora pediu-lhes para circundarem ou sublinharem o número. Após a conclusão desta tarefa, tiveram oportunidade de brincar com o material.

Na hora de Língua Portuguesa, a professora pediu que lessem em voz baixa o texto “Uma Foca com Bigodes” de Ilse Losa. Depois da leitura do texto, deu início a um exercício ortográfico para que ditou nove palavras. Posteriormente explicou “O grau dos nomes” e os alunos fizeram exercícios sobre o conteúdo lecionado.

Ao longo desta aula, foi notório observar que os alunos e a professora mantiveram uma boa relação. Foi possível verificar que, durante a apresentação dos conteúdos matemáticos, a professora “brincou” com os alunos, tornando a aula agradável e não expositiva.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os materiais manipuláveis são ferramentas de auxílio aos conteúdos lecionados para que os alunos consigam aprendizagens mais significativas. Prado (1998, citado por Caldeira 2009a, p.221), completa ainda esta ideia afirmando que “os materiais didáticos, são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior, com os adultos e com as outras crianças”.

Através dos Calculadores Multibásicos os alunos conseguem concretizar os exercícios de uma forma lúdica. Nabais (1986, p.5) afirma que este material tem potencialidades na medida em que “em vez da abstracção, o aluno lança mão da mecanização; em vez de “construir” conscientemente na sua mente o edifício da Matemática, o aluno condiciona-se a regras e fórmulas, de que não conhece a génese nem vislumbra o alcance e implicações”. (p.5) Contudo, embora o aluno embora não esteja consciente dos conteúdos inerentes às representações, está a construir o seu raciocínio matemático. O mesmo autor refere que:

o aluno, gradual e sistematicamente, vai construindo, na sua mente, um edifício matemático a partir da realidade”. Seguindo as ideias do mesmo autor, este refere que da “observação e manipulação repetidas da realidade, no confronto e relação dos seus aspectos múltiplos, que sugere imperceptível e inevitavelmente a abstracção (p.6)

O aluno consegue, então, compreender e depois passar para a abstracção.

A relação entre professor/aluno é, segundo vários autores, um ponto fulcral para uma aprendizagem significativa. Estes relacionam-se e constituem um triângulo pedagógico. O professor caracteriza-se como a pessoa que instrói, forma, educa. O aluno é encarado como educando, formando, o que aprende, o que se educa “e o saber é constituído basicamente por conteúdos, disciplinas e programas” Soveral, (1996, citado por Borralho e Oliveira, 2010, p.120).

O mesmo autor completa este pensamento citando outro autor, André (2007) em que este afirma que “ a relação entre aluno e professor deve caracterizar-se pela dimensão de entreajuda e de estímulo à autonomia, usando como plataforma a confiança e o respeito”. As ideias destes autores vão de encontro e estão em concordância com o que foi observado nesta aula do 2.º ano.

Dia 18 de outubro de 2010

De novo, neste dia a professora iniciou a aula com a área de Matemática. Utilizou, para auxílio da explicação dos conteúdos, o material Geoplano (Figura 5).

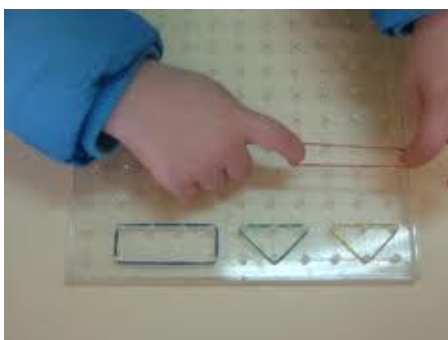


Figura 5 – Criança a manipular o material Geoplano

Após ter distribuído o material, lembrou a regras do mesmo tais como: não se pode arrastar as placas, não se pode brincar com os elásticos, etc. Depois solicitou que os alunos pegassem num elástico e construíssem um quadrado no Geoplano. Após os alunos fazerem a construção, a professora, que tinha a sua placa colada no quadro, construiu também. Solicitou depois que construíssem diversas figuras geométricas tais como: retângulos, círculos, triângulos, losango, hexágono e paralelogramos. Concluída esta atividade, os alunos estiveram a fazer simetrias utilizando o mesmo material.

A professora iniciou a aula de Língua Portuguesa, pedindo aos alunos que lessem em voz baixa o texto “De Camelo até Belém” de Alice Vieira.

A professora não leu o texto. Após os alunos terem lido o mesmo, realizaram um exercício ortográfico com frases do texto que estava no verso da página. Durante esta aula, houve alturas que os alunos não tiveram nenhuma atividade para fazer, o que originou muitas conversas paralelas e brincadeira.

Neste dia ficámos a saber que a professora iria apresentar um plano de recuperação para dois alunos da turma. Estes alunos são gémeos e apresentam algumas dificuldades ao nível da leitura e escrita.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia, através do uso do material ao nível da Matemática, os alunos concretizaram, de forma lúdica, os conteúdos abordados. Caldeira (2009b, p.409), define o geoplano como “um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas”. Segundo Serrazina e Matos (1996, p.13), “os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel ponteadado”. Contrariamente à opinião destes autores, a professora da sala não solicitou aos alunos que registassem em papel ponteadado as representações feitas. Durante a aula, a professora colocou questões pertinentes de acordo com a faixa etária, o programa e respeitou os ritmos de trabalho dos alunos. Segundo Caldeira (2009b, p.409) “é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho.”

Segundo o Despacho Normativo 50/2005, “entende-se por plano de recuperação o conjunto das actividades concebidas no âmbito curricular e de enriquecimento curricular, desenvolvidas na escola ou sob a sua orientação, que contribuam para que os alunos adquiram as aprendizagens e as competências consagradas nos currículos em vigor do ensino básico”. Assim, estes alunos serão submetidos a um plano de recuperação, que os auxiliará a superar as suas dificuldades.

Dia 19 de outubro de 2010

Hoje o dia teve início com a aula de Matemática. A professora explicou a noção de linha, linha reta, semirreta, segmento de reta, linha quebrada, linha curva e linha mista. Enquanto explicava, a professora representava as linhas no quadro e fazia a respetiva representação. Para consolidação do conteúdo abordado, distribuiu uma ficha a cada aluno, na qual teriam que colar lã a formar os vários tipos de linha.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura silenciosa do texto “O Outono no Parque” de Sophia de Mello Breyner. Após a leitura, a professora explorou um pouco o texto quanto ao número de parágrafos, o número de períodos e o autor. Explorou ainda, ao nível gramatical, a classificação morfológica de algumas palavras, a acentuação, o número de sílabas e os sinais de pontuação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura do texto em voz baixa. Torna-se importante que o professor estimule os seus alunos para a leitura. Segundo Sim-Sim, Duarte e Ferraz citados por Sardinha (2007),

a leitura não é nenhuma actividade natural de aquisição espontânea e universal. O seu domínio exige um ensino direto que não se esgota na aprendizagem ainda que imprescindível da tradução da letra – som, mas que se prolonga e aprofunda pela vida do sujeito. (p.3)

Desta forma, o professor deve inculcar hábitos de leitura dos seus alunos para que os façam gostar do ato de ler.

Morais (1997, citado por Araújo 2007, p.10) enuncia que “a finalidade da leitura é a compreensão da mensagem escrita”. Desta forma, a criança tem que processar a informação escrita. Numa fase posterior, quando já tiver desenvolvidas todas as estruturas necessárias para a leitura, começa a compreender o texto.

Contrariamente ao que foi observado nesta sala de aula, Balança (2007, p.132), afirma que “o manual escolar não pode ser o único e exclusivo recurso pedagógico na sala de aula, nomeadamente para promover o desenvolvimento nas crianças de competências como a leitura e a escrita”. Dionísio citado por Balança (2007, p.131), esclarece esta ideia, dizendo que “quer o manual, quer os textos que ele encerra configuram-se como textos fechados”. Para este autor, os textos explícitos nos manuais escolares são seguidos por perguntas de interpretação que “transformam os textos em objectos de sentido único” pois os alunos deixam de fazer a sua interpretação do texto passando, apenas, a ser “consumidores de sentidos interpretados por outros”.

Dia 22 de outubro de 2010

Antes da professora dar início à aula, um aluno colocou uma questão sobre a importância da ida ao dentista. Esta questão foi muito pertinente pois, no dia anterior, tinham abordado este conteúdo. A professora esclareceu o aluno da melhor forma possível.

Deu-se então início à aula de Matemática. Os alunos trabalharam novamente um material: o Tangran. A professora não explicou as regras do material passando logo para o uso do mesmo. Através de uma história que foi contando, os alunos tinham que fazer diversas construções tais como: barco, igreja e gato. No final, os alunos tiveram oportunidade de brincar com o material.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora fez uma pequena surpresa aos alunos. Ditou algumas frases do texto explorado no dia anterior. Os alunos ficaram um pouco ansiosos com a situação. Em seguida, executaram um exercício de expressão escrita. Enquanto os alunos realizavam o exercício, a minha colega e eu tivemos oportunidade de ler alguns textos e tirar dúvidas a alguns alunos. Dai ter sido possível verificar que muitos alunos, ao expressarem as suas ideias, repetem frequentemente palavras como "... e ... e ... e", "... mas... mas... mas... depois". Também apurámos que empregam palavras habitualmente aplicadas na oralidade: "bué" e "tá".

Inferências/Fundamentação Teórica

No decorrer da aula de Matemática, foi notório que os alunos estavam muito envolvidos e entusiasmados com o material estruturado trabalhado (tangran). Hole (1977, citado por Caldeira (2009b, pp. 15-16) diferencia materiais estruturados de não estruturados. O citado autor refere que os materiais estruturados são "uma colecção de objectos configurados de maneira a «corporizarem» uma ou mais estruturas matemáticas" enquanto que os materiais não estruturados são aqueles que "na sua génese não apresenta[m] uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas". Durante a aula, foi notório que os alunos encararam este material como um jogo, tentando construir novas figuras. Tal como afirma Santos (2008, citado por Caldeira 2009b, p.391), este material "possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio". Este material, segundo Caldeira (2009b, p.398) possui um forte valor educativo, permitindo não só a concentração das crianças bem como estimula a investigação e a criação de novas figuras. A mesma autora refere outras potencialidades deste material ao mencionar que possibilita desenvolver no aluno diversas capacidades e destrezas tais como a concentração, o estímulo da criatividade, a capacidade de transformar, a percepção espacial, o desenvolvimento do sentido de comparação, a noção de área e relação desta com o perímetro e o desenvolvimento da escrita e a linguagem.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora solicitou que os alunos realizassem dois tipos de contato com a escrita diferentes.

Segundo Rosa e Soares (1998, p.264), “a produção de escrita pelas crianças e o trabalho sobre a escrita que produzem devem ser o ponto de partida para a descoberta e aprendizagem da Língua”. Desta forma, e tendo em conta o exercício de expressão escrita, cabe ao professor, depois dos alunos escreverem os textos, trabalhá-los para que estes compreendam o que erraram. Os mesmos autores, reforçam esta ideia dizendo que:

para que as crianças produzam escrita e gostem de escrever precisam de entender que todos os escritos podem ser melhorados, transformados, reformulados, e que para isso contam com a compreensão e ajuda do professor, dos colegas e dos materiais à sua disposição, dos quais se podem socorrer sempre que necessitem. (p.264)

Como foi referido em cima, os alunos, ao longo do texto, empregavam muitas frases coordenadas. Pereira e Azevedo (2005, p.52), dizem que “a utilização de frases coordenadas é característica da escrita inicial”.

Dia 25 de outubro de 2010

Nesta manhã a aula começou com a realização de uma ficha de avaliação formativa de Estudo do Meio. Durante a prova auxiliei dois alunos com dificuldades de aprendizagem, lendo-lhes as perguntas para eles as compreenderem e saberem o que responder.

Após a conclusão desta prova seguiu-se a aula de Língua Portuguesa. A professora distribuiu um texto intitulado “O rapaz que vivia na televisão”, de Luísa Ducla Soares e procedeu à leitura modelo, tendo, em seguida, ditado algumas palavras contidas no mesmo. No verso da folha, estavam exercícios sobre tipos e formas de frase, grau, número e género dos nomes, área vocabular, família de palavras e graus dos adjetivos.

Na aula de Matemática, os alunos efectuaram uma ficha de consolidação com as figuras geométricas. Nesta aula a professora não abordou nenhum conteúdo novo.

Inferências/Fundamentação Teórica

As fichas de avaliação formativa são instrumentos importantes para o professor. Segundo Pereira (2002, p.115), este tipo de avaliação “é essencial para o professor determinar a cada momento como prosseguir”.

Ao realizar esta atividade, o professor toma consciência da aprendizagem dos alunos sabendo melhor como preparar os próximos conteúdos, se deverá adotar ou não outras estratégias.

A leitura em modelo de um texto em voz alta deve ser uma prática inerente todos os dias na sala de aula. Tal como refere Teberosky e Colomer (2003, p.171), a leitura em voz alta por parte do professor “faz com que as crianças conheçam como é a sintaxe ou o léxico próprio da língua escrita”. Os mesmos autores referem que esta leitura não tem que ser feita apenas a partir de textos de autores, pode simplesmente ler-se informações das crianças.

Na aula de Matemática, como já referi, em cima, os alunos realizaram uma ficha de trabalho. Segundo Ponte e Serrazina (2000, p. 112) as tarefas e as atividades devem estar presentes na aula de Matemática. Para estes autores, “as tarefas matemáticas que o professor propõe aos alunos (...) constituem o ponto de partida para o desenvolvimento da sua actividade matemática”. Estas tarefas devem ser “interessantes para os alunos e apel[ar] aos seus conhecimentos prévios”. Assim, a professora, com esta proposta de trabalho, permitiu que os alunos aplicassem os seus conhecimentos.

Dia 26 de outubro de 2010

Neste dia, tal como na maioria das vezes, a professora iniciou a aula com a área de Matemática. Os alunos realizaram uma ficha de trabalho com exercícios relacionados com leitura de números e realização de operações.

A aula de Língua Portuguesa teve início com a realização de um exercício caligráfico do texto trabalhado no dia anterior (“O rapaz que vivia na televisão”). Concluída a atividade, os alunos efetuaram uma ficha de trabalho com exercícios relacionados com conteúdos já abordados noutras aulas, tais como: formação de palavras, translineação, classificação morfológica de palavras, acentuação, e sinais de pontuação.

Para finalizar, a professora deu uma proposta de trabalho com a abordagem de determinados conteúdos que os alunos iriam aplicar, no dia seguinte, numa prova de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Língua Portuguesa, como foi referido, os alunos estiveram a realizar um exercício caligráfico. O exercício é uma atividade de treino da caligrafia. Pereira e Azevedo (2005) referem que:

a caligrafia precisa de ser treinada até que o aluno atinja o ponto de não ter de pensar acerca dos aspectos mecânicos da escrita, tornando-se um processo automático, em que a formação das letras já não é uma actividade consciente, deliberada. (p.43)

Ao longo da aula, constatei que os alunos se limitavam a copiar as palavras de forma mecânica, sem pensarem no vocabulário como um todo, mas como letras isoladas.

No decorrer das aulas desta professora, verifiquei que esta utiliza sempre o mesmo material: as fichas de trabalho, o que torna as aulas muito semelhantes no seu conjunto, correndo o risco de se tornarem monótonas. Segundo Sá e Varela (2007, p.14), os professores usam continuamente o lápis e o papel e o quadro e o giz fazendo com que domine um “cinzentismo pedagógico do giz e quadro (lápis e papel) da “instrução primária” de há 40 anos”. Seria pertinente que a professora utilizasse materiais manipulativos ou didáticos. Com estas práticas, foge ao que estes dois autores defendem. Para estes mesmos autores, as crianças deveriam ter “oportunidade de desenvolver conceitos primários que se constroem na reação direta com os objetos concretos, manipulando-os, sentindo-os e experimentando-os”. Para eles, é nesta fase que se aprendem os “conceitos primários” e, sem este tipo de aulas (manipulativas), os alunos ficam com falta de “alicerces para a construção do edifício de conceitos indispensáveis à cidadania e a uma formação profissional de qualidade”.

Dia 29 de outubro de 2010

Neste dia, os alunos iniciaram a manhã com a realização da ficha avaliação formativa de Matemática. Durante a prova ajudei um aluno lendo as perguntas com o objetivo de lhe orientar o raciocínio para chegar à resposta.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos estiveram a ler um texto do manual (em voz baixa). O texto intitulava-se “Finalmente... um lar” e tem como autora Madalena Gomes. Após esta atividade, a professora explicou o conceito de Grupo Nominal e de Grupo Verbal da frase. Para consolidação, os alunos realizaram uma ficha de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

O professor, durante as suas aulas, deve manter uma boa relação com os seus alunos, cativando-os para que o processo de ensino - aprendizagem seja eficaz. Altet (2001, p.16) refere que “o ensino - aprendizagem é um processo interactivo”. Nesta interação estão envolvidos o professor, o aluno, a comunicação e o saber. Nas aulas desta professora, a parte da comunicação não se revela um ponto forte. A professora não cria momentos de diálogo de forma a criar este processo mais rico e mais atrativo.

Dia 02 de novembro de 2010

Hoje a aula teve início com a área de Língua Portuguesa. A professora distribuiu as Provas de Língua Portuguesa efetuadas anteriormente e fez, na oralidade, a respetiva correção. Os alunos tiveram oportunidade de tirar possíveis dúvidas que ainda tivessem.

Na aula de Matemática, a professora iniciou o conteúdo “numeração romana”. Para o explicar, usou as letras da numeração romana impressas em papel A4, colou-as no quadro e escreveu, com giz, o número correspondente na numeração árabe. Aclarou, ainda, algumas regras da numeração romana, referindo não é possível ter mais do que três letras iguais, exemplificando que, quando queremos escrever um número como 9, temos que escrever 10 e tirar 1.

De seguida os alunos realizaram uma ficha de trabalho para consolidação do conteúdo abordado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta aula teve um carácter mais dinâmico do que as observadas anteriormente. A professora promoveu, ao longo de toda a manhã, uma grande interação dentro da sala de aula, na medida em que, os alunos tiveram a oportunidade de dialogar mostrando as suas ideias. Segundo Morgado (1997, p.48), “a participação dos alunos nas aulas é algo fortemente valorizado e que importa potencializar em termos pedagógicos”. Desta forma “a exposição, a colocação de questões e a sua discussão” podem ser preponderantes para o processo de ensino-aprendizagem. O discurso na sala de aula torna-se, assim, algo que deve estar sempre presente. Loureiro (2000, p.131) refere que o discurso do professor é fundamental para “o modo de pensar dos alunos, já que estimulam neles processos de reorganização”.

Os discentes, ao ouvirem, conhecerem e compreenderem opiniões de outras pessoas levam-nos a entender "para além do seu conhecimento do mundo", uma vez que existe partilha de ideias, experiências e vivências que funcionam como meios de aprendizagem.

Dia 05 de novembro de 2010

A aula teve início com a área de Matemática. A professora distribuiu uma ficha de trabalho para os alunos resolverem.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos leram um texto de banda desenhada, do manual, intitulado "A preocupação da Rita". A seguir, a professora explicou conceito de Grupo Móvel e os alunos efetuaram uma ficha de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

O tipo de leitura que os alunos fizeram hoje foi um pouco diferente do habitual. A banda desenhada surge como um suporte de escrita de caráter recreativo, com a finalidade de dar prazer aos alunos quando a leem. Antão (1997, p.41) salienta que este tipo de suporte de leitura "serve para intrigar, comover, persuadir, insinuar, fazer rir, fazer sonhar, ou simplesmente, dar a ver".

O referido autor menciona que a banda desenhada deve servir de "estímulo à leitura funcional e possa ela própria ser um misto de leitura funcional e recreativa". Razão pela qual, os alunos também devem ser estimulados com este tipo de leitura.

Dia 08 de novembro de 2011

Neste dia dei aula, a primeira de manhã inteira. Antes de a iniciar coloquei as mesas em "U". A minha aula teve como tema a Língua Portuguesa "O Teatro", a Matemática "As unidades de medida de tempo" e o Estudo do Meio "A Roda dos Alimentos".

Para aplicar a interdisciplinaridade, utilizei um texto dramático cujo tema estava relacionado com a alimentação. Fiz algumas adaptações de modo a ter uma personagem para cada aluno da turma. Cada aluno representava um alimento, exceto dois alunos que representavam a mãe e o filho. Para que os alunos compreendessem melhor o que diferenciava o texto dramático dos outros textos, fiz um texto, em prosa, que resumia o tema do texto dramático.

Iniciei a aula distribuindo, aleatoriamente, a cada aluno os textos e uma imagem do alimento ou função que lhe iria calhar para representar.

Questionei os alunos sobre o que observavam de diferente nos textos. Assim, chegámos, em conjunto, às características do texto dramático. Passei, então, a ler o texto em prosa e a fazer a respetiva interpretação. Questionei, também, oralmente, alguns alunos sobre várias palavras a nível da análise morfológica.

Seguidamente, expliquei que iriam todos fazer a representação do texto. Mas, em virtude da sala ser pequena, não me foi possível trazer todos os alunos para a frente da sala. Então, solicitei que, quando um fosse uma personagem, se levantasse e representasse o que estava expresso no texto.

Após a representação do texto, passei para a aula de Estudo do Meio, cujo tema já foi referido.

Nesta aula, apelei ao tema do texto e questionei os alunos sobre a importância dos hábitos alimentares. Em seguida, coloquei uma Roda dos Alimentos grande (Figura 6) no chão e pedi-lhes para que se sentassem à volta da mesma. Expliquei como estava dividida a roda e quais os nomes dos setores da mesma. Aproveitei para dar alguns exemplos de alimentos que pudessem estar contidos nos diferentes setores.



Figura 6 – A roda dos alimentos

Em seguida, peguei nalguns alimentos verdadeiros e coloquei-os, com a ajuda dos alunos, nos respetivos setores da roda.

Após a conclusão desta atividade, os alunos foram para o intervalo.

Quando regressaram, realizámos uma ficha em conjunto sobre o tema abordado no Estudo do Meio. Esta ficha continha um texto lacunar. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.195).

Seguidamente, iniciei a aula de Matemática. Para a explicação do conteúdo a abordar, usei uma apresentação em *Powerpoint*. Para consolidar, solicitei ao chefe de material que distribuísse uma ficha a cada aluno. Realizámos a ficha em conjunto e as respostas foram registadas no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos, quando entram para a sala de aula, já possuem ideias pré-formadas sobre o que as rodeia. Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro. (2007, p.25) afirmam que “o que o aluno já sabe é um factor crítico que afecta a aprendizagem futura”. Desta forma, durante a aula tentei apelar as concepções que os alunos possuíam em relação aos diversos temas que foram abordados.

Segundo Cachapuz (1995, citados por Martins *et. al.* 2007, pp.28-29), designam-se por concepções alternativas as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”. Para alguns autores como Furió, Solbes e Carrascosa (2006, citados por Martins *et al.* 2007, p.29), os alunos quando chegam à escola, já possuem concepções alternativas.

No decorrer da aula tentei criar situações que os alunos não estão habituados a ver inseridas em sala de aula, pois tal como refere Stein (2001, citado por Martinho e Ponte, sd, p.4), “é necessário que o professor estimule o interesse dos alunos que irá enriquecer as interacções estabelecidas”. De facto, foi notório observar que os alunos se mostraram bastante interessados, participativos e empenhados durante toda a aula.

Uma preocupação presente que deve estar sempre inerente na preparação das aulas é a motivação dos alunos. Tal como afirma Carita e Fernandes (1998):

independentemente da metodologia de trabalho de cada professor ou dos conteúdos curriculares de cada disciplina que lecciona, a questão da motivação deve ser uma preocupação constante, comum a todos aqueles que no seu dia a dia “vivem” o processo ensino/aprendizagem. (p.43)

Ainda segundo os mesmos autores, “um aluno motivado consegue uma maior concentração e persistência nas tarefas escolares e que, aliás, obtém uma maior satisfação, quando finalmente atingir os objectivos estabelecidos”. (p.43)

A motivação surge como uma referência importante para que o processo de ensino/aprendizagem decorra de uma forma positiva e marcante.

Sendo esta a minha primeira aula de manhã inteira, considero pertinente refletir sobre a importância da mesma. A prática pedagógica permite um conhecimento prático essencial para a formação de professores. Segundo Schön citado por Viveiros e Medeiros (2005, p.41) o conhecimento prático ou o “sabe-em-ação” surge da “experiência pessoal e da partilha de saberes práticos de e com outros professores, pois é adquirido pela prática e pelo formato das experiências”.

Depois de ter observado algumas aulas da professora titular da turma e de ter dialogado várias vezes com ela sobre esta minha primeira aula, escolhi uma metodologia que me pareceu ser adequada.

Depois da aula, a professora deu-me o seu parecer em relação à minha prestação, o que foi bastante importante para mim e uma mais valia para futuras aulas, visto que a referida professora tem mais experiência profissional do que eu. O facto de refletir sobre a aula que dei e ter a opinião da professora titular permitiu-me adquirir, tal como referem os autores acima citados, “a capacidade de resolução de problemas através da procura de estratégias passíveis de alcançar com os objectivos definidos”. Percebi que nenhuma estratégia é melhor para ser utilizada na sala de aula.

Dia 09 de novembro de 2010

Hoje foi a minha colega de estágio a dar uma aula que iniciou com Língua Portuguesa. Nesta abordou o tema “O Jornal”. Começou por questionar os alunos sobre as notícias de véspera e as formas de obter informação. Para melhor compreensão do tema, levou para cada aluno um jornal diário. Os alunos tiveram assim oportunidade de contactar Com um documento autêntico. Referiu quais os tipos de texto que estavam dentro do jornal (artigo, notícia, reportagem). Seguidamente, distribuiu uma ficha de trabalho com uma imagem a partir da qual os alunos tinham que criar uma notícia. Após terminada a ficha, a minha colega passou para Estudo do Meio, sem ter lido nenhum texto dos alunos.

O tempo de aula foi reduzido devido a uma ação de formação que os alunos tiveram no ginásio da escola.

Em Estudo do Meio, abordou o tema “Prazos de validade dos alimentos”. Explicou a importância de vermos sempre o prazo de validade dos alimentos. Seguidamente, distribuiu a cada aluno um alimento.

Solicitou-lhes que vissem o prazo de validade e que, depois, um de cada vez, fosse colocar numa caixa verde os alimentos que estavam dentro do prazo de validade e numa caixa encarnada os alimentos que estavam fora desse prazo de validade. Para que os alunos compreendessem melhor o que era estar dentro ou fora do prazo levou um calendário onde assinalava as datas dos diversos alimentos tendo como referência o presente dia.

Em Matemática abordou o tema “As Horas”, iniciando a aula com uma breve revisão sobre os conceitos abordados por mim, no dia anterior. De seguida, mostrou um relógio aos alunos e questionou-os sobre o seu funcionamento. Distribuiu um relógio a cada aluno e realizou alguns exercícios, oralmente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula da colega, os alunos tiveram oportunidade de contactar com um jornal onde puderam ler algumas notícias, perceber a sua função e como está organizado. Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2006, p. 147), os alunos devem, nesta faixa etária, “contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos registos de presença, calendários, avisos, recados, notícias...). Desta forma, e sem se aperceberem, os alunos estavam envolvidos num material rico na prática da leitura.

Na aula de Estudo do Meio, os alunos estiveram em contacto direto com materiais que utilizam no seu quotidiano. Os alunos exploraram-nos e classificaram-nos, como foi referido anteriormente. Pereira (2002, p.89), esclarece o conceito de atividades de classificação. Para este autor estas atividades são “norteadas, à partida, pelo objectivo de agrupar um conjunto de objectos ou materiais de acordo com um critério específico”. Antes de começar a atividade, a estagiária esclareceu o critério implícito para a classificação. Segundo o mesmo autor (p.93), “as actividades práticas mobilizam as crianças, aumentando o seu interesse nas aulas e suscitam o seu entusiasmo”. Este facto foi possível verificar naquela, pois os alunos estavam bastante animados com a atividade levando a alguma agitação.

Na aula de Matemática, a minha colega utilizou um material não estruturado para facilitar a aprendizagem dos alunos. Caldeira (2009b, p.24 cita Moyer, 2001), que refere que “a manipulação activa dos materiais permite que as crianças desenvolvam um reportório de imagens, que podem ser utilizadas na manipulação mental dos conceitos abstractos”.

Desta forma, os alunos, ao utilizarem o relógio a manipularem os seus ponteiros, permitiu que percecionassem o seu funcionamento, bem como concretizassem a representação das horas que direcionava.

Dia 12 de novembro de 2010

Neste dia, os alunos realizaram exercícios de consolidação de conteúdos e fizeram um exercício ortográfico, de palavras soltas, na aula de Língua Portuguesa. Estas palavras estavam presentes nas paredes da sala o que originou alguma confusão pois os alunos, em vez de estarem a pensar em como escrever a palavra, estavam à procura da palavra para a copiarem.

Durante a aula, a minha colega e eu auxiliámos alguns alunos.

Para finalizar, realizaram uma ficha de Matemática com os conteúdos abordados durante a semana.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora, neste dia, ao solicitar aos alunos que realizassem uma ficha de trabalho, como consolidação dos conteúdos abordados em aulas anteriores, criou um momento de avaliação informal. Os alunos não se aperceberam que estavam a ser avaliados, mas a professora conseguiu verificar se os conteúdos tinham sido adquiridos. Fernandes (2005, p.81), salienta que os instrumentos e métodos que o professor utiliza para recolher dados também devem ser feitos de forma inesperada para os alunos a fim destes perceberem que o estudo deve ser feito de forma continua pois nunca sabem quando vão ser avaliados. Refere também que “perante a diversidade de tarefas de avaliação os alunos percebem que não chega estudar para o teste e que se espera que desenvolvam um alargado leque de aprendizagens”. A prática aplicada pela professora é bastante comum nos professores deste Jardim-Escola.

Dia 15 de novembro de 2010

No presente dia, a minha colega deu aula de uma manhã. Iniciou com a área de Matemática. Solicitou ao chefe de material que distribuísse uma proposta de trabalho a cada aluno. Realizou a ficha em conjunto com os alunos e, ao mesmo tempo, foi registando as respostas no quadro.

A ficha continha situações problemáticas, na sua maioria, para realizar subtrações. Após ter feito uma subtração, lembrou o nome das partes constituintes da mesma. Depois, explicou como fazer a prova dos nove da subtração e qual a sua função.

Seguidamente deu início à aula de Língua Portuguesa. Distribuiu uma ficha a cada aluno com um excerto do texto “A Menina do Mar” de Sophia de Mello Breyner Andersen. Em conjunto com os alunos, efetuou a exploração do texto. Questionou-os sobre a possibilidade de não conhecerem algumas palavras do texto, explicando que, quando isso acontece, podemos recorrer a um livro especial: o dicionário. Explicou, sumariamente, como é que o dicionário está organizado, distribuindo um a cada criança e orientando a pesquisa de algumas palavras, cujo significado os alunos teriam de registar na ficha de trabalho.

Depois do intervalo, iniciou o Estudo do Meio. Nesta parte da aula, amostrou uma apresentação em *Powerpoint*, onde explicava as regras de higiene do vestuário e de que materiais podem ser feitas as roupas. No final da explicação, passou um filme com as várias fases do processo de fabrico das calças de ganga. Este filme foi passado duas vezes. Após ter terminado a explicação, formou um comboio e levou os alunos para o ginásio, onde realizou um jogo com eles. Estes estavam organizados numa roda e o jogo consistia em dizer por exemplo “calças brancas” e todos os meninos que tinham calças brancas teriam que trocar de lugar. O último a encontrar lugar, perdia.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Matemática, apresentou atividades nas quais os alunos tomaram contacto com o cálculo numérico. Ponte e Serrazina (2000, p. 48) definem o processo de calcular como “lidar com certos símbolos – que representam conceitos matemáticos – transformando-os noutros símbolos de acordo com determinadas regras”. As regras para a realização do algoritmo da subtração foram lembradas pela estagiária, em conjunto com os alunos. Os mesmos autores definem também o algoritmo como “uma sequência de passos que se seguem com vista a obtenção de um certo objectivo”. Desta forma, as operações são elaboradas de forma mecânica.

Dia 16 de novembro de 2010

Neste dia dei a aula de manhã inteira. Nesta manhã concluí os temas abordados pela minha colega no dia anterior, a Língua Portuguesa e a Matemática (uso do dicionário e prova dos nove da subtração). No Estudo do Meio abordei as Regras de Uso dos Espaços Coletivos.

Iniciei a aula com Língua Portuguesa. Solicitei ao chefe de material que distribuísse um texto a cada aluno. Depois de todos terem o texto, iniciei a sua leitura. Este texto intitulava-se “O Tio Vasculho” de Maria Isabel Soares Mendonça. Retratava um senhor que varria ruas da cidade e que se zangava com as pessoas que deitavam lixo para o chão. Após a leitura modelo, coloquei, oralmente, algumas perguntas de interpretação.

De seguida, escrevi uma frase no quadro e fiz a análise morfológica de algumas palavras. No verso do texto, constava uma ficha de trabalho com dois exercícios: um, era colocarem algumas palavras por ordem alfabética e o outro, era para procurarem algumas palavras no dicionário e depois registarem o seu significado. A correção dos exercícios foi feita no quadro. Três das palavras que os alunos teriam de procurar eram: higiene, espaços, coletivos. Depois dos alunos terem percebido o significado, fiz a passagem para a aula de Estudo do Meio.

Para esta aula, à semelhança da aula anterior, utilizei uma apresentação em *Powerpoint* que continha algumas regras que devemos seguir nos espaços coletivos. Tentei apelar ao que deve ser feito para manter esses locais limpos e não, o que não se deve fazer para manter os espaços limpos. De seguida, fiz um pequeno jogo com os alunos: tinha uma imagem para cada um e eles tinham de usar o computador e dizer se a atitude exposta na imagem estava certa ou errada. Solicitei sempre que aos alunos que me dissessem em que espaço ocorria a imagem e me justificassem a sua escolha.

Durante toda a aula, três alunos não respeitaram as regras de sala de aula. Então não os deixei participar no jogo. Pedi a opinião aos colegas da turma se eles deviam ou não jogar, devido ao seu comportamento. Os alunos disseram que não, justificando que os meninos em questão não tinham cumprido as regras de sala de aula e que deviam pedir desculpa, o que fizeram e eu, assim sendo, deixei-os jogar. Na restante parte da aula os alunos estiveram muito atentos e foram cumpridores das regras de sala de aula.

Depois do intervalo, iniciei a aula de Matemática onde distribuí a cada aluno uma caixa com Algarismos Móveis com cores correspondentes aos Calculadores Multibásicos. Expliquei as regras do material, dei várias situações problemáticas e, enquanto um aluno resolvia no quadro, os outros no lugar resolviam com os Algarismos Móveis. As operações resolvidas foram apenas subtrações e os alunos tinham que, ao lado, realizar a prova dos nove da subtração. Em virtude da minha colega, no dia anterior, ter feito alguma confusão na explicação desta prova, tive alguma dificuldade em clarificar os alunos. Para que tal fosse possível, utilizei setas. Durante esta aula trabalhei a lateralidade dos alunos, pedindo-lhes que colocassem a caixa dos Algarismos em diversas partes da mesa.

Quase no fim da aula, solicitei os alunos que arrumassem os Algarismos dentro das caixas e que um aluno fosse ao quadro. Dei-lhe um problema e o aluno resolveu-o no quadro, assim como a prova. Mas, para que os outros alunos não dispersassem e ficassem atentos, combinei com eles que, se o aluno acertasse, teriam que bater palmas, se ele errasse teriam que dizer “oh”.

Durante esta aula, a professora esteve, constantemente, a fazer trabalhos para a Festa de Natal e a conversar, tanto com a minha colega de estágio, como com as professoras auxiliares. Esta atitude levou a que os alunos estivessem muito agitados durante a minha aula, o que foi muito desagradável e entristecedor.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como foi referido em cima, iniciei a aula com a leitura modelo do texto. Durante a mesma, os alunos acompanharam-na atentamente. Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.126), o facto da criança ouvir ler em voz alta faz com que “a criança aprend[a] a participar como audiência, porque escutar sem ler não é algo passivo”. O professor, ao ler o texto em voz alta envolve os alunos de maneira a permite que estes “aprendam que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada” (*idem*, *ibidem*). Assim, torna-se imprescindível que a leitura em voz alta seja uma prática assídua na sala de aula.

O conteúdo central na aula de Língua Portuguesa foi o uso do dicionário. Segundo o Programa e Orientações Curriculares do Ministério da Educação (2006, p.154), no terceiro ano do ensino básico, o aluno deve “descobrir critérios de organização de dicionários” e “treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...”.

Contudo, os alunos ainda estão no segundo ano do ensino básico. Barbosa (1997, pp.9-10), refere que o dicionário “deve fazer parte do material de sala de aula – de qualquer disciplina”. Pela afirmação deste autor, é possível verificar que, para ele, o uso do dicionário deve estar sempre presente na sala de aula e não deve ser utilizado, apenas, na disciplina de Língua Portuguesa. O mesmo autor referencia ainda que, ao longo do dia de aulas, surgem situações “privilegiadas para o desenvolvimento progressivo e integrador de atitudes do utilizador que se pretende formar: receptivo à prática do dicionário, hábil e autónomo sua utilização”. Desta forma, o professor deve criar situações em que os alunos, quando têm uma dúvida procurem no dicionário a sua solução.

Durante toda a aula pratiquei a interdisciplinaridade. Segundo Fourez, Maingain e Bufour (2008, p.12), “a diferença fundamental entre uma abordagem disciplinar e uma abordagem interdisciplinar é que a primeira produz saberes organizados em torno dos saberes de uma disciplina científica, enquanto a segunda produz conhecimentos estruturados em função de uma situação precisa.” Desta forma, procurei sempre que existisse um fio condutor do tema abordado em Estudo do Meio, tanto na aula de Língua Portuguesa como na de Matemática.

Como foi mencionando anteriormente, durante a aula, alguns alunos não respeitaram as regras de sala de aula. Capel (1995, citado por Carita e Fernandes 1997, p.101) salienta que “os alunos «põem à prova» qualquer novo professor, por mais experiente que seja, podendo, por exemplo, experimentar as rotinas que estabelecemos”. Desta forma, os alunos sabem que dentro da sala de aula existem regras para serem cumpridas. Contudo, não sabiam que consequências poderiam ter, se não as cumprissem durante uma aula minha. Assim, tomei uma atitude firme, não os deixando participar no jogo.

Dia 19 de novembro de 2010

Devido a ser dia da Cimeira da Nato, grande parte dos alunos da turma faltou à escola.

Nesta manhã, eu e a minha colega de estágio estivemos na sala dos computadores da escola, a realizar parte dos cenários para a Festa de Natal. Os alunos continuaram na sala com a professora a efetuar uma ficha de Matemática sobre a leitura de números e conteúdos abordados anteriormente.

No final da manhã, a professora esteve comunicar o que pensava das nossas aulas.

Um aluno estava a desrespeitar as regras da sala de aula e a professora levantou-o da mesa e pô-lo de castigo, de pé, encostado à parede, onde permaneceu cerca de trinta minutos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Em virtude de não ter estado a maior parte da manhã na sala de aula, não posso inferir o que foi feito pelos alunos e pela professora.

Contudo, e como relatado em cima, ocorreu uma situação insólita no período em que estive dentro da sala: o castigo de um aluno. Segundo Carita e Fernandes (1997, p.115), “o castigo só deverá ser aplicável ao acto praticado e nunca a quem o praticou”. Desta forma, e concordando com a ideia destes autores, o que a professora fez foi uma barbaridade. Este aluno foi humilhado pela professora. De acordo com a ideia dos mesmos autores, “importa que o aluno continue a sentir-se respeitado e não humilhado pelo professor”. O facto do aluno ser exposto daquela forma pode prejudicar a relação pedagógica. O aluno não deveria ter sido castigado, mas sim dever-lhe-ia ter sido explicada a razão da repreensão. Conforme estes autores referem “deveriam incluir sempre modos de ajudar a criança a ver onde errou e o que pode fazer a partir de então para por as coisas no seu lugar certo”. (*idem*, pp. 115-116).

Dia 22 de novembro de 2010

Esta foi uma manhã de aulas programadas e aulas surpresa no Jardim-Escola de Alvalade. Dois colegas da minha turma deram aula programada. Assisti apenas à aula de um deles.

Este deu início à sua aula com a leitura de um texto sobre “O Pi” (π). Fez a exploração do texto oralmente, aproveitando para rever alguns conceitos matemáticos. Trabalhou, ainda, análise de funcionamento da língua oralmente.

Passou depois para a área de Matemática, onde distribuiu a cada aluno uma ficha de trabalho e pedaços de lã de diversas cores. Explicou então o conceito de Pi.

Passou, depois, para o Estudo do Meio, embora lhe restasse apenas cerca de cinco minutos para abordar o tema. Explicou unicamente o casamento de D. Afonso Henriques.

Durante a aula do meu colega, o meu par de estágio foi chamado a sair da sala. Após o final da aula do meu colega, dirigi-me à minha sala e quando entrei verifiquei que a minha colega estava a dar aula surpresa.

Foi-lhe pedido que lesse um texto e fizesse a respetiva interpretação e análise gramatical.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como já foi referido, neste dia, houve aulas assistidas pelas orientadoras da prática pedagógica. Importa, por isso, realçar qual a importância do estágio. Segundo Vieira, Moreira, Barbosa, Paiva e Fernandes (2006, p.49), o estágio pedagógico possui algumas características, na medida em que o aluno estagiário, ao estar na sala de aula, o seu “foco de atenção” centra-se nos “processos de ensino-aprendizagem”. Este foco, permite que os estagiários procurem formas de melhorar este processo “a curto prazo”. Para estes autores, “o facto dos alunos trabalharem em grupo, com apoio supervivo na escola e na universidade, garante a participação e a colaboração, dado que aqueles assumem um papel activo na construção do seu conhecimento profissional”. Os supervisores da Prática Pedagógica, ao assistirem a aulas dos estagiários, orientam-nos no que diz respeito à forma como abordam as questões do ensino aprendizagem.

A prática pedagógica é bastante importante, tal como referem Gomes e Medeiros (2005, pp.19-20) pois permite aos futuros profissionais “serem capazes de tomar decisões e efectuarem escolhas fundamentais perante a incerteza, a instabilidade, a complexidade e a singularidade que caracterizam o acto educativo”. É pela prática pedagógica que os futuros professores experimentam a lecionar e refletem sobre o que observaram em aulas de professor.

Viveiros e Medeiros (2005, p.49) salientam ainda que o processo de supervisão é um processo de “desenvolvimento de competências profissionais construído a partir de um diálogo constante entre a teoria e a prática, diálogo este que tem como referentes significativos a prática educativa” permitindo que os futuros professores compreendam e aprendam através da prática e não apenas da teoria.

Dia 23 de novembro de 2010

Durante esta manhã, a minha colega e eu estivemos, no ginásio, a realizar cenários para a Festa de Natal.

Dia 26 de novembro de 2010

Neste dia de manhã, continuámos no ginásio a realizar cenários para a Festa de Natal.

Dia 29 de novembro de 2010

Neste dia de estágio, estava com a minha colega a continuar o trabalho já iniciado para a festa, quando fui chamada para dar uma aula surpresa.

Nesta aula foi-me solicitado que lesse, interpretasse e analisasse gramaticalmente um texto do manual escolar dos alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Depois da minha aula surpresa, seguiu-se a reunião. Na reunião, os supervisores da prática pedagógica e os alunos estagiários fazem uma reflexão do que foi feito durante a aula.

Glickman (1985, citado por Alarcão e Tavares 2003, pp. 87-88) salienta algumas características que o supervisor deve ter presentes: i) ele deve “prestar atenção” à linguagem verbal e não-verbal manifestadas durante a aula; ii) deve “clarificar” interrogando de forma a compreender e clarificar o pensamento do estagiário; iii) deve “encorajar” de forma a que o estagiário “continue a falar ou a pensar em voz alta”; iv) “servir de espelho” na medida em que, após a reflexão do estagiário, deve repetir o que ele disse para ver se compreendeu; v) deve “dar opinião” e “apresentar as suas ideias sobre o assunto que está a ser discutindo”; vi) deve “ajudar a encontrar soluções para os problemas”, solicitando que o estagiário pense em soluções possíveis. vii) deve “negociar” orientando uma discussão “do estudo das soluções possíveis para as soluções prováveis”, ajudando a refletir sobre as vantagens e desvantagens do que foi apresentado; viii) deve “orientar”, dizendo o que deve ou não deve fazer; ix) deve “estabelecer critérios” de forma a realizar um plano de ação e a colocar limitação temporais e x) deve “condicionar”, na medida em que deve explicar as causas e as consequências do “cumprimento ou não cumprimento das orientações”.

Assim, o diálogo e a reflexão do que foi feito e o que pode ser melhorado, ajuda o futuro professor a compreender a melhor forma de agir, o que tem para aperfeiçoar e de que forma o deve fazer.

1.2. - 2.ª Secção

Período de estágio: 30 de novembro de 2010 a 14 de fevereiro de 2011

Ano de escolaridade: 3.º ano

1.2.1. Breve caracterização da turma

A turma do 3º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus, em Lisboa (Alvalade) é constituída por vinte e um alunos, onze do sexo masculino e dez do sexo feminino. Os vinte e um alunos têm oito anos (feitos até Dezembro).

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil. Consideram-se, no entanto, algumas exceções, como as transferências de um outro colégio.

Nesta turma vinte alunos frequentam o Jardim Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos) e um desde o 2º ano de escolaridade.

Na turma existem seis alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. De uma forma geral, a turma sente maior interesse pelas áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

As dificuldades sentidas pelos alunos são, de uma forma geral, referentes ao cálculo e à ortografia.

É de referir ainda que se identificam 4 aluno(s) com problemas comportamentais.

Os recursos de apoio às dificuldades dos alunos são os mesmos que foram descritos na secção anterior.

Em seguida, apresento duas imagens (Figuras 7 e 8) da sala de aula da turma do 3.º ano. Esta sala é bastante ampla e com muita luminosidade. Esta sala já possui um quadro interativo.



Figuras 7 e 8 – Sala de aula do 3.º ano

Em seguida, apresento o quadro 5 com o horário da turma do 3.º ano.

Quadro 5 – Horário da turma do 3.º ano

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m 11h30m	----- Tempo de jogos -----				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	----- Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h30m	Estudo do Meio	Música (14h30/15h20)	História de Portugal	Computadores/ Biblioteca	História de Portugal
15h30m 16h30m	Educação Física	Clube de ciência (15h30/16h30)	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Inglês
16h30m 17h00m	Área de Projeto Arrumar trabalhos	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Assembleia de Turma

1.2.2 - Rotinas diárias

As rotinas desta turma são semelhantes às da turma do 2.º ano não havendo nada de importante para referir.

1.2.3. Relatos Diários

Dia 30 de novembro de 2010 a 13 de dezembro de 2010

Durante estes dias, na sala do 3.º ano, não contactámos com os alunos pois estivemos no ginásio a realizar cenários para a festa de Natal. De seguida, apresento as imagens dos cenários de natal (Figuras 9 e 10).



Figuras 9 e 10 – Cenários para a Festa de Natal

Dia 14 de dezembro de 2010

Este foi o dia da Festa de Natal. Foi um dia muito diferente do que é habitual, devido a existirem apresentações dos alunos desde os três anos de idade até aos alunos do quarto ano do ensino básico, estes só vinham para a escola, acompanhados pelos seus familiares, cerca de trinta minutos antes da hora da apresentações, as quais eram compostas pelas duas turmas do mesmo ano.

Os professores e alunos estagiários encontravam-se nos bastidores a maquilhar e vestir os alunos, bem como a organizar o palco.

Foi notório observar que os alunos mais velhos (sobretudo a partir do segundo ano de escolaridade) manifestaram um grande desconforto em entrar em palco.

As apresentações dos alunos baseavam-se em algumas músicas trabalhadas durante o ano com o professora de Educação Musical e em temáticas abordadas nas aulas através de peças teatro. Os alunos do terceiro e quarto ano tocaram algumas músicas usando a flauta.

A maioria dos cenários presentes na peça foram elaborados pelos alunos estagiários. As crianças só conheceram os cenários inerentes à sua representação, quando realizaram os ensaios gerais na véspera da festa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a Festa de Natal, bem como a sua preparação, foi perceptível que os alunos, pais, professores e alunos estagiários estavam empenhados e unidos para que tudo corresse da forma planeada. De acordo com Santos (2007, p.102), “competem aos professores chamarem as famílias, enquanto (princi)pais responsáveis pela formação e desenvolvimento dos seus filhos, prevendo e aproveitando o sentido de oportunidade de intervenção na vida da escola”. Assim, e em contexto de festa, a família esteve envolvida na escola de uma forma lúdica.

Através do contacto com as famílias, o professor consegue compreender melhor “o ambiente natural da criança” para que possa criar situações que contribuam para “o desenvolvimento das competências cognitivas, relacionais, afectivas e emocionais”. As famílias surgem então como “mediadores activos e ou actores no processo relacional”. (*idem*, p.106). Contudo, importa salientar que a família não deve interagir com a escola apenas em festas.

Como foi referido pelos autores acima indicados, a família tem um papel preponderante na aprendizagem dos alunos. Através dela, o professor pode conhecer melhor os seus alunos e criar situações significativas para a sua aprendizagem.

Dia 17 de dezembro de 2010

Este foi o último dia de aulas antes das férias de Natal, no qual os alunos elaboraram quatro mensagens alusivas a esta época, com a respetiva ilustração. Posteriormente, realizaram um exercício caligráfico de um texto do manual escolar.

A professora iniciou a aula com uma ficha trabalho de Matemática com a finalidade de rever os conteúdos abordados durante o 1º período (cálculo de perímetros de figuras geométricas, classificação de triângulos quanto aos ângulos e quanto aos lados, circunferências e posição de retas no plano em relação à circunferência).

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora da sala, durante uma parte desta aula, dedicou especial foco à geometria. A geometria é algo com que os alunos estão em contacto desde o ensino pré-escolar. Serrazina e Matos (1996, p.264), referem que a geometria é algo que “é gradual”, uma vez que “pressupõe que a intuição, o raciocínio e a linguagem geométrica são adquiridos gradualmente”. Para estes autores, este tema do ensino da Matemática é algo que o aluno deve construir, pois não é uma mera transmissão de conhecimentos, mas sim “o aluno constrói por ele próprio os conceitos”.

Ainda os mesmos autores referem que o professor deve proporcionar momentos em que os alunos tenham contacto com a geometria e criem “uma metodologia que parta da visão do aluno e que lhe proporcione os meios e o ambiente para que ele próprio desenvolva os seus conhecimentos” (*idem*, p.265). Contudo, durante esta aula, o que foi possível observar foi a aplicação de conceitos geométricos através de uma ficha de trabalho.

Dia 03 de janeiro de 2011

Este foi o primeiro dia de aulas do segundo período. Os alunos vieram de um período de férias e a professora, para iniciar a aula, começou por ter uma conversa com os alunos sobre as férias, as prendas que receberam no natal e o que fizeram.

A professora iniciou a aula com a correção do trabalho de casa, a qual foi realizada pelos alunos no quadro enquanto a professora fazia a respetiva correção e retirava algumas dúvidas que surgissem na altura.

Posteriormente, os alunos estiveram a fazer um exercício ortográfico, o qual consistia num processo em a professora ditava palavras soltas e os alunos escreviam-nas numa folha.

De seguida, realizaram pesquisas no dicionário de palavras como “hera” – “era”, “ouve” – “houve” e “sinto” – “cinto”.

Depois do intervalo, a professora fez a chamada da tabuada, que correspondia a perguntar a cada aluno uma operação de cálculo mental referente à mesma. À medida que fazia a chamada da tabuada, os restantes alunos realizavam uma ficha de trabalho de Matemática que continha várias operações.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora, para iniciar a aula, começou por ter um diálogo com os alunos sobre as férias. Morgado (1997, p.36) refere que se torna pertinente que na sala de aula se promova a comunicação em entre o professor e os alunos. Salienta “o papel que a comunicação desempenha no sentido da promoção de uma efectiva troca de culturas”. A troca de culturas que o autor refere, não se centra apenas na comunicação entre alunos de culturas diferentes, mas sim na “valorização, expressa nos conteúdos da comunicação, das experiências vividas por todos os intervenientes nos processos educativos”. Assim, a comunicação surge como um fator importante na sala de aula pois, através dela, os alunos trocam experiências, pontos de vista e opiniões que podem, de certa forma, enriquecer o grupo.

Durante a primeira parte da aula, a professora esteve a corrigir os trabalhos de casa que os alunos levaram para realizar durante as férias. Os trabalhos de casa são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem na medida em que, como refere Rochetta (1992 citado por Simões 2006, p.85), “para aprender não basta ouvir, é necessário praticar. Assim os TPC servem precisamente para reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola”. Desta forma, através dos trabalhos de casa, os alunos desta turma tiveram a oportunidade de praticar o que foi lecionado durante o primeiro período. A mesma autora acrescenta ainda que “devem ser dados trabalhos que eles consigam resolver com sucesso, não como uma continuação da instrução, mas sim como a continuação da prática e a preparação para a aula seguinte”. Desta forma, os alunos não estiveram a realizar os trabalhos de casa com vista à preparação da aula seguinte, mas sim com a intenção de praticar e consolidar os conteúdos abordados no primeiro período com o objetivo de preparar o segundo período.

Dia 04 de janeiro de 2011

Neste dia não frequentei a Prática Pedagógica.

Dia 07 de janeiro de 2011

A professora iniciou o dia com a abordagem a conteúdos de Matemática. Esta distribuiu a cada dois alunos uma caixa do material Cuisenaire que foi usado para explicar a noção de área. Inicialmente, a professora ensinou por dizer o que é a área de uma figura. De seguida, explicou que a peça branca deste material correspondia a uma unidade de área. A partir da peça branca, os alunos estiveram a calcular a área de outras peças e de figuras. Para concluir, a professora distribuiu uma ficha de trabalho que continha figuras representadas com peças deste material, das quais os alunos tinham de calcular a respetiva área.

Depois do intervalo, em conjunto com a minha colega de estágio, assistimos a uma aula surpresa de um colega. Foi-lhe pedido que lesse um texto e fizesse a respetiva interpretação e análise gramatical de algumas palavras e frases.

Inferências/Fundamentação Teórica

O material Cuisenaire, utilizado pela professora, é um material estruturado. Segundo Holle (1977 citado por Ribeiro 1995, p.6), um “material estruturado leva a crer que se trata de um material manipulável e que, subjacente à sua elaboração, se identifica implícita ou explicitamente pelo menos um fim educativo”. Como já foi referido em inferências anteriores, os materiais manipulativos desempenham um papel importante na sala de aula na medida em que ajudam na concretização dos conteúdos transmitidos neste espaço.

Caldeira (2009b, p.126) salienta o interesse pedagógico deste material dizendo que o mesmo permite i) dar “iniciação à matemática”; ii) desenvolver a criatividade; iii) compreender a noção de número; iv) realizar a “decomposição de números”; v) relacionar grandezas; vi) dar a noção de par e impar; vii) manipular operações numéricas; ix) resolver situações problemáticas; x) encontrar múltiplos e divisores de um número; xi) realizar sequências; xii) realizar simetrias; xiii) representar “frações e números decimais”; xiv) calcular perímetros; xv) calcular áreas e xvi) calcular volumes. Nesta aula, a professora da sala abordou o interesse pedagógico mencionado no ponto xv): calcular áreas. A mesma autora esclarece que a área é “a extensão de uma porção limitada de superfície” (p.163).

Dia 10 de janeiro de 2011

A professora deu início à aula com a chamada da tabuada. Foi possível verificar que, às segundas-feiras, a professora faz sempre a chamada da tabuada aos alunos. À medida que ia sendo feita a chamada da tabuada, os restantes alunos resolviam uma ficha de trabalho de Matemática sobre a área do quadrado.

De seguida, a professora deu início à aula de Língua Portuguesa. Distribuiu aos alunos um texto intitulado “D. Afonso Henriques”, aos alunos. Todos os alunos realizaram a leitura do texto em voz baixa e alta. Posteriormente, a professora realizou a interpretação do mesmo oralmente, dirigindo perguntas aos alunos. Após a compreensão do texto, distribuiu uma ficha de trabalho. Esta era composta por perguntas de interpretação, análise gramatical e exercício ortográfico, que os alunos resolviam autonomamente, enquanto a professora lhes explicava dúvidas pontuais.

Inferências/Fundamentação Teórica

A chamada da tabuada, que a professora da sala trabalha todas as semanas, tem inerente o cálculo mental. Este tipo de cálculo é essencial trabalhar com os alunos. Ponte e Serrazina (2000, p. 155) definem este tipo de cálculo como “uma modalidade de cálculo numérico, desenvolvida por meios exclusivamente mentais”. Foi possível verificar que os alunos, resolviam corretamente a operação, por exemplo, 3×7 mas não sabiam resolver 7×3 . Desta forma, e segundo Ponte e Serrazina (2000, p.49) é perceptível que os alunos ainda não são capazes de fazer generalizações em relação à operação de multiplicar. Segundo estes autores, o processo de generalizar “corresponde a atribuir um conjunto alargado de objectos as propriedades de um dado objecto”, tendo sido o que verifiquei no decorrer da aula. Os alunos não conhecem a propriedade comutativa da multiplicação, mas conhecem a da adição, ou seja, sabem que $3+7$ é igual a $7+3$. Contudo, não conseguem aplicar a propriedade da multiplicação de forma intuitiva.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora colocou em prática a interdisciplinaridade entre a área de Língua Portuguesa e a área de História de Portugal. Segundo Piaget (1972, citado por Pombo, Guimarães e Levy, 1993, p.10), a interdisciplinaridade aparece como «intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (... tendo) como resultado um enriquecimento recíproco». Desta forma, a professora utilizou o texto para abordar conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa e, também, iniciar um conteúdo de História de Portugal.

Os alunos, ao estarem perante estas aulas, aprendem os conteúdos da disciplina de uma forma mais dinâmica. Foi possível verificar que os alunos estavam muito interessados no texto e compreenderam a sua ligação com a outra disciplina.

Dia 11 de janeiro de 2011

A professora deu início a este dia de aulas com a área de Matemática, tendo abordado as unidades de medida de área, apelando aos conhecimentos prévios dos alunos. De seguida, os alunos realizaram exercícios de aplicação sobre o conteúdo lecionado anteriormente. À medida que os alunos terminavam a ficha de trabalho, a professora distribuía uma ficha com um desafio que continha um exercício de lógica e conversões.

Depois do intervalo, a professora reiniciou a aula com a área de Língua Portuguesa, na qual distribuiu uma ficha de trabalho para que os alunos efetuassem um exercício ortográfico. Posteriormente, realizaram exercícios gramaticais relacionados com o plural dos nomes, análise sintática e a classe dos verbos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos, quando entram na escola já possuem conhecimentos. Perrenoud (2000, p.28) refere que “a escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia”. Cabe ao professor perceber quais são as ideias que os alunos possuem sobre determinados conteúdos. Segundo o mesmo autor, os professores “devem trabalhar a partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que sejam avaliadas para aproximá-las dos conhecimentos científicos a serem ensinados”. Assim, os alunos esclarecem as concepções erradas ou incompletas que possuem sobre determinados conteúdos.

Dia 14 de janeiro de 2011

Neste dia a minha colega deu uma manhã de aulas. Começou pela área de Matemática, que teve como tema a área do retângulo. Para iniciar a explicação do tema, a colega lembrou a noção de área, tendo de seguida, distribuído uma folha de papel com quadrículas e um envelope com algarismos móveis. Estas folhas continham retângulos desenhados, que serviam para que os alunos contassem e vissem qual a área das figuras. Depois de contarem as quadrículas e descobrirem a área da figura, a estagiária solicitou que os alunos colocassem ao lado do papel os algarismos correspondentes à área dessa figura.

Para completar, explicou a fórmula da área do retângulo. Terminou os sessenta minutos da aula com a resolução de exercícios de consolidação do conteúdo abordado.

Na área da Língua Portuguesa, a minha colega selecionou um texto de Rómulo de Carvalho da sua obra *As origens de Portugal* para fazer a interdisciplinaridade com a área de História de Portugal. Após os alunos terem lido o texto individualmente, a colega fez a leitura modelo do texto, tendo sido realizadas posteriormente algumas perguntas de interpretação do texto. Por fim, solicitou os alunos que realizassem alguns exercícios de funcionamento da língua.

Na área de História de Portugal, a colega começou por rever alguns acontecimentos do reinado anterior a D. Sancho I. Posteriormente, leu uma história alusiva ao reinado deste monarca. Para concluir, proporcionou um momento lúdico através de um jogo, durante o qual, os alunos estiveram muito agitados e a estagiária teve que parar o jogo, mandando os alunos sentarem-se. De seguida, teve uma conversa com os alunos sobre esta situação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, a minha colega abordou um conteúdo mencionado na Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação, no bloco 3 – Grandezas e Medidas (2006, p.187) “reconhecer o cm^2 como unidade de medida de área (papel quadriculado – quadrícula de 1cm de lado)”. Os alunos, ao contarem as quadrículas com um cm^2 , descobriam a área da figura.

O ensino da História na Educação Básica desempenha um papel importante para o conhecimento dos alunos. O departamento da Educação Básica do Ministério da Educação (1998, p.11) refere que esta área Curricular tem um grande contributo para o “desenvolvimento da cidadania” na medida em que os alunos aderem ao conhecimento da “herança histórica do seu país”; “desenvolvem competências, como pensar em si próprios e analisar criticamente as diferentes formas de informação” e, ainda, desenvolvem “atitudes básicas como a hostilidade intelectual e o rigor, o juízo autónomo, a curiosidade, a abertura e a tolerância” (p.60).

O facto de ensinar história nos dias de hoje torna-se bastante importante também para que os alunos compreendam “as mudanças do mundo actual e perceb[am] a complexidade do mundo em que vivemos”. (p.61) Os alunos, ao compreenderem os acontecimentos passados entendem melhor as transformações do presente.

A aprendizagem desta área deve ser feita de uma forma cronológica para que os alunos compreendam a sua evolução.

Na aula da minha colega, foi possível perceber que grande parte dos alunos já dominava o assunto que ela abordou e tentava questioná-la a fim de saber mais coisas sobre estes acontecimentos do passado.

Dia 17 de janeiro de 2011

Neste dia, dei aulas durante todo o período da manhã. Comecei por abordar a área de Matemática, que teve como tema as unidades de medida de tempo. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.203).

. A aula foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*. Principei a aula apresentando um calendário para rever a noção de ano, mês, semana, dia e a respetiva relação entre os mesmos. Relembrei também a noção de hora, minuto, segundo, lustro, década, século e milénio. Durante esta parte da aula, direcionei perguntas aos alunos, visto que os mesmos já abordaram este conteúdo no ano anterior.

Posteriormente, expliquei como se representam estas grandezas. Seguidamente, e para que os alunos aplicassem o que aprenderam, distribuí placas divididas por cores (branco – segundos; cor de laranja – minutos; lilás – horas; azul claro – dias; cor de rosa – meses e verde – anos).

Este material não estruturado foi criado por mim e pela minha colega para a lecionação deste conteúdo. Será usado por mim e por ela em aulas posteriores.

O material não estruturado é apresentado na figura 11.



Figura 11 – Material não estruturado

Os alunos utilizaram o material não estruturado juntamente com os algarismos móveis (Figura 12).



Figura 12 – Aluno a trabalhar com o material não estruturado

Por fim distribuí uma proposta de trabalho. A proposta de trabalho foi escolhida para ser avaliada no Capítulo 3 (p.225).

Na aula de Língua Portuguesa, distribuí um texto “Na praia da Galé”. Prossegui com a leitura modelo do texto e com a leitura feita por alguns alunos. Direcionei algumas questões aos alunos, para perceber se tinham compreendido o sentido do texto. Depois do intervalo, solicitei que os alunos que classificassem oralmente algumas palavras presentes no texto (classificação morfológica de algumas palavras, verbos, adjetivos, determinantes, entre outros).

Para finalizar, distribuí uma proposta de trabalho (Figura 13), com conteúdos gramaticais. A proposta de trabalho foi escolhida para ser avaliada no Capítulo 3 (p.230).

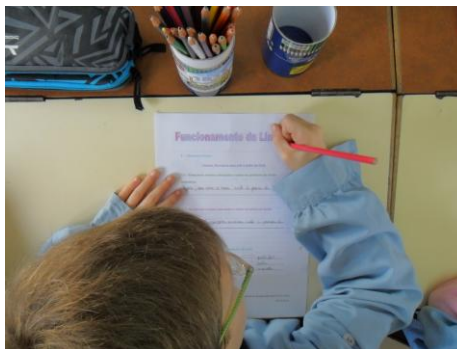


Figura 13 – Aluno a realizar a proposta de trabalho de Língua Portuguesa

A aula de Estudo do Meio teve como tema os aspetos da costa. Comecei por distribuir um bilhete de viagem para um cruzeiro a cada aluno, com o seu nome. Seguidamente, através de uma apresentação em *Powerpoint*, expliquei o que é a costa, como é sinalizada e alguns dos seus aspetos (as saliências). Para finalizar, realizei um pequeno jogo com os alunos (Figura 14).



Figura 14 – Jogo de estudo do meio

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Matemática, como foi referido em cima, abordei as unidades de medida de tempo. Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2006, p.188), é referido no bloco 3 – Grandezas e Medidas que o professor deve “relacionar a hora, o minuto e o segundo” bem como “ler e escrever as horas”. Durante a minha aula foi isso que fiz. Contudo, fiz uma exploração maior do tema, visto que ensinei mais conteúdos para além das horas, minutos e segundos. É relevante a abordagem destes conteúdos nesta faixa etária, visto que os alunos percecionam a sua existência mas não os sabem usar corretamente.

No fim da aula de Estudo do Meio realizei, como já referi, um jogo com os alunos. Vigotsky (1995, citado por Alsina 2004, p.6) que refere que o jogo “supõe uma zona de desenvolvimento potencial da aprendizagem” na medida em que “promove o conhecimento dos objectos e do seu uso, o conhecimento de si próprio e também dos outros”. Assim, e confirmando a ideia deste autor, durante a realização do jogo, os alunos mantiveram-se sempre muito participativos e colaborativos uns com os outros. Os grupos foram escolhidos de forma aleatória para que fossem heterogéneos e permitissem a interação entre os alunos.

O mesmo autor, salienta que “o jogo, quer seja livre quer seja estruturado, é uma fase necessária, que faz a ponte entre a fantasia e a realidade e promove, por isso, em simultâneo, o desenvolvimento social e intelectual, numa fase eminentemente lúdica do desenvolvimento infantil”. Desta forma, o professor deve criar situações de jogo dentro da sala de aula, não só como interiorização de conceitos, mas também para o desenvolvimento dos alunos a vários níveis.

Dia 18 de janeiro de 2011

Este foi o primeiro dia em que a professora utilizou o quadro interativo na sala de aula. Os alunos manifestaram bastante alegria e agitação pelo novo objeto na sala de aula. A professora esteve a realizar exercícios de aplicação das unidades de medida de tempo.

Depois do intervalo, a professora esteve a abordar a área de Língua Portuguesa. Distribuiu um texto intitulado “D. Sancho I”, através do qual, a professora explorou a temática nele apresentada, de forma a fazer a interdisciplinaridade com a área História de Portugal. Após a interpretação do texto, realizou a análise gramatical do mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia foi possível verificar que a professora privilegia a prática da interdisciplinaridade. Esta prática tem vantagens para a aprendizagem dos alunos, como já foi referido anteriormente.

O quadro interativo na sala de aula, veio, para estes alunos, a ser um objeto que lhes proporciona bastante satisfação. Meireles (2006, p. 12) cita Gerard (1999) refere que “o uso do quadro interactivo aumenta a alegria e motivação nas aulas para professores e alunos, ao permitir um uso mais variado e dinâmico dos recursos”. Esta afirmação foi comprovada por mim. Tanto os alunos, como a própria professora, estavam bastante entusiasmados e motivados para descobrirem todas as potencialidades do mesmo.

Dia 21 de janeiro de 2011

Neste dia a minha colega de estágio deu a aula, tendo começado pela área de Matemática, na qual explorou a adição de números complexos. Em primeiro lugar, começou por relembrar as unidades de medida de tempo e as equivalências entre elas.

De seguida, distribuíu a cada aluno um saco com Algarismos Móveis e o material não estruturado que eu já tinha utilizado na minha aula de dia dezassete de janeiro. Após ter distribuído e lembrado as regras do material, resolveu algumas situações problemáticas explicando, assim, a adição de números complexos. Para lecionar a aula utilizou o quadro interativo. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.203).

Terminada a aula de Matemática, iniciou a aula de Língua Portuguesa. Nesta aula, a minha colega abordou a noção de palavras homógrafas, homófonas e homónimas. Para tal, distribuiu uma proposta de trabalho que continha frases com algumas palavras sublinhadas (os pares de palavras com a relação que queria abordar). Depois, os alunos deveriam escrever outras frases com aquelas palavras que estavam destacadas.

De seguida, iniciou a área de Estudo do Meio onde abordou os aspetos da costa. Efetuou, em primeiro lugar, a revisão dos aspetos da costa, dados por mim no dia dezassete de janeiro. Depois explicou as reentrâncias referentes à costa. Esta abordagem foi feita através de uma apresentação em *Powerpoint*, com imagens reais dos vários aspetos que se referiram. Posteriormente, distribuiu uma proposta de trabalho que continha um crucigrama com as definições abordadas durante a aula e um mapa onde os alunos teriam que pintar de várias cores Portugal, Espanha, fronteira marítima de Portugal, fronteira terrestre de Portugal, Oceano Atlântico e o mar Mediterrâneo.

Inferências/Fundamentação Teórica

O ensino das ciências no 1.º Ciclo do Ensino Básico é bastante importante para o desenvolvimento das mesmas. Harlen (1992, citado por Sá 2002) que defende que neste ciclo de ensino é importante

dar às crianças experiência de actividade científica como base para a sua compreensão ampla, que virá muito mais tarde, do que é e do que não é a ciência e da responsabilidade que devemos partilhar no sentido da sua utilização em favor da Humanidade. (p.68)

Desta forma, o professor deve criar, em sala de aula, situações que envolvam aspetos científicos para que a criança compreenda o que o rodeia.

Nesta aula que a minha colega deu, explicou determinadas noções que serão importantes para a vida futura destas crianças. É pertinente que as crianças saibam distinguir os diferentes aspetos da costa, para que os possam reconhecer.

Dia 24 de janeiro de 2011

Nesta manhã de estágio, fui eu que dei aula durante toda a manhã. Comecei por abordar a área de Matemática. Numa fase inicial, lembrei a representação de números complexos. Seguidamente, distribuí o material não estruturado utilizado no dia dezassete do presente mês. Solicitei que os alunos representassem alguns números complexos. Através de uma animação do *Powerpoint*, expliquei como se realiza a subtração com números complexos. Para concretização do tema, ditei algumas situações problemáticas. Os alunos representavam os números complexos nas placas e realizavam, com o meu auxílio, a subtração. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho.

Na aula de Língua Portuguesa, iniciei com o conteúdo dos determinantes demonstrativos. Para tal, comecei por fazer uma breve revisão dos determinantes, que os alunos já conheciam. De seguida, apresentei uma frase no quadro interativo, que continha um determinante demonstrativo. Pedi aos alunos que encontrassem o determinante da frase e que chegassem à sub-classe do determinante em causa. Para consolidação, apresentei um conjunto de exercícios numa apresentação em *Powerpoint*, em que os alunos tinham que identificar ou completar espaços com o determinante pedido.

Na aula de História de Portugal, comecei por lembrar os aspetos mais relevantes do monarca anterior a D. Afonso II. De seguida, através de uma apresentação em *Powerpoint*, expliquei os aspetos relevantes da vida deste monarca ao longo do seu reinado. Durante a aula, os alunos mostraram-se muito motivados com o tema proposto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante toda a aula utilizei uma apresentação em *Powerpoint* como base. Optei por este suporte para fugir um pouco aos tradicionais manuais escolares e fichas. Silveira-Botelho (2009, p.114) refere que as Tecnologias de informação e comunicação são “mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual, ...) e um novo ambiente social”.

Através do uso deste suporte foi possível verificar que os alunos estavam muito mais atentos às explicações dadas por mim. Os alunos visualizaram os temas abordados nas diferentes áreas com muito mais animação, cor e imagem do que numa ficha ou num manual escolar.

Na área de Matemática, por exemplo, à medida que eu explicava a operação, os alunos conseguiam ir realizando com os algarismos móveis no lugar. A mesma autora cita Lements e Nastasi (2002) que afirma que:

as crianças que têm a possibilidade de associar experiências manipulativas directas à utilização de um programa de computador, demonstram maior competência em operações de classificação e pensamento lógico do que aquelas que apenas tiveram acesso à experiência manipulativa concreta. (p.117)

Assim sendo, este tipo de suporte surge como um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem.

Dia 25 de janeiro de 2011

Neste dia, fui eu que iniciei a manhã de aulas. Como na aula anterior não terminei os conteúdos a que me propus, em virtude dos alunos não terem consolidado bem a adição de números complexos. Apenas neste dia consegui abordar esse conteúdo. Distribui algarismos móveis e o mesmo material não estruturado que já tinha usado em aulas anteriores. Depois, através de situações problemáticas, expliquei a subtração de números complexos.

Após ter terminado a abordagem dos conteúdos de Matemática, a professora da sala iniciou a área de Língua Portuguesa. Os alunos leram o texto “Não tenho medo de nada” e depois fizeram oralmente a interpretação do mesmo. Durante a interpretação do texto, a professora explorou os medos que os alunos possuem. De seguida, fez a análise gramatical do mesmo.

Durante o intervalo, o filho da professora sofreu uma lesão no pé e esta teve que se ausentar. Assim, a minha colega de estágio e eu ficámos sozinhas com os alunos. Estes estiveram sempre bastante agitados e não nos respeitaram.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante esta aula, a professora trabalhou os medos dos alunos, tendo sido possível verificar que os medos que os alunos possuem são bastante diversos, como por exemplo, medo de perder um familiar, medo de não ter amigos, medo de não passar de ano, entre outros.

Kabat-Zin (2007, p.95) cita Damásio que refere que as emoções podem ser de três tipos: as emoções de fundo, emoções primárias e emoções secundárias. Para este autor, o medo é uma emoção primária, tal como a tristeza, a raiva, a alegria, a surpresa e a aversão.

O autor acima mencionado salienta ainda que “as emoções primárias (inatas), como o medo, dependem da rede de circuitos do sistema límbico”. O facto de um aluno ter medo não é algo contraproducente visto que a função de ter medo “é avisar que é necessário preparar a defesa”.

Durante a aula verifiquei que os alunos tinham muita dificuldade em expressar os seus medos perante os colegas. Considero que a prática que a professora aplicou foi útil. Contudo, podia tê-lo feito através de uma atividade de expressão escrita, de modo a que os alunos não terem que partilhar esta parte íntima com os colegas.

Dia 28 de janeiro de 2011

A professora deu início à aula da manhã com a área de Língua Portuguesa. Os alunos estiveram a realizar um exercício de expressão escrita em que apenas lhes era dada a personagem principal e o local da ação, devendo desenvolvê-lo recorrendo à sua imaginação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante esta aula, foi possível verificar que os alunos não estavam satisfeitos por terem de realizar uma atividade de expressão escrita. Curto, Morillo e Teixidó (2007, p.69), salientam que “escrever e ler são actividades que servem para poder comunicar-se, para expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades”. Desta forma, através da expressão escrita, os alunos criaram um texto onde tiveram que utilizar a sua imaginação tendo por base as suas experiências. Contente, (1995, p.49 cita Flower e Hayes, 1981) acrescenta que “o processo de composição escrita, descreve-se classicamente em três etapas: planificação, transmissão e revisão”. O aluno deve começar por escolher um tema para a expressão escrita. Contudo, neste caso, foi a professora a especificar o tema através das personagens. Os alunos apenas utilizavam a sua criatividade para a sua execução. O aluno deve estruturar o texto para que este seja coerente. Este facto corresponde à etapa da planificação. Para terminar, o aluno deve reler o que escreveu (revisão).

Dia 31 de janeiro de 2011

Neste dia, a colega deu aula assistida pelas orientadoras da Prática Pedagógica. Iniciou a mesma com situações problemáticas com números complexos. Para a resolução das mesmas, distribuiu aos alunos algarismos móveis e o material estruturado por nós utilizado por nós em aulas anteriores.

Após concluída esta área, iniciou a área de Língua Portuguesa. Para tal, distribuiu um texto a cada aluno, cuja temática se prendia com a área de Estudo do Meio: as plantas. Alguns alunos leram o texto e, de seguida, foi feita a sua interpretação e análise gramatical. Após a interpretação, deu-se início ao Estudo do Meio, cujo conteúdo se prendia com as plantas, como já foi referido anteriormente, mais especificamente com as raízes das mesmas. Para a abordagem deste conteúdo, a minha colega utilizou uma apresentação em *Powerpoint* bem como raízes verdadeiras de plantas. Para concluir, distribuiu uma proposta de trabalho que continha um crucigrama.

Inferências/Fundamentação Teórica

Importa realçar agora a importância da prática pedagógica. Os futuros professores, ao darem aulas supervisionadas, são constantemente expostos a momentos de reflexão sobre as suas práticas. Segundo Peterson (2003, p.67), a prática pedagógica tem em vista a “aquisição de hábitos, habilidades e competências conducentes ao exercício docente”. O facto de darmos aulas, aproxima-nos da realidade da docência na qual, dentro de pouco tempo, iremos estar inseridos.

Dia 01 de fevereiro de 2011

Neste dia os alunos do 1.º Ciclo de todo o Jardim-Escola assistiram ao concerto da banda Flor-de-Lís. Os músicos exemplificaram também os sons de alguns instrumentos da banda.

Inferências/Fundamentação Teórica

A música é um elemento constante neste Jardim-Escola. Os alunos têm aulas de música semanalmente. Segundo as Orientações Curriculares e Programas, Ministério da Educação (2006, p. 71) no bloco 2 – Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical os alunos devem neste ciclo de ensino “aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança”.

O ensino da expressão musical torna-se um elemento importante na instrução do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Dia 04 de fevereiro de 2011

A professora iniciou o dia com a correção dos trabalhos de casa através da interação com os alunos da turma.

De seguida estiveram a realizar uma ficha de consolidação de Matemática.

Depois do intervalo, os alunos estiveram a terminar os trabalhos que tinham em atraso, bem como a corrigir os erros de um exercício ortográfico realizado na véspera.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante várias aulas que observei no primeiro e no segundo momento de estágio, foi possível verificar que é frequente os alunos realizarem exercícios ortográfico (ditados). Torna-se, assim, pertinente definir o que é a ortografia.

Condemarín e Chadwick (1987, p.170) definem ortografia como “o estudo e utilização dos símbolos em um sistema de escrita.” A ortografia é a forma de “representar a linguagem por meio de um sistema escrito ou ortográfico”. Desta forma, é possível registar as ideias que se tem através da escrita.

Para os autores acima citados, para se ter uma boa ortografia, é necessário “reproduzir com precisão e em ordem apropriada as letras que compõem a palavra. É uma tarefa que supõe que a criança tenha desenvolvido sua capacidade de discriminação, memória visual e auditiva, domínio de sequências, análise e síntese”.

Para conseguirem escrever, os alunos têm que ter variadíssimas capacidades a operar ao mesmo tempo.

Nesta aula, foi possível verificar que muitos dos alunos ainda cometem alguns erros ortográficos.

Dia 07 de fevereiro de 2011

Neste dia, a aula de uma hora na qual abordei temas de Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio teve como com a finalidade de preparar a minha aula assistida de dia 14 de fevereiro. Nesta aula, comecei com a área de Matemática em que realizei, em conjunto com os alunos, situações problemáticas relacionadas com a área do quadrado e do retângulo. Comecei por projetar, no quadro interativo, uma apresentação em *Powerpoint* para rever a noção de área, de quadrado, de retângulo e quais as fórmulas para as calcular. De seguida, distribuí uma proposta de trabalho que foi realizada em conjunto com os alunos. Era solicitado que calculassem a área das figuras apresentadas medindo, em cada uma, os dados necessários para o cálculo.

Após terminada a proposta de trabalho, distribuí um texto de Língua Portuguesa intitulado “Quinta das Cerejeiras”. Este texto foi lido por mim em voz alta e só depois solicitei que alguns alunos o lessem da mesma forma. De seguida fiz a exploração do texto oralmente, tanto ao nível do conteúdo, como ao nível da gramática.

Este texto serviu de ponte para os conteúdos que me propus abordar em Estudo do Meio fazendo, assim, a interdisciplinaridade.

Na aula de Estudo do Meio, lembrei a noção de caule e mencionei quais as suas funções. De seguida, expliquei, através de imagens, que existem vários tipos de caule. Para finalizar e concretizar o tema, mostrei alguns caules verdadeiros.

Inferências/Fundamentação Teórica

As estratégias que utilizei ao longo da aula foram bastante diversificadas. Simão (2002, p.36), refere que as estratégias são “sempre conscientes e intencionais, dirigidas a um objectivo relacionado com a aprendizagem”. Desta forma, as estratégias escolhidas para esta aula foram pensadas e refletidas por mim. Estas tiveram como principal preocupação a aprendizagem dos alunos.

O autor acima referido alerta para que, quando escolhemos um determinado procedimento para lecionar uma aula, analisando as suas vantagens e desvantagens entramos assim nas “estratégias de aprendizagem” (pp. 36-37).

Dia 08 de fevereiro de 2011

No presente dia, os alunos dos terceiros anos foram a uma visita de estudo ao Oceanário. A minha colega de estágio e eu acompanhámos os dois grupos.

Esta visita teve como ponto fulcral uma sessão de esclarecimento sobre a temática: anfíbios. A sessão intitulava-se “príncipes ou sapos”. Nela, os alunos assistiram a uma explicação de tudo o que envolve estes animais (tipos, habitat, alimentação, reprodução, revestimento e camuflagem). Depois da sessão, tiveram uma visita guiada ao oceanário, onde observaram peixes, anfíbios e répteis.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são outro elemento importante dentro do ensino. De acordo com Mauro (1997, referido por Almeida, 1998, p.53), os professores consideram que, “o espaço físico da aula é limitador da compreensão de determinados assuntos”.

Torna-se assim importante que os professores façam visitas de estudo com os seus alunos. Almeida (1998, citando Fernandes, 1982, p.54), acrescenta que, “a aprendizagem efectuada a partir de dados concretos recolhidos pelos alunos na realidade circundante permite torná-la verdadeiramente significativa”.

Durante a visita, foi possível verificar que os alunos estavam bastante motivados e interessados na mesma. Questionaram os guias da visita a fim de saberem pormenores sobre os temas abordados durante a mesma.

Dia 11 de fevereiro de 2011

A professora começou a manhã com a correção dos trabalhos de casa.

De seguida, distribuiu caixas de 5.º Dom de Fröebel aos alunos e estes estiveram a trabalhar construções com o material e situações problemáticas relacionadas com as mesmas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Em virtude deste ser o último dia em que observei as aulas dadas por esta professora, considero pertinente falar sobre a sua postura e relação com os alunos, visto que foi um momento de estágio que me marcou profundamente.

A professora, mostrou, durante as suas aulas, estar sempre bastante predisposta a comunicar com os seus alunos, ouvindo as suas ideias sobre os temas abordados mas não só; também se mostrou interessada nos problemas e desejos dos mesmos. Morgado (1999, p.35-36) revela que “a forma como o professor comunica, organiza e gere a comunicação na sala de aula assume um papel nuclear na gestão eficaz da relação pedagógica”.

Segundo Postic (1992, p.35), “A escola é um lugar de aprendizagem social.”, como tal, as relações afetivas são direccionadas para o contexto de socialização, no qual deverão ser valorizadas as competências comunicacionais, o controlo emocional e a construção do indivíduo. Para além destas aptidões desenvolvidas, este tipo de relação permite ao aluno fomentar a autonomia, a eficácia individual e, ainda, a capacidade de socializar em variados contextos.

A professora, durante as suas aulas criou sempre uma grande afetividade com os seus alunos. Senti que estes tinham uma excelente relação com ela.

Ao criar momentos em que os alunos têm que resolver determinadas situações sozinhos (sejam elas a realização de uma proposta de trabalho ou mesmo gerir conflitos com os colegas), a professora faz com que os alunos sejam mais autónomos, não os fazendo esquecer, contudo, que vivem em sociedade.

Durante as suas aulas, a professora mostrou sempre ter representações positivas dos seus alunos, nunca dizendo que A ou B não tem capacidade para adquirir este ou aquele conteúdo. Morgado (1997, p.38) refere que é “fundamental que os professores procurem construir representações positivas sobre a totalidade dos seus alunos, bem como se torna necessário o desenvolvimento de expectativas positivas sobre os alunos e sobre as suas capacidades”.

Assim, considero o modelo desta professora bastante apropriado e um modelo a seguir.

Dia 14 de fevereiro de 2011

Neste dia de estágio dei a minha aula supervisionada pelas professoras da Prática Pedagógica. Esta aula teve a duração de sessenta minutos, tendo tido como suporte três áreas de conhecimento: Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

Esta aula foi dada com base numa apresentação *Powerpoint*, começando por abordar a área de Matemática, que tinha como base a área do triângulo. Para a explicação da mesma, comecei por rever a noção de triângulo, bem como a classificação de triângulos, quanto aos lados e ângulos. Através de um triângulo, expliquei o que é a sua base e a sua altura.

De seguida, para demonstrar que todos estão inseridos em quadrados ou retângulos, exibi uma animação que explicava essa realidade. Desta forma consegui demonstrar a fórmula da área do triângulo. Para finalizar, distribuí um triângulo a cada aluno e solicitei que os alunos calculassem a sua área.

Na área de Língua Portuguesa, trabalhei com os alunos o texto “Pedra de Hera” de António Mota. Comecei por fazer a leitura modelo do texto e solicitei que alguns alunos lessem. Fiz uma breve exploração do texto a nível do conteúdo e a nível gramatical. Através do conteúdo expresso no texto (as folhas de outono), realizei a interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio.

A área de Estudo do Meio foi novamente acompanhada por uma apresentação em *Powerpoint* e teve por base o tema: as folhas. Para tal, comecei por demonstrar de que formas as folhas podem ser inseridas no caule.

Seguidamente, mostrei uma folha para descrever a sua constituição. Por fim, distribuí por cada par de alunos uma folha e dei algum tempo para que a explorassem de acordo com os conteúdos abordados na aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi, como já referi, a minha aula supervisionada pelas professoras da Prática Pedagógica. Importa então definir o que é a supervisão. Para Vieira (1993, p.28), a supervisão é “uma actuação de motorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”.

Desta forma, torna-se imprescindível este tipo de aulas. Com elas, é possível refletir de uma forma mais direcionada para que haja uma maior evolução por parte do futuro professor. Estas aulas também possuem o fator “experimentação” pois ajudam o futuro professor a estar consciente de determinados fatores dentro da sala de aula como por exemplo, entre outras coisas, o diálogo com os alunos e a gestão do tempo.

A mesma autora (1993, p.33) refere ainda que o supervisor tem cinco funções: “informar”, “questionar”, “sugerir”, “encorajar” e “avaliar”. Depois da minha aula, fomos para a reunião de prática pedagógica. A orientadora que observou a minha aula, pediu-me que refletisse sobre a mesma e deu a sua opinião. Estas reflexões tornam-se muito importantes para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das práticas adotadas pelo futuro professor.

1.3. - 3.ª Secção

Período de estágio: 15.02.2011 a 15.04.2011

Ano de escolaridade: 4.º ano

1.3.1. Breve caracterização da turma

A turma do 4º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus, em Lisboa (Alvalade) é constituída por vinte e cinco alunos, treze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Os vinte e cinco alunos têm nove anos (feitos até Dezembro).

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil.

Nesta turma destacam-se cinco alunos com necessidades educativas especiais sendo que três (medicadas) sofrem de Défice de Atenção, sendo uma delas, acompanhada, também, de Hiperatividade; duas crianças têm dislexia.

Em seguida, segue-se o quadro 6 referente ao horário da turma do 4.º ano.

Quadro 6 – Horário da turma do 4.º ano

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m 10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00m 11h00m					
11h00m 11h30m	----- Tempo de jogos -----				
11h30m 13h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00m 14h30m	----- Almoço/Recreio -----				
14h30m 15h30m	História de Portugal	Clube de Ciências	Inf./Bibl.	História de Portugal	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Música	Inglês	Exp. Plást.	Estudo do Meio	Ed. Física
16h30m 17h00m	Orquestra	Assembleia			História de Portugal

As figuras seguintes (15, 16 e 17) ilustram o ambiente da sala de aula do 4.º ano. Esta sala possui um quadro interativo e as mesas estão dispostas em forma de “U”.



Figuras 15, 16 e 17 – Sala de aula do 4.º ano

1.3.2. Rotinas diárias

As rotinas desta turma são semelhantes às da turma do 2.º ano não havendo nada de importante para referir.

1.3.2. Relatos Diários

Dia 15 de fevereiro de 2011

Neste dia foi realizada uma ficha de avaliação formativa de Língua Portuguesa. A minha colega e eu, quando chegamos à sala, apresentámo-nos à professora e estivemos sentadas durante toda a manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

A avaliação formativa desempenha um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem. Perrenoud (1993, citado por Cortesão, 1993, p.13) caracteriza este tipo de avaliação como uma “bússola orientadora do processo de ensino-aprendizagem”. Através dela, o professor consegue analisar o processo educativo.

Cortesão (1993, p.14) completa esta ideia referindo que é através deste tipo de avaliação que se consegue interpretar as “causas das dificuldades e dos insucessos na aprendizagem”. O professor pode refletir sobre as práticas que utilizou e alterá-las, para melhorar a qualidade do ensino.

Dia 18 de fevereiro de 2011

Nesta manhã de estágio, os alunos estiveram a realizar a Prova de Avaliação de História de Portugal.

Antes de iniciar a prova, a professora da sala foi chamada ao corredor e teve que se ausentar. Fiquei com os alunos a resolver a prova. Comecei por lê-la e depois vigiei-os.

Inferências/Fundamentação Teóricas

Neste dia a professora criou outro momento de avaliação. Para Zabalza (2000, p.222-223) o processo de avaliação “é um conjunto de actos ou passos para ir dando consecutivamente”. A avaliação deve ser feita com frequência, tal como é o procedimento da professora desta sala.

O autor acima citado revela que a avaliação é um processo elaborado através de vários. O primeiro passo é o “propósito”; o professor tem sempre uma intenção quando avalia os seus alunos. Depois do professor ter um propósito para avaliar, escolhe a “técnica” a utilizar. Para avaliar, cria um conjunto de “questões” que formam a prova. Depois de realizada a prova, o professor passa à “aplicação” da mesma.

Os alunos procedem assim à sua realização através de “respostas”. Após terminarem a prova o professor passa à sua “correção” a fim de “medir” os resultados e de os “classificar” através de “valorar” os resultados. Por fim, o professor pensa no que fazer depois da avaliação, ou seja, as “consequências” derivadas da mesma.

Os passos acima referidos atuam simultaneamente. Desta forma, Zabalza (2000, p.223) afirma que a avaliação para além de um processo também é um sistema.

Dia 14 de março de 2011

Neste dia, durante a primeira parte da aula, a professora esteve a corrigir os trabalhos de casa. Os alunos iam ao quadro fazer a correção dos mesmos e a professora aproveitava para rever os conteúdos programáticos lecionados anteriormente.

Quinze minutos antes do almoço, a professora leu parte do livro *George e o remédio milagroso* de Roal Dahl. Aproveitando a leitura do texto, distribuiu a cada aluno uma ficha de trabalho que continha palavras destacadas, todas elas eram advérbios. A partir daí, a professora explicou o conceito de advérbio e qual a sua função na frase.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura de histórias em voz alta por parte do professor revela-se uma prática importante em sala de aula. Sousa e Cardoso (2010, p.75) salienta que o professor deve contar histórias aos seus alunos. Estas devem servir de base à “reflexão dos alunos e à partilha sobre tópicos tratados, construindo um património partilhado que permite ao grupo crescer, dominando universos de referência em comum cada vez mais alargados”. Depois da leitura, a professora promoveu uma pequena conversa com os alunos.

Tal como referem os autores citados, os professores devem criar momentos em que os alunos reflitam e partilhem as suas ideias relativas ao texto trabalhado. Contudo, os mesmos autores realçam a ideia de que o principal objetivo de ler histórias não é realizar a interpretação das mesmas, mas sim “proporcionar o prazer de ouvir histórias”.

Dia 15 de março de 2011

Neste dia, a professora iniciou a aula com a atualização dos sumários. A mesma escrevia-os no quadro e os alunos copiavam-nos para a folha.

De seguida, distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática com os seguintes conteúdos: expressões numéricas, escrita com algarismos de números que eram pedidos, pintura de conjuntos de objetos segundo critérios definidos, multiplicação e divisão por 10, 100, 1000, 0,1 0,01 0,001 e representação de conjuntos de divisores de alguns números, definição de números primos e cálculo de áreas e perímetros de figuras dadas (quadrado, retângulo e triângulo).

Depois do intervalo, a professora distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa com questões de interpretação do livro tinham lido na véspera.

Às 12h30, chegou a professora do clube de ciências. Nesta aula, os alunos estiveram a observar células ao microscópio.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como referi em cima, os alunos estiveram a fazer experiências no “clube de Ciências”. Pereira (2002, p.84) salienta que é importante que os alunos efetuem atividades práticas, é relevante que façam, vejam e toquem, na medida em que interagem de forma direta com o mundo físico. Para esta autora, este envolvimento é importante para “o desenvolvimento do pensamento da criança”.

Depois das crianças realizarem a atividade prática, foi criado um espaço de debate entre alunos e professora. Esta atividade é de extrema importância pois os alunos, através do diálogo, dão significados ao que experimentaram, uma vez que, “pensam e refletem no que estão a fazer, planeiam por vezes o que fazer, interpretam e discutem as situações estudadas”. (*idem*, p.84)

Dia 18 de março de 2011

Nesta manhã de estágio, os alunos estiveram a concluir a ficha de Língua Portuguesa que iniciaram na terça-feira.

Durante a realização da ficha, a professora questionou um aluno sobre uma situação que tinha ocorrido em dias anteriores. Pelo que percebi, o aluno mentiu à professora. Depois do intervalo, a professora teve que se ausentar por motivos pessoais. A minha colega e eu ficámos com os alunos, na sala, a realizar uma ficha de revisões de História de Portugal). Depois de terminarem a ficha, os alunos estiveram a fazer a prenda para o dia do pai.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula, assisti a algo que nunca tinha percebido antes: a professora confrontou um aluno por este ter mentido. Gervilla (1994, p.19), define a mentira como “falsificação deliberada com intenção de enganar”. Para este autor, a mentira pode ser de vários tipos: pseudomentiras, mentira social e mentira patológica. Analisando a obra deste autor (pp. 21-36), o tipo de mentira visto durante a aula prende-se com uma mentira social. Este tipo de mentira é aquela que “se centra, fundamentalmente, nas relações entre a criança e o meio”.

De acordo com o que compreendi, esta criança mentiu para chamar a atenção da professora. A mesma autora (p.26) refere que muitas crianças mentem para chamar a atenção dos familiares e dos professores, mesmo sabendo que vão ser castigadas.

A professora confrontou a criança com os dados que lhe tinham chegado e depois foi averiguar se o que a criança dissera era verdadeiro.

Dia 21 de março de 2011

Neste dia estive na reunião de Prática Pedagógica no museu da Escola Superior de Educação João de Deus. Durante a reunião foram lidas todas as notas e apreciações dos alunos em voz alta, relativas ao momento de estágio que tinha terminado.

Inferências

Estas reuniões são de extrema importância, pois ouvimos a apreciação de todos os professores cooperantes referentes aos alunos que passaram pelas suas salas e, assim, podemos ter a percepção daquilo que é mais correto fazer em sala de aula.

Dia 22 de março de 2011

Neste dia, os alunos estiveram a realizar uma ficha de avaliação formativa de Matemática. A minha colega de estágio e eu estivemos sentadas, apenas como observadoras. Por volta das 11h, fomos chamadas para assistir a uma aula do estagiário.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de dar aulas várias vezes ajuda o futuro professor a desenvolver mais capacidades para a futura profissão.

Através da prática letiva ficamos mais alertados para determinadas situações que acontecem em sala de aula, a forma como devemos abordar os alunos, a postura que devemos adotar em determinadas situações, outras coisas.

Antes de darmos uma aula temos o auxílio dos professores cooperantes, que nos dão orientação sobre as estratégias que escolhemos e depois da aula refletimos com os mesmos sobre a forma como decorreu a aula. Braga (2001, p.58) cita Wilsom e D`Arcy que referem que o período em que o professor principiante leciona as suas aulas é um período “em que a escola desenvolve um programa sistemático de apoio a professores, com vista a socializá-los na profissão e a ajudá-los a tratar os problemas de forma a reforçar a sua autonomia profissional e o seu desenvolvimento profissional”.

Com estas aulas, e com a reflexão das mesmas, tornamo-nos mais confiantes e melhor preparados para a futura profissão.

Dia 25 de março de 2011

Neste dia a minha colega deu uma aula programada durante toda a manhã. A manhã de aulas teve início com a área de Matemática, na qual os alunos foram questionados sobre as unidades de medida de área, lembrando a relação entre as mesmas (1/100). Seguidamente, distribuiu uma ficha de trabalho e explicou a noção de unidades agrárias, bem como as equivalências entre as unidades agrárias e as unidades de medida de área. Para terminar, solicitou que os alunos resolvessem exercícios de conversões e situações problemáticas.

Na área de Língua Portuguesa, abordou o tema: determinantes interrogativos. Distribuiu um texto e fez a sua leitura modelo. Solicitou que os alunos lessem o texto e colocou algumas perguntas de interpretação. O texto abordado tinha inúmeras perguntas que as personagens colocavam umas às outras. Desta forma, pediu que os alunos fizessem um levantamento da forma como as perguntas começavam e assim abordou o tema.

Na área de Estudo do Meio, promoveu um pequeno debate a fim de aferir os conhecimentos que os alunos já possuíam sobre o tema (países lusófonos). Através do diálogo com os alunos, chegaram à definição de países lusófonos.

Mostrou uma apresentação em *Powerpoint* que continha um planisfério para mostrar a sua localização.

Por fim, distribuiu a cada aluno uma ficha de trabalho, na qual os alunos tiveram que pintar as bandeiras de cada um dos países lusófonos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática, os alunos não estavam a compreender como se resolviam as conversões. A minha colega conseguiu ser flexível e alterar a sua estratégia para que os alunos compreendessem. Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p.24-25) salientam que “as explicações do professor, num momento adequado e de forma apropriada, são certamente elementos fundamentais”.

Assim sendo, considero que a minha colega adotou a postura mais correta para chegar a todos aos alunos e tornou a sua aprendizagem mais significativa.

Dia 28 de março de 2011

Nesta manhã de estágio, a professora da sala esteve a corrigir os trabalhos de casa até às 12h45.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como já referi, a professora esteve a corrigir os trabalhos de casa em atraso, passando, assim, toda a manhã a fazê-lo. Estes tinham o intuito de rever os conteúdos lecionados em Língua Portuguesa para preparação da Prova de Avaliação.

Marujo, Neto e Preloiro (2002, p. 113) defendem que os trabalhos de casa são utilizados diariamente a fim “de levar os alunos a praticar, fortalecer e reforçar conteúdos e competências escolares e auxiliar os professores a avaliarem quão bem está o aluno a compreender uma determinada temática”.

Os trabalhos de casa podem ser um elemento que ligue a família à escola. Segundo Montadon e Perrenoud (2001, pp. 75-76) “é suposto que a família supervisione os trabalhos de casa, ajude a criança a compreender a leitura, a resolver o problema do dia, a aprender o vocabulário, a redigir um texto, a copiar um mapa, a conduzir as correcções ou os exercícios pedidos”. Cria-se, assim, um maior envolvimento parental na educação das crianças.

Dia 29 de março de 2011

Os alunos estiveram a realizar uma Ficha de Avaliação Formativa de Língua Portuguesa. Depois do intervalo, a minha colega de estágio e eu fomos chamadas para assistir a reunião das aulas do dia 22 de março.

Inferências

Antes da prova começar, os alunos estavam bastante ansiosos. Contudo, a partir do momento em que foi distribuída, os alunos mantiveram-se em silêncio, concentrados no seu trabalho.

Dia 01 de abril de 2011

Este foi o meu primeiro dia de aulas na turma do 4.º ano. Comecei por abordar a área Matemática, que tinha como tema a passagem de números complexos para incomplexos (do segundo ao dia). Para lecionar utilizei uma apresentação em *Powerpoint*. Comecei por contextualizar o tema, referindo a importância das unidades de medida de tempo, bem como por relembrar a noção de hora, minuto e segundo e a respetiva representação. Para revisão, solicitei que os alunos realizassem alguns exercícios com números complexos. Tentei apelar aos seus conhecimentos, na medida em que, não lhes disse como se efetua a passagem de números complexos para incomplexos, mas fui direcionando o seu raciocínio para que os mesmos chegassem à forma desta passagem. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho com alguns exercícios para consolidação do tema.

A área de Língua Portuguesa também foi abordada com base uma apresentação em *Powerpoint*. Esta aula teve como tema a paronímia. Comecei por fazer uma breve revisão da noção de palavras homónimas, homófonas e homógrafas através de diálogo com os alunos. Após feita a revisão, mostrei duas frases que continham palavras parónimas. Questionei os alunos sobre que palavras estavam em relação, bem como se era algum tipo de relação já estudado. Desta forma, introduzi as palavras parónimas. Para concretizar o tema, distribuí uma ficha de trabalho que continha espaços para completar com palavras, bem como escrever frases que as incluíssem.

Utilizei, ainda, uma metodologia diferente: em vez de ser eu a verbalizar as palavras parónimas, criei uma animação numa apresentação em *Powerpoint* e os alunos tinham de perceber que palavras estavam por trás da imagem.

Utilizei ainda outra estratégia: pedi aos alunos para retirarem, de um saco, uma palavra e, através do seu léxico, descobrirem a palavra parónima que lhe correspondesse, construindo uma frase.

A área de Estudo do Meio teve como tema a diferença entre o meio urbano e o meio rural. Comecei por promover um debate com os alunos a fim de chegarem à noção destes dois tipos de meio.

De seguida, distribuí uma imagem de um meio urbano ou um meio rural por dois ou três alunos. No quadro interativo projetei as imagens que os alunos possuíam. O objetivo desta atividade era fazer com que os alunos identificassem o tipo de meio a que pertencia a imagem, justificando a sua escolha. Por fim, embora já não tivesse tempo de terminar, queria ter construído no quadro interativo um esquema que diferenciasse estes meios.

Inferências/Fundamentação Teórica

O trabalho de grupo deve ser uma prática a realizar em sala de aula. Morgado (2004, p.69) salienta que este tipo de trabalho, quando é bem planeado, os alunos aprendem a partilhar e a interagir com o professor e com os colegas. Este tipo de trabalho promove, assim, “o desenvolvimento social dos alunos”.

O autor, acima citado, revela que este tipo de trabalho envolve a cooperação de todos os elementos do grupo. Assim, é importante que o professor sensibilize os alunos para que compreendam que “o desempenho do grupo depende de todos os elementos, atingindo-se o sucesso quando todos os elementos o conseguirem”. O professor deve também alertar os alunos para a sua responsabilidade dentro do grupo, não só para a sua aprendizagem, mas também para o bom funcionamento do mesmo. Desta forma, os alunos “adquirem competências de cooperação”. (pp.70-71)

Dia 04 de abril de 2011

Hoje a minha colega de estágio deu aula durante toda a manhã. Começou pela área de Matemática, questionando os alunos sobre a definição de números complexos. De seguida, distribuiu uma proposta de trabalho e explicou, através dela, a passagem de números complexos para incomplexos. Para terminar, solicitou aos alunos que resolvessem alguns exercícios.

Na área de Língua Portuguesa começou por distribuir uma proposta de trabalho. Pediu aos alunos que lessem o texto (poema) em silêncio e, posteriormente, fez a leitura modelo do mesmo.

Terminada a tarefa, colocou algumas perguntas de interpretação e compreensão. Para explorar o tema definido para a aula (rimas pobres e rimas ricas e também rimas perfeitas e rimas imperfeitas), começou por solicitar aos alunos que fizessem o levantamento das palavras que rimassem e as analisassem morfológicamente. Por último, preencheram, em conjunto, um texto lacunar que explicava as definições dos tipos de rima abordados na aula.

Na área de História de Portugal, utilizou uma apresentação em *Powerpoint* como suporte. Começou por questionar os alunos para verificar quais os conhecimentos já adquiridos relativamente aos acontecimentos anteriores ao reinado de D. Maria I. De seguida, apresentou os factos relevantes ao que concerne este reinado, nomeadamente as obras arquitetónicas edificadas durante este período. Para finalizar, distribuiu uma ficha de trabalho com um crucigrama sobre a matéria dada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, trabalhou a poesia. Segundo Barreira e Cavalcanti (2009, p.3) “o envolvimento das crianças no texto poético deverá ser uma experiência enriquecedora e motivadora”. A minha colega, durante a aula, explorou o poema fazendo algumas perguntas de compreensão.

Foi notório verificar que os alunos gostam de estar em contacto com o texto literário. Contudo, a interpretação da mensagem do poema nem sempre é possível fazer. Retiramos a nossa ideia, mas não significa que seja a ideia do poeta, uma vez que “a poesia implica, desta forma, uma visão subjectiva da realidade, pelos olhos do seu autor”.

Através do texto poético e do jogo de palavras inerente a este, os alunos “compreendem que a palavra pode ter outros sentidos para além dos denotados” enriquecendo, assim, a sua linguagem de uma forma lúdica.

Dia 05 de abril de 2011

Neste dia a professora começou por corrigir os trabalhos de casa de Língua Portuguesa que consistiam na realização de um exercício de expressão escrita.

A minha colega de estágio e eu fomos chamadas para assistir a uma aula da estagiária. Apenas assistimos a uma pequena parte da aula, onde foi feita a explicação da prova pela operação inversa da multiplicação.

Fomos chamadas para voltar para a sala do 4.º ano para a minha colega dar uma aula surpresa de Matemática. Foi-lhe pedido que realizasse o algoritmo da divisão.

Inferências/Fundamentação Teórica

O algoritmo da divisão está inserido no conteúdo das operações aritméticas. Pires (1994, citado por Ponte e Serrazina, 2000, p.144) citam que designa o “sentido de uma operação o conjunto das situações concretas na resolução das quais se aplica essa operação”.

Pires (1994, citado por Ponte e Serrazina, 2000, p.145) refere que as operações aritméticas se processam em três etapas. A primeira etapa prende-se com o facto da “compreensão do sentido da operação, começando pelo momento da acção, (...) passando pelo momento iconográfico, para chegar à representação simbólica”. Nesta etapa o aluno deve compreender que operação aritmética utilizar. A segunda etapa centra-se no “desenvolvimento do sentido operatório, desenvolvimento do cálculo mental e estudo das propriedades das operações”. Por fim, a terceira etapa incide sobre a “construção do algoritmo”.

Os alunos tiveram alguma dificuldade em compreender que se tratava de uma divisão. Contudo, explicou a situação problemática e os alunos chegaram ao algoritmo pretendido.

Dia 08 de abril de 2011

Esta foi a minha segunda manhã de aulas. Comecei pela área de Matemática, que tinha como tema as unidades de medida de massa. Para tal, iniciei a aula com uma caça ao tesouro para que os alunos descobrissem o tema da aula. Eles tinham de procurar um envelope com massa e descobrir a sua palavra parónima, fazendo assim interdisciplinaridade com a aula de Língua Portuguesa dada no dia 01 de abril. Promovi algum diálogo com os alunos a fim de os questionar sobre o que é a massa de um corpo. De seguida, mostrei diferentes objetos com a mesma massa mas volume diferente, questionando os alunos sobre a massa dos mesmos. Para verificar a massa dos mesmos, usei uma balança. Expliquei, através de uma apresentação em *Powerpoint*, quais as unidades de medida de massa e a respetiva relação entre elas. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho.

A área de Língua Portuguesa teve como tema a classificação de estrofe quanto ao número de versos.

Comecei por fazer a leitura modelo do poema “Plantar uma Floresta” de Luísa Ducla Soares. Pedi a alguns alunos para lerem o poema. De seguida, procedi à respetiva interpretação e análise gramatical.

Relembrei a noção de estrofe e de verso e expliquei a classificação das estrofes quanto ao número de versos. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho que continha uma sopa de letras com conteúdos lecionados na aula.

Não tive tempo para terminar a área de História de Portugal como me tinha proposto, cujo tema se centrava na abordagem do reinado de D. João VI. Contudo, ainda consegui apresentar uma proposta de trabalho. Como não tive oportunidade de a corrigir em sala de aula, utilizei-a como dispositivo de avaliação no Capítulo 3 (p.234).

Inferências/Fundamentação Teórica

A gestão do tempo em sala de aula é fundamental. Como referi em cima, não consegui gerir o tempo corretamente na área de Matemática e Língua Portuguesa e isso refletiu-se na área de História de Portugal. Morgado (1999, p.57) refere que deve existir uma reflexão sobre a forma como o tema é gerido na sala de aula. Esta reflexão deve ter em conta a utilização do tempo, por parte do professor, mas também respeitar as diferenças individuais dos alunos.

O autor acima citado, menciona ainda que através da reflexão sobre a gestão do tempo “podem surgir indicadores que se constituem como auxiliares importantes no processo de regulação do tempo na dinâmica pedagógica”.

Nesta aula, não deveria ter explorado tanto as áreas iniciais para conseguir tempo para abordar de forma completa a área de História de Portugal.

Dia 11, 12 e 15 de abril de 2011

Nestes dias, não houve aulas. Contudo, alguns alunos vinham para escola realizar atividades com as professoras. A este período dá-se o nome de *roullement*. Os alunos jogavam às cartas e faziam jogos de consola. Não observei atividades preparadas pelas professoras.

1.4. - 4.ª Secção

Período de estágio intensivo: 28.02.2011 a 04.03.2011

Escola: Escola em Torres Vedras

Ano de escolaridade: 3.º ano

1.4.1. Caracterização da escola

É uma escola privada com valências de Pré-Escolar; 1.º Ciclo; 2.º Ciclo; 3.º Ciclo e Ensino Secundário (é de salientar que neste ano letivo, a valência de Ensino Secundário não tinha alunos), com os seguintes objetivos:

- Proporcionar aos alunos portugueses a oportunidade de adquirir uma educação internacional que os prepare para a entrada em universidades portuguesas ou estrangeiras e proporcionar uma base científica sólida para as suas futuras carreiras;

- Proporcionar aos alunos estrangeiros a oportunidade de dar continuidade à sua educação em Portugal, sequencialmente e de modo confortável;

- Proporcionar aos alunos de pais portugueses que frequentaram escolas noutros países, um processo apropriado de reintegração;

- Proporcionar a aprendizagem do Inglês a partir dos 4 anos, a par da aprendizagem da Língua Portuguesa, em linha com a educação internacional;

- Proporcionar a aprendizagem da língua espanhola – Castelhana – a partir dos 10 anos – 5.º ano de escolaridade, como terceira língua dos alunos desta escola, em linha com a educação internacional e de acordo com a importância que a língua do país vizinho possui, tendo em conta a dimensão económica, social, cultural e científica.

A escola possui trinta e uma salas de aula bem equipadas (com aquecimento central; telefone; PC; videoprojector; rede estruturada sobre IP; vidros duplos...), laboratórios de Biologia, Ciências Naturais, Química e Física, dois laboratórios de Informática, um pavilhão gímnodesportivo com quatro balneários, dois palcos dois espaços exteriores para a prática da Educação Física, um auditório, dois anfiteatros, um Centro de Recursos Educativos, um recreio coberto, dois recreios para a Educação Pré-Escolar/1.º Ciclo com piso de borracha, um anfiteatro ao ar livre, uma Quinta Pedagógica, espaços exteriores bem cuidados e ajardinados, uma cozinha, refeitório, bar, salas para serviço de psicologia, serviços administrativos, atendimento de Encarregados de Educação, direção, administração, reprografia, gabinete médico,

videovigilância e segurança no espaço escolar, loja e papelaria e transportes escolares.

De seguida apresento as figuras 18 e 19 que mostram como estava organizado o espaço de sala de aula.



Figuras 18 e 19 – Sala de aula do 3.º ano

1.4.2. Breve caracterização da turma

A turma onde estive a realizar o meu estágio intensivo foi no 3.º ano e era constituída por 16 alunos, 9 do sexo masculino e 7 do sexo feminino.

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram o ensino pré-escolar na instituição.

Nesta turma, um aluno já foi retido no ano letivo anterior.

De uma forma geral, a turma sente interesse por todas as áreas curriculares. Contudo, existem na turma 4 alunos que revelam dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades sentidas pelos alunos ao nível das aprendizagens são: escrita, cálculo.

Existe um aluno que está a ter acompanhamento pelos serviços de psicologia. Seis dos alunos da turma revelam ter alguns problemas de saúde, pouco graves.

1.4.3. Relatos Diários

Dia 28 de fevereiro de 2011

Este foi o primeiro dia de estágio nesta instituição. Durante este período, estive com dois alunos estagiários da minha turma. Contudo, não estávamos na mesma sala de aula.

Fomos recebidos pela coordenadora pedagógica do 1.º Ciclo do Ensino Básico que nos mostrou a escola. De seguida, fomos distribuídos por salas de diferentes níveis de ensino. Eu fiquei na sala do 3.º ano do ensino Básico.

A professora da sala e os alunos mostraram-se bastante atenciosos comigo.

Quando cheguei à sala ainda não estavam todos os alunos. Contudo, interagi com os que estavam presentes.

Às 9h a professora deu início à manhã de aulas. Começou por fazer a “apresentação de produções” que consistia na apresentação, feita pelos alunos, das suas pequenas produções à turma, que podiam ser textos escritos por eles, livros que tivessem gostado, entre outras coisas. A professora elegeu um mediador que decidia quem é que, naquela manhã, iria apresentar as suas produções. Os restantes alunos teriam que estar atentos e, no final, com permissão do mediador, participar dando a sua opinião.

De seguida, os alunos foram lanchar e, posteriormente, para o intervalo. A professora acompanhou-os até ao refeitório onde tomaram o lanche da manhã.

Depois do intervalo, a professora distribuiu uma ficha sobre os determinantes. Os alunos realizaram-na de uma forma individual. Contudo, a professora auxiliava os alunos sempre que estes necessitavam.

De tarde, a professora distribuiu uma ficha de Estudo do Meio com exercícios de revisão dos conteúdos lecionados na semana anterior.

Os alunos desta turma mantiveram-se a trabalhar, em silêncio, durante todo o dia de aulas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na apresentação de produções os alunos comunicam as suas investigações com os colegas. Grave-Resendes e Soares (2002) menciona que a apresentação de produções:

é um momento de comunicação oral, de partilha de informação e de estratégias pessoais de aprendizagem, de auto e hetero-regulação de regras sociais de comunicação: saber ouvir, aguardar a vez de falar, não perturbar, defender as suas opiniões e respeitar as opiniões dos outros. (p.66)

Desta forma, a apresentação de produções torna-se uma prática importante na sala de aula para o desenvolvimento dos alunos a vários níveis. Os alunos interagem uns com os outros e cooperam na sua aprendizagem.

Dia 01 de março de 2011

Este dia teve início com a “apresentação de produções”.

Por volta das 9h30, chegou a professora de inglês. Foi notório verificar que o comportamento dos alunos com esta professora foi bastante diferente. Não lhe tinham respeito, falavam uns com os outros, pareciam outra turma.

Depois da aula de inglês, os alunos foram com a professora da disciplina para o recreio. Quando regressaram à sala, continuaram a ficha sobre os determinantes que tinham iniciado no dia anterior.

Depois do almoço, a professora esteve a abordar a área de Matemática, que teve como tema as unidades de medida de comprimento. Para tal, a professora explicou a noção de comprimento. Depois, os alunos construíram um metro articulado e mediram, com o mesmo, alguns objetos da sala.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora, nesta área de Matemática, fugiu um pouco do manual escolar e criou uma aula mais dinâmica. Durante toda a exploração do tema, houve uma grande interação com a turma. A professora questionou os alunos sobre a grandeza que iriam aprender. Segundo a Organização Curricular e Programas de 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2006, p.191), no bloco 3 de Matemática, é referido que “a curiosidade pela medida e o gosto em dar palpites sobre as medidas extravagantes deve ser estimulado”. A professora questionou os alunos sobre que instrumentos de medida deveriam ser utilizados para calcular determinadas medidas.

Os alunos construíram um instrumento de medida: o metro articulado.

Segundo a Organização Curricular e Programas de 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2006, p.193), no bloco 3 de Matemática, na parte do 3.º ano, é sugerido “fazer medições utilizando o metro, a fita métrica, a régua e registá-las”. Os alunos desta turma estiveram a fazer medições com o instrumento que construíram e registaram-nas no seu caderno.

Dia 02 de março de 2011

Tal como nos dias anteriores, a professora deu início à manhã de aulas com a “apresentação de produções”.

De seguida, começou a leitura da obra “Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner.

Depois do recreio, os alunos estiveram na aula de inglês, onde, de novo, o seu comportamento se alterou.

Depois do almoço, a professora deu início à aula de Estudo do Meio, explicando a noção de rio, nascente, margens, mar, lago, ilha, arquipélago e praia. Esta explicação foi feita tendo como suporte o manual escolar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura torna-se imprescindível no primeiro ciclo. Colomer e Camps (2002, p.90) salientam que deve ser dada à leitura um “sentido de prática social e cultural”. Na opinião destes autores, os alunos devem encarar a leitura como um “um meio para ampliar as suas possibilidades de comunicação, de prazer e de aprendizagem”. Os alunos devem ser envolvidos na leitura e compreender a sua mensagem.

As práticas da leitura devem estar sempre presentes na sala de aula. Cabe ao professor cativar os alunos para a sua prática para que não a vejam apenas como uma aprendizagem mas, sim como uma forma de compreensão e prazer.

Nesta aula, a professora leu parte de uma obra literária. Para os autores acima citados (p.93), este tipo de leitura “destina-se a apreciar o ato de expressão do autor, a desenvolver o imaginário pessoal a partir dessa apreciação e a permitir o reencontro da pessoa consigo mesma na interpretação”. Este tipo de leitura (obra literária) leva os alunos a desenvolverem a sua imaginação, o prazer e o gosto leitura.

Dia 03 de março de 2011

No início da manhã, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual escolar de Matemática. A professora começou por explicar a conversão de metros para decímetros e os alunos realizaram os exercícios correspondentes no manual.

Depois do intervalo, a professora leu mais um pouco da obra “Fada Oriana”.

A seguir ao almoço, a professora continuou com a leitura da obra estudada em Língua Portuguesa.

De seguida, os alunos estiveram a realizar a assembleia de turma (esta está agendada para quarta-feira, esporadicamente nesta semana foi à quinta-feira). Nesta, foi uma professora da escola falar sobre a importância dos sentidos. Os alunos, depois da explicação, responderam a um questionário.

Inferências/Fundamentação Teórica

As assembleias de turma possuem um papel importante na sala de aula. Foi possível observar que os alunos estavam ansiosos para saber o tema que seria tratado nessa semana.

A escola deve alertar os alunos para a vida em sociedade. Através destas assembleias, os alunos aprendem certas regras de conduta indispensáveis para conviverem uns com os outros. Cunha (1996, p.43) refere que “preparar para a democracia é transformar a vida de família e a vida escolar em democracias participativas”. Durante as assembleias de turma, os alunos participam ativamente dando a sua opinião sobre os diversos temas abordados. O mesmo autor completa esta ideia afirmando que “é participando democraticamente nas sociedades em que se encontram que os jovens se preparam para assumir esse papel mais tarde como adultos”.

Nesta aula, os alunos aprenderam a importância dos sentidos. Contudo, a professora da sala explicou-me que, por vezes, falam de comportamentos que os alunos tiveram dentro e fora da sala de aula. Os alunos dão a sua opinião sobre os mesmos, sejam eles bons ou maus. Com estas discussões, conseguem compreender quais as melhores condutas a adotar para viver em sociedade.

Dia 04 de março de 2011

Este foi o dia da Festa de Carnaval. Os alunos vestiram-se todos de igual, com máscaras de pássaro, com a finalidade de irem desfilarem em Torres Vedras, cidade com uma tradição carnavalesca muito intensa.

Os meus colegas de estágio e eu também nos mascarámos e desfilámos pelas ruas com as turmas em que estávamos a estagiar.

Por volta da hora do almoço, regressámos à escola e os alunos estiveram a almoçar. Depois deram-lhes permissão para vestirem os seus fatos de carnaval. O restante tempo deste dia foi passado a brincar livremente com os alunos. Quando faltava, sensivelmente, uma hora e meia para o dia terminar, houve um desfile. Eram eleitos os trajes mais bonitos de cada valência (Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico).

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia, todos os alunos da escola estiveram envolvidos na mesma atividade: a celebração do Carnaval.

Todos os alunos se vestiram a rigor de acordo com o tema que a escola propôs.

Aguera (2008, p.73) menciona que “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, auto-estima, a colaboração e integração das crianças”.

Foi notório observar que, durante toda a semana, os alunos andaram bastante empenhados e entusiasmados com a festa. Todos os alunos da turma participaram.

No final do dia, no desfile na escola, os alunos esforçaram-se por desfilar de formas originais. Cada aluno teve, assim, o seu momento de destaque, levando à estimulação da sua autoestima.

1.5. - 5.ª Secção

Período de estágio: 02 de maio de 2011 a 01 de julho de 2011

Ano de escolaridade: 1.º ano

1.5.1. Breve caracterização da turma

A turma do 1º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus, em Lisboa (Alvalade) é constituída por vinte e seis alunos, treze do sexo masculino e treze do sexo feminino. Os vinte e seis alunos têm sete anos (feitos até Dezembro).

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil.

Na turma existem seis alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. De uma forma geral, a turma sente maior interesse pela área de Estudo do Meio.

As dificuldades sentidas pelos alunos são referentes à escrita, à leitura, à compreensão da leitura, à resolução de problemas, ao vocabulário e à oralidade.

É de referir ainda que existe um aluno com problemas comportamentais.

Os recursos de apoio às dificuldades dos alunos são os mesmos que foram descritos na secção anterior.

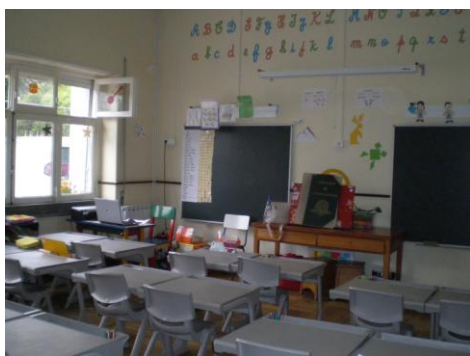
Em seguida, segue-se o quadro 7, onde é apresentado o horário da turma do 1.º ano.

Quadro 7 – Horário da turma do 1.º ano

	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
9h-10h	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa
10h-11h	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa
11h-12h	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
12h-13h	Música	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
13h-14h30	Almoço e recreio	Almoço e recreio	Almoço e recreio	Almoço e recreio	Almoço e recreio
14h30-15h30	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês
15h30-16h30	Estudo do Meio	Educação Física	Estudo do Meio	Informática	Expressão Plástica
16h30-17h	Hora do conto	Hora do conto	Hora do conto	Hora do conto	Expressão Plástica

1.5.2. Rotinas diárias

As rotinas desta turma são semelhantes às da turma do 2.º ano. Contudo, é de referir que, quando os alunos da turma entram na sala de aula, começam a ler um texto do manual. Esta leitura é feita com o acompanhamento da professora ou dos alunos estagiários presentes na sala de aula. Nas figuras 19 e 20 é apresentada a sala de aula.



Figuras 20 e 21 – Sala de aula do 1.º ano

1.5.3. Relatos Diários

Dia 02 de maio de 2011

Este foi o primeiro dia na sala do 1.º ano B do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Antes de entrarmos na sala, fomos com os alunos à casa de banho. De seguida fomos para a sala.

Nesta sala, estivemos com uma colega do Mestrado de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico até ao dia 13.05.2011.

A professora deu início à aula, solicitando que a minha colega e eu nos apresentássemos. Assim o fizemos. Posteriormente, os alunos apresentaram-se dizendo o nome e a idade. Por fim, e para que os alunos nos pudessem conhecer melhor, permitimos que nos colocassem algumas questões sobre o nosso percurso escolar e o nosso quotidiano.

Feitas todas as apresentações, a professora distribuiu uma ficha de Matemática. Esta continha exercícios que abordavam os conteúdos: dobro, meia dúzia, metade e exercícios de cálculo mental.

Durante a realização da ficha de trabalho, a professora, as minhas colegas de estágio e eu auxiliámos os alunos na realização da mesma.

Para alguns alunos foi necessário o auxílio de palhinhas para a realização da ficha.

Inferências/Fundamentação Teórica

O uso das palhinhas para a concretização de um cálculo em Matemática torna-se bastante importante. Caldeira (2009b, p.317), refere que as palhinhas são um “material alternativo industrializado”. É alternativo, porque não foi criado para o fim da aprendizagem e é industrializado porque não se encontra na Natureza.

As palhinhas permitem que a criança, quando está a fazer as operações em papel, consiga “realizar as contagens”.

Segundo a autora supra citada, este material possui diversos objetivos como “coordenação auditiva-motora” quando, por exemplo, a professora toca um instrumento musical e pede que os alunos retirem o número de palhinhas correspondentes; “exercícios de contagem” como foi o exemplo desta aula;

“ordenação e seriação” quando, por exemplo, ordena as palhinhas por cores; “aquisição da noção de conjunto: caracterização e classificação” quando a criança faz, por exemplo, conjuntos de palhinhas por cores; “noção de maior, menor ou equivalente”; “operações”; “execução de cálculo mental” e “construir figuras geométricas”.

Dia 03 de maio de 2011

Nesta manhã de estágio, a colega do Mestrado de Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico deu a sua primeira manhã de aula. Deu início à mesma com a área de Matemática recorrendo aos materiais estruturados: Calculadores Multibásicos. A sua aula tinha como tema a leitura de números. Para associar a este material, a colega tinha algarismos móveis para todos os alunos. Começou então por afixar no quadro uma casa, que tinha escrito no telhado “Classe das Unidades” e três janelas, em que cada uma delas representava uma ordem. Para não ditar apenas os números, adotou diversas estratégias, tais como, sortear algarismos com um dado, dizer ao ouvido de um aluno, bater palmas e usar um instrumento musical. De seguida, os alunos representavam esses números com os Calculadores Multibásicos e com os algarismos móveis.

Após terminar a aula de Matemática, iniciou a aula de Língua Portuguesa, que tinha como tema a família de palavras. Explicou a definição de família de palavras e exemplificou com uma árvore. Na mesma, colocou no tronco uma palavra e nos ramos as palavras da mesma família dessa. Por fim, distribuiu uma ficha de trabalho em que os alunos tinham que identificar, de um conjunto de palavras, qual o intruso, ou seja, a palavra que não pertencia à mesma família. Seguidamente, tinham um conjunto de sílabas e os alunos tinham que as ordenar a fim de formarem palavras.

Depois do intervalo, iniciou a área de estudo do meio, que tinha como tema “o arquiteto”. Começou por explicar esta profissão apelando aos conhecimentos prévios dos alunos. Seguidamente, mostrou uma apresentação em *Powerpoint* mostrando diversos tipos de habitações. Para finalizar a aula, levou os alunos para o salão, onde tinha peças para construir a maquete de uma casa. Os alunos foram os arquitetos e decoradores da mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula, a colega diversos materiais de apoio aos conteúdos que abordou.

Wang (1995, citado por Morgado, 2004, p.93) refere que “os materiais didáticos e os recursos deverão ser sempre claramente definidos em função dos objectivos estabelecidos”.

Todos os materiais utilizados durante a presente aula estavam adequados aos objetivos que a estagiária tinha delimitado.

O mesmo autor defende ainda que o uso destes materiais “torna mais fácil a adequação às necessidades individuais e aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos”. Através deles, os alunos mantêm-se mais motivados e empenhados na aula.

Dia 06 de maio de 2011

Na primeira parte da manhã, os alunos começaram por fazer a leitura de um texto do manual. A professora, as minhas colegas de estágio e eu íamos junto de cada aluno para lermos com eles e fazermos as devidas correções, sempre que fosse necessário.

Quando terminámos a leitura, entrou na sala uma orientadora da Prática Pedagógica que solicitou que a colega do outro mestrado desse uma aula surpresa. Para esta aula foi-lhe pedido que desse subtração com empréstimo e a prova dos nove. Para auxiliar a exploração destes conteúdos, foi-lhe dito para utilizar Calculadores Multibásicos. Começou então por distribuir uma caixa a dois alunos e rever as regras do material.

Depois, ditou os números para cada placa, para que tivesse que pedir empréstimo. A colega, numa fase inicial, começou por não fazer na base dez, mas sim em bases mais baixas.

Depois do intervalo não fomos com os alunos para a aula. Dirigimo-nos para a sala dos computadores, onde as orientadoras da Prática Pedagógica e os estagiários fizeram uma reflexão e crítica às aulas surpresa.

Inferências/Fundamentação Teórica

As crianças passam a maioria do seu tempo na escola. Assim, segundo Magalhães (2009, p.58) é importante a escola permitir “a promoção de uma regularidade da leitura junto deste grupo etário”. O professor deve proporcionar, durante o dia, momentos em que a criança esteja em contacto com a leitura, seja esta feita por ela ou por um adulto pois “a leitura está ainda associada à aquisição de hábitos”. No início das manhãs a professora cria momentos em que as crianças adquirem hábitos de leitura.

Esta leitura é feita pelos alunos e a professora, ou o estagiário que a acompanha, corrigem sempre que necessário.

Segundo a Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2006, p.146) em Língua Portuguesa, no bloco 2 – comunicação escrita é referido que “escrever e ler sem receio de censura, com a certeza de poder contar com os apoios necessários ao aperfeiçoamento das produções, permitirá a descoberta do prazer de escrever e de ler”. Desta forma, a criança, quando lê com um adulto, sabe que este a irá ajudar na leitura, sem que tenha receios de não ser capaz.

Dia 09 de maio de 2011

Na primeira parte desta manhã de estágio, os alunos fizeram a leitura de um texto do manual da mesma forma que já foi referido no relato anterior.

Após terminada a leitura dei uma aula de 5.º Dom de Fröebel. Comecei por distribuir o material e rever as regras para a utilização do mesmo. De seguida, contei uma história onde introduzi algumas situações problemáticas. Estas estavam relacionadas com a construção que dei na aula: a casa. Os alunos tinham materiais não estruturados (abelhas, joaninhas em madeira e flores em feltro) para ajudar à realização das mesmas.

Depois do intervalo, os alunos estiveram na aula de Música. A minha colega e eu estivemos com a professora a falar sobre a minha aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

A história associada ao material Dons de Fröebel, segundo Caldeira (2009b, p.331) “pretende consolidar a aprendizagem de algumas construções aprendidas” com este material. Durante a história as situações problemáticas que introduzi estavam associadas à construção bem como ao material não estruturado que distribuí.

A autora acima citada (p.302) refere o interesse pedagógico deste material dizendo que desenvolve: “equilíbrio”; “lateralidade”; “noção espacial”. Permite também “contagem”; “raciocínio lógico”; “cálculo mental”; o uso de “números racionais”; “situações problemáticas”; a realização de “construções”; e “criatividade”.

Dia 10 de maio de 2011

Os alunos começaram este dia da forma habitual: a leitura individual de um texto do manual.

Posteriormente, a colega do outro mestrado deu a sua segunda manhã de aulas. Nesta, começou pela área de Estudo do Meio. Toda a aula teve como suporte o tema “o morangueiro”.

A estagiária, antes de iniciar a aula falou com os alunos sobre as regras de sala de aula, bem como sobre o tema que iriam abordar. Mostrou uma apresentação em *Powerpoint* com a constituição desta planta, revendo as suas partes. Esclareceu, também, algumas curiosidades dos alunos. Para que os mesmos percecionassem melhor esta planta, mostrou um morangueiro verdadeiro a todos os alunos da turma, passando fila a fila.

Após terminada esta exploração, questionou os alunos sobre quais as utilidades do morango. Uma aluna da turma referiu “mousse de morango” e reforçou a ideia dizendo que era isso que iam fazer. Explicou ainda que, para a fazer, iriam precisar de uma receita e que os eles próprios tinham que compor. Deu, assim, início à área de Língua Portuguesa. Nesta os alunos completaram um texto lacunar sobre a receita de mousse de morango. Escreveu no quadro as palavras que deveriam colocar em cada espaço. Após a realização do mesmo, e com o auxílio dos alunos, fez uma mousse de morango.

Depois do intervalo, realizou algumas situações problemáticas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A colega criou, durante esta aula, um bom ambiente, visto que proporcionou atividades diversificadas aos alunos.

Durante grande parte da aula foram criados momentos de diálogo com os alunos. Sá (2002, p.78) revela que dentro da sala de aula deve existir um clima de “empatia, confiança e à-vontade” entre o professor e os alunos para que estes se sintam livres não esquecendo contudo as regras de sala de aula. O mesmo autor refere ainda que o professor deve “dar à criança margem de autonomia” para que desenvolva o seu pensamento tornando-se mais autoconfiante.

O facto de as crianças dialogarem em sala de aula, criarem algum burburinho e agitação, como foi o caso desta aula, não sendo em exagero, torna-se natural. O autor acima citado informa que “o professor terá, pois, que aceitar como natural um certo nível de ruído na sala”.

Segundo Harlen (1992, citado por Sá, 2002, p.80) “falar e ouvir favorece a base para a acção” visto que a criança, através do debate, aprende a ouvir as ideias dos outros e a formar as suas próprias ideias.

Dia 13 de maio de 2011

Esta manhã de aula teve início com a leitura, dos textos do manual, feita pelos alunos. De seguida, fomos chamadas para assistir a uma aula surpresa da estagiária na sala do outro 1.º ano. Foi-lhe pedido que fizesse a interpretação de um texto do manual e a respetiva análise gramatical. A colega começou por fazer a leitura do texto e só depois pediu que os alunos lessem. De seguida, questionou-os sobre algumas coisas expressas no texto. Por fim, solicitou que alguns alunos analisassem, morfologicamente, algumas palavras.

Quando terminou a aula, a orientadora da Prática Pedagógica que estava na sala, pediu aos estagiários para se dirigirem à sala outra sala do 1.º ano e que levassem caixas do material Cuisenaire. Chamou-me à parte e disse que ia dar aula surpresa. Pediu que, com o material acima referido, fizesse revisões sobre números pares e números ímpares. Comecei, então, por rever algumas regras do material e expliquei que os alunos tinham que partilhar as caixas, visto que só havia uma caixa para cada dois alunos, o que gerou alguma agitação. Após esta explicação, comecei por contar uma história e introduzi algumas situações problemáticas. Foi com o resultado das mesmas que fiz a revisão do que me foi pedido para esta aula.

Após terminar a minha aula, subimos até à sala do 2.º ano e assistimos a aula surpresa do colega. Foi-lhe pedido que, usando o mesmo material que utilizei para a minha aula, explorasse a leitura de números e a multiplicação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Este foi um dia em que vários estagiários deram aulas. As aulas dadas pelos estagiários contribuem muito para a sua formação. Altet (2001, p.32) cita os resultados de um estudo elaborado por Dep e Mafpen, que menciona que a formação “parte da prática”. Através da prática, os futuros professores refletem “sobre as práticas reais” que observam ou que resultaram das suas aulas lecionadas. Os mesmos autores salientam que “os professores e os formadores adquirem seu saber profissional «em campo, na acção, por seus próprios meios, através da sua experiência».” O futuro profissional vai-se assim se desenvolvendo, na medida em que através da prática adquire “o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo”.

Para estes autores “a formação profissional é uma construção pessoal que se apoia em ações práticas quotidianas em sala de aula, seguidas da reflexão e da análise dessas ações, análise esta levada a efeito juntamente com um formador, um tutor ou outros professores de mesmo nível”.

As aulas lecionadas neste dia, bem como todas as outras, são sempre seguidas de reuniões com os Orientadores da Prática Pedagógica, com os quais refletimos sobre o que aconteceu durante a aula com o intuito de melhorar a nossa formação profissional.

Dia 16 de maio de 2011

Nesta manhã de estágio, os alunos começaram o seu dia de aulas da mesma forma: leitura de um texto.

Após todos os alunos terem lido, lecionei uma aula extra. A mesma teve por base o 3.º e 4.º Dons de Fröebel. Distribuí as caixas bem como material não estruturado usado na aula do dia nove de maio. Para contextualizar a aula, contei uma história alusiva à construção que pretendia fazer: o poço. Nesta aula, introduzi dois conteúdos novos: o dobro e a terça parte. Para tal, fiz, numa parte inicial, a revisão dos conceitos dobro e metade. De seguida, tentei que os alunos chegassem à noção de triplo e terça parte. Por fim, direcionei diversas questões de cálculo mental que visavam estes dois conteúdos.

Depois de terminar a minha aula, a professora da sala distribuiu uma ficha de trabalho que continha exercícios destes conteúdos iniciados por mim. Durante a realização da mesma, as minhas colegas de estágio e eu ajudámos os alunos.

Depois do intervalo, os alunos estiveram na aula de música.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de o 3.º e o 4.º Dons de Fröebel estarem juntos cria um maior grau de dificuldade para os alunos. Caldeira (2009b, p.285) afirma que a junção dos dois permite criar “maior diversidade nas actividades”. Com a junção dos mesmos também é possível criar “diferentes construções”. As “situações problemática” a serem elaboradas também podem ser mais complexas. Exige também, por parte dos alunos, um “maior equilíbrio”. Os alunos não apresentaram dificuldades na execução da construção.

Dia 17 de maio de 2011

Neste dia, os alunos fizeram a leitura individual de um texto do manual. Após terminada, a professora distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa, na qual os alunos tinham que classificar morfologicamente os nomes quanto ao género e ao número.

Continham, também um exercício de classificação de palavras quanto ao número de sílabas.

Depois do intervalo, a professora distribuiu uma placa de Geoplano a cada aluno e alguns elásticos. Solicitou que o dividissem em quatro partes iguais. Pediu que, numa parte, representassem um quadrado, noutra um triângulo, noutra um losango e noutra um polígono com cinco lados. Após a representação, a professora questionou os alunos quanto ao número de lados dos polígonos. Questionou-os também sobre que sólidos geométricos podem ter nas faces estes polígonos.

Durante a aula, a professora fez uma pequena confusão entre paralelogramo e losango. Pediu que um aluno desenhasse um losango e este desenhou da forma correta. Contudo, a professora referiu que não era um losango o que estava desenhado mas sim um paralelogramo.

Nesta aula, um aluno não estava a cumprir as regras de sala de aula e a professora, após o ter repreendido diversas vezes, disse-lhe para sair da sala e se sentar numa mesa do salão com trabalhos para fazer, que tinha em atraso. Embora o tenha posto fora da sala, manteve a porta aberta para o ir vigiando.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula, a professora utilizou um material estruturado e solicitou que os alunos representassem algumas figuras geométricas. Depois dos alunos as terem representado, a professora dialogou com os alunos sobre as suas características bem como os objetos que podemos encontrar no quotidiano das crianças.

Serrazina e Matos (1996, p.52), referem que “as figuras devem ser associadas a objetos do dia-a-dia”.

Os autores acima citados referem que este material ajuda as crianças a “explorarem problemas geométricos”. (p.13) Através deste material, os alunos representam e podem também perceber as figuras de diversas formas. Torna-se um material dinâmico na medida em que os alunos podem “desenhar” e “apagar” o que fizeram de uma forma fácil. (*idem*)

A professora da sala, como já referi, colocou um aluno de castigo. Este tipo de procedimentos, por parte dos professores, deve ser evitado. Nascimento (2007, p.28), alerta para que os castigos possam muitas vezes ser entendidos pelos alunos como consequências positivas. No caso deste aluno, ele não ficou preocupado com a sua saída da sala de aula. Possivelmente, até foi a oportunidade de sair dali.

O autor, acima citado, aconselha a que “se ao invés de reforçar os comportamentos disruptivos, o professor os ignorasse e recompensasse os comportamentos desejados, estes passariam a ocorrer com muito mais frequência”.

Desta forma, o professor deve ponderar as suas reações para criar um melhor ambiente em sala de aula.

Dia 20 de maio de 2011

Esta manhã de aulas, outra colega do mestrado de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico da turma de Pós-Laboral, que desde este dia fez estágio nesta sala coincidindo com a minha colega e comigo apenas à sexta-feira, deu a sua aula assistida pelas orientadoras da Prática Pedagógica.

A aula tinha como tema “higiene e segurança na praia”. Para a abordagem da mesma, a estagiária vestiu-se de nadador salvador. Expôs uma apresentação em *Powerpoint*, que continha imagens referentes aos cuidados a ter na praia, bem como às bandeiras nela existentes. Direcionou questões aos alunos sobre as suas experiências e conhecimentos sobre o tema.

Posteriormente, afixou um texto lacunar no quadro. Este texto, no espaço da palavra em falta, tinha uma imagem. Pretendia-se assim que os alunos a substituíssem por palavras soltas (que fizessem sentido) que a mesma tinha ao lado do quadro.

No que respeita à Matemática, distribuiu caixas de 3.º e 4.º Dons de Fröebel a fim de os alunos representarem a mobília de quarto. Para introduzir a construção, contou uma pequena história seguida por situações problemáticas.

Depois da aula, fomos ter reunião com as orientadoras da Prática Pedagógica para discutir a aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

As Orientadoras da Prática Pedagógica, segundo Jacinto (2003, p.51) devem “valorizar a observação, a análise e a reflexão do ensino” com o objetivo de aperfeiçoar as práticas do aluno estagiário para que este se torne mais autónomo.

Na reunião, as orientadoras criam momentos de reflexão sobre as aulas dos alunos. O autor acima referido completa esta ideia, dizendo que estas reflexões levam os alunos a “desenvolver uma atitude investigativa acerca do ensino e da aprendizagem, no sentido de resolver os problemas práticos”.

Desta forma, os alunos têm oportunidade de identificar a forma como devem evoluir, o que devem e como devem melhorar determinadas práticas menos corretas que cometam.

Dia 23 de maio de 2011

Neste dia, não comparecemos no Jardim-Escola de Alvalade pois houve reunião com os elementos da orientação da Prática Pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Inferências/Fundamentação Teórica

As reuniões de estágio são momentos de partilha e de reflexão por parte de alunos futuros professores e de Orientadores da Prática Pedagógica.

Segundo Kelchtermans (2009, p.86-87), a reflexão torna-se deveras importante para melhorar as práticas letivas. Para ele, “através da análise reflexiva, um professor procura adquirir conhecimentos e destrezas de modo a melhorar a eficácia do seu ensino ou pode ser guiado por uma preocupação em resolver problemas técnicos”.

Assim, durante as reuniões, é feita uma reflexão sobre as práticas adotadas e é feita uma sugestão de melhoramento sempre que seja necessário.

Para mim, estas reuniões são de extrema importância para poder evoluir enquanto futura profissional.

Dia 24 de maio de 2011

A professora deu início à aula distribuindo uma ficha de Matemática que continha situações problemáticas relacionadas com os conteúdos: triplo, metade e terça parte. Estas estavam associadas ao material Cuisenaire.

Após concluída a ficha de Matemática, foi distribuída uma ficha de Língua Portuguesa. Nesta era pretendido que os alunos escrevessem as palavras que a professora ditava. As palavras foram bola, batata, bolacha, copo, caneta, abelha, flor, maçã, ovos.

Neste dia não tiveram aula de música.

Inferências/Fundamentação Teórica

A prática dos exercícios ortográficos (ditados) é uma atividade através da qual os alunos adquirem a prática da escrita. Condemarín e Chadwick (1987, p.184), citam uma pesquisa feita por investigadores que revela as vantagens deste tipo de atividade.

Para Gipe (1980) citado pelos autores acima referidos, “o ditado favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto”. Segundo este autor, é através do “método contextual” que os alunos aprendem vocabulário.

Para outros investigadores “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade da atenção das crianças”. Enquanto a professora ditava, muitos alunos não estavam atentos. Penso que esta prática deve ocorrer com maior frequência, sobretudo numa sala de primeiro ano.

Dia 27 de maio de 2011

Neste dia dei a minha primeira manhã de aulas, nesta sala. Para a mesma, a professora sugeriu-me que escolhesse um tema adequado à faixa etária dos alunos e que o utilizasse nas três áreas. O tema que escolhi foi “o bicho-da-seda”.

Iniciei a aula com a leitura da lenda deste ser vivo. Utilizei um livro em A₃ que continha a mesma e apresentei as imagens do livro numa apresentação em *Powerpoint*. Após terminar a leitura, direcionei algumas questões sobre a mesma para verificar se os alunos a tinham compreendido. De seguida, expliquei que este animal sofre metamorfoses e, por isso, tem um ciclo de vida elaborado. Mostrei o ciclo de vida do mesmo, apelando ao que os alunos já sabiam sobre o tema.

Depois do intervalo, distribuí uma proposta de trabalho que continha algumas imagens do ciclo de vida deste animal para que os alunos as legendassem de forma a construírem uma história. Esta ficha foi feita em conjunto e eu ia registando no quadro o que os alunos me diziam. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.198).

Terminada a proposta de trabalho, distribuí uma proposta de Matemática que continha situações problemáticas de lógica. Distribuí, ainda, bichos-da-seda impressos em papel para que os alunos concretizassem o que era pedido. Não consegui terminar esta atividade, pois os alunos não estavam atentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como foi referido, o tema desta aula foi escolhido por mim. Morgado (2004, p.90) alerta para que as atividades selecionadas pelo professor devem estar adequadas ao nível de competência dos alunos que as vão realizar. Considero que as atividades que planeei estavam de acordo com as competências dos alunos na medida em que foram bem executadas pelos mesmos.

Na aula de Língua Portuguesa, criei um momento em que os alunos estiveram a realizar uma atividade de expressão escrita em conjunto. Este tipo de atividades são relevantes para a aprendizagem dos alunos, visto que existe interação entre eles.

Martins e Niza (2000, p. 170), caracterizam este modelo de escrita como escrita em interação. Para estes autores, na escrita em grupo, os alunos têm que “explicitar e negociar não só o que se vai dizer, como o modo como se vai pôr esse significado em palavras”. Durante a aula, foi isso que aconteceu. Permite que os alunos dialogassem entre eles, para chegarem a uma correta legenda da imagem. Contudo, foi notório que alguns alunos não aceitaram bem as ideias dos restantes.

Dia 30 de maio de 2011

Como não consegui terminar a minha aula do dia vinte e sete, pedi à professora da sala para a concluir neste dia. Realizei outra proposta de trabalho com os mesmos conteúdos. A proposta foi feita em conjunto com todos os alunos e registada no quadro pelos mesmos.

Quando terminei a aula, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa. Esta continha um texto intitulado “A casa do Caracol” de Rui Pedro Monteiro e um questionário. A minha colega e eu auxiliámos os alunos a fim de lhes esclarecer as dúvidas que apresentassem.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos tiveram bastante dificuldade em interpretar os exercícios de lógicas, apresentados na proposta de trabalho.

Ponte e Serrazina (2000, p.50) referem que a interpretação “envolve racionalizar entre si conceitos matemáticos ou suas representações ou relacionar conceitos e representações matemáticos e não matemáticos”.

Ao longo da aula, verifiquei que os alunos não têm muitos conceitos de Matemática, desenvolvidos. Tiveram dificuldades em situações básicas como fazer uma sequência de números. Assim, e segundo os autores acima citados, para desenvolver a capacidade de interpretação dos alunos, o professor deve “dar-lhes oportunidades de usar diversos tipos de representações e familiarizar-se com elas”.

Durante a aula tentei que os alunos explicassem o seu raciocínio depois de terem resolvido os exercícios.

Dia 31 de maio de 2011

Neste dia, a minha colega iniciou a manhã de aulas lecionando uma aula extra. Para esta aula utilizou o material estruturado Tangran. A estagiária distribuiu uma caixa deste material a cada dois alunos. Não contou nenhuma história para introduzir a aula e afixou no quadro uma folha em grande com os algarismos 1, 2, 4 representados com as peças do material, mas em sombra. Seguidamente, solicitou que os alunos tentassem representá-los com as peças. Cada fila representou um algarismo. Posteriormente, distribuiu uma proposta de trabalho. A minha colega solicitou que os alunos registassem o maior número possível de números formados com estes três algarismos. Durante a aula, a estagiária fez alguma confusão entre a noção de número e algarismo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula, a minha colega trabalhou o sentido de número com os alunos. Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p.46) “todos os alunos devem adquirir uma compreensão global do número e das operações a par da capacidade de usar essa compreensão de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias uteis de manipulação dos números e das operações”.

Assim sendo, os alunos têm que praticar para adquirirem este sentido de número. Os autores acima citados reforçam esta ideia referindo, que “a compreensão dos números e do sistema decimal constitui o alicerce sobre o qual a maioria das capacidades matemáticas é construída” (p.47).

A aula da minha colega foi bem conseguida, os alunos compreenderam que os algarismos podem ter diferentes posições no número, representando, assim, quantidades bastante diferentes.

Dia 03 de junho de 2011

Durante toda a manhã de estágio a minha colega deu aula. Iniciou pela área de Língua Portuguesa onde abordou o conteúdo: o grau dos nomes. Para a exploração do mesmo distribuiu uma proposta de trabalho que continha um texto intitulado “A gata gatinha”. Este texto estava repleto de nomes nos diversos graus. Assim, a estagiária fez a exploração do mesmo não só quanto ao seu conteúdo, mas também quanto à forma como as palavras eram apresentadas. Posto isto, explicou que os nomes podem ter diversos graus. A proposta de trabalho continha ainda exercícios sobre este conteúdo para que fosse possível a consolidação.

De seguida, distribuí duas palhinhas e um quadrado de papel de lustro aos alunos, com a finalidade de explicar a noção de ângulo, ângulo reto, ângulo agudo e ângulo obtuso. Para que os alunos compreendessem este conteúdo sem ter que falar de graus, a minha colega adotou uma estratégia diferente.

Explicou o que é um ângulo reto, dizendo que, quando se coloca o quadrado de papel no vértice do ângulo, os lados do quadrado tocam nos lados do ângulo. Para explicar a noção dos outros dois tipos de ângulos disse que, quando uma palhinha está mais voltada para o lado direito, é agudo, quando está mais voltada para o lado esquerdo, é obtuso.

Por fim, iniciou a área de Estudo do Meio na qual abordou o tema prevenção rodoviária. Para tal, expôs uma apresentação em *Powerpoint* com imagens, texto e dois vídeos. Pediu a alguns alunos para lerem o que estava explicitado nos diapositivos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega, na área de Matemática, recorreu ao uso de um material não estruturado. Segundo a Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2006, p.180), os alunos devem “manipular, explorar, construir, transformar e relacionar” para desenvolver noções geométricas. Durante esta aula, os alunos manipularam, exploraram e construíram ângulos, a fim de compreender a noção dos mesmos bem como os diversos tipos.

Para que as crianças desenvolvam noções geométricas é necessário que “encontrem na escola ambiente, oportunidade e material para se dedicarem a jogos e brincadeiras”. Nesta aula, os alunos aprenderam estes conteúdos, de uma forma útil e lúdica.

Dia 06 de junho de 2011

Neste dia tinha programado dar a minha segunda manhã de aulas. Contudo, só foi possível dar a área de Estudo do Meio, pois na outra sala do 1.º ano houve uma aula assistida e a professora da sala teve que ir para a reunião. Assim, a professora da minha sala teve que ficar com as duas turmas.

A aula de Estudo do Meio, que lecionei, teve como tema o sistema solar. Para iniciar a aula, distribuí aos alunos uma proposta de trabalho com o Sol, as órbitas dos planetas e espaços para escrever os nomes dos mesmos, bem como um envelope com imagens dos planetas em papel. Pretendia que os alunos, visto que já abordam

este tema desde os três anos, colocassem os planetas na órbita correta e escrevessem o respetivo nome. Contudo, os alunos não foram capazes de o fazer e tive que alterar a estratégia. Optei por mostrar uma apresentação em *Powerpoint* e, depois de explicar os conteúdos inerentes a um planeta, dava tempo para que os alunos realizassem a atividade que tinha proposto anteriormente. No fim, dei algum tempo para um pequeno debate sobre algumas curiosidades que os alunos tinham sobre os planetas.

Neste dia, não houve aula de música.

Depois da minha aula, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa, que continha espaços para que os alunos escrevessem palavras que a professora ditava e a respetiva ilustração. Contudo, a professora teve que se ausentar para falar com uma mãe. A minha colega e eu ficámos com os alunos a fazer o ditado das palavras. As palavras eram boneca, balão, mão, gato, girafa, capa, mala, faca e figo. Os alunos, por a professora se ter ausentado, estiveram indisciplinados durante o período em que estiveram connosco.

Inferências/Fundamentação Teórica

As estratégias que o professor adota para lecionar as suas aulas devem ser bem refletidas e ponderadas. Contudo, na prática, nem sempre resultam e têm que ser adaptadas às situações que surgem na sala de aula.

Roldão (1995, pp.54-55) refere que, quando se planificam as estratégias para aplicar em sala de aula, devemos ter em conta determinados aspetos: i) “assegurar-se da relevância da aprendizagem que se pretende alcançar”; ii) “não confundir o interesse da tarefa pelo interesse da aprendizagem, mas antes fazer com que uma tarefa atraente conduza a uma aprendizagem efectiva e significativa” e iii) “garantir a sistematização e estruturação das aprendizagens visadas com uma determinada estratégia”.

Na área de Estudo do Meio tinha pensado iniciar com os alunos o preenchimento de uma proposta de trabalho para introduzir o tema, como referi em cima. Esta estratégia, que tinha delimitado para iniciar a aula, não resultou como esperava. Acabei por alterá-la, no momento, para outra que proporcionasse uma aprendizagem mais significativa.

Dia 07 de junho de 2011

Na primeira parte desta manhã de estágio, duas estagiárias de 2.º ano deram aula. Cada uma fez uma atividade experimental.

A primeira distribuiu um protocolo experimental e solicitou que alguns alunos o lessem em voz alta. À medida que liam os procedimentos, a estagiária realizava a experiência.

A segunda estagiária, distribuiu o protocolo experimental e o material para a realização da experiência. Desta forma, os alunos realizaram-na à medida que liam os procedimentos.

Depois destas aulas e depois do intervalo, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática. Esta tinha uma parte inicial a explicar como se realiza a subtração com empréstimo e exercícios de aplicação deste conteúdo.

Inferências/Fundamentação Teórica

As atividades práticas são de extrema importância para o desenvolvimento das crianças como já referi no dia quinze de março. Contudo, estas atividades devem ser pensadas pelo professor de uma forma coerente e bem planeada. Segundo Pereira (2002), o professor deve ter consciência se a atividade que pensou é apropriada à faixa etária e se considera pertinente para as aprendizagens futuras dos alunos.

As atividades a desenvolver com os alunos também podem ser de dois tipos. Segundo Pereira (2002, p.85) estas atividades podem ser abertas ou fechadas. Nas atividades abertas é o aluno que “gera a questão a estudar, define o que pensa conseguir com a actividade, quem a planeia e executa”. A atividade fechada é aquela em que “o papel da criança é seguir as instruções do professor, sendo este que define os objectivos da actividade”:

Nesta aula o que observei foi uma atividade fechada. Os alunos apenas executavam o que as estagiárias diziam.

Dia 14 de junho de 2011

Neste dia de estágio os alunos estiveram a realizar a prova de avaliação de Língua Portuguesa. A minha colega e eu estivemos a auxiliar alguns alunos com mais dificuldades a ler as questões da prova.

Depois da aula, deu uma aula extra de 5.º Dom de Fröebel, decidiu introduzir uma construção nova criada por si: cavalos e fonte. Não contou nenhuma história, apenas iniciou logo a explicação da construção.

Após estar concluída, colocou algumas situações problemáticas. Para que os alunos as concretizassem, distribuiu um material não estruturado (cenouras impressas em papel).

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de a minha colega ter associado um material não estruturado 5.º Dom de Fröebel, ajudou os alunos a concretizarem operações que a minha colega lhes pedia.

Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p.47) estes materiais contribuem para uma “compreensão consistente”. Os alunos, ao concretizarem aquilo que lhes é pedido, acabam por tornar a sua aprendizagem mais significativa e motivadora.

Os autores referidos em cima, referem que através dos materiais os alunos falam dos objetos concretos quando explicam os seus raciocínios.

Durante a aula, a minha colega tentou que os alunos explicassem o seu raciocínio até chegarem à resposta. Assim, “a vivência de experiências, acompanhada de discussão, é extremamente importante para que os alunos vão estabelecendo ligações entre a linguagem oral e os símbolos e vão desenvolvendo a capacidade de gosto de raciocinar”. Foi notório que muitos alunos não conseguem ainda explicar o seu raciocínio.

Dia 17 de junho de 2011

Nesta manhã de estágio, a minha colega deu aula toda a manhã. Esta aula foi de tema livre. A minha colega escolheu o tema o porquinho-da-Índia. Desta forma, abordou o tema em todas as áreas.

Para começar, fez a revisão das regras de sala de aula. Desta forma, explicou que tinha um animal na sala e que os alunos se tinham que comportar bem para que este não se assustasse. Acabou por mostrar logo o animal, deixando estar, em cima de uma mesa, a gaiola do mesmo.

Começou com a área de Matemática. Para esta aula utilizou Calculadores Multibásicos. Abordou a soma e a subtração.

Posteriormente, explicou, através de uma apresentação em *Powerpoint*, as características do porquinho-da-índia (mamífero, onde surgiu e alimentação).

Por fim, realizou uma proposta de atividade com os alunos onde tinham que completar um texto lacunar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Toda a aula dada pela minha colega teve como fio condutor um animal. Segundo a Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2006, p.116), no bloco 3 – À descoberta do ambiente natural da área de Estudo do Meio é referido, na parte do 2.º ano, devem ser criadas atividades em que o aluno possa “observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo”.

O animal que escolheu é um animal que parte das crianças tem, ou já teve, como animal doméstico.

Também é referido que os alunos devem “reconhecer as características externas de alguns animais”. A minha colega explicou que este animal pertencia à classe dos mamíferos e que tinha o corpo coberto de pelos. Fez também alusão a outros animais que também tinham pelos.

A Organização Curricular e Programas, Ministério da Educação (2006, p.116) menciona ainda a importância de “recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...)”. Nesta aula, não solicitou que os alunos recolhessem dados, mas sim que apelassem aos seus conhecimentos e práticas para abordar estas questões, visto que muitos alunos têm este animal em casa.

Dia 20 de junho de 2011

Neste dia estive no Jardim-Escola João de Deus da Estrela a assistir às Provas Práticas de Aptidão Profissional.

Dia 21 de junho de 2011

Esta manhã de estágio teve início com aulas das estagiárias de 2.º ano. Ambas as aulas tiveram como tema os sinais de trânsito. Os alunos abordaram, cada um, dois tipos de sinais de trânsito e realizaram uma proposta de trabalho com os alunos.

Depois do intervalo, a professora distribuiu uma ficha de trabalho (anexo) que continha um texto e alguns exercícios.

Durante a aula das alunas do segundo ano, estive ao pé de um aluno a pedido da professora. Este aluno, durante as aulas, mostra ter uma postura incorreta, não respeitando as regras de sala de aula. No intervalo, estive a conversar com ele que me disse que não tinha comportamentos adequados em sala de aula porque sentia que a professora não gostava dele e não o abordava da mesma forma que aos outros elementos da turma.

Inferências/Fundamentação Teórica

Através da conversa com o aluno compreendi que este estava bastante desmotivado em relação à escola devido à postura que a professora adotou com ele. O professor deve ter em conta as posturas que adota em sala de aula pois isso pode influenciar os alunos. Amado (2000) refere que:

a maneira do professor dar as aulas (...) e que se materializa no conjunto de actividades de ensino-aprendizagem que o professor propõe à turma (...) constitui um dos factores mais importantes para a compreensão do comportamento dos alunos na sala de aula, comportamento que é suposto ser de atenção e de participação consciente e voluntária. (p.223)

Desta forma, a maneira como o professor dá as suas aulas, bem como a forma como interage com os alunos, condiciona o comportamento dos mesmos.

O autor acima referido (2000, p.249-250) menciona que os procedimentos adotados pelo professor, muitas vezes, são “interpretados pelos alunos como injuriosos e injustos” devido “às indirectas”, “as admoestações irónicas, puxar as orelhas, práticas de avaliação”. Com estas atitudes do professor, os alunos sentem-se afrontados, “dando origem a retaliações”.

Penso que foi o que aconteceu com esta professora e este aluno. O aluno nem sempre se comporta bem e a professora adotou uma postura defensiva levando a que ele se sentisse indignado. Assim, torna-se pertinente que o professor reflita nas posturas que toma em sala de aula, com o intuito de criar um bom ambiente dentro da mesma.

Dia 24 de junho de 2011

Em virtude de na véspera deste dia ter sido feriado, neste dia houve *roullement*. Os alunos das duas turmas do 1.º ano estiveram na mesma sala a fazer jogos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante toda a manhã os alunos estiveram a realizar jogos. Parte da turma realizou jogos de grupo, outra parte jogos individuais. Foi notório verificar que os alunos estavam bastante satisfeitos por terem um dia diferente na escola.

Neto (1997, p.19) cita estudos que referem os aspetos positivos do jogo e da atividade física visto que estes melhoram a “percepção de si próprio, eficácia pessoal, auto-estima, interação social e bem-estar psicológico”.

Assim sendo, os jogos devem ser aplicados em sala de aula com alguma frequência, a fim de desenvolver a socialização dos alunos.

Dia 27 de junho de 2011

Neste dia de estágio dei aula de Matemática (aula que era para ter sido dada no dia seis de junho). Esta aula teve como tema o euro. Para tal, comecei por mostrar uma apresentação em *Powerpoint*, onde explicava o que é o euro, porque é que surgiu, quais os países onde circula e quais as notas e moedas. Quando abordei os tipos de notas e moedas tentei colocar situações de cálculo mental como por exemplo “Quantas notas de 5€ são necessárias para se obter 20€?”

Posteriormente, distribuí uma carteira com dinheiro de brincar e envelopes, a todos os alunos, que continham um cartão. Este cartão tinha uma imagem de quatro objetos e os respetivos preços. No verso, tinha uma situação problemática. Era pedido que os alunos calculassem se tinham dinheiro para comprar todos os objetos. Contudo, os alunos expressaram alguma dificuldade em realizar o mesmo.

Depois do intervalo, os alunos estiveram no recreio com o professor de música a realizar ensaios para a festa de final de ano. Este ensaio foi realizado em conjunto com todos os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula os alunos contactaram e trabalharam com dinheiro. Ponte e Serrazina (2000, p.201), referem que a grandeza dinheiro não deve ser tratada como as outras grandezas (comprimento, tempo, área, etc.).

Para estes autores “o professor deve partir do princípio que há um certo número de moedas que já são familiares às crianças e estas devem compreender a relação entre elas”. Os alunos compreenderam bem a relação entre as várias moedas. Fui colocando sempre questões dirigidas para que os alunos compreendessem a sua relação.

Dia 28 de junho de 2011

No presente dia, terminei a aula que propus dar no dia seis de junho. Lecionei a área de Língua Portuguesa, que teve como conteúdo a abordar a classificação das palavras quanto à acentuação. Para explicar o conteúdo, fui fazendo um esquema no quadro. Comecei por rever a noção de sílaba, sílaba forte e sílaba fraca.

De seguida introduzi a noção de sílaba tónica e sílaba fraca. Posteriormente, expliquei que as palavras não tinham sempre a sílaba tónica na última sílaba.

Após a explicação do conteúdo, joguei um jogo de tabuleiro com os alunos. Distribuí uma proposta de trabalho que continha uma tabela.

O jogo consistia no lançamento de um dado, pelos alunos, para avançarem para a casa correspondente. Se fosse uma casa de sorte, teriam que tirar uma pista para procurarem uma palavra, a fim de a classificarem quanto à acentuação. Esta palavra era registada na proposta de trabalho.

Depois do intervalo, dei uma aula extra de Matemática. Esta aula teve como suporte o material Cuisenaire. Elaborei itinerários com os alunos. Antes de começar a utilizar o material, fiz dois itinerários com os alunos na sala de aula. Só depois distribuí uma proposta de trabalho (anexo). Os alunos tinham que perceber quantos a quantos passos me referia quando utilizava expressões como “o dobro de dois”, “metade dos espaços dados anteriormente”, etc..

Inferências/Fundamentação Teórica

O jogo é uma prática lúdica. Elkonin (1998, p.11) define o jogo como forma de “entretenimento ou diversão”. Neto (1997, p.5) informa que “o jogo é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância e altamente atractiva e integrante”. Desta forma, criei um jogo para aplicar os conteúdos abordados durante a aula.

Durante o jogo, os alunos estiveram bastante entusiasmados e empenhados em descobrir as pistas que eu lançava e encontrar a palavra para classificar. No geral, todos os alunos conseguiram classificar as palavras podendo considerar esta atividade como bem conseguida.

Dia 01 de julho de 2011

Neste dia os alunos já não tiveram aulas em virtude de o ano letivo ter terminado. Assim deu-se início à época de roulement. Os alunos das duas turmas de 1.º ano juntavam-se numa sala e realizavam jogos ou atividades livres. Esta época durou até ao último dia de estágio (08.07.2011).

1.6 - 6.ª Secção

1.6.1. Descrição da secção

A presente secção destina-se ao Estágio Profissional no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Em virtude de a Associação de Jardins-Escolas João de Deus ainda não ter este nível de ensino em Lisboa, o nosso estágio teve que ser realizado em Colégios fora da realidade João de Deus. O Colégio escolhido, por mim, foi um colégio particular em Lisboa.

Período de estágio: de 27 de setembro de 2011 a 24 de janeiro de 2012

Anos de escolaridade: 5.º e 6.º anos

Turmas: 5.º ano e 6.º ano

1.6.2. Breve caracterização da escola

Esta escola situa-se em Lisboa. Está inserida numa zona com bastante comércio. É um colégio que possui uma pedagogia própria e diferenciada.

Esta escola acolhe crianças desde os três anos até ao ensino secundário.

A nível de infraestruturas, esta escola possui uma igreja, uma capela para os alunos, dois auditórios, várias salas de reuniões, uma piscina, vários campos desportivos exteriores, um pavilhão desportivo, uma sala de Ballet, uma sala de expressão motora infantil, duas bibliotecas e uma sala de leitura, laboratórios, quatro refeitórios, três salas de informática, cinco salas de educação visual, uma sala de jogos e um posto médico.

Em seguida apresento o quadro 8 que se remete ao nosso horário neste Colégio.

Quadro 8 – Horário estágio no 2.º Ciclo

HORAS		2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Início	Termo					
08.30	10.00					6.º - MAT
10.25	11.55		5.º - MAT			6.º - LPO
12.05	12.50		5.º - HGP			6.º - CN
13.40	14.20		Reunião			
14.35	16.05		6.º - LPO			5.º - HGP

1.6.3. Relatos diários

Dia 27 de setembro de 2011

No presente dia, e em virtude de ser o primeiro no colégio, os meus colegas de estágio e eu estivemos com a professora responsável pela coordenação do nosso estágio, que nos levou a conhecer as instalações da instituição bem como as regras nela existentes.

Da parte da tarde, assistimos a uma aula de Língua Portuguesa. A professora solicitou que nos apresentássemos aos alunos. De seguida, deu início à aula, com a verificação do trabalho de casa feito pelos alunos, que consistia em estes recolherem contos tradicionais na internet ou em livros. Seguidamente, os alunos realizaram, em voz alta, a leitura do conto tradicional “A noiva formosa” recolhido por Teófilo de Braga, presente no manual escolar dos alunos. Após a leitura, a professora colocou, oralmente, questões de interpretação e reviu as características deste tipo de texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os textos de tradição oral são textos que passam de geração em geração. Segundo o autor acima citado, são textos com “origem indeterminada, perdida no tempo, cuja reprodução coletiva, por via oral, se tem perpetuando ao longo dos séculos” (*idem*, 58). Contudo, segundo Lopes (1987, citado por Bastos, 1999, p.57) parecem estar a desaparecer pois “se as condições materiais de vida mudam, se o quadro circunvizinho é regido por solicitações que acentuam o individualismo, é normal que a cultura oral tradicional, privada das suas raízes, tenda a desaparecer”. Bastos refere que este tipo de textos se insere na forma de narrativa as lendas, os contos, as fábulas e como forma lírica as canções populares, as rimas e os provérbios” (*idem*, p.58).

Este tipo de textos persistem ao longo dos tempos não sendo ultrapassados pois, como refere Costa (1993 citado por Bastos, 1999, p.58) “uma obra ultrapassada não chega sequer a ser tradicional. O tradicional é o que se persiste, o que tem memória e o que é significativo num grupo” (). Este tipo de texto apresenta, assim, um forte potencial pedagógico ao nível social, psicológico e estético.

Os contos têm um forte papel na “formação da personalidade das crianças” (Bastos 1999, p.68).

Através dos contos, de acordo Jean (1981, citado por Bastos, 1999, p.68) com as crianças e jovens “constr[oem], num modo imaginário, por antecipações, repetições ou recorrência «cenar» ou, melhor, cenários existenciais”. Os contos desenvolvem assim a imaginação dos leitores, imprescindível para o desenvolvimento da pessoa “tanto culturais como afectivos, sociais e individuais” (*idem*).

É através deste tipo de texto e da imaginação que transmitem às crianças que estas podem resolver os problemas que possuem no seu interior. A forma e a estrutura “sugerem às crianças imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar melhor a sua vida” (Bettelheim, 197, p.14). As crianças passam durante o seu desenvolvimento por vários obstáculos interiores. Este tipo de texto dá à criança “sugestões, em forma simbólica, sobre como lidar com estes obstáculos para chegar sem risco à maturidade” (*idem*, p. 15). A fantasia criada ao longo dos contos permite “um maior conhecimento dos seus próprios processos psíquicos, aumentando, conseqüentemente, os seus poderes de captação do mundo exterior” (Traça, 1992, pp.115-116)

Bettelheim menciona que os contos de fadas expõem um dilema existencial, que possibilita que a criança “enfrente logo o problema na sua forma mais essencial, ao passo que num enredo mais complexo seria para ela mais confuso” (*idem*, p.16). Nos contos, as personagens são apresentadas de forma clara e com poucos pormenores.

Desta forma, a presença dos contos tradicionais na escola torna-se de extrema importância. A sua apresentação deve ser feita mesmo antes de a criança aprender a ler e a “idade das crianças determinará o grau de exploração e os modos de análise a que se poderá proceder” (Traça, 1992, p.116).

Mas para que o conhecimento destes textos não se perca, ele está inserido nas propostas programáticas da escola nos diferentes níveis de ensino. O conto tradicional trabalhado nesta aula está inserido neste tipo de textos de tradição oral como já referi anteriormente.

Durante a aula, os alunos mostraram-se muito entusiasmados com o texto. Participaram bastante nas questões que a professora colocou. Segundo esta autora referida anteriormente, “cada criança reage à sua maneira, segundo a sua personalidade, temperamento, imaginação, sensibilidade e «sem dúvida igualmente sobre os dados escondidos do seu inconsciente» ” (Traça, 1992, p.123).

Dia 30 de setembro de 2011

- Matemática

Neste dia, os alunos começaram por rezar a oração da manhã. Seguidamente, a professora solicitou que se dirigissem para a igreja para terem a sua manhã de reflexão. Estas manhãs surgem uma vez por período e consistem em passar uma manhã na igreja a refletir sobre determinados temas.

Na igreja, os alunos foram recebidos por dois jesuítas e um pároco. Estes dirigiram esta manhã. Começaram por sentar os alunos em roda e solicitaram-lhes que se apresentassem dizendo o nome, uma coisa que gostassem de fazer e uma pessoa que os tivesse marcado ou de que gostassem muito. Os meus colegas de estágio e eu também fomos envolvidos nesta atividade. Foi notório verificar que muitos alunos referenciaram que a pessoa que mais gostavam era uma familiar que já tinha falecido.

Depois desta pequena reflexão, os alunos visionaram um filme alusivo ao tema proposto pelo colégio para este ano letivo: luzes, sinais, ação.

Após terminarem, formaram grupos de três alunos e estes tiveram que escrever uma pequena cena de um filme. Cabia aos alunos escolherem as personagens, o espaço e a ação bem como a ilustração do mesmo.

- Língua Portuguesa

A professora começou por solicitar que alguns alunos lessem contos tradicionais que trouxeram de casa. Apelou a que os alunos fizessem uma correta leitura em voz alta, tanto a nível de entoação como a nível de relação com os ouvintes (olhar para quem está a ouvir).

Posteriormente, abordou a relação entre sentido e forma das palavras (homógrafa, homónimas, homófonas e parónimas).

Para terminar a aula, criou um momento para a eleição da melhor capa do dossier. Percecionei que, em aulas anteriores, a professora tinha pedido aos alunos para decorarem a sua capa e nesta aula foi feita a eleição da melhor.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora começou por promover um pequeno debate com os alunos sobre o que é ter uma alimentação saudável, detetando assim conceções alternativas. No decorrer da aula, um aluno questionou a professora sobre o que é a anorexia e a diabetes.

- História de Portugal

Esta aula teve início com uma breve revisão feita pelos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior. Para o efeito de demonstração das linhas do globo terrestre (equador, paralelos e meridiano), a professora desenhou um esquema no quadro e solicitou à turma que o copiasse para o caderno diário. Seguidamente, referiu a legenda, o título e a escala como características inerentes à construção de um mapa. Para terminar, distribuiu uma ficha de consolidação da matéria dada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Importa salientar que este colégio tem uma elevada crença religiosa e se baseia na Pedagogia Inaciana criada por Inácio de Loiola. Este tipo de pedagogia segundo Fuentes (1999, p.3) “vai muito além de simples instrumentos, materiais, técnicas, implicando atitudes, valores, princípios”. Os alunos são levados a percorrer “todo o processo necessário para alcançar seu crescimento pessoal” (*idem*) acompanhados pelos respetivos professores. O desenvolvimento dos alunos é feito de uma forma consciente e dinâmica através de vários passos que interligam.

Estes passos são, segundo o mesmo autor (p.4), o “contexto”, visto que estão inseridos dentro de uma dada realidade, a “experiência” pois vivência essa realidade, a “reflexão” sobre essa experiência, a “ação” de acordo com a reflexão feita e, por fim a “avaliação” de todo o processo.

Esta pedagogia também se prima pela liberdade e autonomia, visto que o aluno tem liberdade para escolher o trabalho que quer realizar. O aluno apresenta um papel ativo na sua aprendizagem, não sendo apenas um mero ouvinte.

Durante a aula de Língua Portuguesa, a professora alertou os alunos para a correta leitura em voz alta. Neste ciclo de ensino, os alunos já conseguem ler fluentemente e, desta forma, torna-se imprescindível começarem a ler em voz alta correta. Para isso, a professora, à medida que os alunos liam, corrigia-os. Foi possível verificar que os alunos tinham bastante dificuldade ao nível da articulação.

Jean (1999, p.169) refere que a articulação é “uma das maiores dificuldades da leitura em voz alta”. Percebi que, nesta fase, os alunos ainda não conseguem fazer a antecipação da leitura. O autor acima citado refere que esta antecipação consiste em visualizar a palavra antes de a pronunciar. Para que tal aconteça, é necessário recorrer “ao sentido e à estrutura sintática e semântica do texto”.

Para o autor acima citado, este erro acontece porque os alunos se precipitam, nada tendo a ver com a rapidez, mas sim com faltas de atenção e concentração e “ausência de compreensão efectiva daquilo que é lido” (pp.169-170).

Ao nível da entoação os alunos também demonstraram algumas dificuldades. O autor acima referido, define a entoação como as “variações de frequência não de uma única sílaba ou de uma única palavra, mas de toda a frase” (p.173). Nos textos, os sinais de pontuação são bons indicadores da entoação que se deve ter, ao ler determinada frase.

Desta forma, e para que os alunos consigam evoluir enquanto leitores e melhorar as suas técnicas de leitura em voz alta, torna-se imprescindível lerem com muita frequência. O professor, tal como a professora o faz, deve intervir e corrigir no momento, para que o aluno perceba como o deve fazer.

Na aula de Ciências da Natureza, a professora mostrou-se disponível para explicar aos alunos as suas dúvidas. A comunicação torna-se bastante importante no processo de ensino aprendizagem. Segundo Thouin (2008, p.142), a forma como os alunos apreendem os conceitos lecionados em ciências “promovem uma estruturação e uma expressão cada vez mais articuladas do pensamento do aluno”.

Assim, é natural que o aluno se questione sobre determinados factos que vai tendo conhecimento mas que ainda não estão completamente explícitos para si. Foi o que aconteceu nesta aula. Os alunos estavam a aprender a constituição do sistema circulatório e, através de uma situação vivenciada por um aluno, surgiu a questão do que são estas duas doenças.

Dia 04 de outubro de 2011

- Matemática

Esta manhã de estágio a professora solicitou-nos que corrigíssemos uma ficha de trabalho, sobre sólidos geométricos. Contudo, só eu e o meu colega é que o fizemos em virtude de termos ocupado os noventa minutos de aula.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a professora solicitou que os alunos sublinhassem, no manual escolar, os aspetos importantes relativos ao tema abordado na aula tais como: localização da Península Ibérica na zona temperada do Norte e os contrastes de temperatura e precipitação.

Posteriormente, a professora elaborou um esquema no quadro para elucidar os alunos sobre os conteúdos selecionados no manual. Os alunos copiaram-no para o caderno diário.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a correção dos trabalhos de casa. A professora verificou se os alunos os tinham feito. Um dos alunos não realizou a tarefa pedida, mas sim outro exercício do manual referindo que não copiou bem do quadro o que era pedido. A professora abordou-o dizendo que já não era a primeira vez que tal situação acontecia. Disse-lhe ainda que a imagem que ele estava a deixar não era nada boa e o aluno começou a chorar.

Posteriormente, prosseguiu com a leitura de um conto tradicional “Caldo de Pedra”. Neste conto existiam palavras que os alunos desconheciam. Desta forma, a professora solicitou que escrevessem o seu significado no mini dicionário.

Para finalizar, pediu os alunos que, em grupos de dois elementos, passassem o conto tradicional para Banda Desenhada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os sólidos geométricos são um conteúdo inerente ao programa de Matemática de segundo ciclo. Ao nível da geometria, este programa criado por Ponte, Serrazina, Guimarães, Breda, Guimarães, Sousa, Meireles, Martins e Oliveira (2009, p.36) salientam que deve ser desenvolvido nos alunos “o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão das propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço”, bem como a “utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas em contextos diversos”. Na ficha de trabalho, os exercícios propostos não estavam direcionados a questões do quotidiano, mas sim com o conhecimento dos sólidos geométricos.

De acordo com os objetivos gerais propostos por Ponte *et al.* (2009, p.36) para este nível de ensino, o aluno deve “ser capaz de compreender propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço”. Este objetivo estava inerente à ficha de trabalho proposta pela professora.

Dia 07 de outubro de 2011

- Matemática

Nesta aula, a professora começou por distribuir a ficha de avaliação. Em seguida, solicitou-nos que a corrigíssemos no quadro.

Após terminarmos a correção da mesma, a professora fez a revisão da posição relativa das retas no plano elaborando um esquema no quadro. Posteriormente, fez a revisão da noção de ângulo, ângulo convexo e não convexo.

- Língua Portuguesa

A professora começou por verificar os trabalhos de casa que consistiam na pesquisa de uma receita de sopa de pedra. Solicitou que alguns alunos realizassem em voz alta a leitura. De seguida, os alunos estiveram a recontar o conto tradicional abordado na aula anterior (não observada por nós) “Clarinha”. Seguidamente, os alunos estiveram a assinalar no conto a situação inicial, desenvolvimento/desenlace e situação final. Foi feita ainda a leitura e interpretação do texto “A águia de Bonelli”. Em virtude de este texto ser não narrativo, a professora explicou as suas características.

Para finalizar, a professora escreveu no quadro algumas frases e os alunos fizeram a sua análise sintática.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora deu início ao estudo do sistema digestivo. Começou então por promover um pequeno diálogo com os alunos e definir algumas palavras inerentes ao tema (digestão, ingestão, assimilação entre outras). Realizou também um mapa de conceitos no quadro. Por fim, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual escolar.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a professora solicitou-nos que a acompanhássemos até à sua turma em virtude de presenciarmos a preparação para o simulacro.

Posteriormente, voltámos à sala do 5º ano. A professora titular não esteve presente por motivos pessoais. Desta forma, nós ficámos a supervisionar os alunos e a tirar dúvidas sobre exercícios que estavam a resolver.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Matemática, a professora abordou conteúdos de geometria inerentes ao novo programa do Ensino Básico de Matemática na parte do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Neste, Ponte *et al.* (2009, p.37) menciona os objetivos específicos que o aluno deve adquirir. Desta forma, o aluno deve ser capaz de “identificar e representar rectas paralelas, perpendiculares e concorrentes, semi-rectas e segmentos de recta, e identificar a sua posição relativa no plano” e “estabelecer relações ângulos e classificar ângulos”.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos ao realizarem a pesquisa de contos tradicionais estão a desenvolver a sua autonomia. Segundo Kant, citado por Barbot e Camatarri (2001, p.29), a autonomia está intimamente ligada ao conceito de responsabilidade. Foi possível verificar que os alunos estavam bastante motivados com a tarefa de pesquisa que lhes foi apresentada, pois todos queriam ler em voz alta a sua receita. Barbot e Camatarri (2001, 68) referem que a autonomia e a motivação se encontram em estreita relação. Segundo estes autores, “a autonomia é construtiva de motivação e debruça-se simultaneamente sobre o interesse ligado à própria acção (motivação intrínseca) e sobre os meios de a realizar (motivação extrínseca)”. Desta forma, é possível afirmar que a tarefa proposta foi motivadora.

Como referi anteriormente, neste dia foi aplicado um simulacro na escola.

A existência deste tipo de atividades tornam-se de grande importância nas escolas, na medida em que alertam os alunos para as medidas que devem adotar em caso de emergência. Todas as escolas possuem um plano de emergência que explicita os locais para os quais os alunos se devem deslocar em caso de emergência.

Oliveira (2002, p.1/IX), refere que o plano de emergência “tem por objectivo a preparação dos meios existentes, por forma a salvaguarda os seus ocupantes, em caso de uma situação perigosa (sinistro), designadamente incendio ou catástrofe natural”. Desta forma, os alunos foram previamente elucidados sobre o plano de emergência existente na escola e, de seguida, simularam uma situação de emergência para aplicação do mesmo.

O autor, acima citado, alerta para a existência deste tipo de instruções de segurança na medida em que ajudam a prevenir situações de risco, explicam quais são as funções de cada um perante este tipo de situações de forma a minimizar as consequências de tal acidente.

Na aula de Ciências da Natureza, a professora elaborou um mapa de conceitos no quadro. Este mapa esquematizava o conteúdo abordado na aula.

Mintzes, Wandersee e Novak (2000, p.116) definem os mapas de conceitos como “representações a duas dimensões de um conjunto de conceitos”. Através destes mapas, os alunos esquematizam os conteúdos que foram lecionados. É uma forma bastante atrativa visualmente de representar. Os mesmos autores referem que esta representação é feita de forma hierárquica, sendo ligados por linhas. Nos mapas de conceitos é comum colocar-se exemplos, tal como a professora fez.

Os mapas de conceitos são bastante vantajosos para a aprendizagem dos alunos. Segundo os autores mencionados anteriormente (p.124), a construção de mapas de conceitos “pode fortalecer a auto-estima dos alunos, através do sentido de realização que transmite a construção de um mapa, e da subsequente compreensão de que podem extrair conceitos para construir o seu próprio significado”. Assim sendo, este tipo de mapas pode ser uma preciosa ferramenta de estudo para os alunos. O professor deve utilizá-la em sala de aula.

Dia 11 de outubro de 2011

- Matemática

Neste dia, a minha colega e eu apresentámos uma ficha de revisões da matéria abordada pelos alunos anteriormente.

Aplicámos uma ficha de exercícios que abordava as noções de polígono e sólidos geométricos. A ficha foi realizada em conjunto com a turma.

- História e Geografia de Portugal

Os alunos estiveram a realizar uma ficha de avaliação. Como tal, a professora titular solicitou-nos que acompanhássemos outra turma. Assim, fomos observar uma aula de Educação Física que teve lugar na piscina do colégio.

- Língua Portuguesa

Esta turma esteve a realizar uma ficha de avaliação. Tal como aconteceu na aula descrita anteriormente, estivemos a acompanhar outra turma, desta vez na aula de EVT. Os alunos estavam bastante agitados nesta aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia, como foi descrito anteriormente, tivemos a oportunidade de assistir a uma aula de Educação Física e Educação Visual e Tecnológica.

Desta forma, e em virtude de raramente assistir a estas aulas, considero pertinente focar-me na importância das mesmas para este ciclo de aprendizagem.

Rabinovich (2007, pp. 27-28) refere que a Educação Física torna-se uma parte importante para o desenvolvimento da criança em virtude de desenvolver nelas “autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança”. Segundo o autor acima citado, cabe à escola criar espaços para o desenvolvimento da prática da Educação física adequando os “procedimentos e conteúdos às características do desenvolvimento infantil de cada uma”. Importa, ainda, referir que as crianças, nesta faixa etária, já possuem um esquema corporal completo, tendo conhecimento de todo o seu corpo “podendo desempenhar a sua motricidade de maneira mais consciente” (p.56).

Contudo, nesta fase não se deve deixar de proporcionar aos alunos experiências com o seu corpo bem como com o meio envolvente. Le Bouch citado pelo mesmo autor (pp.56-57), refere que “o período de 7 a 12 anos é considerado pelo corte entre a “representação mental” e a realização motora, provocando a clivagem entre a esfera afetivo-motora” devido às ações que a criança vive através do meio.

No que concerne à disciplina de Educação Visual e Tecnologia, os alunos trabalham a arte aplicada a situações de aprendizagem.

Segundo Queirós (2007, p.83) esta disciplina “visa promover a exploração de problemas estéticos, científicos e técnicos que permitam o desenvolvimento de competências para a criação e intervenção no meio envolvente, a nível de aspectos visuais”.

Nesta aula, os alunos estiveram a trabalhar o desenho das letras do alfabeto. Segundo o autor acima descrito, nesta disciplina, deve haver uma “exploração integrada de problemas estéticos, científico e técnicos de forma a desenvolver no aluno competências que lhe permitam criar, intervir, de forma crítica no espaço envolvente, considerando sempre a relação social”. Esta aula foi apenas uma pequena amostra, não podendo ser referido o trabalho criado pelos alunos.

Dia 14 de outubro de 2011

- Matemática

Nesta aula, os meus colegas aplicaram uma ficha de revisões sobre retas, semirretas, segmentos de reta, ângulos e quadriláteros. Um dos exercícios propostos na ficha de trabalhos prendia-se com o conteúdo: desigualdade triangular. Foi solicitado que os alunos utilizassem palhinhas.

A realização da atividade foi feita em conjunto com os alunos e registada, posteriormente, no quadro.

- Língua Portuguesa e Ciências da Natureza

Nestas aulas os alunos estiveram a realizar fichas de avaliação das duas disciplinas. Assim, nós presenciámos uma aula de Educação Física nos campos sintéticos do colégio.

- História e Geografia de Portugal

Em virtude de os alunos estarem a realizar uma ficha de avaliação, encaminharam-nos para uma sala de 6.º ano a fim de assistirmos a uma aula de Estudo Acompanhado. Nesta aula, o professor deixou-nos participar e ajudar os alunos a realizar as tarefas pedidas pelo mesmo. Os alunos estiveram a realizar trabalhos de casa de outras disciplinas e a estudar para as fichas de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

As palhinhas são um material manipulável que facilita a visualização de determinados conceitos matemáticos. Segundo Ponte *et al.* (2009, p. 37) neste ciclo de ensino, continua a ser importante o recurso a materiais para o ensino da Matemática.

É sugerida “a utilização de materiais manipuláveis — geoplanos, tangrans, puzzles, mosaicos, peças poligonais encaixáveis, cartolina e elásticos, armações e palhinhas, mira e espelhos” para a compreensão dos conteúdos de geometria.

Desta forma, o meu colega, recorreu ao uso das palhinhas para explicar a desigualdade triangular. Os mesmos autores acrescentam que estes materiais servem de apoio à aprendizagem da Geometria, “em particular na exploração, análise e resolução de problemas de natureza geométrica e na realização de desenhos e construções com um rigor adequado”. Torna-se, assim, fulcral recorrer aos mesmos para a compreensão de conceitos matemáticos.

Neste dia, tal como referi, assistimos a uma disciplina diferente das que assistimos habitualmente. Torna-se, por isso, relevante falar um pouco dela. Esta disciplina centra-se na área curricular não disciplinar deste ciclo de ensino.

Cosme e Trindade (2001) citam o Despacho n.º 9590/99 que refere que esta disciplina deve

“promover uma mudança gradual nas práticas de gestão curricular nas escolas do ensino básico, com vista a melhorar a eficácia da resposta educativa aos problemas surgidos da diversidade dos contextos escolares, fazer face ao domínio de competências elementares por parte de muitos alunos à saída da escolaridade obrigatória e, sobretudo, assegurar que todos os alunos aprendam mais e de modo significativo” (p.7).

Assim sendo, esta área curricular apesar de não ser considerada disciplinar, revela-se de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Estes aprendem a aprender e são criados momentos para tornar as aprendizagens mais significativas.

Nesta área curricular, o professor tem um papel de mediador da aprendizagem na medida em que, segundo a opinião do autor mencionado anteriormente, deve “incentivar e ensinar os alunos a organizarem-se face às tarefas, a desenvolverem estratégias de abordagem adequadas aos desafios que as mesmas lhes propõem” (p.33).

Os mesmos autores acrescentam ainda que nestas aulas devem ser criadas atividades que permitam a “organização do ambiente de trabalho”, a “planificação do estudo e do tempo de trabalho”, a “monitorização e a auto-avaliação das sessões de estudo e de trabalho”, o “tratamento da informação escrita” e a “preparação para os testes ou, entre outras, os trabalhos individuais e de grupo” (p.33).

Nesta aula de estudo acompanhado, os alunos estiveram apenas a realizar trabalhos de casa.

Dia 18 de outubro de 2011

- Matemática

A professora, em aulas anteriores, solicitou-nos que dessemos aulas em conjunto. Contudo, foram raras as aulas em que nós os três as conseguíssemos dar. Deste modo, foi-nos pedido que passássemos a dar aulas individualmente. Nesta aula, fui eu que comecei com uma proposta de trabalho que realizei em conjunto com os alunos. Esta destinava-se a rever a posição relativa de retas no plano, bem como a noção, classificação e a construção de ângulos.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula teve início com a escrita do sumário no quadro feito por uma aluna. De seguida, a professora introduziu os recursos naturais existentes na Península Ibérica. Solicitou que um aluno escrevesse alguns aspetos relevantes no quadro para os restantes alunos os copiarem para o caderno diário. Por fim, a professora continuou com a esquematização.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a recolha dos trabalhos de casa em que os alunos tiveram de realizar a passagem de um conto tradicional para banda desenhada. Estes trabalhos foram realizados com o intuito de, posteriormente, serem afixados na sala de aula.

De seguida, a professora distribuiu as fichas de avaliação e realizou a correção da mesma no quadro. Durante a correção, esta tentou sempre que as respostas fossem dadas com uma linguagem bastante cuidada. Houve, durante toda a aula, interação entre a professora e os alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

No que concerne à área de Língua Portuguesa, é possível observar que a professora tenta sempre falar com os alunos numa linguagem mais rebuscada. Ao fazê-lo, enriquece o léxico dos alunos.

Segundo Cerezo (1993, p.667) o léxico das crianças está dependente, não só das experiências com o meio físico, mas também com o “meio sociolinguístico do meio em que vive”. Desta forma, é importante uma interação com o meio social para que seja aumentado. Segundo o mesmo autor, a criança “enriquece o seu vocabulário no intercâmbio linguístico com os que a rodeiam”.

Desta forma, cabe também ao professor contribuir para este enriquecimento tal como a docente faz de forma contínua. Contudo, para que o léxico seja dominado não basta dar um conjunto de palavras à criança, mas também permitir que esta estabeleça associações, relações semânticas, bem como a “generalização das situações em que possam ser empregues”. (*idem*)

A professora aplica esta ideia muito bem, pois insere um novo vocábulo e, depois, sinónimos, para que os alunos compreendam a sua utilização.

Dia 21 de outubro de 2011

- Matemática

Nesta aula, foi o meu colega a resolver uma proposta de trabalho em conjunto com os alunos. A proposta tinha como tema as áreas de várias figuras geométricas (círculo, retângulo, quadrado, triângulo e paralelogramo). O meu colega resolveu a proposta de trabalho em conjunto com os alunos e a correção da mesma foi feita no quadro.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a verificação do trabalho de casa que consistia na realização, por parte dos alunos, de uma reflexão sobre a ficha de avaliação que realizaram. Os alunos tiveram que preencher diversas tabelas identificando as áreas onde possuíam mais dificuldades. A professora leu as reflexões dos alunos uma a uma junto de cada um.

De seguida, a professora abordou vários conteúdos gramaticais (família de palavras, campo lexical/área vocabular e formação de palavras). Para os explicar realizou um esquema no quadro e os alunos copiaram-no para o caderno diário.

Por fim, os alunos juntaram-se a pares e estiveram a construir um esquema síntese dos conteúdos abordados na aula.

- Ciências da Natureza

A professora continuou o estudo do sistema digestivo. A aula teve enfoque em apenas dois órgãos deste sistema: a faringe e o esófago. Esta aula foi toda lecionada através de diálogo com os alunos.

É notório verificar que esta professora se mostra disponível para tirar todas as dúvidas aos alunos, aproveitando-as, muitas vezes, para relacionar com os conteúdos abordados na aula.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula iniciou-se com a troca de lugares dos alunos. Muitos deles queixaram-se de que não conseguiam observar bem o quadro.

Seguidamente, a professora colocou diversas questões aos alunos sobre conteúdos abordados em aulas anteriores.

Por fim, deu início ao estudo das comunidades produtoras na Península Ibérica, através de diálogo com os alunos. Elaborou ainda um esquema no quadro e estes copiaram-no para o caderno diário.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula de ciências, e como já se tem vindo a verificar, a professora dá especial importância ao diálogo com os alunos. Através dele, percebe o que os alunos pensam sobre as temáticas, e, sempre que necessário, corrige-os. Para além disso, promove o pensamento crítico dos alunos, fá-los pensar sobre diversas temáticas do currículo que, por sua vez, fazem parte da sua formação enquanto futuros cidadãos.

Através de um pensamento crítico, os indivíduos podem tomar decisões sobre a posição que pretendem adotar de forma consciente e inteligente no que concerne às questões científicas. O pensamento crítico é, segundo Tenreiro-Vieira e Vieira (2000, p.14) “uma pedra basilar na formação de indivíduos capazes de enfrentarem e lidarem com a alteração contínua dos cada vez mais complexos sistemas que caracterizam o mundo actual”. Os autores acima referidos salientam ainda que o pensamento crítico “deve ser inserido no contexto de cada uma das disciplinas do currículo por forma a que as capacidades de pensamento crítico sejam infundidas ou entrosadas nos conteúdos da disciplina” (*idem*, p.31).

A aprendizagem das ciências torna-se bastante importante ao nível da educação básica, na medida em que se estão a formar indivíduos para o futuro no qual terão que tomar decisões ao longo da sua vida. Segundo Ramsey citado por Vieira (2000, p.42) “todos os alunos de ciências serão elementos integrantes de uma sociedade e, enquanto cidadãos tornam-se responsáveis pelos riscos e benefícios do conhecimento, dos produtos e dos sistemas científicos e tecnológicos”. Importa, assim, criar-lhes espaços para refletirem sobre as diversas temáticas de ciências.

Dia 25 de outubro de 2011

- Matemática

A minha colega deu a sua primeira aula individual. Abordou a noção de polígono, quadrilátero paralelogramo e trapézio. Para lecionar a aula, utilizou uma apresentação em *Powerpoint* e uma proposta de trabalho. À medida que explicava os conteúdos, os alunos resolviam a proposta de trabalho.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a professora começou por rever os conteúdos abordados na aula anterior através de chamadas orais aos alunos. De seguida falou dos instrumentos utilizados pelos povos produtores (enxada, foicinha, arado, mó e roda) e as técnicas que utilizavam (tecelagem, moagem, cestaria e cerâmica).

- Língua Portuguesa

A professora começou por rever oralmente a formação de palavras (palavras derivadas e palavras compostas). Explicou o significado dos prefixos (passagem para um estado, negação, oposição, repetição, superlativação, movimento e número) e sufixos (ação, profissão, qualidade ou estado, naturalidade, aumento, mudança de estado).

De seguida, fez a revisão dos tipos de textos de património oral (contos tradicionais, lendas, romances e adivinhas). Iniciou o estudo da lenda. Deu a definição de lenda e registou-a no quadro. Explicou também a diferença entre lenda e conto tradicional.

A professora solicitou que um aluno recontasse oralmente uma lenda. Este escolheu a lenda da “Rainha Santa Isabel”.

A professora explicou também que na aula de sexta-feira, os alunos iriam ter um concurso do melhor contador de histórias. Para que os alunos compreendessem os critérios de avaliação, a professora escreveu no quadro as características que um bom contador de histórias deve ter. Estas características prendem-se com o tom de voz, o dinamismo, entusiasmo na apresentação, entre outras.

Por fim, os alunos leram, em voz alta, a “Lenda da Serra da Estrela”, incluída no manual de atividades dos alunos. De seguida, a professora colocou perguntas de interpretação e os alunos realizaram exercícios do manual.

Inferências/Fundamentação Teórica

A lenda insere-se nos textos de património oral como já referi anteriormente. A lenda é definida como uma narrativa “cuja origem se perde na arca do tempo, em que o imaginário e o fabuloso conquistam o espaço do histórico e do verdadeiro” (Barreto 2002, 294). Caracteriza-se por ser uma narrativa curta. O mesmo autor refere ainda que este tipo de narrativa é de “carácter maravilhoso, de fundo histórico, embora alterado pela força da tradição e imaginação popular”.

Assim, as lendas não são uma “reconstituição objectiva e «documental» de um facto ocorrido num passado remoto, mas sim de uma narrativa de carácter ficcional, que foi sendo transmitida de geração em geração” (Reis e Lopes 1994, p.224).

De acordo com o Reis (2008, p. 116) a recolha de produções do património oral “cancioneiro, contos, mitos, fábulas, lendas”.

Sendo as lendas um texto do património oral, torna-se relevante a sua exploração em sala de aula.

Dia 28 de outubro de 2011

- Matemática

Nesta aula fui eu que explorei o tema proposto para a mesma. Abordei a adição e subtração de frações com denominadores iguais e diferentes. Para introduzir o tema, comecei por rever, através de uma apresentação em *Powerpoint*, a noção de fração, fração equivalente e fração irredutível. De seguida, expliquei a adição e subtração de frações com o mesmo denominador. Esta explicação foi feita com animações numa apresentação em *Powerpoint*. À medida que revi estas noções, os alunos iam completando uma proposta de trabalho.

Por fim, expliquei a adição e subtração de frações com denominadores diferentes recorrendo aos mesmos materiais.

- Língua Portuguesa

A professora, na aula anterior, tinha solicitado, na aula anterior, que os alunos fizessem a recolha de uma lenda em casa, na internet ou em livros, e que a interpretassem para depois contar à turma. Nesta aula, procedeu-se à eleição do melhor contador de histórias da turma.

Na primeira parte, os alunos foram divididos em cinco grupos e a professora, a minha colega de estágio e eu ficámos cada uma com alguns alunos para fazermos a pré-seleção do melhor de cada grupo. Esta pré-seleção teve por base alguns critérios que a professora considera importantes para um bom contador de histórias. Após terem sido eleitos os cinco melhores contadores de histórias, foi realizada a final. Nesta, cada um teve que contar a sua lenda à turma e, por fim, foi feita a votação por parte de todos os alunos, tendo sido eleito o melhor contador de histórias da turma.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora começou por verificar a assinatura dos testes de avaliação. Para os alunos que não tinham o teste assinado, a professora escreveu no diário escolar um recado para os encarregados de educação.

De seguida, continuou a explicação do estudo do sistema digestivo abordando o estômago e o intestino delgado. Esta exploração foi feita através de diálogo com os alunos.

- História e Geografia de Portugal

A professora começou por fazer a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior através de questões orais aos alunos. De seguida, através de um esquema no quadro, demonstrou os monumentos megalíticos. Por fim, falou e esquematizou no quadro os novos utensílios e as novas técnicas utilizadas pelos povos estudados bem como a noção de celtas, iberos e castros.

Durante esta aula, a professora ordenou que dois alunos saíssem da sala de aula, alegando mau comportamento da parte dos mesmos.

Inferências/Fundamentação Teórica

De acordo com o Reis (2008, p.94), os alunos devem recontar e sintetizar textos, o que foi feito nessa aula.

O interesse e empenho dos alunos nesta atividade foi evidente. Mostraram-se muito empenhados em vencer o concurso e em cumprir os requisitos que a professora entregou antes do concurso, para ser um bom contador de histórias.

A professora adotou uma estratégia diferente e motivadora que levou à envolvimento por parte dos alunos. Segundo Simão (2002, p.89) a motivação é a “condição essencial para a aprendizagem, a actividade resolvida, a disposição para trabalhar duro e para aprender, por parte do aluno”. Desta forma, importa criar estratégias motivadoras para que se envolvam os alunos nas mesmas. A estratégia escolhida pela professora foi bastante motivadora para os alunos. Todos estavam empenhados a tentar “ganhar” o concurso do melhor contador de histórias.

Na aula de História e Geografia de Portugal aconteceu uma situação dispensável. O facto de a professora ter convidado dois alunos a sair da sala de aula nada vai ajudar a mudar os seus comportamentos. Curwin (2000, citado por Amado, 2000, p.175-176) que refere que o castigo “produz o efeito de travar a disciplina por um tempo curto, mas não produz uma mudança de comportamento duradoura”.

O autor acima referido alerta-nos dizendo que os castigos podem surgir como “reforço positivo” não tendo o resultado esperado pelo professor. Assim, esta é uma prática a não adotar em sala de aula.

Dia 04 de novembro de 2011

- Matemática

Nesta aula foi a minha colega a fazer a exploração do tema. Abordou a multiplicação de frações através de uma apresentação em *Powerpoint* na sala multimédia do colégio.

Começou por rever a constituição de uma fração. De seguida, através de uma situação problemática, mostrou uma multiplicação de duas frações bem como as regras para o fazer.

Posteriormente, proporcionou um momento de jogo, o qual consistia na resolução, por parte dos alunos, de seis expressões. Para tal, dividiu a turma em cinco grupos sendo cada fila um grupo constituído por seis elementos. Assim, a primeira expressão era realizada por todos, sendo apenas cronometrado o tempo do primeiro aluno de cada fila. Os alunos que estavam a realizar a expressão, tinham um instrumento musical e quando terminavam de a resolver, tinham que o tocar para registar o tempo despendido no quadro. A segunda expressão foi realizada pelos segundos alunos de cada fila e assim sucessivamente. Foi explicado à turma que se não cumprissem as regras do jogo era-lhes acrescentado um minuto. Ganhava o grupo que tivesse respondido no menor tempo.

Para terminar, distribuiu a cada grupo um desafio que os alunos o tinham que resolver no menor tempo possível, acrescentando ao tempo despendido nas expressões. O grupo que fez o menor tempo recebeu como recompensa rebuçados.

- Língua Portuguesa

A professora começou por fazer a revisão das proposições e das locuções propositivas, através de perguntas aos alunos. De seguida, fez a correção do trabalho de casa que consistia em exercícios da gramática sobre o tema acima referido. Para consolidar, proporcionou um exercício de aplicação das proposições através de um poema.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora fez a continuação do estudo do sistema digestivo através de diálogo com os alunos.

Na última parte da aula, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual.

- História e Geografia de Portugal

Um aluno apresentou, à turma, um trabalho elaborado por si. Este consistia em duas maquetas dos povos recolectores e uma explicação em k-line.

De seguida, a professora distribuiu duas fichas de trabalhos sobre os povos recolectores e agro-pastoris e os alunos estiveram a resolvê-las. A correção da mesma foi feita, posteriormente, em voz alta.

Durante esta aula seis alunos foram para a rua. A turma estava bastante agitada e a forma que a professora encontrou para resolver a situação foi solicitar que alguns alunos saíssem da sala por alguns minutos. Estes saíram e, quando voltavam a entrar, a professora não lhes dizia nada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Ciências da Natureza foi promovido o diálogo entre a professora e os alunos. Através dele, a professora ouviu as ideias dos alunos sobre a temática a ser lecionada e depois completou-a cientificamente. De encontro a esta ideia, Sá (2002, p.44) alerta para o facto de a aprendizagem não ser “um processo de incorporação por parte da criança de ideias fornecidas do exterior como um produto já acabado”. Foi notória a preocupação da professora em explicar os conteúdos a serem lecionados, para que os alunos não ficassem com dúvidas.

O mesmo autor defende que a aprendizagem se concretiza de forma eficaz quando se desenvolve por parte do aluno “um processo de extensão das suas ideias a novas experiências, quando estas se revelam eficazes, e de modificação das suas ideias para aceder a outras novas com melhor poder de explicação das suas experiências”. Assim, quando a criança tem uma ideia formada sobre alguma temática abordada em Ciências da Natureza, resultante da sua aprendizagem quotidiana, acaba por, durante as aulas, a alterar ou aprofundar através de descobertas feitas por si ou através da transmissão de conhecimentos por parte do professor.

Dia 08 de novembro de 2011

- Matemática

Neste dia foi o meu colega que deu aula. Esta tinha como tema os números naturais. Este começou por definir o conjunto destes números em conversa com os alunos. De seguida, explicou a noção de ordem e de classe. Aplicou estes conceitos com algarismos móveis e placas com as classes e ordens.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a professora concluiu o estudo dos povos visitantes da Península Ibérica.

A certa altura, um aluno questionou a professora sobre a correção do trabalho de casa visto que esta ainda não tinha sido feita.

Por fim foi distribuída uma ficha de trabalho.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a correção do trabalho de casa que consistia em exercícios do manual sobre verbos e adjetivos.

De seguida, a professora deu início ao estudo do texto descritivo. Distribuiu a cada aluno uma ficha informativa com as características e escrita deste tipo de texto.

Por fim, os alunos estiveram a realizar trabalho a pares.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante as aulas, os alunos aprendem os conteúdos mas depois devem exercitar em casa porque, tal como refere Meirieu (1998, p.12), “a aprendizagem não pode ser reduzida à simples recepção de informação – nas aulas - que basta rever em casa”. Os alunos para além de fazerem essa revisão têm que aplica-la. O mesmo autor define a aprendizagem como “pôr em prática uma série de actividades que permitam tratar a informação recebida”. Desta forma, os trabalhos de casa são muito importantes e o professor não os deve desvalorizar.

Dia 11 de novembro de 2011

- Matemática

Esta aula foi lecionada pelo meu colega. Esta tinha como tema as potências.

O meu colega começou por rever a noção de potência para depois explicar a multiplicação e a divisão das mesmas. A aula foi toda lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*.

- Língua Portuguesa

Os alunos começaram por ser surpreendidos por uma ficha de avaliação. Esta foi elaborada pelos meus colegas e por mim, com a finalidade de se aferirem os conhecimentos dos alunos sobre a formação de palavras, classe dos nomes, verbos e adjetivos.

Na segunda parte da aula a professora esteve a corrigir os textos descritivos elaborados na aula anterior.

- Ciências da Natureza

Neste dia, foi dado início ao estudo do sistema respiratório através de diálogo com os alunos. À medida que os alunos iam referindo algumas palavras-chave deste sistema, a professora definia-as e os alunos registavam-nas no caderno.

- História e Geografia de Portugal

A professora começou a aula dialogando com os alunos sobre a situação ocorrida na aula da semana anterior. Referiu que não pretende convidar os alunos a sair da sala. Contudo, estes têm que mudar o seu comportamento na sala de aula.

De seguida, iniciou o estudo dos romanos. Esta iniciação foi feita através de uma chuva de palavras que os alunos proferiam e, a professora registava no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Ciências da Natureza é possível verificar que a professora opta sempre por situações de diálogo com os alunos. Nestas situações, os alunos expressam a suas ideias em relação aos temas lecionados na aula.

Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006, p.79) referem que as discussões de ideias em sala de aula tornam-se enriquecedoras para a aprendizagem dos alunos visto que estas são uma “forma particular de interação em grupo na qual os membros se juntam para abordar uma questão do interesse comum”. Os alunos, ao partilharem as suas ideias, chegam em conjunto a uma conjectura sobre os temas abordados. Esta técnica tem como objetivo “aumentar o conhecimento e a compreensão de um dado assunto ou de resolver um problema”.

Esta estratégia de sala de aula torna-se enriquecedora, visto que os alunos ouvem vários pontos de vista sobre o tema apresentado, interpretam o que os colegas dizem, respeitando e nunca julgando as suas ideias, assim como refletem sobre as suas ideias e só depois partilham com o grupo. (*idem*)

Dia 15 de novembro de 2011

- Matemática

Esta aula foi lecionada por mim. Abordei as propriedades da adição dos números naturais através de uma apresentação em *Powerpoint*. Todo o tema da aula foi abordado, através da interação com os alunos.

Para terminar a aula, proporcionei um pequeno momento de jogo. Este consistia em os alunos responderem às questões que surgiam na apresentação em *Powerpoint*, registando a alínea correta num cartão. De seguida, fazíamos a correção. Os alunos que tinham respondido corretamente receberam uma medalha. Pretendo realizar um jogo deste tipo em todas as minhas aulas nesta turma. Na última aula, o/os alunos com mais medalhas receberão um diploma de mérito.

- História e Geografia de Portugal

A professora deu continuação do estudo do povo romano através de diálogo com os alunos. No final da aula deu as indicações para o teste.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a introdução ao estudo da fábula. A professora fez uma revisão oral sobre as características das fábulas. Depois desta revisão, os alunos estiveram a ler em voz baixa a fábula “O lobo e o cão” recontada por Esther de Ramos e inserida no manual escolar. Posteriormente, a professora colocou algumas questões de interpretação. Concluída a interpretação, solicitou que os alunos fechassem os manuais escolares e entregou a um uma bola de ténis.

Pedi que este aluno iniciasse o reconto desta fábula e, depois teria que passá-la a um colega, a fim de este continuar a recontar e assim sucessivamente.

Por fim, corrigiram no quadro exercícios de interpretação da fábula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Matemática tentei dar um reforço positivo aos alunos. Com este reforço pretendo que os alunos estejam mais motivados para a aprendizagem e que esta seja reconhecida. Segundo Feldman (2001, p.194) o reforço “é o processo pelo qual um estímulo aumenta a probabilidade de repetição de um comportamento anterior”. O intuito com que apliquei este jogo foi dar-lhes uma recompensa em relação à aprendizagem que adquiriram. O mesmo autor salienta que os reforços podem ser utilizados como recompensas pois estas também “aumentam a probabilidade de uma resposta anterior de repetir”. Contudo, estas dizem respeito a reforços positivos. (*idem*, p.195).

As fábulas, como já foi referido anteriormente, inserem-se nos textos de património oral. São caracterizadas por serem “um relato quase sempre breve, de acção relativamente tensa, mas não muito sinuosa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral” (Reis e Lopes 1994, p.158). Assim, as fábulas apresentam sempre uma moral no seu término. São narrativas claras em que a conclusão é “muitas vezes explicitada pelo narrador” (*idem*). A fábula, com a sua função moralizadora “exerce sobre o receptor uma acção que confirma as potencialidades perlocutórias que na narrativa se reconhecem” (*idem*).

As fábulas mais conhecidas são as de Esopo. Este recolheu os textos de tradição oral e passou-os à escrita. Mais tarde, Fedro ficou conhecido por ter “dado nova forma – texto latino em verso – à obra de Esopo” (Bastos 1999, p.83).

Segundo alguns autores como Rousseau e Garrett, as fábulas não devem ser apresentadas às crianças devido ao seu valor pedagógico. Garrett citado por Bastos (1999, p. 84) salientou mesmo que “fábula quer dizer fingimento; e o fingimento é mentir; e mentira nem zombando se deve ensinar às crianças”.

Contudo, as fábulas estão sugeridas no programa de 2.º Ciclo. Assim, cabe ao professor fazer a sua correta exploração.

Segundo Bastos (*idem*, p.85) este tipo de texto é muito desejado pelos alunos devido ao “interesse das crianças pelos animais”, o que foi possível verificar durante a aula. Os alunos mostraram-se muito entusiasmados com o texto trabalhado.

Dia 18 de novembro de 2011

- Matemática

Esta aula foi lecionada por mim através de uma apresentação em *Powerpoint*. Comecei por rever as propriedades da multiplicação dadas no ano anterior. E, após explorar as mesmas, os alunos tinham que as aplicar em números racionais.

Durante toda aula, sempre que um aluno tinha uma dúvida numa determinada questão, solicitava-lhe que fosse ao quadro e explorasse a sua dúvida.

A aplicação das propriedades com números racionais foi feita pelos alunos no quadro.

Durante a aula, tentei sempre fazer o máximo de interação possível com os alunos, colocando-lhes questões.

Numa parte da aula, uma aluna não sabia ler a fração nove meios. Tentei explicar-lhe de várias formas, mas a mesma não compreendeu. Por fim, pedi a um colega para ler a fração. Depois desta leitura, perguntei à aluna se tinha compreendido. Como a resposta que obtive foi afirmativa, coloquei-lhe mais questões de leitura de frações.

- Língua Portuguesa

A professora promoveu nesta aula um pequeno debate com os alunos da turma. Para tal, começou por distribuir uma ficha informativa com as características e regras do debate. Por fim, os alunos procederam à simulação do debate.

Nos últimos minutos da aula, a professora esteve a fazer a correção do trabalho de casa pedindo que os alunos dessem as respostas e as registassem no quadro.

Ao longo de algumas aulas, tenho-me apercebido que a professora não fala de uma forma imparcial com um dos alunos da turma. Quando este aluno da turma faz uma intervenção, esta repreende-o.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora faltou. Desta forma, veio substituí-la uma professora do colégio. Os alunos estiveram a estudar para o teste. Os meus colegas e eu esclarecemos-lhes algumas dúvidas.

- História e Geografia de Portugal

A professora começou por distribuir uma ficha de trabalho sobre os povos que visitaram a Península Ibérica. Os alunos resolveram-na e, de seguida, foi feita a correção em voz alta.

Por fim, os alunos estiveram a sublinhar os aspetos mais importantes do conteúdo estudado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Matemática tentei fazer um pouco do que a Pedagogia Inaciana valoriza, na medida em que fiz uma revisão dos conteúdos que os alunos já tinham abordado. Segundo Fuentes (1999, p.7), esta pedagogia “procura retomar o tema que se está estudando recuperando aqueles pontos que produziram maior satisfação ou insatisfação”. Através desta repetição, é possível verificar se o aluno compreendeu o que foi abordado para prosseguir com a aprendizagem.

Esta situação da revisão e repetição dos conteúdos também se verifica com muita frequência nas aulas de História e Geografia de Portugal. O mesmo autor (p.7) salienta ainda que esta repetição “ajuda a esclarecer o momento da aprendizagem que se está vivendo e aprofunda a assimilação do aprendido”. Através da observação desta metodologia, nas aulas de História e Geografia de Portugal, é possível verificar que é muito importante para a aprendizagem dos alunos, visto que relembram a matéria dada para progredirem na sua aprendizagem.

Dia 22 de novembro de 2011

- Matemática

Esta aula foi dada pela minha colega. Esta aula tinha como tema as propriedades da multiplicação (comutativa e associativa). A apresentou um *Powerpoint* com a explicação destas propriedades.

Durante toda a aula houve uma grande interação com a turma através de questões colocadas pela minha colega.

Sempre que surgiu uma questão que podia suscitar dúvidas, encontrou sempre estratégias para as explicar.

Para finalizar, promoveu uma situação de jogo. Distribuiu a cada aluno um cartão. Estes continham de um dos lados uma expressão e do outro um resultado. Assim, os alunos tinham que resolver a sua expressão e calcular o resultado e depois, o aluno que tivesse este resultado lia a expressão que tinha no seu cartão para se

encontrar um novo resultado e, desta forma, outra expressão, e assim sucessivamente.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula foi destinada ao esclarecimento de dúvidas para o teste do dia seguinte. A professora colocava questões e os alunos respondiam. Foi possível observar que grande parte dos alunos não estava a par da matéria.

- Língua Portuguesa

Neste dia, os alunos estiveram a realizar um teste de avaliação. Desta forma, os meus colegas e eu fomos assistir a uma aula lecionada por uma colega estagiária da minha turma, numa sala do 5.º ano.

Esta aula tinha como tema a aplicação das propriedades da adição. A minha colega optou por realizar uma proposta de trabalho durante grande parte da aula.

Para finalizar, promoveu um pequeno jogo que consistia em que cada fila tivesse cartões, tendo os alunos que resolver as expressões inseridas nesses. Se resolvessem corretamente, ganhavam uma estrelinha, senão, passava a um elemento da fila do lado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática, a minha colega conseguiu envolver de forma plena os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p.23) salientam que “a aprendizagem requer o envolvimento das crianças em actividades significativas” tal como já tenho vindo a referir ao longo do presente relatório. Durante a aula, foi esclarecendo as dúvidas dos alunos e, tal como os autores acima citados referem “as explicações do professor, num momento adequado e de uma forma apropriada, são certamente elementos fundamentais”.

No final da aula promoveu um pequeno jogo como referi.

Os autores acima mencionados salientam que “para haver apropriação de novas ideias e novos conhecimentos, não basta que o aluno participe em actividades concretas, é necessário que se envolva num processo de reflexão sobre essas actividades”. No decorrer do jogo foi isso mesmo que a minha colega fez. Promoveu sempre uma parte de reflexão sobre o porquê do resultado das expressões.

Dia 25 de novembro de 2011

- Matemática

Neste dia, a minha colega a deu aula que teve como temática o elemento inverso da multiplicação de números racionais não negativos. Para tal, mostrou uma apresentação elucidativa em *Powerpoint* e, para concretizar, elaborou uma adaptação do jogo do bingo. Este consistia em os alunos possuírem um cartão onde tinham que verificar se no mesmo estava o elemento inverso da fração que a minha colega ia retirando de um saco um papel.

- Língua Portuguesa

Neste dia, a aula foi lecionada pelos meus colegas e por mim. Foi-nos proposto que abordássemos o romance popular da “Bela Infanta” de Almeida Garrett. Iniciámos a aula com a leitura modelo do texto feita pelos três. De seguida, apresentei as características deste tipo de texto do Património Oral. Seguidamente, o meu colega prosseguiu a aula com a interpretação do mesmo. Esta interpretação foi feita através de questões colocadas aos alunos. Por fim, solicitou que os alunos da turma lessem o texto de uma forma diferente fazendo a leitura como um vendedor de praça, um político, um padre, um fadista etc.

- Ciências da Natureza

Neste dia os alunos estiveram a realizar o Teste de Avaliação.

- História e Geografia de Portugal

Os alunos estiveram a realizar uma ficha de avaliação. Desta forma, os meus colegas e eu fomos assistir a uma aula de Estudo Acompanhado no 6.ºA. Nesta aula, o meu colega apresentou uma demonstração sobre a área do círculo através do programa *Geogebra*.

Depois da demonstração, os alunos estiveram a realizar trabalhos de casa.

Inferências/Fundamentação Teórica

O romance popular insere-se nos textos do património oral. É definido por Correia citado por Bastos (1999, p.82) como “pequenas histórias em verso, quase sempre episódicas mas, algumas vezes com pretensões a narrações completas, onde predomina o realismo dos agentes e das situações, de grande antiguidade” (Correia, 1993:68 citado por Bastos 1999, p.92).

No decorrer da aula foram introduzidas diversificadas formas de leitura em voz alta. Importa ressaltar o que é o ato de ler. Goulemont (1996, p.108) salienta que “ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização, e uma articulação nos sentidos produzidos pelas sequências”.

Durante a aula foi feita uma leitura certamente diferente da intenção do autor do texto. O autor acima mencionado salienta que “ler é, portanto, construir e não reconstruir um sentido”. Assim, a interpretação que o leitor faz do texto pode não se coadunar com o sentido que o autor do texto pretendia transmitir. Nesta aula, isso foi notório verificar, embora de uma forma um pouco forçada.

Dia 29 de novembro de 2011

- Matemática

Neste dia o meu colega deu a aula cujo tema se prendia com a divisão e os critérios de divisibilidade.

Começou por recorrer a situações do quotidiano dos alunos para rever a noção de divisão. Durante a aula, demonstrou bastante cuidado em ajudar os alunos com dificuldades na realização das operações.

Quanto aos critérios de divisibilidade, o meu colega tentou sempre que os alunos chegassem às conclusões dos mesmos.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula a professora voltou a solicitar que um aluno fosse para a rua. Este reagiu dizendo que não se importava de sair. Perante esta atitude, a professora disse para este ficar e pediu-lhe o Diário Escolar. O Diário Escolar é um livro que contém espaços para os alunos registarem as datas das fichas de avaliação, os trabalhos de casa e também para ligar a escola aos encarregados de educação.

Após esta situação, a professora não dialogou mais com o aluno.

Iniciou o estudo da Era Cristã. Nesta aula a professora referiu que o ano 313 pertence ao século I.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a correção dos trabalhos de casa no quadro sobre a conjugação pronominal.

Posteriormente, a professora iniciou o estudo do texto “Dona Infanta”. Os alunos fizeram a preparação da leitura em voz baixa e depois leram em voz alta.

Para finalizar, realizaram a comparação entre a “Bela Infanta” e a “Dona Infanta”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como referi anteriormente, na aula de Matemática, o meu colega fez referência a situações do quotidiano para lecionar a sua aula e, tal como refere Brown (2008, p.215) “os modelos matemáticos criados podem ser explicados para explicar e prever soluções para os problemas do mundo real”. Este paralelo entre a Matemática e as situações do quotidiano das crianças torna-se bastante relevante para que as crianças adquiram aprendizagens mais significativas. De acordo com o mesmo autor, “os problemas do mundo real têm uma qualidade «concreta» que proporciona a transmissão para conceitos que serão manejados mais adiante de uma forma (matemática) mais abstrata” (*idem*, p.216). Durante a aula, foi notório observar o interesse e o empenho dos alunos na realização das tarefas que o meu colega solicitava.

Durante a aula, o meu colega percebeu que os alunos possuíam diversas dificuldades em realizar divisões, pois estavam constantemente a errar. Desta forma, interveio tentando explicar a forma correta de realizar o algoritmo da divisão. De acordo com Brown (*idem*, p.297), os professores devem diagnosticar os erros dos alunos pois “errar pode ser visto num sentido generativo. Pode servir o propósito de abrir novos territórios para serem explorados”. De encontro a este ponto de vista, Fielker (1990, citado por Brown, 2008, p.298) refere que “o erro faz parte de um momento de ensino inovador por parte dos professores”. Desta forma, o erro não pode ser nunca menosprezado em sala de aula. Cabe ao professor detetá-lo para, posteriormente, colmatá-lo.

Dia 2 de dezembro de 2011

- Matemática

Neste dia não houve aula. Os meus colegas e eu estivemos a trabalhar na sala de professores.

- Língua Portuguesa

Esta aula foi dada pelos meus colegas e por mim. O meu colega começou por fazer a correção do trabalho de casa.

De seguida, fez uma breve revisão da classe dos adjetivos e eu conclui a aula com a explicação dos adjetivos irregulares no grau superlativo absoluto sintético. Para finalizar a aula, distribui uma proposta de trabalho. Esta foi escolhida para ser avaliada no Capítulo 3 (p.238).

- Ciências da Natureza

Durante esta aula, a professora esteve a entregar os testes de avaliação e a fazer a respetiva correção no quadro.

- História e Geografia de Portugal

A aula teve início com a realização de uma ficha formativa de revisão da matéria dada.

Durante a aula, um aluno teve um comportamento inadequado e a professora convidou-o sair da sala dizendo que já não tinha mais paciência.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia pretendo fazer uma breve reflexão sobre os modelos de professor que observei nesta escola. Cada professor é diferente. Oliveira e Oliveira (1999b, p.24) citam Lippitt que referencia três tipos de liderança ou comportamentos dos professores. O primeiro tipo refere-se ao professor líder autoritário caracterizado como “só ele marca os objectivos e métodos de trabalho; aplica reforços (elogio ou castigo) a seu bel-prazer”. Este tipo de liderança foi por mim observado em aulas neste colégio em mais do que uma professora. Devido ao seu autoritarismo tem repercussões nos alunos. Estes revelam um rendimento de trabalho positivo mas “submissão ou rebeldia; desconfiança mutua; incapacidade de cooperar; isolamento; inimizade; tendência a impor-se; tentativa de conquistar o apreço do professor”. Dentro das aulas que observei e refletindo nas repercussões deste tipo de liderança, não considero um bom modelo para adotar.

O segundo tipo mencionado é o líder democrático. Este é caracterizado pelo “compromisso com os alunos na marcação dos objectivos e dos métodos de trabalho; reforços atentos aos alunos (deixar falar de factos)”. Este tipo de liderança também foi por mim observado.

Parece-me um estilo de liderança adequado na medida em que, segundo o autor acima referido, permite um “bom rendimento escolar; continuação do trabalho na ausência do professor (interesse do estudo em si e não por medo do professor);

trabalho em comum; satisfação interpessoal (amizade, altruísmo, elogios mútuos); maior criatividade; espontaneidade; tolerância às frustrações”.

O terceiro e último tipo apresentado é o líder “deixa-correr”. Este professor “não marca objetivos nem métodos; ausência de reforços”. Não me parece que seja um bom tipo de liderança visto que, segundo os mesmos autores, leva ao “baixo rendimento escolar; abandono total do trabalho na ausência do professor; perturbação no trabalho e desordem; inimizades e invejas”.

Estes três tipos de liderança são bastante diferentes e revelam resultados nos alunos completamente dispares. É essencial que o professor tenha consciência da sua postura em sala de aula, a forma como se relaciona com os alunos e as consequências que daí podem advir.

Dia 6 de dezembro de 2011

- Matemática

Neste dia dei a aula cujo tema se prendia com as potências. Comecei por mostrar uma apresentação em *Powerpoint* com situações problemáticas e animações alusivas às mesmas, tendo introduzido o tema desta forma.

Distribuí algarismos móveis e apresentei alguns exercícios para os alunos realizarem.

Por fim, utilizei um jogo semelhante ao utilizado no dia 15 de novembro.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula foi destinada à correção do teste de avaliação.

- Língua Portuguesa

Esta aula foi destinada à correção do teste de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática utilizei vários materiais didáticos com vista à aplicação dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Segundo Abrantes *et al.* (1999, 28) “a aprendizagem é um processo que requer o envolvimento dos alunos em actividades significativas e que é fortemente influenciado pela cultura de sala de aula”. Contudo, cabe ao professor escolher a melhor forma de tornar as aprendizagens mais significativas, pois tal como afirmam os mesmos autores, “o professor é o elemento chave na criação do ambiente que se vive na sala de aula”. É ele que organiza e planifica o que vai desenvolver em sala de aula e como o vai fazer.

Todos os materiais que o professor aplica em sala de aula têm que ser previamente pensados de forma a “conduzir toda a actividade na sala de aula, de um modo adequado aos seus próprios alunos” (Abrantes *et al.*, 1999, p.29).

Ao longo da aula, tentei sempre que os alunos chegassem às conclusões sobre os cálculos com potências. O facto de os alunos terem uma participação ativa na sala de aula também é um fator que contribui de forma positiva para a sua formação visto que a aprendizagem é “um processo de construção de significados por parte dos alunos, então a comunicação e negociação desempenham um papel central na sala de aula” (Abrantes *et al.*, 1999, p.29). O professor deve dar a oportunidade a todos os alunos de dialogar durante uma aula visto que, através do diálogo, perfecciona as conceções que os alunos estão a formar.

Dia 9 de dezembro de 2011

- Matemática

Nesta aula o meu colega realizou alguns exercícios do manual e de uma ficha em conjunto com os alunos.

- Língua Portuguesa

A professora começou por concluir a correção do teste de avaliação.

Posteriormente, distribuiu uma ficha de avaliação sobre a leitura da obra *Três Reis do Oriente*.

- Ciências da Natureza

Esta aula teve como temática os constituintes do sangue. Através de diálogo com os alunos e da consulta do manual, a professora referiu a função de cada constituinte bem como o seu aspeto. Definiu ainda os conceitos de fagocitose e diapedese. Referiu também a importância das vacinas.

- História e Geografia de Portugal

Neste dia, os meus colegas e eu lecionamos esta aula cuja temática se centrava no tema dos Muçulmanos.

A aula foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*. Para iniciar, vestimos um aluno com um traje muçulmano. De seguida, explicou a razão de se vestirem assim. Mencionou a razão pela qual de deu a expansão de uma nova religião.

Posteriormente, eu referi a entrada deste povo na Península Ibérica e a Reconquista cristã. O meu colega não lecionou esta aula neste dia, mas sim no dia 16 do presente mês, completando a temática com a herança muçulmana.

Inferências/Fundamentação Teórica

O ensino da História e Geografia no 2.º ciclo torna-se bastante relevante para a formação dos alunos, pois proporciona, segundo Felix e Roldão (1996, p.133) “ao aluno uma informação supostamente fundamental para o futuro cidadão”. É dito “supostamente” na medida em que estas aprendizagens só serão significativas se o professor conseguir transmitir a informação e transformá-la em formação.

Neste nível de ensino o aluno “vai-se libertando progressivamente das suas projecções e procura descobrir a realidade que o cerca em pormenor e em extensão” (*idem*, p.39). Neste nível de ensino, o aluno procura saber o “como e o porquê de os acontecimentos e situações”. Segundo os mesmos autores, nestas faixas etárias devem ser criados momentos de envolvimento emocional. Tal aconteceu na nossa aula quando envolvemos os alunos e vestimos um elemento, a fim de introduzir o tema da aula.

Embora neste nível de ensino sejam privilegiadas metodologias ativas por parte dos alunos, promovendo uma “educação para a autonomia, com acento no desenvolvimento de aptidões e capacidades e dando relevo ao domínio dos valores e atitudes”, durante apenas uma aula de noventa minutos não nos foi possível colocar os alunos a investigar e descobrir a temática abordada. Contudo, foi uma aula dinâmica com a participação dos alunos através do diálogo.

Na aula de Ciências da Natureza, a professora alertou os alunos para a importância das vacinas. Segundo as metas de aprendizagem para o 6.º ano de escolaridade para a área das Ciências da Natureza, é esperado que “o aluno resum[a] a importância do conhecimento de microrganismos causadores de doenças de modo a prevenir os seus efeitos”. Visto a professora estar a abordar o sistema circulatório e em virtude de uma dúvida de uma aluna, tornou-se pertinente que a professora explicasse estes conceitos.

Dia 13 de dezembro de 2011

- Matemática

Como esta foi a última aula antes das férias do natal, os meus colegas e eu preparámos um jogo sobre toda a matéria dada no primeiro período.

Dividimos a turma em grupos por filas. A cada fila foi atribuída uma cor correspondente à equipa. Cada equipa tinha a oportunidade de jogar duas vezes se acertasse na primeira questão.

O objetivo deste centrava-se em os alunos conseguirem angariar quatro objetos diferentes para ganharem o jogo.

- História e Geografia de Portugal

Os alunos estiveram a realizar a autoavaliação.

- Língua Portuguesa

Neste dia, meu colega de estágio deu aula sobre o primeiro rei da obra *Três Reis do Oriente*. Iniciou com uma leitura modelo e depois solicitou aos alunos que fizessem a leitura silenciosa do capítulo. Posteriormente, alguns alunos leram em voz alta.

Terminada a leitura, o meu colega deu início à interpretação da mesma colocando questões dirigidas os alunos.

Por fim, terminou a aula com uma ficha de avaliação sobre os sinónimos de palavras expressas no capítulo.

Inferências/Fundamentação Teórica

A obra *Três Reis do Oriente* foi escrita por Sophia de Mello Breyner Andresen. Segundo Barreto (2002, pp.40-41), esta é uma reconhecida autora de livros de literatura infantil para crianças. Sophia nasceu no Porto em 1919. Em Lisboa, estudou Filologia Clássica na Faculdade de Letras. Esteve envolvida em diversos projetos e possui uma vasta edição de livros tanto para adultos como para crianças.

Segundo o Reis (2008, p.35) “a comunicação oral adquire uma função relevante na organização do trabalho na sala de aula, na execução das tarefas, na divulgação e partilha dos resultados”. Durante a aula, o meu colega promoveu a comunicação oral dos alunos tal como é referido no programa.

Com a análise do capítulo, o meu colega foi de encontro a um dos descritores de desempenho propostos no programa, onde é referido “fazer apreciações críticas de um texto, incluindo sobre o conteúdo e sobre a linguagem”. A linguagem desta obra tem alguma dificuldade de compreensão mas, com o auxílio do meu colega, os alunos compreenderam o seu sentido.

Dia 16 de dezembro de 2011

- Matemática

Como é costume no colégio, os alunos estiveram a assistir a uma missa de natal da igreja.

- Língua Portuguesa

Visto ser a última aula antes das férias, a professora solicitou que os alunos fizessem uma dramatização sobre os textos ou da “Bela Infanta” ou da “Dona Infanta”.

Dirigimo-nos para a cripta do colégio e os alunos apresentaram as suas dramatizações. No final de cada uma, a professora fez uma apreciação sobre a prestação dos alunos.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora continuou a exploração do estudo do sistema circulatório referindo a função dos glóbulos vermelhos e das plaquetas através de diálogo com os alunos.

Explicou também em que consiste a anemia.

- História e Geografia de Portugal

A aula teve início com a revisão dos conteúdos abordados anteriormente e com a herança deixada pelos muçulmanos na Península Ibérica. Esta foi feita pelo meu colega.

Por fim, a professora fez a autoavaliação deste período com os alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora proporcionou um momento para os alunos se auto avaliarem.

Segundo Ferreira (2007, p.108) a auto-avaliação “consiste num processo em que o aluno participa na sua avaliação, a partir de critérios que são apresentados pelo professor, ou negociados com os alunos”. Nesta aula, os critérios foram apresentados pela professora.

Através deste tipo de avaliação, o aluno reflete sobre as suas práticas e percebe que postura deve tomar para atingir os critérios de avaliação estabelecidos. Simão, citado pelo mesmo autor, define este tipo de avaliação como um “olhar crítico consciente sobre o que se faz, enquanto se faz e/ou depois de se ter feito”.

Nunziati citado pelo mesmo autor acrescenta ainda que este tipo de avaliação, surge como “peça-chave de qualquer dispositivo pedagógico” visto que através dela o aluno é capaz de regular a sua aprendizagem.

Torna-se assim, bastante importante criar momentos de autoavaliação em sala de aula. O professor surge como um mediador neste processo. Posteriormente, o aluno vai “planificar a sequência da sua acção e os materiais de que vai necessitar para a realizar, no sentido do processo de aprendizagem, ou da alteração da trajectória em função da análise efectuada” (Ferreira, 2007 p. 111). Esse tipo de avaliação contribuirá, assim, para um processo de aprendizagem mais enriquecedor para o aluno.

Considerarei bastante pertinente a professora de ciências ter falado da anemia. De acordo com o programa de Ciências da Natureza para o 2.º Ciclo, Ministério da Educação (1991, p. 175) a função da escola não é apenas na transição de conhecimentos científicos e tecnológicos como também tem um papel importante “no desenvolvimento de atitudes susceptíveis de assegurar, aos cidadãos do futuro, a aplicação e avaliação desses conhecimentos”. A professora relacionou os conteúdos do sistema circulatório com a doença mencionada em cima. Desta forma, os alunos compreendem a relacionar os conteúdos e percebem que o que estão a aprender está intimamente ligado com situações do dia-a-dia.

Dia 3 de janeiro de 2012

- Matemática

Neste dia, a professora fez uma revisão do último tema estudado: as potências. Foi notório observar que alguns alunos já não se recordavam do tema. Muitos deles nem traziam folhas para a aula.

De seguida, introduziu as potências de base dez e os alunos estiveram a realizar exercícios que a professora passou no quadro.

- História e Geografia de Portugal

Foi iniciado o conteúdo da formação do Condado Portucalense. A professora usou uma apresentação em *Powerpoint* elucidativo da temática a abordar.

A certa altura da aula, a docente referiu que as guerras não levam a lado nenhum e que as pessoas devem, sim, dialogar para resolver os problemas.

- Língua Portuguesa

A professora começou por dialogar com os alunos sobre as notas do período anterior. Referiu que em alguns casos deu uma nota superior à que os alunos mereciam, a fim de lhes dar o benefício da dúvida.

Introduziu uma nova atividade para este período: Convite à leitura. Esta atividade consiste em os alunos lerem um livro e terem que apresentá-lo à turma não contando toda a história. A escolha dos livros foi feita pelos alunos mas com alguma supervisão da professora.

Fez uma revisão dos dois primeiros reis da obra *Três reis do Oriente* bem como dos recursos expressivos estudados.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade proposta pela professora tem como intenção motivar os alunos para a leitura de textos literários. Esta atividade deverá ser realizada fora da sala de aula e apresentada à turma num dia combinado com a professora.

O que os alunos lêem “não pode depender apenas deles, mas a razão pela qual lêem deve ser do seu interesse e no seu próprio interesse” (Bloom 2001, p.19) visto nem todos os livros serem considerados apropriados para a sua idade. A professora manteve, durante a aula, diálogo com alguns alunos sobre as suas escolhas para a apresentação do livro. Aceitou a maioria das escolhas dos alunos e os que invalidou, justificou porquê.

Os livros escolhidos pelos alunos deveriam ser considerados literários. Segundo Aguiar e Silva (2002) citado por Magalhães (2009, p.56) o texto literário “reinventa constantemente o mundo, e reinventa o mundo e reinventa a língua”.

Dia 6 de janeiro de 2012

- Matemática

Esta aula teve como tema a translação e propriedades e foi lecionada pela professora. Começou por distribuir uma ficha com uma imagem e propôs que os alunos marcassem determinadas retas passando pelos pontos que indicava.

De seguida, entregou material não estruturado (flores e cavalos em papel). Os alunos marcaram segmentos de reta e mediram-nos. Verificaram que os pontos eram congruentes. Através das duas imagens verificaram as propriedades da translação.

Posteriormente, a professora deu a noção de vetor.

Por fim, solicitou que os alunos realizassem exercícios do manual.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com uma revisão oral do que foi lecionado na aula anterior (subclasse dos verbos). Seguidamente, corrigiu os trabalhos de casa através de perguntas aos alunos. Durante a correção, uma aluna não conseguiu responder ao exercício e a professora não a ajudou. Enquanto que, com os restantes alunos, isso não aconteceu.

Por fim, os alunos estiveram a ler o último capítulo da obra *Três Reis do Oriente*.

- Ciências da Natureza

Esta aula foi destinada à legendagem de uma imagem de um coração. Após os alunos terem-na concluído, a professora prosseguiu com a correção em voz alta.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula foi lecionada na sala multimédia. A professora começou por fazer a revisão dos conteúdos trabalhados na aula anterior, através de questões orais colocadas aos alunos. A docente continuou com o estudo da formação de Portugal. Por fim, distribuiu uma ficha de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

A expectativa que os professores têm em relação aos seus alunos pode influenciar a relação pedagógica visto que, “usa critérios diferenciados para interrogar e interagir com o aluno, tipo de reforço e feedback diferentes” (Oliveira e Oliveira, 1999a, p.119).

Na aula de Língua Portuguesa fiquei com a sensação de que as expectativas que a professora tinha em relação àquela aluna não são as mais positivas. Contudo, isso não pode acontecer em sala de aula pois “as expectativas do professor exercem influência sobre os alunos, levando o docente a ter atitudes diferentes com os alunos alta ou baixamente expectados, influenciando assim o seu auto-conceito, no nível de aspiração, na motivação e por conseguinte no rendimento escolar”. (idem, p.119). A professora deveria ter esclarecido a aluna, como fez com os restantes alunos da turma. Os autores acima mencionados alertam, contudo, que “é quase impossível pedir a um professor que não alimente expectativas a respeito dos seus alunos, com mais ou menos fundamento”.

O facto de o aluno sentir que o professor tem expectativas positivas em relação a ele também contribui para que este aumente “a sua auto-estima, a motivação e o conseqüente rendimento escolar” levando a que o professor também aumente cada vez mais as expectativas que tem do aluno. Entramos, assim, num ciclo vicioso.

Dia 10 de janeiro de 2012

- Matemática

Esta aula teve como tema os múltiplos e os divisores. A professora começou por escrever no quadro todos os números de um a trinta. Solicitou que os alunos pintassem de uma cor os múltiplos de 2, de outra os múltiplos de 5 e assim sucessivamente para os múltiplos de 10 e 3. Seguidamente, registou no quadro a definição de múltiplos e divisores.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula a professora adotou uma estratégia de comportamento. Os alunos têm uma folha com cem quadrados numerados. Conforme têm comportamentos inadequados a professora solicita-lhes que cortem um quadrado.

Após explicada esta estratégia de sala de aula, a professora distribuiu duas fichas de trabalho.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a leitura de um trabalho de casa de uma aluna. De seguida, a professora solicitou que a minha colega lesse um texto sobre os motivos que levaram Maria Alberta Menéres a escrever a obra *Ulisses*. De seguida, a professora colocou oralmente questões aos alunos.

Foi feita ainda uma breve revisão da noção de biografia.

Por fim, a professora distribuiu uma proposta de trabalho e os alunos realizaram-na.

Inferências/Fundamentação Teórica

A obra *Ulisses* foi escrita por Maria Alberta Menéres. Esta autora é natural de Vila Nova de Gaia e nasceu em 1930. Estudou na Faculdade de Letras de Lisboa Ciências Histórico-Filosóficas. Editou diversos livros e ganhou vários prémios. (Barreto 2002, p.342).

A obra *Ulisses* é uma adaptação “das aventuras de Ulisses, contadas por Homero”. (Barreto 2002, p.342). Através desta obra, as crianças conhecem de uma forma informal “as aventuras do herói de Ítaca, ficando a conhecer uma das personagens mais fascinantes da literatura da Antiguidade Clássica” (*idem*).

Esta obra foi lida pelos alunos, antes de ser analisada em sala de aula. Foi possível observar muito entusiasmo por parte dos alunos com o estudo da mesma. Questionaram a professora sobre várias partes da obra. Contudo, esta tentou cingir-se apenas ao primeiro episódio da obra.

Em tempos, a Literatura Infantil era vista como “o universo de obras destinadas às crianças e / ou por estas adoptadas, qualquer que fosse a idade dos pequenos leitores” (Barreto 2002: 304). Contudo, verificou-se que esta definição era muito abrangente pois as crianças têm estádios de desenvolvimento bastante diferentes. Assim, ajustou-se a literatura para crianças em “escalões etários consentâneos com as etapas de desenvolvimento e as necessidades psicopedagógico-lúdicas dos pequenos leitores”(*idem*).

Coelho, propõe designações para estes escalões etários. Assim, a “literatura infantil” “é destinada a crianças até aos 10 anos de idade”, a literatura infanto-juvenil” “para os que têm entre 11 e 14 anos e a “literatura juvenil” “para jovens a partir dos 15 anos”. (citado por Barreto 2002, 305)

Através destas designações é possível verificar que os alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico estão inseridos na “literatura infanto-juvenil”.

Os alunos do 2.º Ciclo inserem-se no estádio das operações formais. Desta forma, o leitor liberta-se de uma forma progressiva dos conceitos concretos e “acede ao real como um subconjunto do possível”. Neste estádio, o leitor é capaz de “refletir sobre factos reais mas também sobre proposições cuja veracidade desconhece, pelo que cria hipóteses e tira conclusões” (Bastos, 1999, p.36).

Assim, a sua capacidade de compreender textos literários é mais vasta. Neste estádio, as operações características são “a síntese, a individualização e a generalização” (*idem*)

De acordo com Soriano (1975, citada por Bastos, 1999, p.22), a literatura infantil e juvenil prende-se com uma “comunicação histórica (...) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (recetor)”. Contudo, a literatura para crianças e jovens não se prende apenas com um processo de comunicação, mas sobretudo com a qualidade literária bem como a “situação plural” visto que deve estar adequada aos estádios de desenvolvimento dos indivíduos.

A literatura infantil e juvenil surgiu há muito tempo. Pode até afirmar-se que “elas se entroncam na literatura popular e tradicional” (Barreto 1998, p. 15). Neste tempo a literatura era feita por transmissão oral.

O ensino nas aulas de Língua Portuguesa centra-se no ensino de uma leitura orientada “introduzindo-se o aluno a uma terminologia básica da análise textual” (Magalhães, 2009, p.65). É neste ciclo de ensino que são apresentados novos textos literários com base em adaptações feitas para crianças que tiveram origem em clássicos da literatura para adultos.

Os textos literários tornam-se importantes na vida dos jovens adolescentes pois segundo Dacosta (2002,)

com a entrada na adolescência a leitura funciona como uma segunda placenta protectora, já que através da leitura se podem vivenciar experiências, de outro ou de outros, no faz-de-conta, sem perigo e sem traumas, porque não é ainda a sério como na vida (p.199).

Através da leitura é possível experimentar diversas sensações permitindo um “crescer experiencialmente” (*idem*). Esta experiência literária proporciona uma maior maturidade nos leitores.

Dia 13 de janeiro de 2012

- Matemática

Neste dia dei a aula cujo tema se prendia com a rotação de uma imagem e as suas propriedades. Para tal, usei uma apresentação em *Powerpoint* e os alunos tinham uma ficha para resolver os exercícios propostos na apresentação.

Durante esta aula, tentei sempre explicar o conteúdo pausadamente, passo por passo.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com as indicações para um concurso de literatura. A professora solicitou-me que lesse as diretrizes para o concurso. O concurso consistia em os alunos enviarem uma carta para outro planeta com recomendações para a construção desse mesmo planeta.

De seguida, distribui uma ficha informativa sobre a carta que foi lida em voz alta.

Depois iniciou o estudo da obra *Ulisses*. Os alunos leram em voz alta o primeiro episódio.

Por fim, distribuiu uma ficha de trabalho, para realizarem a pares, sobre o capítulo lido da obra.

- Ciências da Natureza

A professora começou por dialogar com os alunos sobre a higiene do sistema circulatório. Por fim, os alunos realizaram exercícios do manual.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, a professora explicou, através de uma apresentação em *Powerpoint*, as características naturais de Portugal no século XIII (dimensões, fronteiras, relevo, clima).

Por fim, solicitou que os alunos lessem e sublinhassem os conteúdos mais importantes deste tema no manual escolar.

Inferências/Fundamentação Teórica

O concurso de literatura teve uma forte aceitação por parte dos alunos. Estes ficaram motivados para participar, mostrando interesse com as questões que colocaram à professora.

A escrita de textos é referida Por Reis (2008) como a fim de

articular as diferentes partes planificadas; seleccionar o vocabulário ajustado ao conteúdo; construir os dispositivos de encadeamento (crono)lógico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido; dar ao texto a estrutura compositiva e o formato adequados; respeitar regras de utilização da pontuação; adoptar as convenções (orto)gráficas estabelecidas (p.90).

Este concurso de literatura fomentou nos alunos a motivação para a escrita. Os alunos eram autónomos e livres na escrita da carta seguindo apenas o tema sugerido.

Através das várias leituras literárias que estes jovens leitores fizeram ao longo do seu percurso escolar, conseguiram construir uma intriga interessante.

Nas aulas de ciência é comum observar que a professora recorre muito ao manual escolar para que os alunos realizem tarefas. Através deles, os alunos consolidam os conteúdos transmitidos ao longo da aula. Moreira, Ponte, Pires e Teixeira (sd, p.9), analisaram vários estudos feitos sobre o uso dos manuais escolares em sala de aula. Verificaram que “os professores parecem usar o manual escolar sobretudo como fonte de tarefas, para realizar na aula e como trabalho de casa”.

O uso desta ferramenta é muito comum nas escolas. Os alunos aplicam os conteúdos nas questões que são colocadas pelos mesmos.

Dia 17 de janeiro de 2012

- Matemática

Os alunos estiveram a realizar trabalhos de grupo sobre matemáticos do século XX para afixar nos corredores da escola na semana da cultura.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula teve o mesmo tema da aula lecionada do dia treze do presente mês. Contudo, não foi utilizada nenhuma apresentação em *Powerpoint*. Durante a aula, a professora mostrou-se confusa nas explicações que fazia.

- Língua Portuguesa

Nesta aula, dois alunos apresentaram pela primeira vez o seu livro. Esta atividade está inserida no Convite à Leitura, proposto pela professora, no dia três do presente mês.

Por fim, a professora corrigiu em voz alta o trabalho de casa.

Durante toda aula foi notório verificar que os alunos estavam muito agitados.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de História e Geografia de Portugal a professora, como referi, mostrou-se bastante confusa nos conteúdos que apresentou. Senti mesmo que não estava segura na matéria. E tendo como termo de comparação a aula que deu com o suporte em *Powerpoint* leva-me a refletir sobre essa situação.

O professor tem o dever de planificar as suas aulas pois, tal como refere Zabalza (1998, p.46) “tem que apostar decididamente em ser ele próprio o co-responsável pelo projecto e pela própria gestão do seu trabalho na aula”. O professor deve organizar e planificar não só o ano letivo mas também cada aula de uma forma diária. Este tipo de planificação permite, segundo Arends (1995, p.59) a esquematização do “conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação”. Desta forma, os professores devem dar especial atenção a este tipo de planificação. Através da planificação diária, o professor estrutura de uma forma mais consciente toda a aula.

Dia 20 de janeiro de 2012

- Matemática

Neste dia a minha colega deu a aula cujo tema se centrava na reflexão e propriedades. Começou por distribuir uma folha com um eixo de reflexão. De seguida, colocou um pouco de tinta na folha de cada aluno e solicitou que dobrassem a mesma.

Seguidamente, explicou este conteúdo através de uma apresentação em *Powerpoint*.

Por fim, distribuiu uma ficha de trabalho que realizou em conjunto com os alunos.

- Língua Portuguesa

A professora começou a aula com a verificação do trabalho de casa colocando questões orais sobre os verbos irregulares a todos os alunos.

Os alunos leram um texto informativo sobre os Deuses do Olimpo e responderam a questões sobre o mesmo no manual. Esta atividade foi feita em grupo.

Durante esta aula o meu colega colocou uma questão à professora enquanto esta estava a tirar uma dúvida a um aluno. A professora respondeu com naturalidade. Contudo, mais tarde, verificámos o seu descontentamento com a atitude do meu colega.

- Ciências da Natureza

A aula teve início com o esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos lecionados anteriormente. Posteriormente, a professora corrigiu exercícios do manual sobre as funções do sangue.

- História e Geografia de Portugal

Neste dia os alunos estiveram a realizar teste de avaliação. Como tal, os meus colegas e eu fomos dispensados da aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática, a minha colega recorreu a materiais não estruturados de forma a concretizar o tema abordado. Segundo Abrantes *et al.* (1999, p.25) recorrer a este tipo de materiais bem como a instrumentos tecnológicos, também utilizados durante a aula, tornam-se imprescindíveis “como ponto de partida ou suporte

de muitas tarefas escolares” como “um meio e não um fim”. É necessário saber utilizar estes materiais para promover a “actividade intelectual dos alunos”.

O professor deve ter sempre presente que para valorizar o pensamento dos alunos “tem que criar condições para que eles se envolvam em actividades adequadas ao desenvolvimento das suas capacidades”. Ao longo desta aula, foi possível verificar a compreensão da minha colega em relação a este fator.

As revisões realizadas na aula de Ciências da Natureza tiveram em vista esclarecimento das mesmas visto que a prova de avaliação se aproximava. Este tipo de metodologia em sala de aula é bastante pertinente visto que os alunos necessitam de compreender os conteúdos para passarem para os conteúdos seguintes. De encontro a esta ideia, e visto que nesta aula os alunos estiveram a preparar-se para uma prova de avaliação, Jensen (2002, p. 168), salienta outras potencialidades desta metodologia referindo que a sua pratica deve ser realizada em sala de aula “sob uma variedade de estados, para que os alunos se possam aclimatar ao leque de emoções que provavelmente sentirão na altura do teste.” Muitas vezes, durante os testes, os alunos recordam-se da forma como determinado conteúdo foi lecionado ou revisto e isso pode facilitar a sua resposta.

Dia 24 de janeiro de 2012

- Matemática

Durante esta aula, a professora esteve a trabalhar o máximo divisor comum. Começou por solicitar que os alunos realizassem uma tarefa do manual. Durante o tempo de realização da mesma, a professora não auxiliou os alunos.

Durante esta aula, ameaçou alguns alunos que lhes ia descer as notas.

Por fim, após a explicação do conteúdo, solicitou que realizassem exercícios do manual. A professora, os meus colegas e eu fizemos a correção dos mesmos individualmente.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula a professora esteve a abordar as populações e atividades económicas no século XIII em Portugal.

Usou uma apresentação em *Powerpoint* para a exploração do tema contudo não sabia bem o conteúdo do mesmo.

- Língua Portuguesa

Neste dia, os alunos foram assistir a uma peça de teatro sobre a obra “Ulisses” no auditório do colégio.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática, a professora ameaçou os alunos várias vezes como referi anteriormente. Contudo, a postura que o professor assume em sala de aula, o que diz e faz tem que ser muito bem ponderado. Segundo Arends (1995, p.117) o que os professores fazem “tem influência no comportamento dos alunos”. Como tal, as posturas do professor modelam a postura dos alunos. Segundo o mesmo autor, o ato de ensinar é “uma tentativa de influenciar o comportamento e aprendizagem dos alunos”.

A situação de ameaça que a professora aplicou em sala de aula é um exemplo de punição contudo não posta em prática. Segundo Sprinthall e Sprinthall (1993, p.262), a punição por parte do professor “poderá constituir uma forma eficaz de controlar o comportamento, mas não promove o amor à aprendizagem”. Como tal, é de evitar este tipo de situações.

1.7. - 7.ª Secção

Período de estágio – de 31 de janeiro de 2012 a 22 de março de 2012

Ano de escolaridade - 5.º ano do Jardim-Escola do Entroncamento

1.7.1. Breve caracterização da turma

Esta turma é constituída por oito alunos, sete rapazes e uma rapariga, sendo que apenas um deles ingressou na escola este ano letivo; todos os restantes frequentam a escola desde os três anos de idade.

De seguida, apresento o quadro 9 com o horário da turma.

Quadro 9 – Horário da turma do 5.º ano do Entroncamento

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9:00/9:45	MAT	LPO	LPO	MAT	HGP
9:45/10:30	MAT	LPO	LPO	MAT	HGP
INTERVALO					
10:50/11:35	ING	MAT	EF	ING	CNT
11:35/12:10	LPO	MAT	ED	ING	CNT
INTERVALO					
12:20/13:05	EF	HGP	CNT	LPO	FC
ALMOÇO					
14:30/15:15	TIC	EA	EM	EVT	EVT
15:15/16:00	TIC	EA	EM	EVT	EVT

1.7.2. Relatos diários

Dia 31 de janeiro de 2012

Este dia teve início com a receção por parte da diretora do Jardim-Escola. Foram-nos mostradas as instalações da instituição e fomos apresentados a todo o corpo docente e não docente.

- Língua Portuguesa

Nesta aula, a professora iniciou o conteúdo da voz ativa e da voz passiva. Depois da explicação, apresentou diversas frases e realizou, em conjunto com os alunos, a passagem da voz ativa para a voz passiva e vice-versa.

Na segunda parte da aula, alunos dos 3.º e 4.º anos dirigiram-se a nossa sala e realizou-se uma atividade de “Clube de Leitura”. Os alunos juntaram-se em grupos de dois e leram uma lenda. Posteriormente, recontaram-na aos colegas.

- Matemática

Esta aula teve como conteúdo a noção de ângulos adjacentes, complementares e suplementares. A explicação foi feita no quadro e depois os alunos realizaram exercícios do manual.

- História e Geografia de Portugal.

A professora fez a revisão dos recursos naturais aproveitados na Península Ibérica através de diálogo com os alunos. Posteriormente explicou as noções de comércio interno e externo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de Língua Portuguesa criou-se um agradável contacto com a leitura. O Clube de Leitura promove o contacto dos alunos de diferentes faixas etárias com o ato de ler. O Plano Nacional de Leitura (2011, p.29) salienta que nas escolas foram criados Clubes de Leitura para “contrariarem o afastamento dos adolescentes da leitura”. Através deles, os alunos, em grupos, contactam com a leitura de uma forma lúdica e motivadora.

Durante esta parte da aula, a professora apelou sempre a que os alunos lessem com entoação. De acordo com Reis (2008, p. 94) os alunos no segundo ciclo devem “ler em voz alta com fluência e expressividade para partilhar informações e conhecimentos”. Neste caso, os alunos recontaram o que leram e depois leram a lenda aos colegas. Reis (2008, p. 94) também salienta que neste ciclo de ensino os alunos devem “recontar e sintetizar textos”. Verifiquei que os alunos possuem dificuldades em realizar a técnica do reconto.

Dia 1 de fevereiro de 2012

Neste dia acompanhámos a turma a uma visita de estudo a Santarém no âmbito da disciplina de Matemática. A visita consistia em os alunos assistirem a uma peça de teatro intitulada “Querida Matemática”. Durante a peça de teatro os alunos tiveram a oportunidade de ver situações em que a matemática é utilizada no dia-a-dia.

Inferências/Fundamentação Teórica

A visita de estudo realizada neste dia teve por base a observação de uma peça de teatro sobre Matemática. A visita de estudo é, tal como refere Krepel citado por Almeida (1999, p.51) “uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectivos de estudo nos seus locais funcionais”. No caso desta visita, os alunos observaram diversas situações em que a Matemática está inserida no seu quotidiano.

O principal intuito da mesma foi motivar os alunos para o ensino da Matemática e para que estes não a vejam como uma ciência inútil no dia-a-dia.

A professora poderia demonstrar, em sala de aula, que a matemática encontra-se implícita em muitas situações do quotidiano dos alunos, mas o facto de observarem essa situação numa visita de estudo tem um impacto diferente, pois tal como VanPraet citado por Almeida (1999, p.55) “por muito breve que seja a visita, a sua mensagem didáctica é necessariamente diferente da dada pelo professor que se movimenta num espaço fechado da sua aula, tendo essa mensagem consequências nas atitudes dos alunos”. Os alunos, ao saírem da sala de aula, ficaram mais motivados e recetivos a novas ideias. Este tipo de saídas da escola quebram um pouco a rotina de sala de aula e os alunos aprendem na mesma (*idem*, p.55).

Dia 7 de fevereiro de 2012

- Língua Portuguesa

Os alunos estiveram a realizar uma ficha de avaliação formativa.

- Matemática

Nesta aula, a professora começou por rever a noção de polígono. De seguida, relembrou, através de um esquema no quadro, que os triângulos podem ser classificados quantos aos ângulos e quanto aos lados. Por fim, solicitou que os alunos realizassem exercícios do manual.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual durante toda a aula. A certa altura, apercebemo-nos de que existiam pequenos conflitos entre os alunos da turma. Um aluno estava a ser menosprezado pelos colegas de turma. A professora pediu que todos os alunos da turma realizassem um relatório sobre o que aconteceu na aula.

- Estudo Acompanhado

Em Matemática os alunos estiveram a realizar exercícios sobre os conteúdos lecionados na aula da manhã.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos estiveram a realizar trabalhos para o concurso “Uma aventura literária – 2012”. A professora apelou para a importância de os alunos planificarem o seu trabalho e criarem hábitos de estudo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de estudo acompanhado, os alunos estiveram a realizar uma atividade de escrita. O ato de escrever deve ser bem pensado e planeado visto que, segundo Barbeiro e Pereira (2007, p. 15) "exige a capacidade de procedimentos e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar".

A professora deu os quarenta e cinco minutos para a realização desta atividade. Durante este tempo os alunos cumpriram as componentes para a realização de uma atividade de escrita salientada pelos mesmos autores: a planificação, a textualização e a revisão (*idem*, p.17).

A etapa da planificação permite aos alunos "estabelecer objectivos e antecipar efeitos, para activar procedimentos e conteúdos, para organizar a informação em ligação à estrutura do texto, para programar a própria realização da tarefa". Durante o tempo da planificação, os alunos estruturaram o que pretendiam abordar no texto. A planificação da atividade de escrita permitirá que os alunos não dispensem tanto tempo na textualização. Contudo, à medida que vão adquirindo prática na atividade de escrita vão dispensando esta etapa.

A etapa da textualização corresponde a redação do texto. Durante a escrita do texto, o aluno pode ter a necessidade de alterar o que planificou anteriormente. Na escrita de um texto tem que existir articulação linguística pois não é "uma mera adição de frases ou proposições autónomas, que apenas fosse necessário juntar, mas constitui uma unidade em que essas frases se interligam entre si, estabelecendo relações de coesão linguística e de coerência lógica" (*idem*, p.18).

A revisão do que foi escrito "processa-se através da leitura, avaliação e eventual correcção ou reformulação do que foi escrito. Esta componente pode actuar ao longo de todo o processo, por exemplo, em articulação com a textualização" (*idem*, p.19) na medida em que os alunos podem, à medida que escrevem, realizar uma leitura do que foi escrito e reverem-na.

Dia 8 de fevereiro de 2012

- Língua Portuguesa

Nesta aula, a professora fez uma revisão de algumas e subclasses de palavras. No final da aula, uma aluna apresentou um livro que leu aos colegas.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora fez revisões orais sobre os conteúdos abordados (raiz e caule das plantas).

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Ciências da Natureza, como referi anteriormente, a professora colocou questões orais aos seus alunos a fim de verificar os seus conhecimentos e, também, como forma de preparação para a ficha de avaliação.

Foi notório observar que durante toda a aula houve um clima entre a professora e os alunos bastante agradável. Os alunos, mesmo quando não sabiam responder, mantinham-se descontraídos e interessados. Sá (2002, p.78) refere que a atmosfera em sala de aula, ou seja, “o fluxo de afetos, sentimentos e emoções, às influências recíprocas das ações do professor e alunos, a toda a estrutura de comunicação e interação social”, é importante para o processo de aprendizagem dos alunos.

Dia 17 de fevereiro de 2012

Neste dia, os meus colegas e eu dirigimo-nos ao Jardim-Escola para realizarmos aulas de preparação para as aulas assistidas, a realizarem-se no dia dois de março. As aulas referidas foram a de História e Geografia de Portugal e a de Ciências da Natureza. Estas aulas serão avaliadas no Capítulo 3 (p.246 e 250, respetivamente).

- História e Geografia de Portugal

Começamos por fazer uma dramatização sobre a Revolução de 1383-85.

O meu colega começou por contextualizar o tema referindo o modo de vida desta altura. Referiu a crise económica e política sentida na altura.

A minha colega explicou o problema relacionado com a sucessão ao trono de D. Fernando. Referiu também os grupos apoiantes.

De seguida, eu expliquei as invasões castelhanas e referi o que aconteceu no cerco de Lisboa, na Batalha de Aljubarrota. Expliquei também o conceito de Cortes.

Durante a aula, a minha colega e eu analisámos diversos textos da época sobre a temática apresentada.

- Ciências da Natureza

Nesta aula a minha colega contextualizou o tema e elucidou os alunos sobre os constituintes da folha. Explicou ainda as folhas aéreas, aquáticas e subterrâneas. Distribuiu um herbário e explicou a sua função.

Em seguida, eu expliquei a classificação das folhas quanto à nervura e recorte. Enquanto explicava este conteúdo novo ia preenchendo o herbário com os alunos.

Depois, o meu colega explicou a classificação das folhas quanto à forma do limbo e preencheu também o herbário. Por fim, explicou a noção de fotossíntese.

Inferências/Fundamentação Teórica

Através do ensino da História e Geografia de Portugal, os alunos são levados a refletir sobre o passado histórico. Durante esta aula, percecionei que os alunos têm um vasto conhecimento de fatos históricos e interesse por temáticas históricas. Durante a aula foi promovida sempre a comunicação com os alunos. Siman (2011, p. 45) salienta que as crianças, quanto ao ensino da história, “são destemidas para perguntar, para expressar suas ideias, seus raciocínios, seus sentimentos, assim como são capazes de estabelecer relações inusitadas e instigantes, relações jamais pensadas pelos adultos”.

Com o decorrer da aula verifiquei, de uma forma plena esta afirmação. Os alunos mostraram-se muito conhecedores dos conteúdos abordados ao longo da aula. Percebi que pesquisavam muito na internet e em livros.

Na aula de Ciências da Natureza, os meus colegas e eu proporcionámos atividades práticas. Os alunos tiveram a oportunidade de mexer em materiais (folhas de plantas) para as classificarem de acordo com os critérios mencionados no relato. Segundo Miguéns (1999, p.77), “o trabalho pratico é encarado como incluindo actividades realizadas pelos alunos, que interactuam com materiais e equipamento, para planearem, observarem e interpretarem, na sala de aula, no laboratório ou em actividades de campo”. Durante a aula, os meus colegas e eu interagimos com os alunos a fim de os questionar sobre a temática abordada. O autor anteriormente referido, salienta que o deve existir interação do professor e “que incluem exercícios de observação, demonstrações, experimentações, experiencias exploratórias e investigações”. Nesta atividade de trabalho prático só realizámos exercícios de observação.

Dia 27 de fevereiro de 2012

- Matemática

A professora começou por fazer a correção do trabalho de casa. De seguida, deu início ao estudo dos números racionais não negativos. Explicou a noção de numerador, denominador e a leitura de frações.

Durante a aula, a professora fez várias divisões para explicar a noção de fração, entre elas, dividiu vinte e cinco ovelhas por duas pessoas.

O quociente desta divisão não é exato. Então a professora explicou que se dividia uma ovelha ao meio e dava-se uma metade a cada pessoa.

- Língua Portuguesa

A aula teve início com a correção do trabalho de casa. Este estava relacionado com a classe fechada de palavras: a preposição.

Posteriormente, foi feita a distinção entre preposição simples e contraída. A aula foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os números racionais não negativos são introduzidos no primeiro ciclo. Desta forma, a aula que observei seria uma aula de revisões visto que a professora fez uma revisão do conceito de fração. Ponte *et al.* (2009, p. 34) salientam que no segundo ciclo, a fração é apresentada como sendo “quociente entre dois números inteiros, relação parte-todo, razão, medida e operador, tendo sempre em vista o desenvolvimento do sentido de número”.

Durante a aula, a professora utilizou situações do quotidiano dos alunos para rever o conceito, tal como afirma Ponte *et al.* (2009, p. 34), para o ensino dos números racionais “deve tomar-se como ponto de partida quer situações que incluem elementos do quotidiano dos alunos (por exemplo, de jornais e revistas e de horários de transportes)”. Mas a professora não pensou no exemplo que utilizou. O facto de ter dividido ovelhas ao meio não foi o melhor, visto que podia ter pegado em objetos em vez de seres vivos para exemplificar uma situação concreta.

Dia 28 de fevereiro de 2012

- Língua Portuguesa

Durante a primeira parte da aula os alunos estiveram a realizar exercícios sobre a classe de palavras estudada na aula anterior.

Na segunda parte da aula, dirigiram-se à sala do terceiro ano para realizarem uma atividade de “Clube de Leitura”. Esta atividade consistia em os alunos realizarem um texto poético através de uma imagem. Este texto foi feito em grupos constituídos por elementos do quinto e do terceiro anos.

- Matemática

A aula teve início com a correção do trabalho de casa que consistia na leitura de frações. Esta correção foi feita no quadro. De seguida, a professora, fez a revisão das partes da fração e posteriormente, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual.

- História e Geografia de Portugal

Durante a aula, os alunos estiveram a realizar exercícios do manual a pares.

- Estudo Acompanhado

Na primeira parte, lecionada pela professora de Língua Portuguesa, os alunos estiveram a rever algumas regras do novo acordo ortográfico.

A segunda parte da aula, lecionada pela professora de Matemática, teve início com a verificação da organização dos portefólios dos alunos. De seguida, a professora explicou a noção de fração como quociente exato de dois números inteiros.

Inferências/Fundamentação Teórica

Através da realização de exercícios a pares, os alunos trocam ideias e interagem entre si. Segundo Fathman e Kessler citados por Lopes e Silva (2009, p.3) este tipo de trabalho promove uma aprendizagem cooperativa que é definida como “trabalho em grupo que se estrutura cuidadosamente para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho”. Através deste tipo de trabalho, os alunos têm a possibilidade de maximizar a sua aprendizagem bem como a dos colegas (*idem*, p.3).

Este tipo de técnica permite que os alunos evoluam na sua aprendizagem e torna-se benéfico na “preparação de indivíduos para situações futuras no ambiente de trabalho” (*idem*, p.4). Os alunos, ao terem que partilhar as suas ideias com os seus pares, estão envolvidos num “processo social na reorganização e na modificação dos entendimentos e das estruturas de conhecimento individuais”. A aprendizagem surge inserida num meio social.

Segundo Lopes e Silva (2009, pp.21-22) existem três tipos de grupos de aprendizagem cooperativa: grupos formais, grupos informais e grupos cooperativos de base. Nos grupos formais este tipo de técnica é utilizada num longo período de tempo (de horas a várias semanas).

O trabalho realizado pelos alunos tem como ponto central objetivos comuns a todos os elementos do grupo. Segundo os autores referidos em cima, este tipo de grupos “garantem a participação activa dos alunos nas tarefas intelectuais de organizar a matéria, explicá-la, resumi-la e integrá-la nas suas estruturas conceptuais. Nos grupos informais, a aprendizagem cooperativa ocorrem em períodos de tempo menores (alguns minutos ou uma aula inteira). Neste tipo de técnica o professor auxilia os alunos a fim de verificar se estão a desempenhar o seu trabalho corretamente. Nos grupos de cooperação de base, o tempo despendido é muito superior aos casos anteriores, dura em, em média, um ano. Os grupos são formados de forma heterogénea e tem como principal objetivo “possibilitar que os seus integrantes dêem uns aos outros apoio, a ajuda, o estímulo e o auxílio que cada um necessita para ter um bom desempenho escolar”.

Na aula de História e Geografia de Portugal, a professora só formou grupos informais, visto que os alunos estiveram a realizar este tipo de tarefa apenas durante a aula. No final, a professora fez uma correção breve e rápida do que os alunos trabalharam em sala de aula. Desta forma, os alunos ficaram a compreender se o que tinham feito estava correto ou não. Este tipo de aprendizagem é muito bem aceite pelos alunos. Percebi, através dos seus comentários, que estão sempre a desejar este tipo de aulas. Verifiquei também que não é por estarem em grupo que se desestabilizam mais. Pelo contrário, sabem trabalhar de uma forma ordeira e silenciosa.

Dia 29 de fevereiro de 2012

- Língua Portuguesa

A professora começou por fazer a correção do trabalho de casa através de questões orais. De seguida, através de uma apresentação em *Powerpoint*, explicou as características do texto utilitário – o recado. Posteriormente, os alunos estiveram a realizar uma atividade de aplicação escrita sobre as técnicas do recado. Durante a aula, a professora aproveitou a palavra cumprimentos para rever as palavras parónimas.

- Ciências da Natureza

Nesta aula a professora concluiu o tema das plantas. Desta forma, apresentou várias plantas e os alunos estiveram a identificar os seus constituintes. Explicou ainda a constituição das plantas sem flor. Por fim, fez uma atividade experimental. Esta consistia em prepararem a germinação de um feijão com três variáveis.

Inferências/Fundamentação Teórica

A prática de atividades de escrita deve ser um crescente neste nível de ensino. De encontro a esta ideia, Reis (2008, p.36) salienta que “ao longo do 2.º Ciclo é essencial que os alunos se constituam como produtores de textos com crescente autonomia”. No caso desta aula, a professora proporcionou que os alunos escrevessem um recado mas não lhes deu mais nenhuma orientação. Assim, os alunos utilizaram a sua imaginação e escreveram um texto de uma forma livre.

Reis (2008, p.36) refere ainda que na escrita de textos “sob a orientação do professor, os alunos, individualmente ou em grupo, definem critérios de elaboração de textos escritos, que funcionam como referenciais, quer de avaliação, tendo em vista um processo de aperfeiçoamento e de reescrita, quer de nova produção”. Depois de os alunos terem redigido os textos de forma individual, a professora corrigiu, um a um, e colocou-os numa parede da sala de aula. De acordo com o mesmo autor (2008, p. 97), no programa de Língua Portuguesa, neste ciclo de ensino é referida a utilização de “técnicas específicas para procedimento, registar, organizar ou transmitir informação”. Neste ponto entra o tipo de texto solicitado pela professora: o texto utilitário. Este tipo de texto é definido por Oliveira (2005, p.73) como “um aviso, uma participação, uma mensagem oral ou escrita de uma ou mais pessoas para outra(s)”.

Os recursos utilizados na aula de Ciências da Natureza são materiais que a professora escolheu para lecionar esta aula. Segundo Pereira (1992, p.139) “os recursos (...) incluem todos os materiais que o professor trabalha para fazer com que o processo de aprendizagem seja mais eficaz em sala de aula”. Nesta aula a professora utilizou as plantas para exemplificar os conteúdos que tinham estado a estudar. O mesmo autor, salienta que os recursos em sala de aula podem ter vários objetivos tais como

ampliar os reforços do professor; organizar a aula (permitindo que o professor fique menos dependente dos seus apontamentos e evitando que o aluno se perca); introduzir um assunto; motivar o aluno; ajudar a classificar conceitos abstratos; exemplificar situações diversas; ajudar na retenção do assunto e possibilitar o desenvolvimento de actividades (p.139)

Durante a aula, e tendo em conta o que foi mencionado por este autor, a professora utilizou este material como forma de motivar os alunos, como ajuda à classificação de conceitos abstratos na medida em que os alunos ao observarem as plantas conseguem compreender melhor os seus constituintes e como forma a exemplificar situações.

Dia 01 de março de 2012

- Matemática

A professora começou por distribuir uma ficha corrigida sobre a divisão que os alunos tinham levado como trabalho de casa anteriormente. Foi possível observar que os alunos têm muita dificuldade em realizar esta operação.

De seguida, os alunos entregaram uma autoavaliação reguladora.

Por fim, os alunos estiveram a realizar exercícios sobre o conteúdo lecionado no dia vinte e oito na aula de Estudo Acompanhado.

Inferências/Fundamentação Teórica

O algoritmo da divisão é algo em que os alunos demonstraram ter dificuldades, tal como afirmam Ponte e Serrazina (2000, p.154) “o algoritmo tradicional, pode ser demasiado sintético e exigir muitos cálculos intermédios não registados, é normalmente muito difícil para as crianças”.

A professora, para colmatar esta dificuldade dos alunos, apelou ao uso da calculadora. De acordo com um estudo feito por Mangualde, citado por Mercê (2008, p. 19), “a utilização da calculadora foi profícua para aqueles alunos que tinham desenvolvido o sentido de número e destrezas de cálculo. Em contrapartida, o aluno que apresentou dificuldades neste domínio, pareceu não conseguir aproveitar as potencialidades da calculadora”. Desta forma, o uso da calculadora só é benéfico para facilitar a realização de cálculos. Os alunos que têm dificuldades na realização dos algoritmos permanecem com essas dificuldades. O mesmo autor salienta ainda que para que “os alunos possam tirar o máximo partido da utilização da calculadora na resolução de problemas, necessitam de possuir sentido de número e competências de cálculo que o levem a utilizar a calculadora de forma crítica na resolução de problemas”. Logo, a estratégia utilizada pela professora para que os alunos conseguissem realizar o algoritmo da divisão não foi a melhor.

Dia 02 de março de 2012

- História e Geografia de Portugal

Neste dia demos a aula assistida pelas professoras orientadoras da Prática Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus. Esta aula teve como tema “os concelhos no século XIII”. A minha colega deu início à aula com a explicação da organização do reino no século acima referido. Mencionou e explicou a noção de reguengos, honras, coutos e concelhos. Explicou, ainda, como é que surgiram os concelhos dando o mote para o meu colega, que começou por fazer a análise de uma carta de foral. Todos os alunos tinham uma carta de foral escrita em papel tipo pergaminho selado. O meu colega explicou também como é que estavam organizados os concelhos, bem como os direitos e deveres dos habitantes do concelho. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.206).

De seguida eu referi a diferença entre concelho urbano e rural centrando-me nas atividades económicas. Expliquei em que consistiam as feiras medievais. Referi onde é que estas feiras se localizavam. Solicitei a um aluno que lesse uma carta de feira para, posteriormente, a analisarmos. Por fim, os alunos visualizaram um filme que demonstra a feira no século XIII.

- Ciências da Natureza

Esta aula também foi assistida pelas orientadoras. Teve como tema o microscópio. O meu colega introduziu o tema referindo a evolução histórica do microscópio. De seguida, eu expliquei a constituição do microscópio, a forma de utilização e os cuidados a ter. À medida que explicava os constituintes os alunos completavam uma proposta de trabalho com a legenda do microscópio e a função de cada constituinte. Por fim, a minha colega explicou as características da imagem vista através deste aparelho. Depois solicitou que os alunos se levantassem e que se dirigissem aos microscópios presentes na sala. Os alunos trabalharam a pares na elaboração de uma preparação do epitélio de uma cebola e viram-na ao microscópio preenchendo um protocolo experimental. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.216).

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de História e Geografia de Portugal foram analisados dois textos históricos: uma carta de foral e uma carta de feira.

Segundo Fabregat e Fabregat (1991, p.50), a leitura e exploração de textos históricos leva os alunos “a captar a mentalidade da época estudada”.

Ao longo de toda a aula, os meus colegas e eu estabelecemos a relação entre o passado que estava a ser estudado e o presente, pois tal como afirmam os mesmos autores, o professor deve “despertar no estudante inquietação pelo presente a partir do texto do passado, porque se esquecer isso deixará de formar no jovem um homem crítico capaz de analisar o seu presente histórico” (*idem*, p.50).

Na minha parte da aula, proporcionei a passagem de um filme. Com ele pretendia que os alunos compreendessem o que tinha explicado anteriormente.

Contudo, e refletindo sobre a aula, penso que seria benéfico passá-lo no início da minha apresentação, visto que ia permitir que os alunos tivessem uma melhor perceção do que ia ser trabalhado e pudessem interagir mais. Segundo os autores mencionados anteriormente, traz vantagem à aprendizagem dos alunos na medida em que “quanto mais observa diretamente, melhor capta realidade que o rodeia e melhor observa a realidade histórica e artística” (*idem*, p.55). Assim, tornava-se pertinente a visualização do filme em primeiro lugar, para que existisse uma maior participação dos alunos durante a aula e para que pudessem analisar mais situações da época como os trajes, o comércio, as festas (todas elas apresentadas no filme), mas contudo, não tive tempo para essa exploração.

Na aula de Ciências da Natureza, como referi em acima, o meu colega começou por fazer uma apresentação da evolução da história do microscópio. A apresentação da história da ciência torna-se enriquecedora na medida em que, tal como afirmam Fontes e Silva (2004, p.41) é possível promover a “cultura científica se forem introduzidos alguns aspectos nas aulas de Ciências, nomeadamente, a planificação do ensino onde sejam introduzidos elementos da História da Ciência”. Desta forma, os alunos compreenderam que o microscópio não foi sempre como o que lhes apresentámos em sala de aula e aumentaram, assim, a sua cultura científica.

Dia 06 de março de 2012

- Língua Portuguesa

Nesta aula a professora apresentou a vida e obra de Alice Vieira. De seguida, os alunos trabalharam a pares a construção de um guião de entrevista à autora. Neste guião os alunos tinham que escrever as questões de acordo com as respostas que já tinham sido dadas. Este exercício constava no manual escolar dos alunos.

- Matemática

A minha colega deu a aula cujo tema se prendia com as frações equivalentes. Começou por fazer a construção da igreja com o 5.º Dom de Fröebel. À medida que fazia a construção ia introduzindo o conceito de fração equivalente através de questões colocadas aos alunos. Depois distribuiu caixas de Cuisenaire e explorou também as frações equivalentes. Os alunos tinham algarismos móveis para representar frações e a respetiva fração equivalente.

- História e Geografia de Portugal

Esta aula teve como tema a vida quotidiana na corte de D. Dinis. A professora explicou o tema e, posteriormente, os alunos realizaram exercícios do manual.

- Estudo Acompanhado

Nesta aula a professora de Língua Portuguesa leu com os alunos uma obra do Plano Nacional de Leitura.

Na segunda parte da aula, a professora de Matemática continuou com o tema que a minha colega tinha dado de manhã, mas referindo a forma para calcular uma fração equivalente.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Plano Nacional de Leitura tem como finalidade, segundo Alçada (2006, p.5) dar “uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e em particular dos jovens”. Este plano contém um conjunto de estratégias que visam “promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura” (*idem*, p.5). A professora de Língua Portuguesa, para além de ler em sala de aula livros recomendados pelo plano, também solicita que os alunos escolham livros e leiam em casa.

O Plano Nacional de leitura, pretende que em sala, “os alunos tenham contacto permanente com livros”, que sejam criadas “actividades de leitura e escrita centrada nas obras adequadas ao nível de desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa” e ainda “actividades curriculares, tais como estudo acompanhado (...) que envolvam especificamente a leitura e a escrita centradas nas obras adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos” (*idem*, p.27).

A professora cumpre o que é pretendido com o plano neste campo visto que, na aula de estudo acompanhado, depois de ter permitido que os alunos lessem uma obra escolhida por ela, das referenciadas pelo plano, os alunos realizaram uma pequena atividade de escrita.

Dia 07 de março de 2012

- Língua Portuguesa

Esta aula foi lecionada por mim. Tinham como tema a Banda Desenhada (BD) e o advérbio. Comecei por fazer uma chuva de ideias sobre o que os alunos pensavam sobre a BD e registei-as no quadro.

Depois apresentei uma definição de Banda Desenhada. De seguida explorei as características da BD e li uma prancha de BD que estava presente no manual dos alunos.

De seguida, passei para o Conhecimento Explícito da Língua e, através de uma apresentação em *Powerpoint*, expliquei esta classe de palavras e as respetivas subclasses.

Por fim, distribuí uma ficha informativa e uma ficha formativa sobre este conteúdo gramatical. O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.209).

- Ciências da Natureza

A professora explicou, nesta aula, a influência dos fatores do meio nas plantas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Língua Portuguesa, comecei por promover a expressão oral dos alunos. Durante as aulas, é comum os professores não permitirem o diálogo com os alunos pois, tal como refere Almeida (1998, p.7) preferem “o facto de as crianças estarem mais sossegadas lendo ou respondendo a perguntas escritas do que falando”.

A atividade realizada em sala de aula é conhecida como chuva de ideias, tempestade cerebral ou *brainstorm*. Esta atividade permite segundo Pereira (1992, p.190) “utilizar o potencial criativo dos alunos para obter um conjunto de ideias coordenadas da turma”. Durante esta atividade verifiquei que alguns alunos não davam a sua opinião com base no que os colegas já tinham dito. No final da atividade fiz o que Pereira (1992, p.190) sugere na medida em que na opinião do autor, o professor deve, no final da atividade fazer um resumo do que foi dito pelos alunos.

O diálogo em sala de aula promove um ambiente diferente e motivador para os alunos. Segundo Vieira (2000, p. 39) “o «clima» criado em cada uma das turmas ajuda a determinar o grau de cooperação e envolvimento dos alunos na aprendizagem. Cabe ao professor gerir esse clima em sala de aula. Ao longo desta aula verifiquei que os alunos estavam bastante motivados e participativos. Proporcionei vários momentos de diálogo ao longo da mesma. Segundo o mesmo autor, “a gestão de sala de aula, ou seja o modo como o grupo/turma é gerido pelo professor, tanto ao nível da aprendizagem como dos comportamentos e afectos, é uma preocupação dos docentes hoje em dia” (*idem*, p. 40). Desta forma, o professor tem que ponderar e refletir sobre o ambiente de sala de aula que cria aos seus alunos.

Dia 13 de março de 2012

- Língua Portuguesa

Esta aula foi lecionada pela minha colega. Começou por fazer uma chuva de ideias no quadro sobre as características do diário. Depois explicou as características do retrato físico e psicológico. Depois da explicação, solicitou que os alunos realizassem uma atividade de escrita. Esta consistia em os alunos terem que escrever uma página de um diário onde que tinham que fazer o retrato físico e psicológico de uma colega. Depois, a minha colega leu os textos em voz alta e os alunos adivinharam de que colega se tratava.

Posteriormente, fez uma breve revisão do conceito de pronomes e determinantes.

- Matemática

Esta aula foi lecionada pelo meu colega. A aula teve como tema a noção de fração redutível. O meu colega começou por distribuir caixas de Cuisenaire e pedir que os alunos descobrissem os divisores de um número ditado por ele. A partir daí explicou a noção de fração irredutível. Explicou também que podia ser calculada através do cálculo do máximo divisor comum. Os alunos representaram as frações com algarismos móveis.

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula a professora esteve a corrigir os trabalhos de casa dos alunos. Nesta aula, um aluno bastante participativo estava muito calado e a professora conversou com ele.

- Estudo Acompanhado

Nesta aula, a professora de Matemática esteve a preparar as atividades para o dia do PI. Estas atividades consistiam em os alunos da turma irem ao 4.º ano explicar a noção de PI.

Na segunda parte da aula, a professora de Língua Portuguesa esteve a rever os conteúdos lecionados nas últimas aulas pois os alunos iriam realizar uma prova escrita de avaliação formativa no dia seguinte.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula de Matemática, o meu colega proporcionou atividades de descoberta através de materiais manipulativos. Segundo Glaser citado por Postic (1995, p.51) na aprendizagem por descoberta, “o professor utiliza uma estratégia indutiva (são apresentados exemplos particulares de um caso geral de maneira a que os alunos possam encontrar a proposição geral) e induz sequencias estruturadas que permitam aos alunos aproximações diferentes e ensaios diferentes”. Foi o que o meu colega fez. Explicou o que pretendia e lançou pistas para a forma como os alunos poderiam descobrir.

Ao longo de toda a aula, o meu colega foi dirigindo o grupo, respondendo a questões e auxiliando sempre que necessário pois, tal como salienta Postic (1995, p.53) “o professor é organizador das situações de aprendizagem, observador e regulador da actividade dos alunos”.

Durante a aula de História e Geografia de Portugal, a professora apercebeu-se de que um aluno não estava bem. Assim, a professora dirigiu-se ao aluno a fim de compreender o que se estava a passar. Em contexto de sala de aula, é desejável que exista uma prática positiva da afetividade. O que de acordo com Maya (2000),

(...) pode criar um clima positivo de sala de aula, o qual favorece o sucesso em termos académicos, promove a autoestima de cada jovem e possibilita o desenvolvimento de formas de relacionamento saudável entre pares e para com o professor. A melhoria das relações pessoais do professor com os seus alunos, ao proporcionar um clima de confiança, permite reduzir as tensões, as angústias e os problemas disciplinares dos jovens (p. 20).

Assim sendo, os professores devem tentar criar uma boa relação com os seus alunos a fim de estes virem a ter melhor ambiente académico.

Dia 14 de março de 2012

- Língua Portuguesa

Neste dia, os alunos realizaram a prova escrita de avaliação formativa.

- Ciências da Natureza

Nesta aula, a professora realizou com os alunos exercícios de revisão sobre os conteúdos lecionados. Durante a aula, a professora realizou com os alunos o jogo do “elo mais fraco”.

Inferências/Fundamentação Teórica

O jogo utilizado pela professora de Ciências da Natureza surge como uma forma de motivação para a aprendizagem dos alunos. Fancia e Martínez (2000, p.6) referem que “o aluno já sabe – ou intui -, e alguns educadores também, que se pode aprender com ludicidade”. Desta forma, a professora passou de uma aula formal para uma aula mais lúdica e dinâmica. Segundo os mesmos autores, “o jogo é educativo por si mesmo: treina para muitos valores e treina a partir da experiência” (*idem*, p.6). Os alunos, ao não quererem perder, esforçaram-se para dar respostas certas. Contudo, quando erravam, havia um respeito por parte dos colegas e nunca uma discriminação ou humilhação.

Dia 20 de março de 2012

- Matemática

Neste dia fui eu que lecionei a aula cujo tema se prendia com a adição e subtração de frações com o mesmo denominador. Distribuí pelos alunos quadrados de papel e solicitei que os dividissem em quatro partes iguais. Fiz a revisão do conceito de fração, numerador e denominador. Tentei, com sucesso, que os alunos chegassem à forma como se adicionam frações. Os alunos realizaram alguns exercícios com algarismos móveis. Solicitei que os alunos dividissem outro quadrado em oito partes iguais. De seguida, questionei os alunos sobre a adição de duas frações com denominadores diferentes. Fiz ainda a revisão de numeral misto.

Por fim, distribuí uma proposta de trabalho para os alunos aplicarem os conteúdos abordados.

O plano desta aula será devidamente fundamentado no Capítulo 2 (p.213) e a proposta de avaliação avaliada no Capítulo 3 (p.243).

- História e Geografia de Portugal

Nesta aula, os meus colegas e eu realizámos uma pequena peça de teatro sobre os Descobrimentos Portugueses. Esta serviu de aula de motivação ao tema visto que os alunos só abordaram estes conteúdos no terceiro período.

Posteriormente, dividimos a turma em dois grupos e realizámos uma “caça ao tesouro” na escola.

- Estudo Acompanhado

Na primeira parte da aula, os alunos realizaram as olimpíadas da Matemática. Estas olimpíadas foram realizadas com alunos dos 3.º, 4.º e 5.º anos.

Na segunda parte da aula, um aluno apresentou um livro no âmbito do contrato de leitura que realizaram no início do ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

Através da Prática Pedagógica tenho vindo a sentir evolução na minha postura em sala de aula tanto ao nível da relação com os alunos, como o contacto com os conteúdos lecionados e também com a forma de os transmitir. Viseu (2009, p.37) cita Shulman refere que é importante o “professor conhecer bem os conteúdos de ensino e, em especial, as formas de os tornar compreensíveis e relevantes para os alunos”. O professor deve ter consciência dos conteúdos que vai ensinar e deve também ter em conta o tipo de alunos que tem. Alarcão citada por Viseu (2009, p.39) salienta que o professor refletir sobre “ensinar o quê, a quem, em que circunstâncias, por quê e para quê”. Depois desta reflexão, encontra a forma como deve lecionar a aula através de metodologias que se coadunam com os conteúdos a lecionar.

Durante esta aula, tentei apelar a materiais manipuláveis para que os alunos compreendessem melhor o conteúdo lecionado. De acordo com Viseu (2009, p.43) “a diversidade de estratégias, tipos de tarefas, abordagens e recursos que o professor pode escolher, influencia a dinâmica das actividades da sala de aula e aumenta o grau de imprevisibilidade do que pode ocorrer”. Durante a aula, tive que alterar um pouco a planificação que tinha proposto, visto que os alunos questionavam diversas situações relacionadas com o conteúdo lecionado e eu tentei sempre esclarecê-los. Outra situação que me fez alterar a planificação inicial foi o facto de os alunos demorarem muito tempo a ordenar os algarismos móveis na mesa. Tal como refere o autor acima citado, o que aconteceu foi um imprevisto.

Ainda Viseu (2009, p.43) defende que a condução de uma aula torna-se “uma actividade complexa e exigente”. Contudo, consegui lecionar tudo a que me tinha proposto.

Durante a aula também recorri ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação através de uma apresentação de *Powerpoint*. Viseu (2009, p.61) alerta para a importância do uso do computador em sala de aula, visto que este material “desempenha um elemento motivador da aprendizagem por possibilitar abordagens mais experimentais e facilitadoras da compreensão dos conceitos”.

Através de uma apresentação de *Powerpoint*, e com as animações do mesmo, os alunos compreenderam que a fração um quarto é equivalente a dois oitavos, visto que as peças se sobrepunham, logo tinham o mesmo tamanho e representavam a mesma quantidade.

Dia 21 de março de 2012

- Língua Portuguesa

Neste dia o meu colega lecionou a aula. Começou por rever as características de um texto diarístico e explicou o texto memorialista fazendo um paralelismo com o diarístico. Realizou a leitura de um texto memorialista presente no manual escolar e, a partir dele, os alunos chegaram às suas características. De seguida, solicitou que os alunos escrevessem um texto memorialista referente a um cheiro ou sabor.

Por fim, explicou os constituintes da frase.

- Ciências da Natureza

Neste dia, por ser o dia mundial da árvore, da floresta e da poesia, os meus colegas e eu realizámos com os alunos um poema sobre a árvore e a floresta. Começámos por ler um texto sobre este dia. Depois solicitámos que cada um aluno dissesse uma frase relacionada com este dia. Por fim, em conjunto com os alunos e de acordo com as frases que disseram, escrevemos um poema.

Posteriormente, a professora entregou os testes de avaliação e fez a respetiva correção oral.

Inferências/Fundamentação Teórica

A atividade de escrita realizada na aula de Ciências da Natureza teve como base a produção de um texto poético. Esta tipologia textual têm inúmeras potencialidades para o desenvolvimento dos alunos visto que, segundo Jean (1989,

p.105) "escrever um texto e mesmo dizê-lo, produzi-lo – sobretudo um texto poético – é para a criança uma maneira de se projetar como outro e de se conservar a si própria". Através da atividade realizada, os alunos disseram frases que mostravam as suas ideias em relação ao tema. Segundo o mesmo autor "a produção de uma linguagem, de um objecto de linguagem como um poema (...), pode ter uma função de socialização e de afirmação da pessoa". Através da construção do poema por parte de todos os alunos da turma, estes tiveram a oportunidade de transmitir as suas ideias e dar a conhecer aos seus colegas o que pensam sobre a temática.

1.8. - 8.ª Secção

Período de estágio: 10 de abril a 19 de junho de 2012

Ano de escolaridade: 4.º ano

1.8.1. Breve caracterização da turma

A turma do 4º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus, em Lisboa (Alvalade) é constituída por vinte alunos, dez do sexo masculino e dez do sexo feminino. Os vinte alunos têm nove anos (feitos até Dezembro).

Os alunos que frequentam o 1º Ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil. Consideram-se, no entanto, algumas excepções, como as transferências de um outro colégio.

Nesta turma vinte alunos frequentam o Jardim Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos) e um desde o 2º ano de escolaridade.

Na turma existem seis alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. De uma forma geral, a turma sente maior interesse pelas áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. As dificuldades sentidas pelos alunos são, de uma forma geral, referentes ao cálculo e à ortografia.

1.8.2 - Rotinas diárias

As rotinas desta turma são semelhantes às da turma do 2.º ano não havendo nada de novo a referir.

1.8.3. Relatos Diários

Dia 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia de estágio no Jardim-Escola de Alvalade na sala do 4.º ano. Nesta última fase do nosso 2.º ano de Mestrado ficou decidido que voltaríamos a fazer estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta mudança de ciclo de ensino surge devido à necessidade da realização de uma Prova Prática de Aptidão da Capacidade Profissional.

Já conhecia a turma, pois no ano anterior, eram alunos na turma do 3.º ano. A professora começou por falar com os alunos sobre as férias da Páscoa. Uma aluna referiu que este período não tinha sido positivo, visto que o pai esteve no hospital. De seguida, a professora falou com ela.

Posteriormente, a professora verificou o trabalho de férias que consistia na realização de uma prova de aferição de Língua Portuguesa e de Matemática. Começou com a correção da prova de Língua Portuguesa. Esta foi feita de forma oral e os alunos corrigiam nas suas fichas.

Da parte da tarde, a professora concluiu a correção da prova de Língua Portuguesa e iniciou a correção da prova de Matemática.

Durante a prova de Língua Portuguesa, a professora percebeu que alguns alunos estavam a escrever a palavra “enrugada” com dois “r’s”. Alertou para a correta ortografia da palavra.

A sala de aula desta turma é bastante alegre. Está decorada com placardes com os conteúdos trabalhados nas diversas áreas, mas também com peluches e imagens alusivas aos desenhos animados vistos pelos alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

É importante que o ambiente criado em sala de aula seja acolhedor para os alunos, visto que se devem sentir confortáveis nos espaços onde vão passar grande parte do seu tempo. Segundo Arends (1995, p.96), “a forma como as salas são alegres afectam a concentração dos alunos”. O ambiente que é criado no espaço escolar reflete-se na predisposição que os alunos têm para estar em sala de aula. O mesmo autor salienta que existem salas em que os “ambientes são acolhedores e convidativos, ao passo que outros são locais frios e estéreis a evitar”.

Segundo o mesmo autor referido anteriormente, o professor pode decorar a sua sala de aula colocando, por exemplo, trabalhos feitos pela turma na parede e “tal exposição pode ser utilizada como sistema de incentivos” (*idem*). Assim sendo, não é necessário que o professor ou a escola despenda muito dinheiro na decoração da sala. Os alunos podem ser os principais atores na sua execução.

Dia 13 de abril de 2012

Na primeira parte da manhã, os alunos realizaram uma ficha de simulação da prova de aferição de Matemática. A professora começou por distribuir em primeiro lugar o “Caderno 1”, disponibilizando quarenta e cinco minutos para a sua concretização, e em segundo lugar o “Caderno 2”, disponibilizando o mesmo tempo para a resolução. Quando os alunos terminaram, questionou-os a fim de aferir as dificuldades que sentiram na realização dos exercícios.

Depois do intervalo, a professora fez a revisão da noção de quantificadores numerais (cardinais, multiplicativos e fracionários) através de uma proposta de trabalho.

De tarde, a professora projetou o manual escolar de História de Portugal no quadro interativo e solicitou que os alunos sublinhassem algumas informações relativas ao Bloqueio Continental.

Para terminar este dia, iniciou a aula informática com ligação com o tema estudado em Estudo do Meio que consistia na elaboração de uma apresentação em *Powerpoint* com hiperligações sobre os rios.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula de informática, a professora fez interdisciplinaridade com os conteúdos lecionados em Estudo do Meio. A área de Estudo do Meio pretende, segundo Carvalho e Freitas (2010, p.13) “desenvolver nos alunos as capacidades de observação e relacionamento e favorecer a sua integração social”. Desta forma, o ensino desta área de conhecimento visa dar a conhecer aos alunos os aspetos do meio envolvente dos alunos. Permite que estes sistematizem o conhecimento do meio que os rodeia. Desta forma, e segundo os mesmos autores, o professor deve criar condições para que a aprendizagem seja feita de forma globalizada e deve adaptar um método para que “as crianças vejam a realidade como um todo”.

Para tal, os alunos estiveram a realizar uma apresentação em *Powerpoint* sobre os conteúdos lecionados noutra área de saber. A aplicação dos conteúdos desta forma pode facilitar uma melhor compreensão por parte dos alunos.

Silveira-Botelho (2009, p. 124) ressalva que “não se trata de ensinar as crianças a usar as *TIC* mas antes, de as pôr ao serviço do seu desenvolvimento educacional”. Assim sendo, dar a conhecer aos alunos as tecnologias de informação e comunicação (*TIC*) torna-se importante para o processo de ensino-aprendizagem. A mesma autora acrescenta que o uso das novas tecnologias “permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares”. Assim sendo, o professor deve utilizar estas tecnologias visto serem “novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido”. As *TIC* dão assim, um forte contributo para a aprendizagem.

Dia 17 de abril de 2012

Neste dia uma colega do Mestrado em Ensino de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, deu uma manhã de aulas.

A aula teve início com a revisão das classes e subclasses de palavras, e, posteriormente, introduziu os quantificadores existenciais. Projetou numa apresentação de *Powerpoint* com a definição de quantificador. Apresentou alguns exemplos até que, surge um exemplo de um quantificador existencial, e a colega, aproveitou-o para introduzir esta nova subclasse. Por fim, solicitou que os alunos escrevessem frases, utilizando alguns quantificadores existenciais indicados por ela.

Na área de Estudo do Meio, abordou o conceito de emigração/imigração. Mostrou uma apresentação em *Powerpoint* a fim de explicar os diferentes tipos de emigração. Por fim, fez referência ao conceito de natalidade, no seguimento das causas e consequências da emigração.

A aula de Matemática, tinha como tema o cálculo de números complexos para incomplexos. Os alunos apresentaram muitas dúvidas e, a colega apenas respondeu: “É assim que se faz”.

Inferências/Fundamentação Teórica

O conteúdo abordado pela colega, pertence, segundo Reis (2008), a um conteúdo de conhecimento explícito da língua, dentro do plano de classes de palavras lecionadas no 2.º Ciclo do ensino básico.

De acordo com a Orientação Curricular e Programas, Ministério da Educação (2006, p.101) no 1.º Ciclo, ao nível de Estudo do Meio, o professor deve ter em conta que “as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social”. Desta forma, torna-se importante esclarecer os alunos sobre determinados aspetos que envolvem o mundo que os rodeia. Contudo, “a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece”. Nesta aula, a colega focou os tipos de emigração. Foi notório verificar o interesse que os alunos demonstraram sobre esta temática.

Dia 20 de abril de 2012

Neste dia de estágio, outra colega, aluna do Mestrado em Ensino de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionou a sua aula de manhã inteira.

Em Língua Portuguesa a aula tinha como tema a diferença e transformação da voz ativa para a voz passiva. Na apresentação da sua aula, não realizou a análise sintática das frases. Foi possível observar que os alunos mostraram dúvidas sobre a temática. Para terminar, realizou uma ficha formativa com os alunos.

Na aula de Matemática, apresentou algumas situações problemáticas para converter números incomplexos em complexos. Em nenhum momento da aula, a colega não explicou a razão pelo qual se dividem os dados. Durante a aula, os alunos questionaram-na e a ela nunca esclareceu as dúvidas.

A leção da aula de Estudo do Meio, tinha como tema a abordagem dos países lusófonos. Porém, apresentou um jogo que se intitulava “Descobrir Portugal”. No entanto, o desenrolar da aula não foi ao encontro do tema a que se tinha proposto.

Inferências/Fundamentação Teórica

As dúvidas que os alunos possuem sobre determinadas temáticas devem-lhe ser esclarecidas. Segundo Giordan (1999, citado por Carvalho e Freitas, 2010, p.85) os alunos neste ciclo de ensino precisam que lhe sejam dadas respostas às suas dúvidas.

Segundo o autor “a criança desmotiva-se, pois não lhe respondem às suas questões [...] habitualmente ensinam-lhe as noções, pelo que ela nada tem a fazer, pois elas não lhe dizem respeito e por isso não as pode compreender”. Desta forma, o professor deve ter este aspeto em conta e tentar esclarecer as suas dúvidas. Claro que, não é que não tenham que saber sempre tudo, mas devem procurar meios para não deixar os seus alunos com dúvidas.

Dia 24 de abril de 2012

Neste dia os alunos estiveram a fazer a preparação para a prova de aferição de Língua Portuguesa. Durante a prova, a professora escreveu a agenda do dia, algo que é observável em vários dias de estágio.

Quando uma aluna entregou a prova, a professora alertou-a para a sua má caligrafia.

Antes do intervalo, os alunos foram assistir a uma ação de formação sobre as ilhas dos Açores.

Depois do intervalo, a colega continuou com a sua aula iniciada a 20 de junho. Começou por dividir os alunos em grupos de três elementos. Cada grupo tinha que procurar informações em textos e mapas previamente distribuídos por ela, sobre o país lusófono que lhes foi atribuído. Quando finalizaram a pesquisa, os alunos apresentaram-na aos colegas.

Aquando terminada a aula da colega, a professora leu uma parte do livro “James e o pêssego gigante”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Tanto o preenchimento da agenda do dia como a leitura de uma parte de uma obra são rotinas nesta sala de aula. O facto de serem criadas rotinas permite, segundo Hohmann e Weikart (1997, p.8) não só a organização do ambiente em sala de aula mas também tem um forte contributo para a aprendizagem ativa das crianças. Assim, e segundo os mesmos autores, “permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia”. Desta forma, as alunos conseguem antever e esquematizar o que vão realizar ao longo de todo o dia escolar.

Dia 27 de abril de 2012

Este dia foi destinado à aula de manhã inteira do meu colega do grupo de estágio. Começou por distribuir um texto e solicitou que os alunos o lessem em voz baixa. De seguida, alguns alunos leram-no em voz alta. Uma aluna não conseguiu ler a palavra “exercida” e o meu colega recorreu à Cartilha Maternal de João de Deus para ajudá-la na leitura. Através do texto, tentou que os alunos definissem massa e peso. O meu colega utilizou diversas formas para explicar estes conceitos. De seguida, fez a análise morfossintática de algumas palavras e análise sintática de uma frase. Posteriormente, fez a revisão da noção de quantificadores, quantificadores numerais e existenciais (que os alunos já conheciam). Tentou que os alunos definissem a noção de quantificadores universais. Apresentou uma definição complexa para os alunos a simplificarem.

Depois do intervalo, realizou uma experiência com os alunos para introduzir as unidades de medida de massa. Assim, distribuiu um cabide, uma garrafa de água com guardanapos, uma garrafa de água com arroz e uma com terra. Solicitou que os alunos fizessem uma estimativa de qual seria a mais pesada. Posteriormente, deu a unidade principal de medidas de massa e solicitou que os alunos preenchessem uma tabela com os múltiplos e os submúltiplos. Fez também a comparação com as unidades de medida de comprimento. Por fim, distribuiu uma proposta de trabalho.

Da parte da tarde, os alunos estiveram a escrever os sumários do dia e a realizar uma proposta de trabalho com situações problemáticas de Matemática. Realizaram também uma proposta de trabalho de História de Portugal e a respetiva correção foi feita no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula, apelou sempre à participação dos alunos em sala de aula. Tal situação revela-se importante na medida em que os alunos partilham as suas ideias e opiniões sobre um determinado assunto. Arends (1995, p.115) salienta que o modo de participação em sala de aula envolve várias estruturas, tais como “o modo como os alunos aguardam a sua vez em grupo e a forma como colocam questões e respondem às perguntas do professor”.

Durante a aula, o meu colega criou diversos espaços para discussão de ideias dos alunos. Segundo o autor acima referido, “a discussão e recitação relacionada com a exposição oral (...) exigem que os alunos respondam a questões e exponham as suas ideias”.

Assim sendo, este tipo de exploração nas aulas torna-se bastante relevante e enriquecedor para os alunos, pois permite que os mesmos se predisponham a participar e a partilhar os seus modos de pensar.

O facto de o meu colega ter proporcionado uma atividade experimental foi bastante importante. Os alunos têm mais facilidade em compreender um conceito que tenham visualizado de forma concreta do que um conceito abstrato. Carvalho e Freitas (2010, p.121) salientam que a experimentação divide-se em dois grandes grupos: a experimentação feita para demonstração e a experimentação feita para provar. A experimentação feita para demonstração “é feita por tentativa erro” e é utilizada com materiais. A experimentação para provar pode ter vários graus de complexidade. Neste tipo de experimentação, o professor deve “ajudar o aluno a interpretar as suas observações” através do registo de dados.

Nesta aula foi utilizada a experimentação para demonstrar. Os alunos utilizaram materiais a fim de demonstrarem e verificarem o que acontecia.

Dia 04 de maio de 2012

Neste dia não frequentei a prática pedagógica durante a manhã. Compensei no dia 07 do presente mês.

À tarde, o meu colega terminou a aula do dia 27 de abril. Realizou uma atividade experimental. Por fim, a professora distribuiu uma proposta de trabalho de História de Portugal.

Inferências/Fundamentação Teórica

A experiência utilizada pelo meu colega na área de Estudo do Meio visou aprofundar os conhecimentos dados na aula de Matemática. Através dela, os alunos compreenderam a diferença entre massa e peso de uma forma prática. A área de Estudo do Meio permite que, segundo Carvalho e Freitas (2010, p.29), os alunos compreendam “fenómenos físicos e químicos presenciados no dia-a-dia”. Assim, os alunos comprovaram que massa é diferente de peso de uma forma concreta e visível. Segundo os mesmos autores, a criança “aprende a colocar questões sobre estes fenómenos e a procurar respostas, tendo em conta o seu conhecimento feito da experiência, mas questionando esse conhecimento, procurando evidências de forma a aproximar-se de um conhecimento mais rigoroso”. Os alunos já possuíam as suas concepções sobre esta temática. Contudo, através da experiência conseguiram formar conjecturas corretas da realidade.

Dia 07 de maio de 2012

Neste dia dei a aula de manhã inteira. Comecei por ler o texto “Livro Fechado” de António Torrado. Solicitei, a leitura a sua leitura em voz alta a alguns alunos. A certa altura, fui surpreendida por uma funcionária da escola a informar os alunos para se dirigirem ao ginásio a fim de assistirem a uma ação de formação sobre os cuidados a ter na praia. A mesma durou cerca de uma hora. Quando os alunos voltaram para a sala, prossegui com a aula. Coloquei algumas questões de interpretação e solicitei que os alunos fizessem a análise morfosintática de algumas palavras e a análise de uma frase. Posteriormente, expliquei as formas nominais através de uma apresentação em *Powerpoint* e finalizei com uma proposta de trabalho.

Seguidamente, apresentei vários sólidos geométricos e solicitei que me identificassem os prismas. Fiz uma breve revisão da noção de volume e das unidades de medida de volume. Expliquei também como é que se calcula o volume dos prismas através da fórmula do volume do paralelepípedo. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho.

Durante esta manhã de aulas, os alunos não tiveram recreio. O lanche da manhã foi comido em sala de aula enquanto eu explicava os conteúdos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a minha aula de manhã inteira, os alunos não tiveram oportunidade de ir ao recreio. Tal situação deve ser de evitar, visto que este é considerado um espaço de integração escolar dos alunos na medida em que, segundo Mesquita (2010, p.44) “é um espaço de prazer ou alegria, de liberdade e respeito”. É neste espaço que os alunos criam relações com os colegas não lhes devendo ser negado. O facto de os alunos não terem tido recreio influenciou muito a minha aula. Estes estavam bastante desatentos, comeram dentro da sala de aula, para além de que estavam constantemente a pedir para ir à casa de banho.

Dia 08 de maio de 2012

Esta manhã de aulas teve início com a correção de exercícios de Língua Portuguesa que os alunos levaram para resolver em casa.

Durante a aula, a professora repreendeu uma aluna que, quando não compreende algum conteúdo, responde sempre “hum”.

Posteriormente, a professora entregou as provas simuladas de Língua Portuguesa realizadas anteriormente e fez a devida correção.

Conversou também com os alunos sobre como deveriam proceder no dia da prova de aferição. Realizou exercícios de preparação para a prova oralmente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante este dia de estágio, houve uma grande preocupação da parte da professora da sala com as provas de aferição. Segundo a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2006, p.7), as provas de aferição e a publicação dos resultados “inscreve-se numa plataforma de desejo de incremento da qualidade, rigor e transparência dos processos de avaliação da aprendizagem”. Desta forma, este tipo de provas a nível nacional tornam-se relevantes para que haja um balanço das aprendizagens dos alunos.

A Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2006, p.7) refere ainda que este tipo de provas permite uma aproximação entre “os modelos das provas de aferição e dos exames nacionais”. Este facto permitirá que os alunos, se familiarizem com a estrutura deste tipo de elemento de avaliação.

Dia 11 de maio de 2012

Neste dia, as turmas do quarto ano estiveram a realizar a prova de aferição de Língua Portuguesa. Os meus colegas e eu fomos para a sala do 3.º ano.

Os alunos começaram por realizar a leitura de um texto, a fim de a professora poder avaliar a sua leitura.

De seguida, os alunos estiveram a realizar a apresentação de trabalhos realizados por eles.

Por fim, a professora dividiu a turma em dois grupos e realizou um tribunal de turma. Este consistia em a professora apresentar um caso e um grupo de alunos ter que o defender e os outros contraporem.

Junto à hora de almoço, a professora levou os alunos para o recreio da escola e realizaram uma corrida de tabuadas. Esta consistia em os alunos realizarem a tabuada dos cinco, sete e oito em quatro minutos.

Depois de almoço, voltámos para a turma do quarto ano e terminei a aula a que me tinha proposto no dia sete do presente mês. Realizei uma experiência do espectro da luz visível com um prisma ótico. Comecei por elucidar os alunos sobre a biografia de Isaac Newton.

De seguida, dividi a turma em grupos de três e distribuí um prisma de vidro e uma lanterna por cada grupo. Solicitei que os alunos preenchessem no protocolo experimental o que achavam que, iria acontecer na experiência. De seguida, os alunos realizaram-na e registaram os resultados e as conclusões.

Por fim, a professora corrigiu o trabalho de casa de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na atividade experimental que realizei com os alunos, tentei que os mesmos verbalizassem, após uma breve introdução, o que achavam que ia acontecer na experiência. O debate é, segundo Carvalho e Freitas (2010, p.118) uma forma de detetar as concepções que os alunos possuem sobre uma determinada temática. Os alunos, muitas vezes, só compreendem as suas concepções sobre uma determinada temática quando as questões são “postas em discussão e em confronto com concepções de outros e que o próprio se pode aperceber das suas próprias concepções, que poderão ser idênticas às de alguns colegas e divergentes das de outros colegas”. Assim, os alunos desenvolvem a capacidade de saber ouvir os outros, aceitar as suas ideias e também argumentar defendendo a sua ideia.

Dia 15 de maio de 2012

Esta foi uma manhã de aulas lecionada pela minha colega de estágio. Em Língua Portuguesa, apresentou um texto biográfico sobre Arquimedes. Começou por fazer a leitura modelo do texto e posteriormente realizou a análise morfossintática e sintática. Por fim, explicou a relação gráfica e fonética entre palavras: a paronímia. Através de um jogo, solicitou que os alunos identificassem as palavras parónimas, homónimas, homófonas e homógrafas.

Em Matemática abordou o volume do cilindro. Tentou que os alunos determinassem a fórmula do cálculo do volume do cilindro e distribuiu uma proposta de trabalho com situações problemáticas.

Na área de Estudo do Meio, realizou uma atividade prática que tinha como objetivo verificar a trajetória retilínea que a luz assume.

Da parte da tarde, a professora distribuiu uma proposta de trabalho de História de Portugal com um texto lacunar sobre o reinado de D. Maria II.

Inferências/Fundamentação Teórica

A estratégia que a professora utilizou em Língua Portuguesa já foi observada em aulas anteriores. Esta estratégia foi adotada pela professora, certamente por considerá-la adequada aos alunos da turma. Monteiro (2001, p.115) salienta que “as estratégias de ensino são fundamentais para o professor orientar as suas actividades tendo em conta os alunos de uma determinada turma”. Assim, o professor deve delinear as estratégias consoante o nível cognitivo e etário dos alunos.

Para além de conhecer o grupo, o professor tem ainda de conhecer bem os conteúdos que pretende lecionar. Este é um fator bastante importante na medida em que, tal como refere Monteiro (2001, p.115) “quem não dominar a realidade curricular que lecciona, nunca poderá seleccionar as estratégias mais eficazes”. Cabe assim ao professor, escolher as estratégias mais adequadas, delineando objetivos sempre tendo em conta o grupo de alunos que tem em sala de aula.

O trabalho prático que a minha colega realizou nesta aula, visava a demonstração da trajetória retilínea da luz. Para tal, distribuiu o material para a atividade por cada aluno. Os alunos tiveram a oportunidade de descobrir, em primeiro lugar, e só depois é que foi feita a interpretação dos resultados obtidos.

Martins *et al.* (2007, p.36) refere que o trabalho pático “aplica-se a todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa”. Os alunos da turma tinham como tarefa a aplicação do material, segundo um protocolo, e observar o que acontecia. Os mesmos autores (2007, p.38) revelam que este tipo de atividades potencia “o seu envolvimento físico com o mundo exterior” este aspeto é bastante importante para “o desenvolvimento do próprio pensamento”.

Contudo, não basta os alunos experimentarem. É necessário que o professor crie questões para dirigir o pensamento dos alunos. Foi o que a minha colega fez no final da atividade. Solicitou que os alunos respondessem a questões sobre a mesma.

Dia 18 de maio de 2012

Neste dia de estágio, o meu colega de estágio lecionou uma manhã de aulas.

Na área de Matemática lecionou a multiplicação e divisão de potências. Começou por apresentar, no quadro interativo, uma animação com três árvores, três ninhos em cada árvore e três ovos em cada ninho. Solicitou aos alunos que se dirigissem ao quadro para colocar nos locais corretos cada objeto e prosseguiu com a interpretação do resultado.

Questionou os alunos sobre a existência de potências no exercício que resolveram e explicou a regra para a multiplicação e para a divisão de potências.

Em Língua Portuguesa, distribuiu um texto e realizou a leitura modelo. Posteriormente, realizou a análise morfossintática de algumas palavras e sintática de uma frase. Através de uma apresentação de *powerpoint*, explicou as regras da pronominalização e realizou alguns exercícios.

Para finalizar, lecionou a área de História de Portugal, lecionou a aula através de uma apresentação de *Powerpoint* sobre D. Luís I, explicando os aspetos mais relevantes do seu reinado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os conteúdos dados pelo meu colega foram conteúdos solicitados pela professora da sala. Estes verificam-se não ser do ciclo de ensino em que estava a dar aulas.

Segundo Ponte *et al.* (2009, p.35), o ensino da multiplicação e divisão de potência pertence ao programa do 2.º Ciclo do ensino básico. Contudo, o meu colega lecionou-o a pedido da professora.

A pronominalização, segundo Reis (2008, p. 104) é dada também no 2.º Ciclo do ensino básico. Esta temática foi na mesma solicitada pela professora da sala.

Dia 22 de maio de 2012

A professora começou esta manhã de aula com a correção do trabalho de casa de Matemática.

Depois do lanche da manhã, a professora apercebeu-se que uma aluna não tinha lanchado porque o seu lanche tinha caído ao chão. A professora alertou os alunos para a importância do lanche da manhã na alimentação diária dos alunos.

Continuou a corrigir o trabalho de casa dos alunos. Uma aluna estava com dificuldade em ler um número e a professora deu-lhe uma caneta para a aluna escrever o número na mesa.

Por fim, fez a entrega dos testes aos alunos. Começou por perguntar que nota achavam que iam ter e fez a devida correção.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula, a professora alertou, através do diálogo, a importância de uma alimentação equilibrada.

O diálogo em sala de aula permite também alterar condutas dos alunos. Segundo Loureiro (2000, p.106) o discurso não deve apenas permitir a organização da sala de aula mas também é espectável que “afecte também os processos de pensamento dos alunos e conseqüentemente a aprendizagem dos conteúdos escolares”. O facto desta aluna não ter lanchado no intervalo não se reflete por nunca ter aprendido a importância da alimentação mas sim por um lapso dela. Contudo, o papel da professora foi de a alertar e lembrar para a importância das refeições.

Dia 25 de maio de 2012

Neste dia, o meu colega de estágio e eu demos aula assistida. Comecei por abordar o reinado de D. Carlos I e a média. Assim, distribuí uma autobiografia do rei D. Carlos I e trabalhei as características deste tipo de texto. Fiz uma breve interpretação e análise gramatical. De seguida, apresentei o reinado deste monarca através de uma apresentação em *Powerpoint*. Para iniciar a aula de Matemática, apresentei o landau do regicídio, que os alunos observaram numa visita no museu nacional dos coches e realizei exercícios sobre as entradas no museu, a comida dos cavalos do rei para apresentar o tema de estatística a que me propus.

O meu colega, começou por apresentar um texto de Língua Portuguesa sobre a Implantação da República. De seguida, fez interdisciplinaridade, continuando com a mesma temática em História de Portugal. Em Matemática, abordou o conceito de mediana.

Inferências/Fundamentação Teórica

Tanto na minha aula como na aula do meu colega o tema central foi a área de História de Portugal. O ensino desta área possui, segundo Freitas, Solé e Pereira (2010, p.18) diversas finalidades. A primeira finalidade apresentada por estes autores centra-se no aprender “para sabermos quem somos”, na medida em que o ensino da história o conhecimento do passado nacional permite a compreensão e formação da identidade pessoal. A segunda finalidade é “conhecermos os outros e sabermos relacionar com eles” visto que compreendendo o sentido da história é “uma forma de promover a aceitação das diferenças”. A terceira finalidade prende-se com o “compreender o presente e projetar caminhos para o futuro” visto que através dela conseguimos conhecer quem somos e quem nos rodeia possibilitando compreender o presente “quer pessoal e familiar, quer local e nacional”. A quarta finalidade centra-se em “desenvolver competências específicas de carácter cognitivo” na medida em que

desenvolve capacidades de raciocínio levando os alunos a pensar e inferir sobre diversas temáticas. Por último, apresentam-nos a finalidade de “desenvolver competências de carácter transversal” visto que o facto de aprender esta área permite um enriquecimento de vocabulário e de novas tecnologias.

Dia 29 de maio de 2012

Neste dia foi a aula assistida da minha colega de estágio. Começou por ler uma página de jornal. A notícia foi o texto que explorou em Língua Portuguesa e realizou a interpretação da mesma relacionando com o conteúdo de História de Portugal que iria abordar posteriormente. Realizou também a análise morfossintática e sintática.

Prosseguiu com a área de História de Portugal, elucidando os alunos para o que foi o Governo Provisório e as medidas tomadas na 1.ª República. Estas medidas estavam no jornal, no seguimento do texto que apresentou em Língua Portuguesa. Os alunos tiveram que colar imagens alusivas a cada medida.

Na área de Matemática, tinha como tema o diagrama de caule e folhas. Para tal, distribuiu algarismos móveis e apresentou uma situação problemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a aula, a minha colega teve algumas dificuldades na comunicação com os alunos, sobretudo no que diz respeito à aula de Matemática. Os alunos não compreenderam os conceitos que estava a tentar transmitir. Ponte e Serrazina (2000, p.59) salientam a importância da comunicação nas aulas de Matemática. Segundo eles, “as ideias matemáticas são partilhadas num determinado grupo e, ao mesmo tempo, são modificadas, consolidadas e aprofundadas por cada indivíduo”. Assim, o conhecimento matemático também se pode realizar, tendo em conta e interagindo com as ideias dos outros.

O facto de os alunos não estarem a compreender este novo conceito matemático não terem apenas a ver com a dificuldade que a minha colega teve em explicar. Ponte e Serrazina (2000, p.51) ressaltam que “os gráficos e diagramas são também uma fonte de dificuldades de interpretação”, visto não serem tão regulados por normas convencionais. Tendo em conta este aspeto, o professor deve encontrar estratégias diversificadas para que os alunos compreendam estes os conceitos.

Durante toda a aula, utilizou um material que visou a interligação de todas as áreas lecionadas. Neste material, a minha colega colocou um texto histórico. Os documentos históricos têm uma elevada importância para a aprendizagem histórica.

Monteiro (2001, p.117) salienta que o documento histórico é um elemento “motivador e adequado a uma participação activa e eficaz do aluno; realça a importância de um facto histórico; ajuda à compreensão de um determinado momento histórico e desenvolve a capacidade de análise e síntese dos alunos”.

De encontro a perspectiva do autor, o uso de documentos históricos é bastante importante para os alunos.

A minha colega explorou este documento através de questões dirigidas. O mesmo autor refere que a exploração do documento histórico pode ser orientada, quando o professor levanta questões, orientando um debate; semidiretiva quando é realizada a exploração em grupo, ou individualmente, mas de forma a seguir as principais orientações do professor ou livre sendo as explorações feitas pelos alunos de forma individual ou em grupo. Assim, posso afirmar que a minha colega utilizou uma exploração orientada.

Dia 01 de junho de 2012

Neste dia dei a aula de manhã inteira. Comecei pela área de Língua Portuguesa que tinha como tema as conjunções coordenativas. Comecei por rever a noção de frase e oração. Depois apresentei as diversas conjunções coordenativas associadas a exemplos. Por fim, formei grupos de dois elementos e distribuí a cada grupo dois envelopes, um com frases e outro com conjunções. Os alunos tinham que escolher a conjunção correta a fim de formarem uma frase.

Posteriormente, lecionei a aula de Matemática através de uma apresentação em *Powerpoint*, cujo tema se centrava nas percentagens. Apresentei um quadrado dividido em cem partes iguais e fiz a revisão do conceito de fração. De seguida, expliquei a noção de percentagem e distribuí uma proposta de trabalho com situações problemáticas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula permiti que os alunos trabalhassem a pares na área de Língua Portuguesa. O trabalho a pares torna-se importante na dinâmica de sala de aula. Segundo Morgado (1997, p.53), este tipo de trabalho entre os alunos permite “a troca de conhecimentos e confronto de estratégias utilizadas, facilitando a aprendizagem em grupo”. Este tipo de trabalho “contribui de forma importante para os processos de desenvolvimento pessoal e social dos alunos, nomeadamente estimulando a partilha de objectivos e iniciativas, promovendo a solidariedade e o respeito pela diferença”.

Durante a aula, verifiquei isso mesmo. Os alunos nem sempre concordavam com os colegas e, com base na argumentação de ambas as partes, acabavam por chegar a um consenso.

Dia 05 de junho de 2012

Neste dia, por motivos pessoais, não frequentei a Prática Pedagógica.

Dia 08 de junho de 2012

Neste dia dei a aula de uma hora de História de Portugal sobre a 1.^a Guerra Mundial, a revolta militar de Sidónio Pais e o Golpe Militar de 28 de Maio de 1926. A aula foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint* e, de seguida, realizei um pequeno jogo com os alunos. Este era baseado no jogo da glória, mas com casas de perguntas. Cada vez que os alunos ficassem nessas casas, teriam que responder a uma questão.

Depois, a minha colega continuou com a História de Portugal, cujo tema se centrou no Estado Novo. A aula também foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*. Começou por rever os conteúdos lecionados por mim e, de seguida, iniciou a exploração dos conteúdos que lhe tinham sido pedidos. Terminou a exploração com um jogo intitulado “o jogo do botão”. Este consistia em aparecerem questões na apresentação em *Powerpoint* e o primeiro aluno a carregar no botão tinha que responder, tendo em conta a opinião do grupo. Para tal, dividiu a turma em dois grupos e cada elemento do grupo tinha oportunidade de carregar no botão.

Posteriormente, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática a cada aluno.

Da parte da tarde, a professora lecionou a passagem de discurso direto para indireto. Para isso, pediu que os alunos dissessem algumas frases e registou-as no quadro de forma a criar um diálogo.

Por fim, realizou a correção do trabalho de casa de Língua Portuguesa, no quadro interativo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula, tanto a minha colega como eu tentámos que a aula não fosse demasiado expositiva. Os alunos concretizaram, em ambas as aulas, os conteúdos através de um jogo didático. Monteiro (2001, p.116) cita Maria do Céu Roldão que defende que “a exposição foi vista como um dos piores métodos de ensino”.

Assim sendo, os professores devem criar estratégias que se tornem motivadoras para os alunos e que não sejam expositivas. A mesma autora salienta ainda que “não são os métodos em si que são activos ou passivos, mas o uso que o professor é capaz de fazer deles, consoante os diferentes objectivos que pretende atingir”. Assim, a transmissão de conhecimentos não deve ser a única técnica a ser utilizada em sala de aula.

Dia 12 de junho de 2012

Neste dia de estágio, os meus colegas e eu fomos para a sala do 3.º ano.

Nesta sala assistimos a uma aula de manhã inteira de uma colega do Mestrado de Pré-escolar e 1.º Ciclo do Básico.

A colega começou pela área de Língua Portuguesa onde começou por colocar uma frase no quadro interativo e pediu que os alunos conjugassem o verbo “levarias”. De seguida, realizou um exercício de expressão escrita onde escreveu uma frase sobre o que levaria para o fundo do mar e pediu que os alunos dissessem o que os alunos levavam para o fundo do mar. As frases continham sempre pronomes pessoais. Durante a aula informou os alunos que não iria aceitar frases “disparatadas”.

Na aula de Matemática, os alunos realizaram situações problemáticas não rotineiras, em grupo.

A aula de História e Geografia de Portugal tinha como tema a revisão da 1.ª dinastia. A colega manteve a turma dividida em grupos e distribuiu dois cartões adaptados do jogo “loto”. Cada cartão correspondia aos acontecimentos do reinado de um determinado rei. À medida que saíam os cartões, com um determinado acontecimento, os alunos, se o tivessem no seu cartão, teriam que colocar uma coroa em cima do acontecimento.

Da parte da tarde, os alunos estiveram numa aula de música e na biblioteca.

Inferências/Fundamentação Teórica

A biblioteca escolar constitui um importante meio de contacto das crianças com a leitura. Calixto (1996, p.17) salienta que o espaço da biblioteca escolar “ultrapassa largamente a concepção de um espaço pedagógico restrito à sala de aula”. In2do de encontro a esta ideia defendida pelo autor, os alunos saíram da sala de aula, e foram para o espaço da biblioteca. Permitir que os alunos tenham contacto com os livros presentes nas bibliotecas escolares é importante para o seu envolvimento na leitura.

Calixto (1996, p.17) alerta para que “os jovens devem ganhar gosto pelos livros e pela leitura, fazer parte do seu quotidiano, dos seus tempos livres, do seu prazer”.

Nesta biblioteca escolar, os alunos são acompanhados por uma professora da escola, não sendo, porém a professora da turma. Os alunos possuem, assim, algum tempo para estar fora do ambiente de sala de aula, a ler um livro escolhido por si.

Na aula de História de Portugal, a colega recorreu a uma estratégia lúdica para a revisão dos conteúdos. Ponte (1990, citado por Sousa, Pato e Canavilhas, 1993, p.33) salienta que os jogos educativos, quando bem explorados “podem constituir actividades de aprendizagem envolventes e estimulante”. Durante a aula, foi notório observar o envolvimento dos alunos. Estes mostraram motivação e interesse na realização do mesmo.

Dia 15 de junho de 2012

A turma começou esta manhã de aulas com a realização de uma ficha de avaliação sumativa de Língua Portuguesa.

Seguidamente, corrigiram, no quadro interativo, uma ficha de trabalho realizada no dia 08 de junho.

Da parte da tarde, a professora mostrou uma apresentação de *Powerpoint* de História de Portugal. Este continha conteúdos desde o início da 1.ª República até à Revolta Militar de Sidónio Pais. A certa altura pediu que fossem os alunos a lecionar a aula visto, já serem conteúdos lecionados anteriormente.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora recorre com bastante frequência ao uso das tecnologias de informação e comunicação. O uso da tecnologia tem uma grande importância na educação. Silveira-Botelho (2009, p. 135) salienta que as TIC “são um dos factores mais salientes dessa mudança acelerada, a que este sistema educativo tem de ser capaz de responder rapidamente, antecipar e mesmo promover”. Para além disso, as TIC também permitem “facilitar o trabalho de escrita, cálculo, consulta, desenho, etc...utilizando para isso diversos tipos de software”.

O professor deve dominar este tipo de tecnologias para que as possa utilizar corretamente em sala de aula e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais motivador.

Dia 19 de junho de 2012

A professora começou a manhã de aulas a alertar os alunos para o seu comportamento no dia anterior. A professora teve que se ausentar para ir assistir a provas práticas de aptidão da capacidade profissional e os alunos ficaram a acompanhados por outros professores. De seguida, distribuiu o teste de Estudo do Meio.

Quando todos os alunos terminaram o teste, a professora fez o registo dos comportamentos das duas semanas anteriores.

Posteriormente, fez a correção do trabalho de casa de Matemática sobre a leitura de números. Uma aluna não conseguiu ler um número e a professora solicitou que ela se dirigisse ao quadro para separar o número por classes. A aluna não conseguiu ler na mesma.

Da parte da tarde, a docente realizou exercícios de revisão para a ficha de avaliação de Matemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

O diálogo que a professora manteve com os alunos no início da aula foi bastante importante para o desenvolvimento pessoal dos mesmo. Dupont (1987, p.11) salienta a importância do clima de confiança dentro da sala de aula. Segundo ele, “as relações interpessoais, de diálogo eficaz, admite-se, implicitamente, a possibilidade de um enriquecimento recíproco”. Desta forma, o professor pode contribuir para o enriquecimento dos seus alunos devido ao seu conhecimentos e experiência e pode “tornar-se mais rico com a espontaneidade dos seus alunos, com a sua dádiva pessoal e com as suas aspirações”. Os alunos têm muitas vezes comportamentos e formas de pensar que são inesperados para o professor. Estes contribuem também para o enriquecimento pessoal e profissional do mesmo. Alunos e professores têm que estabelecer uma relação de confiança mútua para que haja um bom clima dentro da sala de aula.

Dia 22 de junho de 2012

Este foi um dia destinado às Provas Práticas de Aptidão da Capacidade Profissional. Tanto eu como os meus colegas realizámos neste dia. Nesta prova era pretendido que cada estagiário escolhesse um tema e que desse quadro áreas: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Jogo. Estas quatro áreas devem estar interligadas.

Desta forma, o tema da minha prova foi o olho humano. Comecei por apresentar um excerto da obra “Príncipezinho” e explorei essencialmente a expressão “O essencial é invisível para os olhos”. De seguida, através de uma apresentação em *Powerpoint*, expliquei os conceitos de hipónimos e hiperónimos.

Passei para a aula de Estudo do Meio onde expliquei os constituintes do olho bem como a importância da visão binocular.

Em Matemática, fiz uma breve revisão da frequência absoluta, através de uma situação problemática, e expliquei a noção de frequência relativa.

Quanto à última área, realizei um jogo no recreio da escola. Este jogo consistia em os alunos estarem divididos em grupos. Os alunos de cada grupo estavam dispostos por filas e cada uma tinha os olhos vendados, à exceção do último. Este último tinha que conduzir os elementos do seu grupo até à meta, apenas tocando nas costas dos colegas através de um código combinado previamente.

Inferências/ Fundamentação Teórica

A escolha da temática a apresentar aos alunos foi bastante positiva para o sucesso desta aula. Cada estagiário teve oportunidade de escolher um tema que goste e que considere pertinente e adequado para a faixa etária dos alunos.

O facto de ter lecionado esta aula que foi o fim deste percurso foi bastante gratificante para mim. Considero que o professor deve estar apto a dar qualquer tema do currículo. Contudo, o tema que escolhi para a aula não foi um tema sugerido para o quarto ano de escolaridade. Tal situação ainda se tornou mais desafiadora e motivante para mim. A minha aula teve início às 11h. Os alunos já tinham assistido à prova da minha colega e, após terminada a aula dela, tiveram que esperar pelas 11h para assistirem à minha. O tempo entre as duas provas é bastante reduzido e os alunos têm pouco tempo para irem ao recreio. Contudo, a aula da minha colega terminou com um jogo que já foi um momento de descontração. Quando iniciei a prova, estavam na sala, para além das crianças e da professora titular da turma, duas supervisoras da Prática Pedagógica para avaliarem a minha prestação. Através da leção das aulas, refleti bastante sobre as minhas práticas e sobre as práticas observadas. Alarcão e Roldão (2010, p.17) referem que a prática pedagógica é um “espaço em que se entrecruzam os saberes e em que a sua mobilização e articulação ganham sentido conceptual e orientador da acção de educar, ensinando”. De encontro a esta ideia, o futuro profissional de educação tem várias componentes teóricas que são imprescindíveis para a componente prática.

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do capítulo

No presente capítulo, será apresentada uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar, a sua finalidade, quais as suas vantagens e desvantagens, que tipos de planificação existem e o Modelo T de Aprendizagens. Por fim, serão apresentados planos de aulas lecionadas por mim ao longo da prática pedagógica, três planos referentes ao 1.º Ciclo e quatro referentes ao 2.º Ciclo, desenvolvidos para cada área curricular. Estes serão inferidos e devidamente fundamentados.

2.2. Fundamentação teórica

A planificação desempenha um papel preponderante no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao professor planificar as suas aulas. De acordo com Serra (1999, p.18), “os esforços de planificação em ambientes organizacionais, podem definir-se por relação a todas as actividades engrenadas e coordenadas pelos seus actores com vista ao alcance de determinados objectivos”. Assim, o professor planifica as suas aulas com um objetivo bem delineado: a aprendizagem dos alunos. Tal como afirmam Clark e Lampert (1986, citados por Arends, 1995, p.44), “a planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas”. O professor adapta o currículo “pelo processo de planificação, através de acrescentos, supressões e interpretações” dando mais ênfase a determinadas partes do mesmo consoante aquilo que considera mais pertinente abordar. (*idem*, p.44).

De acordo com Arends (1995, p.45), o facto dos professores planificarem as suas atividades “melhora os seus resultados” tendo em conta que, estes passam a refletir sobre as mesmas. Acrescenta ainda que “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados”.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p.15), “é fundamental que o professor leve mais além a linha geral de planeamento por outros iniciada, identificando, organizando e sequenciando aprendizagens mais concretas, claramente definidas, exequíveis e, em grande parte, susceptíveis a avaliação”. Quer portanto com isto dizer, e de encontro às ideias expressas anteriormente que, o professor não se deve centrar apenas no Sistema Educativo, no currículo e no que é mencionado nos programas, mas sim adaptá-los, levando os alunos a atingir metas e objetivos de aprendizagem. Zabalza (2000, p.46), sintetiza esta ideia referindo que o professor “realiza a síntese do geral (Programa), do situacional (programação escolar) e do contexto imediato (o contexto de sala de aula e os conteúdos específicos ou tarefas)”. Este autor cita

Gimeno (1983) sustenta esta ideia referendo que “o professor tem que apostar decididamente em ser ele próprio o co-responsável pelo projecto e pela gestão do seu próprio trabalho em sala de aula”.

Chilardi e Spallarossa (1989, referidos por Serra, 1999, p.18), esclarecem que a planificação desenvolve-se em várias fases: “a) recolha e tratamento de informação; b) definição de políticas e metas (...); c) definição de objectivos; d) definição de planos e programas; e e) identificação e definição de meios e recursos”.

De acordo com um estudo feito por Clark e Yinger (1979, referido por Zabalza (2000, p.48-49), afirmam que os professores apontam diversas razões para a planificação. Estas centram-se em i) “satisfazer as suas próprias necessidades” de modo a “reduzir a ansiedade e incerteza que o seu trabalho lhes criava”; ii) determinar os “objectivos a alcançar no termo do processo de instrução” de forma a ter em conta “que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas (...); iii) realizar “estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc.”.

Segundo Arends (1995, p. 54), os professores elaboram planificações tendo em conta “diferentes ciclos de planificação ou períodos temporais”. O mesmo autor (p.52-53) apresenta, assim, cinco níveis de planificação: a planificação anual, a planificação do período, a planificação da unidade, a planificação semana e a planificação diária. A planificação anual tem como objetivos i) “estabelecimento do conteúdo geral (bastante geral e sujeito aos objetivos do currículo regional”; ii) “estabelecimento de sequência do currículo básico” e iii) “ordenação e reserva de materiais”. No que refere à planificação do período, são mencionados os seguintes objetivos: i) “elaboração detalhada dos conteúdos a dar para os próximos três meses” e ii) “estabelecimento de programações para cada semana do período escolar, adaptadas aos objectivos do professor”. A planificação da unidade tem como objetivos i) “o desenvolvimento de uma sequência de experiências de aprendizagens bem organizadas” e ii) “apresentação de um conteúdo abrangente, integrado e significativo a um nível apropriado”. Quanto à planificação semanal, o autor acima referido menciona os seguintes objetivos: i) “esboço das actividades a realizar durante a semana, de acordo com um horário de trabalho semanal”; ii) “ajustamento do programa às interrupções e necessidades especiais” e iii) “manutenção da continuidade e regularidade das actividades”.

Por último, os objetivos da planificação diária são: i) “disposição e arrumação da sala de aula para o dia seguinte”; ii) “especificação dos componentes da actividade ainda não decididos”; iii) “adaptação do programa a imprevistos do último minuto” e “preparação dos alunos para as actividades diárias”.

Pérez e López (2001, p.21-22), propõe um modelo didático que permite desenvolver as capacidades e valores dos alunos por meio de conteúdos e procedimentos. Para este autor, o aluno “aprende com sus capacidades (metros mentales), sus destrezas (decímetros mentales) y sus habilidades (centímetros mentales)”. Assim, as capacidades, destrezas e habilidades constituem a inteligência do aluno. O professor como mediador da aprendizagem tem que encontrar estratégias e procedimentos para desenvolvê-las nos alunos. Estas capacidades, destrezas e habilidades dos alunos, são descritas pelo autor como sendo “elementos cognitivos”. Contudo, o mesmo realça que a aprendizagem não é só constituída por elementos cognitivos mas também por “elementos afectivos”, os valores e atitudes. Assim, Pérez (2001, p.22), afirma que o aluno “aprende com su procedimiento y sus afectos. Y el profesor como mediador del aprendizaje debe desarrollar y potenciar tanto la cognición como la afectividad”.

Pérez (2001, p.56), demonstra um modelo de planificação baseado nos modelos cognitivos e afetivos bem como nos procedimentos e estratégias a adotar pelo professor com o fim de proporcionar as aprendizagens dos alunos. Este modelo é denominado por modelo T. Este nome surge devido ao mesmo ter a forma de um T duplo. O autor revela que “la T superior que integra contenidos conceptuales y procedimientos-estrategias y la T inferior que integra capacidades-destrezas y valores-actitudes”. O autor acrescenta ainda que este tipo de modelo deve ser utilizado de forma anual ou bianual ou trimestral.

2.3. Planos de aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1. Plano de aula de Estudo do Meio

De seguida, apresento o quadro 10 referente a um plano de aula de Estudo do Meio.

Quadro 10 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade		
Plano de aula		
Ano: 2º ano	Estagiária: Ana Tralha	
Data: 08 de novembro de 2010	Nº 4	
Duração: 60 minutos	Área: Estudo do Meio	Turma: M 1º/2º ciclo do Ensino Básico
Conteúdos	Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Roda dos alimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer interdisciplinaridades com a aula de Língua Portuguesa; • Explicar a importância da alimentação; • Explorar a roda dos alimentos através de uma roda grande, explicando a sua organização; • Para concluir, será distribuído um cartão com um alimento a cada aluno e será solicitado que os mesmos se agrupem de acordo com os sectores da roda. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos/Competências	Valores/Atitudes
<u>Raciocínio lógico</u> <ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de relacionar • Ser capaz de analisar <u>Expressão oral</u> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender • Identificar 	<u>Tolerância</u> <ul style="list-style-type: none"> • Ser bom ouvinte • Ser calmo <u>Convivência</u> <ul style="list-style-type: none"> • Participação • Respeito 	
Material: Fichas, data-show, roda dos alimentos grande e pequenas para os alunos.		
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagens		sujeito a alterações conforme o decorrer da atividade

Inferências e fundamentação teórica

Antes de mais, importa realçar que os modelos de plano de aula aqui presentes são adaptações do Modelo T de Aprendizagens elaborado por Martiniano Peréz.

Esta aula foi lecionada depois de ter apresentado um texto dramático sobre os alimentos em Língua Portuguesa. Nesta aula, os alunos estavam dispostos nas suas mesas em forma de “U” como mencionei nos relatos desta aula.

A aula decorreu normalmente, não existindo nenhum aspeto a referir.

O uso da história para introduzir a temática permitiu que os alunos ficassem despertos e motivados para a mesma. Roldão (1995, p.71) refere que o uso de histórias permite uma maior proximidade com a temática visto que as crianças “apreendem e atribuem sentido à realidade, resultando dessa proximidade, largamente afectiva, o fascínio que a narrativa sempre exerceu sobre as mentes”. Tendo em conta esta ideia, e refletindo sobre a metodologia que utilizei, verifiquei que foi bastante pertinente na medida em que os alunos ficaram bastante motivados para a apresentação dos conteúdos.

Como já referi, a aula de estudo do meio teve como tema central a roda dos alimentos. De acordo com as Orientações, Ministério da Educação (2006, p.107), no programa do 1.º ano do Ensino Básico é referido que o professor deve abordar a “higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos”.

Iniciei esta aula fazendo interdisciplinaridade com o texto abordado na aula de Língua Portuguesa. O texto em questão abordava a temática da alimentação.

Para começar, questionei os alunos sobre os seus hábitos alimentares (número de refeições que fazem ao longo do dia, que alimentos comem, etc.. Segundo o Ministério da Educação (2006, p.101), “o meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira abordagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para aprendizagens concretas”.

De seguida, solicitei que os alunos se sentassem em almofadas ao nível do chão à volta de uma roda dos alimentos grande. Questionei os alunos sobre a mesma no que diz respeito à sua divisão. Segundo Martins *et al.* (2007) é importante que o professor, antes de abordar uma determinada temática, se preocupe em “reconhecer que os alunos possuem ideias ou “teorias informais” sobre muitos dos domínios que as aprendizagens formais englobam e que afectam a interpretação de fenómenos do quotidiano”. Desta forma, comecei assim por detetar as ideias que os alunos possuíam sobre a temática, a fim de detetar as suas concepções alternativas que se inserem na Mudança Conceptual. Não nos podemos esquecer de que os alunos vivenciam muitas situações no seu quotidiano e, formam ideias sobre elas. O professor deve assim

compreender que ideias possuem os alunos sobre a temática a ser abordada para que, se estas não estiveram corretas, mudá-las.

Após chegar, em conjunto com as ideias expressas pelos alunos, à razão pela qual a roda dos alimentos está dividida em setores com tamanhos diferentes, passei à apresentação de alimentos verdadeiros para que os alunos, um a um, fossem buscar um alimento e o colocassem no setor correspondente. Os restantes alunos, no lugar, elaboraram a mesma correspondência.

Tendo em conta que nesta faixa etária os alunos, se encontram, segundo Piaget citado por Roldão (1995, p.20), no estágio operacional concreto. Desta forma, apelei a uma estratégia de lecionação dos conteúdos que fosse visível e concreta para os alunos, levando alimentos reais para a realização da atividade final.

O mesmo autor refere que “a criança limitada na sua capacidade operativa ao domínio do real, observando e experimentando e, conseqüentemente, a ênfase no meio próximo, na observação directa, na realidade concreta, com, a correspondente exclusão do distante, do imaginado, do hipotético” (p.24). Assim sendo, a realização de atividades concretas são importantes para que o aluno compreenda a temática lecionada.

Durante a aula, tentei sempre que os alunos, respeitassem as ideias dos colegas e promovi a ajuda dos mesmos. O autor salientado anteriormente, menciona que é de primar a “prática de metodologias de aprendizagem em que se exercitem o espírito de cooperação e ajuda, o rigor da análise, o respeito pela opinião de outros” (p.33). Assim foi promovida a cidadania em sala de aula.

Durante a aula estive sempre atenta às questões colocadas pelos alunos. Segundo Sá (2002, p.81) a capacidade de questionar é uma “competência de importância fundamental, quanto à perspectiva de aguçar o pensamento e estimular a acção da criança”. Desta forma, dar resposta às suas questões torna-se importante para o processo de aprendizagem dos alunos. É muito comum que os alunos queiram saber mais sobre a temática apresentada.

Contudo, o professor nem sempre dispõe de tempo para tal. Mas no que concerne a dúvidas dos alunos que sejam pertinentes para a aprendizagem da temática abordada, deve existir uma preocupação do professor para as esclarecer. Desta forma, tem que ter alguma facilidade em improvisar estratégias diversificadas para que os alunos fiquem esclarecidos.

Para a lecionação desta aula, foi feita interdisciplinaridade com a área de Língua Portuguesa. A interdisciplinaridade torna-se importante no processo de ensino.

Através dela, realiza-se um intercâmbio entre as várias áreas do saber, não as tornando estanques mas sim interativas. Fortes (sd) salienta que

para que ocorra a interdisciplinaridade não se trata de eliminar as disciplinas, trata-se de torná-las comunicativas entre si, concebê-las como processos históricos e culturais, e sim torná-la necessária a atualização quando se refere às práticas do processo de ensino-aprendizagem.(p.4)

Através desta perspetiva, é perceptível que a interdisciplinaridade é um processo de ensino-aprendizagem atual e que deve ser utilizado como metodologia de sala de aula.

Nas aulas onde é realizada interdisciplinaridade, os alunos apreendem os conteúdos de uma forma muito mais significativa. Os conteúdos não se tornam limitados apenas a uma disciplina, mas estão interligados entre várias.

Fortes (sd, p.4) completa esta ideia referindo que A proposta da interdisciplinaridade é estabelecer ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos”.

Esta prática de sala de aula, permite a capacitação dos alunos para a vida em sociedade, na medida em que a atividade realizada em sala de aula é mais produtiva.

Morin (2000, citado pelo mesmo autor, sd, p.4), alerta para o facto de as disciplinas lecionadas de forma isolada não são positivas para a aprendizagem dos alunos na medida em que “só servirão para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo”.

Assim sendo, o mesmo autor salienta ainda que o professor deve quebrar essas roturas a fim de mostrar as relações entre “os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem. Caso contrário, será sempre ineficiente e insuficiente para os cidadãos do futuro”.

A prática da interdisciplinaridade torna-se, assim, uma metodologia a aplicar frequentemente em sala de aula.

2.3.2. Plano de aula de Língua Portuguesa

Seguidamente, apresento o quadro 11 que se refere a um plano de aula de Língua Portuguesa.

Quadro 11 – Plano de aula de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo

Jardim Escola João de Deus - Alvalade

Plano de aula

Ano: 1.º ano

Estagiária: Ana Raquel Tralha

Data: 27 de maio de 2011

Nº 4

Duração: 60 minutos

Mestrado em 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico

Área: Língua Portuguesa

Conteúdos		Procedimentos/ Estratégias	
Leitura e interpretação Expressão Escrita		<ul style="list-style-type: none"> • Contar a história “A Lenda do bicho-da-seda” através de um livro; • Fazer a interpretação da história; • Explicar o ciclo do bicho-da-seda fazendo interdisciplinaridade com estudo do meio; • Realizar uma atividade de expressão escrita que os alunos têm que legendar imagem do ciclo de vida do bicho-da-seda. 	
Capacidades/ Destrezas	Objetivos/ Competências	Valores/ Atitudes	
<u>Observar</u> <ul style="list-style-type: none"> • Analisar • Descobrir <u>Orientação espacial</u> <ul style="list-style-type: none"> • Localizar • Interpretar 		<u>Respeito</u> <ul style="list-style-type: none"> • Conviver • Aprender <u>Rigor</u> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão clara • Interesse 	
Material: Livro, propostas de trabalho			

Plano elaborado segundo o Modelo T de Aprendizagens

Plano sujeito a alterações no decorrer da atividade

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula comecei por contar a “Lenda do Bicho-da-Seda”. Este tema serviu de ponte para a abordagem em Matemática e Estudo do Meio.

Para esta aula, utilizei um livro em grande para contar a lenda e projetei as imagens do mesmo em *Powerpoint*.

De seguida, fiz algumas perguntas sobre a mesma. De acordo com as Orientações Curriculares, Ministério da Educação (2006, p.140), um aluno no primeiro ano do ensino básico deve “expressar-se por iniciativa própria: em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos)”.

No que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades de retenção da informação oral, as Orientações Curriculares, Ministério da Educação (2006, p.140), referem que o aluno deve “identificar intervenientes (em contos orais); formular perguntas e respostas e responder a questionários”. Foi neste sentido que fiz a exploração do texto. Foram colocadas perguntas direcionadas aos alunos para verificar se os mesmos tinham compreendido a lenda.

Seguidamente, foi feita interdisciplinaridade com a área de estudo do meio onde foi explorado o ciclo de vida do bicho-da-seda. Esta parte da aula foi essencial para a próxima abordagem feita na área de Língua Portuguesa. O facto de ter apresentado a lenda, numa fase inicial, motivou os alunos para a área a ser lecionada posteriormente. Os alunos demonstraram estar motivados e curiosos sobre a veracidade da lenda.

As lendas inserem-se nos textos de tradição oral. Diniz (1994, p.60) refere que a lenda “está ligada a um espaço geográfico e a uma determinada época”. Desta forma, é possível determinar o espaço e o tempo da mesma. A mesma autora, menciona ainda os espaços onde normalmente esta decorre sendo eles “num castelo, num monte, num ribeiro ou num bosque”. No caso da lenda apresentada, o espaço geográfico era um castelo.

Outra característica deste tipo de texto, segundo a mesma autora, é o facto de a lenda ter “pretensões históricas, embora por vezes se forme em torno de um facto conhecido, em que os pormenores reais se prendem com a memória do povo e foram substituídos por outros de pura ficção”. Os alunos mostraram muito interesse por este tipo de texto.

A aplicação deste tipo de texto é assim importante em sala de aula.

Após esta explicação, foi distribuída uma proposta de trabalho com imagens, que tinha como finalidade os alunos legendarem-nas. De acordo com as orientações curriculares do Ministério da Educação (2006, p.146), torna-se fulcral que o professor crie “múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura e se criem situações e projectos diversificados que integrem, funcionalmente, as produções das crianças em circuitos comunicativos”.

A abordagem à escrita foi realizada de uma forma coletiva e registada no quadro Segundo Rebelo e Atalaia (2000, p.141), o professor demonstrar uma “atitude de aceitação e simpatia para com a expressão própria das crianças, não as interrompendo com correções inúbias no momento da comunicação”. Contudo, considero que, para que haja aprendizagem por parte da criança, o professor deve corrigi-la. Segundo a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo, Ministério da Educação (2006, p. 146) o professor deve facultar aos seus alunos “a possibilidade de escrever, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita (...), partir de e apoiar-se nas suas produções, significa construir com as crianças um percurso de descoberta e de redescoberta da Língua”. Desta forma, a escrita deve ser trabalhada em sala de aula.

É importante que, na abordagem à escrita, os alunos sejam estimulados para o desenvolvimento da sua criatividade. Contudo, visto que os alunos tinham que escrever uma história apelando às imagens que dispunham, considero que não fometei, como deveria, a imaginação dos mesmos.

Acabaram por estar apenas centrados nas imagens e não construíram uma história convenientemente. Poderia ter alterado esta estratégia para um texto livre sobre a temática apresentada. Contudo, o tempo para a lecionação da aula não me permitia.

Verifiquei também que os alunos, nesta faixa etária, visto ainda não terem estarem muito familiarizados com a abordagem à escrita, demonstraram dificuldades na sua execução. O papel do professor é apoiar as aprendizagens dos alunos e, neste sentido e nesta situação, ajudá-los a desenvolver a sua capacidade de escrita.

Os erros ortográficos também são muito comuns. Desta forma, e recorrendo ao método de leitura aprendido pelos alunos, tentei sempre ajudar os alunos a terem uma correta ortografia.

Tal como refere a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2006, p. 146) “é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança”. Desta forma, o

professor encorajar os seus alunos para a prática da leitura e escrita, não só em sala de aula como for.

Deve também proporcionar um clima agradável para que o aluno se sinta confiante levando a uma melhor motivação para aprender. Segundo a mesma fonte referida anteriormente, e indo de encontro a esta ideia, o ato de escrever e ler “sem receio de censura, com a certeza de poder contar com os apoios necessários ao aperfeiçoamento das produções, permitirá a descoberta do prazer de escrever e de ler e o entendimento de que todas as produções podem ser melhoradas, reformuladas, transformadas”.

O professor deve ter sempre este facto em consideração para possibilitar aos seus alunos uma correta e motivadora aprendizagem da leitura e da escrita.

2.3.3. Plano de aula de Matemática

De seguida apresente o quando 12 que remete para um plano de aula de Matemática.

Quadro 12 – Plano de aula de Matemática

Jardim Escola João de Deus - Alvalade		
Plano de aula		
Ano: 3º ano	Estagiária Ana Raquel Tralha	
Data: 17 de janeiro de 2011	Nº 4	
Duração: 60 minutos	Mestrado em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico	
Área: Matemática		
Conteúdos	Procedimentos/ Estratégias	
Unidades de Medida de Tempo	<ul style="list-style-type: none"> • Leccionar a aula através de uma apresentação em <i>Powerpoint</i>; • Mostrar a imagem de um calendário; • Questionar os alunos sobre a forma como o mesmo se encontra dividido; • Rever quantos meses tem um ano, quantos dias tem cada mês; • Questionar os alunos sobre a forma como o mês está organizado no calendário para os alunos chegarem à noção de semana, dia, hora, minuto e segundo; • Explicar aos alunos o que é um lustro, uma década, um século e um milénio; • Mencionar qual a relação entre eles; • Explicar como se representam estas grandezas; • Realizar exercícios de representação das mesmas através de placas; • Solicitar aos alunos a realização de uma ficha de trabalho. 	
Capacidades/ Destrezas	Objetivos/ Competências	Valores/ Atitudes
<u>Compreender</u> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar • Classificar <u>Participar</u> <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar • Interesse 	<u>Respeito</u> <ul style="list-style-type: none"> • Tolerar • Aceitar <u>Responsabilidade</u> <ul style="list-style-type: none"> • Atenção • Esforço 	
Material: data-show, apresentação em <i>Powerpoint</i> , fichas de trabalho		
Plano elaborado segundo o Modelo T de Aprendizagens		Plano sujeito a alterações no decorrer da atividade

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula decorreu com os alunos sentados nos seus lugares.

Para tornar o conteúdo mais apelativo, como refiro no plano de aula, lecionei a mesma utilizando sempre uma tecnologia de informação e comunicação.

Segundo Botelho e Villar (2009, p. 91) “A tecnologia está hoje presente na nossa vida pessoal e profissional e é parte integrante da nossa sociedade”. Assim sendo, hoje em dia, os professores tem que se adaptar as tecnologias existentes. São vários os autores que salientam que o uso da tecnologia em sala de aula favorece o processo de ensino-aprendizagem. Delors (1997, citado por Botelho e Vivar (2009, p. 92) salienta que “bem utilizadas, as tecnologias da comunicação podem tornar mais eficaz a aprendizagem e oferecer ao aluno uma via aliciante de acesso ao conhecimento e competência”.

Durante toda a aula, foi permanente o diálogo com os alunos. Viseu (2009, p.62) cita Ponte *et al.* (1997) que salientam que a comunicação em sala de aula é importantíssima. Para eles, o professor deve encorajar “os alunos a apresentar as suas dúvidas e opiniões e a argumentar e justificar as suas ideias”. Outra situação importante salientada pelos mesmos autores é que “com as tarefas que propõe e as questões que coloca, o professor procura envolver os alunos nas actividades da sala de aula, desafia-os a pensar e promove a discussão dos resultados obtidos, num ambiente de confiança e respeito pelas ideias dos outros”. O professor tem, assim, que criar momentos de diálogo, que promovam o pensamento dos alunos.

Ao longo de todo o relatório mencionei a importância dos materiais manipuláveis. Para esta aula criei um material manipulável novo para abordar o conteúdo a que me propunha. Viseu (2009, p.58) salienta que “ao seleccioná-los, o professor deve atender se são motivantes, se são adequados ao conceito matemático a abordar e se favorecem a sua abstracção”. Através do uso de matérias manipuláveis, os alunos têm a oportunidade de “explorar situações matemáticas, conjecturar e refutar resultados e estabelecer relações entre conceitos matemáticos”. Assim sendo, mostram ter um grande benefício para a aprendizagem da Matemática.

O ensino dos conteúdos relativos às unidades de medida de tempo tem grande pertinência para a vida dos alunos enquanto seres integrantes de uma sociedade. Precisam de saber ver as horas, converter as diversas unidades de medida de tempo para se organizarem durante o seu dia-a-dia.

O ensino das noções temporais também tem grande importância para a compreensão de outras áreas curriculares.

Por exemplo, ao nível da História de Portugal, quando os alunos aprendem que determinado acontecimento aconteceu num século específico, têm que ter noções temporais para conseguirem compreender a sua distância.

Estes conceitos temporais não são muito perceptíveis para os alunos, sobretudo quando nos referimos a séculos e milénios. São unidades de tempo bastante grandes em que os alunos não têm maturidade suficiente para uma correta compreensão.

2.4. Planos de aula do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2.4.1. Plano de aula de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

O quadro 13 refere-se a um plano de aula de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 13 – Plano de aula de História e Geografia de Portugal

Jardim-Escola João de Deus – Entroncamento		
Plano de Aula		
Ano: 5.º		Estagiária Ana Raquel Tralha
Data: 2 de março de 2012		Nº 2
Duração: 30 minutos		Mestrado em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico
Área: História e Geografia de Portugal		
Conteúdos Programáticos	Estratégias/Procedimentos	
Portugal no século XIII: os concelhos	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar diferenças entre as atividades dos concelhos rurais e dos concelhos urbanos; • Referir a importância do comércio no séc. XIII; • Apresentar uma carta de feira; • Analisar a carta de feira; • Interpretar uma imagem de uma feira; • Observar um mapa com as feiras do séc. XII e do séc. XIII; • Diferenciar comércio interno de comércio externo; • Visualizar um pequeno filme. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos/Competências	Atitudes/Valores
Expressão verbal: <ul style="list-style-type: none"> • Saber comunicar; • Fazer-se entender; • Enriquecer o vocabulário. Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar; • Identificar; Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir; • Identificar. 	Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> • Disciplina; • Respeito; • Cooperação. Motivação: <ul style="list-style-type: none"> • Interesse; • Atenção; • Saber ouvir. 	
Material: <i>Powerpoint</i> e carta de feira.		
Plano elaborado segundo o Modelo T de Aprendizagens		Plano sujeito a alterações no decorrer da atividade

Inferências e fundamentação teórica

A verificação de diferenças entre as atividades dos concelhos rurais e dos concelhos urbanos foram feitas através da visualização de um mapa. Segundo Fabregat e Fabregat (1991, p.45), é importante que o aluno “situe no espaço geográfico os feitos e acontecimentos históricos, já que sem este aspecto a História torna-se muito abstracta e sem sentido”. Os alunos demonstraram saber localizar os pontos cardiais para facilitar a leitura do mapa. Apenas através de uma correta leitura do mapa, é possível que os alunos compreendam o assunto abordado. Pretendia que os alunos compreendessem em que zonas, no século XIII, existiam mais concelhos rurais e urbanos. A interpretação de tal acontecimento também foi realizada através de diálogo com os alunos e, tendo em conta, os conhecimentos já adquiridos pelos mesmos através de conteúdos lecionados pela professora.

Nesta aula apresentei uma carta de feira e analisei-a com os alunos. Moreira (2004, p. 49) refere que o professor deve concretizar os conteúdos lecionados na aula de história “recorrendo a estratégias motivadoras baseadas na análise de fontes históricas, que forneçam ao aluno evidência do passado e a partir das quais possa construir-se as explicações históricas sobre aspectos dos fenómenos estudados”. Através da análise deste documento histórico, os alunos tiveram a hipótese de compreender quais as normas para a forma como decorria uma feira. Esta estratégia para a leção das aulas de história torna-se bastante pertinente. Os alunos mostraram-se muito motivados com o facto de estarem perante um texto da época que estavam a estudar. Para começar, quando apresentei a carta, esta estava impressa em papel tipo pergaminho e fechada com lacre. Esse aspeto criou algum entusiasmo por parte dos alunos. De seguida, solicitei que um deles lesse. Esta envolvência entre o professor e os alunos em sala de aula é importante. O professor deve, também, preocupar-se em criar estratégias para que tal situação aconteça.

Para finalizar esta aula, permiti que os alunos visualizassem um pequeno filme sobre as feiras do século XIII. Fabregat e Fabregat (1991, p.55), salientam que “o aluno quanto mais observa directamente, melhor capta a realidade que o rodeia e melhor compreenderá a realidade histórica e artística”. Após a visualização do filme questionei os alunos sobre o que observaram, focando sempre os conteúdos lecionados durante a aula. Os mesmos autores alertam para o facto de se apresentar filmes em sala de aula sempre com algum intuito. Estes devem ser apresentados sempre com um fim previsto pelo professor. Salientam que a turma deve ser orientada

“tanto para a realização de trabalhos, como para o apontamento de dados no caso dos diapositivos, ou a colocação de questões, ou a elaboração de comentários”.

De todas estas estratégias, a que adotei foi a colocação de questões. Através deste filme, os alunos conseguiram perceber como se realizavam as feiras no século estudado. Em sala de aula, torna-se uma estratégia pertinente, visto que os alunos conseguem ter noção, de uma forma concreta, dos conteúdos abordados.

Este tipo de estratégia pode ser utilizada também no início ou no decorrer da aula. Se for no início, desperta a curiosidade dos alunos para os conteúdos a abordar e, quando falarem deles em sala de aula, podem participar ativamente, pois já conhecem parte deles. Funciona, assim, como uma forma de motivação. Contudo, optei por apresentá-lo no final da aula como forma de conclusão.

Durante a aula, fiz sempre apelo aos conteúdos que os alunos já possuíam, fazendo, assim, uma ponte com a aprendizagem de novos conceitos. O professor deve ter sempre essa preocupação em sala de aula.

As aprendizagens dos alunos não devem ser estanques, devem sim, estar sempre relacionadas com aprendizagens anteriores. Através da explicação desta nova temática, mostraram-se bastante interessados e atentos porque, à medida que abordava um conteúdo, novo tentava sempre que os alunos o explicassem tendo em conta o conhecimento prévio que já possuíam. Desta forma, processa-se um maior envolvimento da turma no seu processo de aprendizagem.

2.4.2. Plano de aula de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo do Ensino Básico

O quadro 14 refere-se a um plano de aula de Língua Portuguesa aplicado no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 14 – Plano de aula sobre de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Jardim-Escola João de Deus – Entroncamento		
Plano de Aula		
Ano: 5.º		Estagiária: Ana Raquel Tralha, n.º2
Data: 7 de março de 2012		
Duração: 90 minutos		
Área: Língua Portuguesa		
Conteúdos Programáticos	Estratégias/Procedimentos	
Banda Desenhada. O Advérbio.	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com uma chuva de ideias sobre a noção de banda desenhada; • Dar uma definição de banda desenhada; • Referir as características da banda desenhada, através de uma apresentação em <i>Powerpoint</i>; • Ler a prancha de banda desenhada “Contar carneiros” presente no manual dos alunos; • Identificar as características da banda desenhada nela presentes; • Explicar a noção de advérbio e as suas subclasses; • Realização de uma proposta de trabalho. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos/ Competências	Atitudes/Valores
<u>Expressão oral</u> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura compreensiva • Diálogo <u>Compreender</u> <ul style="list-style-type: none"> • Classificar • Identificar 	<u>Rigor</u> <ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Expressão clara <u>Tolerância</u> <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar • Valorizar 	
Material: <i>Powerpoint</i> e propostas de trabalho.		
Plano de Aula* baseado no Modelo T de Aprendizagens		*sujeito a alterações

Inferências e fundamentação teórica

A abordagem da banda desenhada nesta aula foi bastante motivadora para os alunos.

Foi interessante verificar que muitos deles não estão familiarizados com a mesma. Desconhecem a função dos diferentes símbolos que representam a mesma. Notei também dificuldade da leitura das pranchas de banda desenhada.

Após ter explicado as diversas características da banda desenhada, solicitei que os alunos lessem uma prancha presente no manual. Foi interessante verificar que se demonstram bastante intimidados em ler com as entoações que a mesma expressava. O facto de não possuírem autoconfiança e vergonha dos colegas levou-os a retraírem-se e não conseguirem ler o texto da melhor forma.

Hohmann e Weikart (1997, p.68-69) revelam que o conceito de “auto-confiança desenvolve-se quando as crianças vivem em contextos que as apoiem – desenvolvendo as suas capacidades e interesses e dando-lhes oportunidades para experimentar o sucesso”.

De encontro à ideia expressa pelos autores, apoiei e encorajei os alunos a realizarem uma leitura mais expressiva. Inicialmente mostrara-se retraídos mas depois todos foram capazes de se desinibir.

O encorajamento do professor em sala de aula é fulcral. Os alunos passam maioritariamente o tempo com o professor e este deve permitir um desenvolvimento não só ao nível dos conteúdos, mas também ao nível das emoções e dos afetos.

A utilização de diferentes tipologias textuais na aula de Língua Portuguesa é bastante importante. Gomes (2010, p.46) salienta que a banda desenhada tem um carácter de motivação em sala de aula. Marques (1989, citado por Gomes 2010, p. 47) salienta que “o cinema, a BD (...) têm múltiplas virtualidades pedagógicas, porque com a componente lúdica e seu poder de atracção são mais consentâneos com as apetências, os interesses dos alunos e as realidades do nosso tempo”.

Tendo em conta estas ideias, é pertinente que o professor, em sala de aula, apele a este tipo de texto. Contudo, para que os alunos o compreendam, é necessário lecionar uma aula de abordagem à Banda Desenhada. Foi isso que fiz nesta aula. Os alunos necessitam de compreender a forma como se lê para conseguirem interpretar o que ela pretende transmitir.

Tanto no início desta aula como em todo o seu decorrer fui sempre promovendo a expressão oral dos alunos.

Reis (2008, p. 16) define esta capacidade como sendo uma forma “para produzir sequências fônicas dotadas de significado e conformes à gramática da língua”.

A expressão oral deve ser uma constante nas aulas de Língua Portuguesa pois, segundo o mesmo autor, “implica a mobilização de saberes linguísticos e sociais e pressupõe uma atitude cooperativa na interação comunicativa, bem como o conhecimento dos papéis desempenhados pelos falantes em cada tipo de situação”. Os alunos devem dominar a língua da qual são falantes.

Para a parte de conhecimento explícito da língua, lecionei o advérbio e, tal como refere Reis (2008, p. 104), no 2.º Ciclo do Ensino Básico o advérbio é um dos conteúdos a ser lecionado. Contudo, para este ciclo de ensino só são mencionadas as subclasses de “inclusão e exclusão; de predicado, de frase; interrogativo; conectivo” e as locuções adverbiais. Durante a aula, foram estas as subclasses que introduzi.

A abordagem dos conteúdos gramaticais em sala de aula é bastante importante para o enriquecimento dos alunos visto serem falantes de uma língua, como já referi anteriormente, e terem que ter conhecimento das formas corretas de o fazer. De encontro a esta ideia, Duarte (2008, p. 17) refere que, “o termo “gramática”, tem uma concepção alargada, designando tanto o estudo do conhecimento intuitivo da língua que têm os falantes de uma dada comunidade como os princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento”.

Ao longo de toda a aula, houve da minha parte um recurso às tecnologias de informação e comunicação. Reis (2008, p. 119) também refere a sua importância nas aulas de Língua Portuguesa na medida em que, para ele, o português expresso de forma oral durante as aulas “deverá constituir-se não só como língua de trabalho, mas como um domínio rigorosamente programado de conteúdos”.

Foca ainda a importância das novas tecnologias dizendo que “são evidentes as vantagens em utilizar os recursos das TIC, para trazer para dentro da aula uma grande variedade de discursos e de textos orais e multimodais”. Assim, o professor pode utilizá-las como um apoio da sua aula, servindo-lhe assim, como uma ferramenta de orientação e esquematização de ideias.

Os alunos, perante estas tecnologias mostram-se muito mais motivados para a aprendizagem pois, tal como afirma Proença (1990, p. 107) “os meios audiovisuais despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno, mudam as relações entre o professor e o aluno e ainda obtêm uma melhor eficácia pedagógica”.

Estando inseridos numa sociedade desenvolvida tecnologicamente, torna-se relevante que o professor crie estratégias que acompanhem este avanço tecnológico e que não se limite apenas a utilizar o quadro e o giz. Os alunos, ao estarem perante uma apresentação multimédia, demonstram estar mais motivados e atentos a todo o decorrer da aula.

2.4.3. Plano de aula de Matemática no 2.º Ciclo do Ensino Básico

O quadro 15 apresentado de seguida refere-se a um plano de aula de Matemática no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 15 – Plano de aula de Matemática no 2.º Ciclo do Ensino Básico

<p>Jardim-Escola João de Deus – Entroncamento</p> <p>Plano de aula</p>		
<p>Ano: 5º ano</p> <p>Data: 20 de março de 2012</p> <p>Duração: 90 minutos</p>		<p>Estagiária: Ana Raquel Tralha Nº2</p> <p>Mestrado em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico</p>
<p>Área: Matemática</p>		
<p>Conteúdos</p>	<p>Procedimentos/ Estratégias</p>	
<p>Frações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adição e subtração de frações com o mesmo denominador; - Numeral misto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lecionar a aula através de uma apresentação em <i>Powerpoint</i>; • Distribuir a cada aluno dois quadrados de papel; • Solicitar que os alunos o dividam em quatro partes iguais; • Realizar adições e subtrações de frações com esses pedaços de papel; • Solicitar que os alunos o dividam o outro quadrado em oito partes iguais; • Direcionar o pensamento dos alunos para que estes definam a noção de adicionar e subtrair frações com o mesmo denominador; • Realizar operações com algarismos móveis; • Explicar a noção de numeral misto; • Realizar exercícios com algarismos móveis; • Solicitar aos alunos a realização de uma ficha de trabalho. 	
<p>Capacidades/ Destrezas</p>	<p>Objetivos/ Competências</p>	<p>Valores/ Atitudes</p>
<p><u>Compreender</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar • Classificar <p><u>Participar</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar • Interesse 	<p><u>Respeito</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tolerar • Aceitar <p><u>Responsabilidade</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Atenção • Esforço 	
<p>Material: quadro interativo, apresentação em <i>Powerpoint</i>, quadrados de papel, algarismos móveis e fichas de trabalho</p>		
<p>Plano elaborado segundo o Modelo T de Aprendizagens</p>		<p>Plano sujeito a alterações</p>

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula de Matemática apelei ao uso de materiais manipulativos não estruturados para facilitar a compreensão da temática a ser abordada. Através do uso de materiais, aos alunos compreendem as temáticas apresentadas de uma forma concreta, tornando-se mais perceptível.

Treffers, (citado por Fernandes, 2000, p.22) que salienta diversos princípios da aprendizagem Matemática. Segundo este autor, o conhecimento matemático é feito através de uma “aprendizagem de construção”. O aluno vai assim construindo a sua aprendizagem de uma forma construtiva.

Para tal, um dos princípios que o autor refere é que a instrução da aprendizagem Matemática “reside na orientação concreta da utilização experimental de materiais”. O professor deve assim conceber ou utilizar materiais que estejam à sua disposição, bem como materiais já criados para desenvolver determinada temática.

Através dos materiais, os alunos criam um maior envolvimento com as situações de aprendizagem, compreendendo mais facilmente os conteúdos lecionados. Os quadrados de papel, por exemplo, é um material bastante acessível e que permitiu que os alunos visualizassem de uma forma concreta a representação de uma quadrado dividido. Esta representação permitiu rever a noção de parte e todo, de numerador e denominador. A divisão do segundo quadrado de papel, permitiu a visualização, de uma forma concreta, nas frações equivalentes.

Durante a aula, utilizei como suporte uma apresentação em *Powerpoint*. O uso deste tipo de tecnologias de informação e comunicação é imprescindível, segundo Fernandes (2000, p.23), visto que permite “aprofundar aspectos essenciais centrados no fulcro da educação Matemática., que é o processo dinâmico e profundamente intelectualizado da actividade de resolução de problemas”.

As situações problemáticas apresentadas aos alunos tiveram sempre por base o quotidiano dos alunos. Fernandes (2000, p.19) cita Carraher e Schliemann que referem que é necessário “focalizar os processos de aprendizagem e situações mais realistas, ligadas ao quotidiano dos alunos e à sua vida escolar e social”.

É notório que o envolvimento dos alunos é muito mais significativo quando as situações problemáticas que são apresentadas são relativas ao seu quotidiano. Desta forma, o professor deve criar situações problemáticas que envolvam o quotidiano dos alunos. Desta forma, estes compreendem a verdadeira utilidade da Matemática. Percebem que é pertinente para a resolução de situações no dia-a-dia.

O facto de os alunos realizarem situações problemáticas que envolvam o seu quotidiano, também permite que compreendam melhor a sua forma de execução. Por exemplo, durante a abordagem dos numerais mistos, apresentei quatro tartes para serem repartidas por três pratos, de igual forma. Os alunos, nesta faixa etária, já contactaram com situações destas e, de uma forma rápida, verbalizaram a sua opinião para a distribuição das mesmas.

O raciocínio que os alunos fizeram não foi sempre o mesmo. Assim, é importante que o professor esteja atento às opiniões dos seus alunos pois, para a mesma situação problemática, podem existir diversas formas de realização. E se algum aluno não compreendeu uma determinada situação problemática, a explicação dos colegas pode ser preciosa neste sentido. Durante a aula, verifiquei isso mesmo. Um aluno não estava a perceber e, quando ouviu as explicações dos colegas, compreendeu de imediato.

Durante toda aula, procurei dialogar sempre com os alunos e ouvir as suas ideias relativas à realização das situações problemáticas. Fernandes (2000, p.20) salienta que “a escola tem de ser preferencialmente um espaço de troca de ideias e de experiências”. Com a partilha de ideias por parte dos alunos, a escola torna-se um lugar “privilegiado de aquisição, construção de conhecimento e de personalidade, em que todos os intervenientes estejam activamente envolvidos”. Assim, o diálogo deve ser promovido em sala de aula.

Tal como referi anteriormente, uma das situações em que o diálogo deve ser privilegiado, é na resolução de situações problemáticas. Os alunos não possuem, muitas vezes, um igual raciocínio. Torna-se imprescindível que o professor tente perceber a forma de realização de situações problemáticas.

A proposta de trabalho, contribuiu para a consolidação dos conteúdos lecionados durante a aula. Tentei que os alunos a realizassem de forma autónoma. Contudo, sempre que surgiam dúvidas auxiliei os alunos.

2.4.4. Plano de aula de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico

O quadro 16 apresentado de seguida refere-se a um plano de aula de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 16 – Plano de aula Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Jardim-Escola João de Deus – Entroncamento
Plano de Aula

Ano: 5.º

Estagiária: Ana Raquel Tralha, n.º 2

Data: 2 de março de 2012

Duração: 30 minutos

Área: Ciências da Natureza

Conteúdos Programáticos		Estratégias/Procedimentos	
Unidade na diversidade dos seres vivos: <ul style="list-style-type: none"> Constituição do microscópio. 		<ul style="list-style-type: none"> Distribuir por cada aluno uma proposta de trabalho para que possam legendar o microscópio; Projetar no powerpoint uma imagem do microscópio ótico; Explicar as funções de cada parte constituinte do microscópio; Solicitar aos alunos que completem a legenda do microscópio presente na proposta de trabalho; Distinguir a parte mecânica e a parte ótica do microscópio; Explicar à turma as regras de utilização do microscópio; Referir como se calcula a ampliação; Explicar quais os cuidados a ter com o microscópio. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos/Competências	Atitudes/Valores	
Observar <ul style="list-style-type: none"> Analisar; Descobrir. Classificação: <ul style="list-style-type: none"> Identificar; Selecionar. 		Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> Disciplina; Respeito; Motivação: <ul style="list-style-type: none"> Interesse; Atenção; 	
Material: <i>Powerpoint</i> ; microscópio ótico; propostas de trabalho e envelopes.			

Plano elaborado segundo o Modelo T de Aprendizagens

Plano sujeito a alterações

Importa salientar que esta aula foi uma aula observada e avaliada pela equipa de Supervisão Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus.

Esta aula foi integrada numa aula noventa minutos dada pelos meus colegas e por mim, sendo que cada um de nós dispunha de trinta minutos para a apresentação da aula.

Os temas das aulas dos meus colegas e da minha estava interligados. Sendo que o meu colega começou por apresenta a história do microscópio para que os alunos tivessem a noção da sua evolução. Eu apresentei os constituintes do microscópio ótico composto, os cuidados a ter com o mesmo e a forma de utilização. Não pude partir para a uma atividade mais prática porque a minha colega seguiu com a aula, possibilitando aos alunos a observação de uma célula de cebola ao microscópio.

Durante esta aula, existiu uma boa articulação de conteúdos entre os três. A aula foi planeada em conjunto.

Para a lecionação desta aula optei por levar para cada aluno a imagem de um microscópio impresso em papel, para que os alunos o legendassem à medida que eu ia explicando cada constituinte. Segundo Mintzes *et al.* (2000, p.289) “o professor deve desenvolver ou recorrer ao empréstimo de estratégias criativas, que sejam adequadas às necessidades particulares de cada grupo pequeno”. Assim, e para facilitar a aprendizagem dos alunos, criei esta estratégia para utilizar nesta aula.

As estratégias criadas pala a lecionação de aulas têm que se adequar tanto aos objetivos que se pretende atingir como adaptadas a turma em questão. Pereira (1992, p.137) salienta que as estratégias se podem dividir em dois grandes grupos, as gerais e as de mediação. As estratégias gerais são aquelas em que se relacionam com o pensar e o raciocinar. As segundas prendem-se com “as capacidades que se utilizam para realizar uma tarefa”. De acordo com estes dois grandes tipos de estratégias, considero que a utilizada ao longo da minha aula foi uma estratégia de mediação.

Nesta aula utilizei como recurso a imagem do microscópio bem como as legendas e funções dos constituintes impressas em papel. Pereira (1992, p.139) define os recursos como sendo “todos os materiais com que o professor trabalha para fazer com que o processo de aprendizagem seja mais eficaz em sala de aula e na escola em geral”. Em sala de aula, é importante que o professor utilize vários tipos de recursos para apoiar as aprendizagens dos seus alunos.

Os recursos utilizados em sala de aula podem ter diversas finalidades mas sempre tendo em vista a aprendizagem dos alunos. Pereira (1992, p. 139) refere que os recursos podem ser utilizados para (i) “ampliar os esforços do professor”; (ii) “organizar a aula” para que o professor não fique tão dependente dos apontamentos e permitindo ao aluno uma maior concentração; (iii) “introduzir um assunto”; (iv) “motivar o aluno”; (v) “ajudar a classificar conceitos abstratos”; (vi) “exemplificar situações diversas”; (vii) “ajudar a reter um assunto” e (viii) “potencializar o desenvolvimento de capacidades”. A escolha deste recurso de apoio à aula teve por base a maioria destas finalidades. Com ele, pretendia explicar um novo tema, organizando melhor a aula, visto não dispor de muito tempo e ter muitos conceitos novos para explicar. Este material possibilitou também que os alunos compreendessem melhor os assuntos lecionados e, posteriormente, pode servir de ferramenta de estudo.

Durante a aula, tentei sempre que os alunos partilhassem as suas ideias. O facto de os alunos partilharem as suas ideias nas aulas permite, segundo Mintze, Wandersee e Novak (2000, p.236) “o desenvolvimento de concepções mais complexas”. Contudo, não o pude realizar como pretendia visto que não dispunha de muito tempo para a leção da aula.

Os conteúdos lecionados na aula serão de extrema importância para o futuro dos alunos. Sem o conhecimento dos constituintes do microscópio ótico composto e as suas funções bem como a forma correta do utilizar, os alunos não conseguiriam realizar atividades experimentais que envolvessem este material.

O uso deste precioso instrumento de observação será muito importante, não apenas no 2.º Ciclo do Ensino Básico, mas também para outros ciclos de ensino. Desta forma, a facilidade de manuseamento do mesmo torna-se imprescindível.

Durante a aula, os alunos mostraram-se bastante empolgados na aprendizagem dos constituintes e suas funções. Contudo, demonstraram bastante interesse e vontade de mexer neste instrumento. Tal facto não aconteceu devido ao pouco tempo que dispunha para lecionar a aula.

Através da apresentação em *Powerpoint* com as devidas animações, os alunos estavam bastante atentos ao que estava a ser explicado por mim.

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Neste capítulo, será apresentada, numa parte inicial, a fundamentação teórica referente à avaliação. Serão abordadas a noção de avaliação, as funções da avaliação, os princípios da avaliação e, por fim, os tipos de avaliação. De seguida, serão apresentados e descritos três dispositivos de avaliação com os respetivos parâmetros e critérios de correção referentes a aulas dadas por mim numa sala do 3.º e do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade mencionado anteriormente. Por fim, será apresentado um gráfico de resultados e a respetiva avaliação. Para terminar serão apresentados quatro dispositivos de avaliação para o 2.º Ciclo de escolaridade e nas quatro áreas.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação dos alunos, segundo o Despacho Normativo n.º 338/93, “é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informações e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo”

Segundo Leite e Fernandes (2002, p.11), nos últimos tempos, a avaliação tem sido um ponto de muito interesse por parte da administração educativa, professores, alunos, famílias e a sociedade em geral. O interesse demonstrado por parte destes elementos, prende-se com facto de “a avaliação constituir uma das marcas mais visíveis na educação escolar mas também por ser determinante do que nela é valorizado e dos procedimentos que configuram o currículo e o seu desenvolvimento” (*idem*,p.11).

Roldão (2003, p.41) esclarece que avaliar é “um conjunto organizado de processos que visam (i) o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo (ii) a verificação da sua consecução”. Assim, cabe ao professor, “criar mecanismos de acompanhamento do processo” para que possa aferir se os conhecimentos estão a ser adquiridos da melhor forma e possa ajustar, reorganizar e acertar o processo “no sentido desejado”. Tal como consente Leite e Fernandes (2002), a avaliação visa:

medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos e aferir o grau de reprodução desses conhecimentos por referência a normas e critérios definidos de um modo uniforme e uniformizante e aplicados também de forma homogénea, a todos os alunos, como se fossem iguais. (p.20)

Assim, cabe aos professores criarem os seus mecanismos de acompanhamento do processo a fim de aferirem os conhecimentos adquiridos pelos alunos. Importa esclarecer através das ideias de Guilford (1973, referido por Leite e Fernandes, 2002,p.20), que medir a avaliação é, “atribuir um número a um objeto ou a um acontecimento de acordo com uma regra logica-mental aceitável”.

Zabalza (1991), citado por Leite e Fernandes (2002,p.23), salienta, ainda, que existem três modos de apresentar a avaliação

o recurso a símbolos (...) que podem ser umas letras (...) um algarismo, (...), recurso a expressão gráfica; o recurso a um «juízo exclamativo» com diferentes níveis (de três níveis: Bom Regular, Mau; de cinco níveis: Mau, Insuficiente, Suficiente, Bom, Muito Bom; de quatro níveis: Não Satisfaz, Satisfaz Pouco, Satisfaz Bastante, Excelente); o recurso a «uma descrição» que explica a aprendizagem do aluno, do tipo descritivo, ou do tipo valorativo (p.23).

Desta forma, a classificação surge como complemento à avaliação. De acordo com Lalande (1956, referido por Leite e Fernandes, 2002,p.23), a classificação é “a operação pela qual se faz corresponder a dados materiais, qualitativamente definidos, expressões que representam um número de unidades que eles contêm”, diferenciando-se da avaliação que, tal como refere Zabalza (1991), mencionado por Leite e Fernandes (2002,p.24), é “um processo contínuo e sistemático que tem como finalidade contribuir para que os alunos atinjam os objectivos estabelecidos para a aprendizagem”, contrariamente à classificação que ocorre pontualmente.

Segundo Fermín (1971, citado por Carrasco, 1985,pp.15-16), a avaliação contém algumas funções tais como: (i) “verificar o cumprimento dos objectivos previamente estabelecidos”; (ii) “prognosticar as possibilidades educativas do aluno”; (iii) “diagnosticar as falas e as dificuldades que se apresentam no processo de ensino-aprendizagem”; (iv) “orientar e reorientar este processo”. De acordo com o autor citado, a avaliação desempenha um papel importante para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem na medida em que permite a “retroação sobre elementos da estrutura e do processo educativo e, inclusivamente, sobre os próprios objectivos, para modificá-los”. O mesmo autor reforça a ideia acrescentando, ainda, que “a avaliação permitir-nos-á conhecer os pontos fortes e os pontos fracos do ensino e da aprendizagem e, em consequência, facilitará a sua correcção e melhoramento” (p.16). Pacheco (1994, citado por Ferreira, 2007,p.17), refere que a avaliação tem quatro funções principais: “a função pedagógica, a função social, a função de controlo e a função crítica”.

As finalidades da avaliação são determinantes para diferenciar os procedimentos de avaliação. Assim, Ferreira (2007,p.23) esclarece que a avaliação envolve um conjunto de “passos sequenciados que se condicionam e afectam integralmente”, tendo como finalidade “a tomada de decisões, que podem ser de diagnóstico das necessidades, interesses e pré-requisitos para as novas aprendizagens, de orientação do processo de ensino aprendizagem e ainda de hierarquização e de certificação dos alunos”. As finalidades da avaliação determinam, desta forma, o processo de aprendizagem. O professor deve definir o que avaliar, como avaliar e quais as razões dessa avaliação.

De acordo com vários autores, tais como Ferreira (2007, pp.24-31), Ribeiro e Ribeiro (1990, pp. 331-361), a avaliação divide-se em três tipos: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.342), a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental “proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” . Este tipo de avaliação permite que o professor averigue os conhecimentos dos alunos para que possa traçar medidas que visam aquisição de novas aprendizagens para o futuro. Aos conhecimentos dos alunos, Ribeiro e Ribeiro (1990, p.343) acrescenta que alguns são pré- requisitos. Para estes autores, os pré-requisitos são “algo que, se não estiver presente, impede que a nova aprendizagem se concretize”. Os autores referidos anteriormente, esclarecem que este tipo de avaliação “tem lugar, geralmente, no início de uma unidade ou segmento de ensino”. Contudo, não significa que esta tenha que ser aplicada no início de um ano letivo ou início de um período escolar, pois, para estes “o «início», aqui, refere-se sempre a aprendizagens novas que vão ter lugar e não a momentos temporais determinados” (*idem*,p.342).

Contudo, a avaliação diagnóstica dever ser encarada como um mero indicador, pois, segundo Cortesão (2002, citada por Ferreira, 2007):

os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não podem ser tomados como um “rótulo” que se “cola” para sempre no aluno mas sim um conjunto de indicadores que caracterizam o nível a partir do qual o aluno e o professor, em conjunto, consigam um progresso na aprendizagem. (p.24)

Em suma, a avaliação diagnóstica deve ser encarada como possuindo um carácter formativo. Segundo o mesmo autor, através deste tipo de avaliação, o professor consegue efetuar uma planificação mais assertiva. (p.25)

A avaliação formativa, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.348), desempenha um papel análogo à avaliação diagnóstica. Os mesmos autores definem a avaliação formativa como a avaliação que “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando as aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam”. Este tipo de avaliação é, assim, utilizado para averiguar o conhecimento dos alunos ao longo das “unidades de ensino (...) de acordo com o plano de avaliação estabelecido” (p.348).

De acordo com Ferreira (2007, p.27), este tipo de avaliação incide no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e não nos resultados nem na averiguação de pré-requisitos. Este autor cita Hadji (2001), que refere que “a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projecto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra preocupação” (*idem*,p.27). Ferreira (2007) acrescenta ainda que este tipo de avaliação tem como funções principais:

a informação sobre os intervenientes no acto educativo sobre o processo de ensino-aprendizagem, o feedback sobre os êxitos conseguidos, as dificuldades sentidas pelo aluno na aprendizagem e (...) a regulação da mesma, com a intervenção atempada no sentido de encaminhar o processo realizado pelo aluno. (p.27)

Conforme defende Hadji (2001, citado por Ferreira, 2007,pp.27-28), o professor deve, desta forma, modificar, se necessário, o seu dispositivo pedagógico com a finalidade de obter melhores resultados.

Scriven (1991), citado por Pais e Monteiro (2002,p.p.43-44), define a avaliação formativa como sendo mais dirigida ao professor “porque o leva a actualizar os seus conhecimentos didácticos, a procurar coerência entre os seus critérios e as escolhas didácticas, a relativizar o peso da sua pessoa no comportamento de avaliador”. A ideia deste autor está intimamente ligada às ideias expressas pelos autores anteriormente referidos, na medida em que todos defendem que o professor deve compreender se os alunos estão a compreender os conteúdos que este aborda e possibilita que este, se necessário, ajuste os seus métodos de ensino.

Perrenoud (1992, citado por Pais e Monteiro, 2002,p.45), acrescenta que este tipo de avaliação disponibiliza ao professor “informações mais preciosas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e tudo o que os alunos adquiriram”.

Por fim, a avaliação sumativa, é definida por Ribeiro e Ribeiro (1990, p.359) como “um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais elaborada do trabalho realizado”. Desta forma, a avaliação diagnóstica e formativa são completamente distintas da avaliação sumativa. A avaliação sumativa, segundo os mesmos autores, “fornece apenas visões parcelares do progresso dos alunos” uma vez que não é uma avaliação continua mas sim feita pontualmente no final de cada “segmento de ensino-aprendizagem” (*idem*,p.359). Este tipo de avaliação consiste em fazer um balanço, através de exames ou testes no final de cada processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo “medir e classificar os resultados das aprendizagens obtidos pelos alunos” (p.30). Este tipo de avaliação, fundamentada por Ferreira (2002, p.31), é ainda um meio que permite verificar se os alunos estão aptos para progredir ao longo da escolaridade, permite comparar os resultados obtidos pelos alunos “em função das normas estabelecidas”. Como enunciam Pais e Monteiro (2002,p.50), a avaliação sumativa “complementa um ciclo de avaliação em que já foram utilizadas a avaliação diagnóstica e a formativa”. Os mesmos autores alertam para a necessidades desta avaliação sofrer uma interpretação rigorosa dos dados obtidos durante o processo de ensino-aprendizagem através de uma “perspectiva criterial” visto que a progressão dos alunos está dependente dela.

Ribeiro (1991, pp.90-91) apresenta as vantagens inerentes a este tipo de avaliação. São elas: (i) “permitir aferir resultados de aprendizagem”; (ii) permitir introduzir correcções no processo de ensino”; (iii) “o teste somativo presta-se à classificação”.

Importa ainda referir que a avaliação sumativa “materializa-se nos testes realizados ao longo do ano lectivo, a que ocorre no final dos períodos e no final dos ciclos”. Contudo, para Pais e Monteiro (2002, p.51) os dispositivos de avaliação utilizados ao longo dos períodos têm “essencialmente carácter formativo” visando apenas a orientação do processo de ensino-aprendizagem.

Para além destes tipos de avaliação, existe, como referi na introdução deste trabalho, a observação naturalista. Esta não tem como objetivo avaliar de uma forma quantitativa mas sim qualitativa.

Estrela (1990, p.18) refere que esta metodologia “constitui uma ferramenta de trabalho que permite tornar operacional uma nova perspetiva pedagógica”.

Revela-se, assim, também importante o seu uso em sala de aula. O autor referido anteriormente, refere que este tipo de observação quando é aplicada no campo da pedagogia “permite o levantamento de uma informação muito diferente da que normalmente se obtém através de outras técnicas”.

O professor, através dela, consegue recolher dados e avaliar, procedendo à sua análise, por exemplo, os comportamentos dos seus alunos. Estrela (1990, p.20) refere que “através da utilização de observações sistematizadas e, simultaneamente, naturalista, que possibilitem a construção de factos a partir de situações e comportamentos nos seus respetivos contextos”.

De encontro à ideia expressa anteriormente, o professor quando observa determinadas situações tem que ter em conta o contexto em que aconteceram, para que a interpretação seja feita de forma correta.

3.3. Avaliação da atividade de Matemática

3.3.1. Contextualização

Durante o estágio realizado na sala do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, procedi à realização uma proposta de trabalho (**Anexo A**) na área de Matemática, que foi apresentada depois de serem explorados os conteúdos inerentes à mesma. Durante a aula foi apresentada uma apresentação em *Powerpoint* para explicar as unidades de medida de tempo e a respetiva relação entre as mesmas.

O tempo utilizado para a realização destas atividades foi de 30 minutos. A turma em questão é constituída por vinte alunos.

3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade elaborei uma grelha de parâmetros, critérios e cotações para averiguar se os alunos adquiriram os conteúdos lecionados durante a aula.

O quadro seguinte visa mostrar o valor qualitativo e quantitativo, que o aluno irá obter consoante a cotação atribuída.

Nos restantes dispositivos de avaliação, utilizarei a mesma escala de avaliação. A escala apresentada neste quadro é feita através da adaptação da escala de Likert (Quadro 17).

Quadro 17 – Escala de avaliação utilizada

0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

3.3.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Matemática

No quadro 18 apresento a grelha de correção para o dispositivo de avaliação de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 18 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática do 1.º Ciclo

Questões	Parâmetros	Critérios		Cotações	
1.	Realizar equivalências entre unidades de medida de tempo.	1.1. Entre minutos e segundos.	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
		1.2. Entre horas e minutos	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
		1.3. Entre dias e horas	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
		1.4. Entre horas e dias	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
		1.5. Entre dias e meses	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
		1.6. Entre anos e meses	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6
			O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2	
			O aluno não respondeu.	0	
1.7. Entre lustro e anos	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6		
	O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2			
	O aluno não respondeu.	0			
1.8. Entre década e anos	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6		
	O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2			
	O aluno não respondeu.	0			
1.9. Entre décadas e séculos	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6		
	O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2			
	O aluno não respondeu.	0			
1.10. Entre milénios e séculos	O aluno fez corretamente a equivalência.	0,6	0,6		
	O aluno fez incorretamente a equivalência.	0,2			
	O aluno não respondeu.	0			
2.	2.1. Representar números complexos.	O aluno fez a representação correta de 4 números complexos.	4	4	
		O aluno fez a representação correta de 3 números complexos.	3		
		O aluno fez a representação correta de 2 números complexos.	2		
		O aluno fez a representação correta de 1 número complexo.	1		
		O aluno não respondeu.	0		
Total				10	

No quadro 19 é possível visualizar a grelha de correção deste dispositivo de avaliação bem como os resultados obtidos pelos alunos.

Quadro 19 – Grelha de correção do dispositivo de Matemática no 1.º Ciclo

Parâmetros	1.1.	1.2.	1.3	1.4.	1.5.	1.6.	1.7.	1.8.	1.9.	1.10.	2.1.	Total
Cotações	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	4	10
N.º												
1	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	2	7,4
2	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	3	9
3	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
4	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	2	7,4
5	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	0	2	6,8
6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	3	9
7	0,6	0,6	0,6	0,6	0	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	5,4
8	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
9	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	0,6	3	8,4
10	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	0	0	0	0	0	3
11	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	4	10
12	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
13	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	2	7,4
14	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	0	2	6,8
15	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	4	10
16	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
17	0	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0	2	6,8
18	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	4	10
19	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
20	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	2	8
Média												7,77

3.3.4. Descrição da grelha de correção

Através da análise da grelha de correção é perceptível que apenas um aluno não realizou a equivalência corretamente no que refere ao parâmetro 1.1.. No que diz respeito aos parâmetros 1.2., 1.3. e 1.4. todos os alunos realizaram a equivalência corretamente. Quanto aos parâmetros 1.5., 1.6., 1.7. e 1.8., apenas um aluno não fez a correspondência correta. O aluno número 10 não terminou a proposta de trabalho, apenas a realizou até ao parâmetro 1.5.. Referente ao parâmetro 1.9. apenas dezasseis alunos realizarem a equivalência conforme o que foi pedido. No parâmetro 1.10., 13 alunos efetuaram a equivalência corretamente.

No parâmetro 2.1., dois alunos não realizaram o que era pretendido da forma correta, doze alunos realizaram apenas dois exercícios da forma correta, três alunos realizaram três exercícios da forma correta e apenas três realizaram o exercício totalmente correto.

3.3.5. Gráfico de cotações

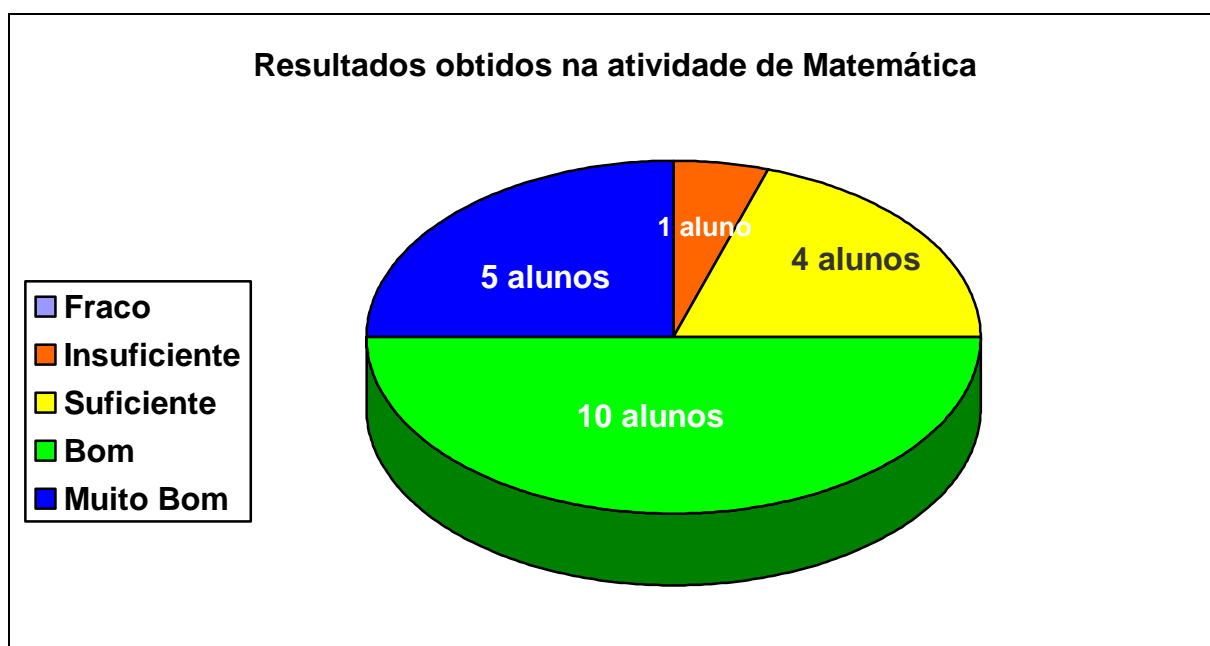


Figura 22 – Gráfico de *classificação qualitativa da proposta de trabalho de Matemática*

Através do gráfico apresentado anteriormente (Figura 22), é possível verificar que cinco alunos alcançaram a classificação máxima, Muito Bom. Metade dos alunos da turma, obtiveram classificação entre os 7 e os 8,9 valores, adquirindo a classificação de Bom. Quatro dos alunos da turma, foram classificados de Suficiente pois obtiveram classificação compreendida entre 5 e 6,9 valores. Apenas um aluno da turma adquiriu a classificação de Insuficiente em virtude de não ter terminado a proposta de trabalho no tempo estipulado, como já foi referido anteriormente, pois foi trabalhar com a professora de apoio. Nenhum aluno obteve a classificação de Fraco.

Nesta altura do ano, os alunos já conseguem estabelecer equivalência entre as unidades de medida de tempo e fazer a representação de números complexos, que significa que já integraram estas aprendizagens. Para o aluno número 10 seria pertinente voltar a rever esta temática visto não ter alcançado os objetivos.

3.4. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa

3.4.1. Contextualização

Durante o estágio realizado na sala do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, procedi à realização uma proposta de trabalho (**Anexo B**) na área de Língua Portuguesa. Esta proposta de trabalho foi apresentada depois de serem explorados os conteúdos inerentes à mesma. Durante a aula foi feita a exploração de um texto de Álvaro de Magalhães.

Seguidamente, foi feita a exploração do mesmo ao nível do conteúdo e funcionamento da língua. Após terminada a exploração, foi solicitando que os alunos realizassem uma proposta de trabalho. Esta consistia em darem um título ao texto e algumas questões de funcionamento da língua. Os alunos realizaram a proposta de trabalho sem o meu auxílio, para que os resultados fossem fidedignos.

O tempo utilizado para a realização desta proposta de trabalho foi, ao todo, 30 minutos. A turma é constituída por vinte alunos.

3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade, elaborei uma grelha de parâmetros, critérios e cotações para averiguar se os alunos adquiriram os conteúdos lecionados durante a aula.

Foi utilizado o mesmo quadro da atividade anterior para a classificação desta atividade.

3.4.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Língua Portuguesa

O quadro que se segue (Quadro 20) refere-se à grelha de avaliação da proposta da atividade de Língua Portuguesa. Através do quadro 21 é possível visualizar os resultados obtidos pelos alunos.

Quadro 20 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo

Questões	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	1.1. Atribuir um título ao texto	O aluno escreveu o título do texto com coerência	1	1
		O aluno escreveu o título do texto sem coerência.	0,2	
		Não respondeu.	0	
2.	2.1. Identificar e escrever o verbo da frase	Escreveu o verbo da frase	1	1
		Não escreveu o verbo da frase	0,2	
		Não respondeu.	0	
3.	3.1. Reescrever a frase colocando o verbo no tempo verbal pedido.	Coloca no tempo verbal pedido	2	3
		Não coloca no tempo verbal pedido	0	
		Não respondeu.	0	
	3.2. Reescrever a frase colocando o verbo no tempo verbal pedido.	Coloca no tempo verbal pedido	2	3
		Não coloca no tempo verbal pedido.	0	
		Não respondeu.	0	
4	4.1. Indicar palavras da área vocabular da palavra pedida.	Identificou 6 palavras corretamente	2	2
		Identificou 5 ou 4 palavras corretamente	1,5	
		Identificou 3, 2 ou 1 palavras corretamente	1	
		Não identificou nenhuma palavra.	0	
		Não respondeu	0	
Ortografia	Correção ortográfica.	Para cada erro de ortografia descontar (-0,1)		
Total				10

Quadro 21 – Grelha de correção do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo

Parâmetros	1.1.	2.1.	3.1.	3.2.	4.1.	Ortografia		Total
						N.º erros	Total	
Cotações	1	1	3	3	2			10
N.º								
1	1	1	3	3	2	0	0	10
2	1	1	0	0	2	2	- 0,2	5,8
3	1	1	3	3	2	0	0	10
4	1	1	3	3	2	1	0,1	9,9
5	1	1	3	0	2	0	0	7
6	1	1	0	3	2	0	0	8
7	1	1	3	3	2	0	0	10
8	1	1	3	3	2	2	-0,2	9,8
9	1	1	3	3	2	1	-0,1	9,9
10	1	1	3	3	2	1	-0,1	9,9
11	1	1	3	0	2	0	0	7
12	1	1	3	0	2	0	0	7
13	1	1	3	3	2	0	0	10
14	1	1	3	3	2	0	0	10
15	1	1	3	3	2	0	0	10
16	1	1	3	3	2	0	0	10
17	1	1	3	0	2	0	0	7
18	1	1	0	0	0	0	0	2,5
19	1	1	3	3	2	0	0	10
20	1	1	3	3	2	0	0	10
Média								8,69

3.4.4. Descrição da grelha de correções

Através da análise da grelha de cotações foi perceptível que todos os alunos atribuíram corretamente o título ao texto e apenas um aluno teve um erro ortográfico. Todos os alunos identificaram corretamente o verbo da frase mencionada. No que diz respeito ao parâmetro 3.1.1., quinze dos alunos da turma reescreveram e colocaram o verbo no tempo pedido. Contudo, dois alunos apresentaram um erro ortográfico e um aluno não realizou o exercício solicitado.

No que refere ao parâmetro 3.2.1., catorze alunos realizaram corretamente. Apenas um aluno teve um erro ortográfico e o aluno número 17 não realizou o exercício nem os restantes da proposta de trabalho em virtude de ter saído da sala para ter apoio. Quanto à questão 4, todos os alunos responderam corretamente, exceto o aluno que não terminou a proposta de trabalho. Dezasseis desses alunos não apresentaram erros ortográficos, um aluno apresentou um erro ortográficos e um aluno apresentou dois erros ortográficos.

3.4.5. Gráfico de cotações

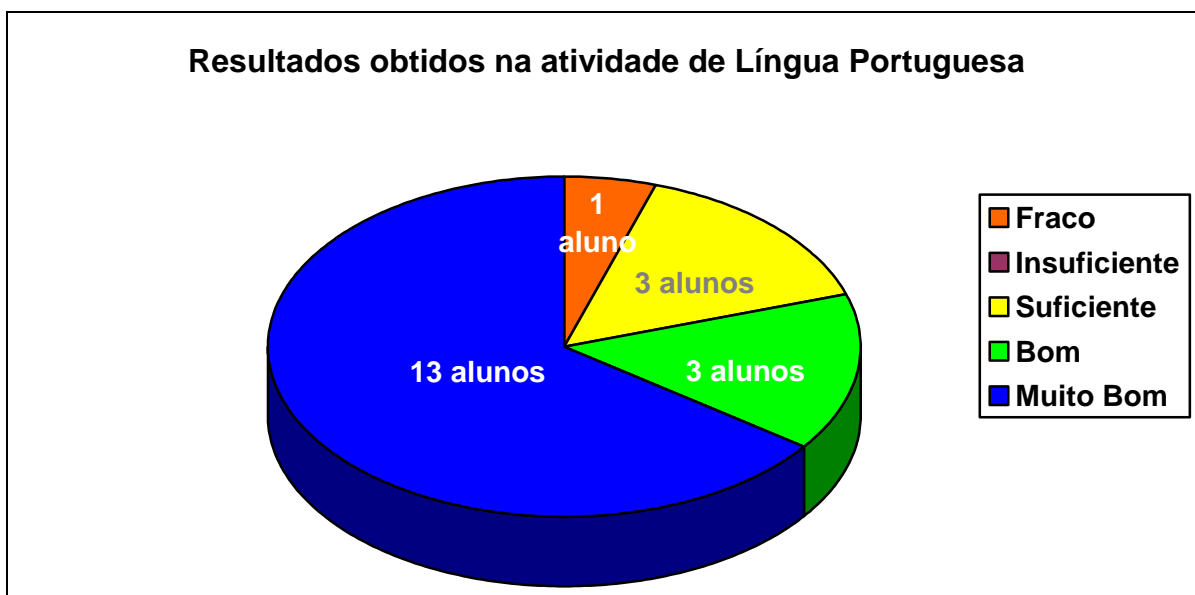


Figura 23 – Gráfico de *classificação qualitativa da proposta de trabalho de Língua Portuguesa*

Através do gráfico apresentado anteriormente (Figura 23) foi perceptível que metade dos alunos alcançaram a classificação máxima, Muito Bom.

Três dos alunos da turma, obtiveram classificação entre os 7 e os 8,9 valores adquirindo a classificação de Bom. Três dos alunos da turma, foram classificados de Suficiente dado que obtiveram classificação compreendida entre 5 e 6,9 valores. Apenas um aluno da turma adquiriu a classificação de Fraco em virtude de não ter terminado a proposta de trabalho no tempo estipulado, como já foi referido anteriormente. Nenhum aluno obteve a classificação de Insuficiente.

No geral, posso considerar que os resultados da turma foram bastante positivos. Os alunos, durante toda a realização da proposta de trabalho mostraram-se bastante autónomos em resolvê-la. Os alunos da turma já identificam bem, na sua maioria a classificação de verbos bem como a área vocabular de palavras.

Quanto ao aluno número 17 será pertinente rever a temática abordada.

3.5. Avaliação da atividade de História de Portugal

3.5.1. Contextualização

Durante o estágio realizado na sala do 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, procedi à realização uma proposta de trabalho (**Anexo C**) na área de História de Portugal. Esta proposta de trabalho foi apresentada depois de serem explorados os conteúdos inerentes à mesma. A aula foi lecionada através de uma apresentação em *Powerpoint*.

O tempo utilizado para a realização desta proposta de trabalho foi de 30 minutos.

3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade elaborei uma grelha de parâmetros, critérios e cotações para averiguar se os alunos adquiriram os conteúdos lecionados durante a aula.

Foi utilizado o mesmo quadro da atividade anterior para a classificação desta atividade

3.5.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de História de Portugal

Através do quadro 22 é possível verificar os parâmetros, critérios e cotações para a proposta de atividade de História de Portugal. No quadro 23, estão inseridos os resultados desta atividade.

Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de História de Portugal do 1.º Ciclo

Questão	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	1.1. Preencher o texto lacunar	Coloca as 11 palavras corretamente	6	6
		Coloca 10-8 palavras corretamente	5	
		Coloca 7-5 palavras corretamente	4	
		Coloca 4-3 palavras corretamente	3	
		Coloca 2 palavras corretamente	2	
		Coloca 1 palavras corretamente	1	
		Não preencheu o texto lacunar	0	
	1.2. Escrever corretamente do ponto de vista da ortografia	Escreveu sem erros ortográficos	1,5	1,5
		Escreveu com 1 erro ortográfico	1	
		Escreveu com 2 erros ortográficos	0,5	
Escreveu com 3 ou mais erros ortográficos		0		
1.3. Identificar o intruso presente nas palavras-chave	Identificou o intruso corretamente	2,5	2,5	
	Não identificou/Identificou de forma incorreta	0		
Total				10

Quadro 23 – Grelha de correção do dispositivo de História de Portugal do 1.º Ciclo

Parâmetros	1.1.	1.2.	1.3.	Total
Critérios	6	1,5	2,5	10
N.º				
1	5	1,5	2,5	9
2	6	1,5	2,5	10
3	6	1,5	2,5	10
4	6	1,5	2,5	10
5	6	1,5	2,5	10
6	6	1,5	2,5	10
7	3	1,5	0	4,5
8	6	1,5	2,5	10
9	6	1,5	2,5	10
10	6	1	2,5	9,5
11	6	1,5	2,5	10
12	6	1,5	2,5	10
13	6	0,5	2,5	9
14	6	1,5	2,5	10
15	5	1,5	2,5	9
16	4	0	2,5	6,5
17	6	1,5	2,5	10
18	6	1,5	2,5	10
19	6	1,5	2,5	10
20	6	1,5	2,5	10
21	6	1,5	2,5	10
22	6	1,5	2,5	10
23	3	1,5	0	4,5
24	4	1,5	2,5	8
25	6	1,5	2,5	10
Média				9,2

3.5.4. Descrição da grelha de correções

Através da análise da grelha de cotações foi perceptível que mais de metade dos alunos preencheram corretamente o texto lacunar. Dois alunos preencheram apenas oito a dez espaços; dois alunos preencheram cinco a sete espaços e dois alunos preencheram três a quatro espaços.

Quanto aos erros ortográficos, vinte e dois alunos não deram erros ortográficos; um aluno deu um erro ortográfico; um aluno deu dois erros ortográficos e um aluno deu três ou mais erros ortográficos

Quanto ao parâmetro de identificação do intruso nas palavras-chave, apenas dois alunos não o identificaram.

3.5.5. Gráfico de cotações

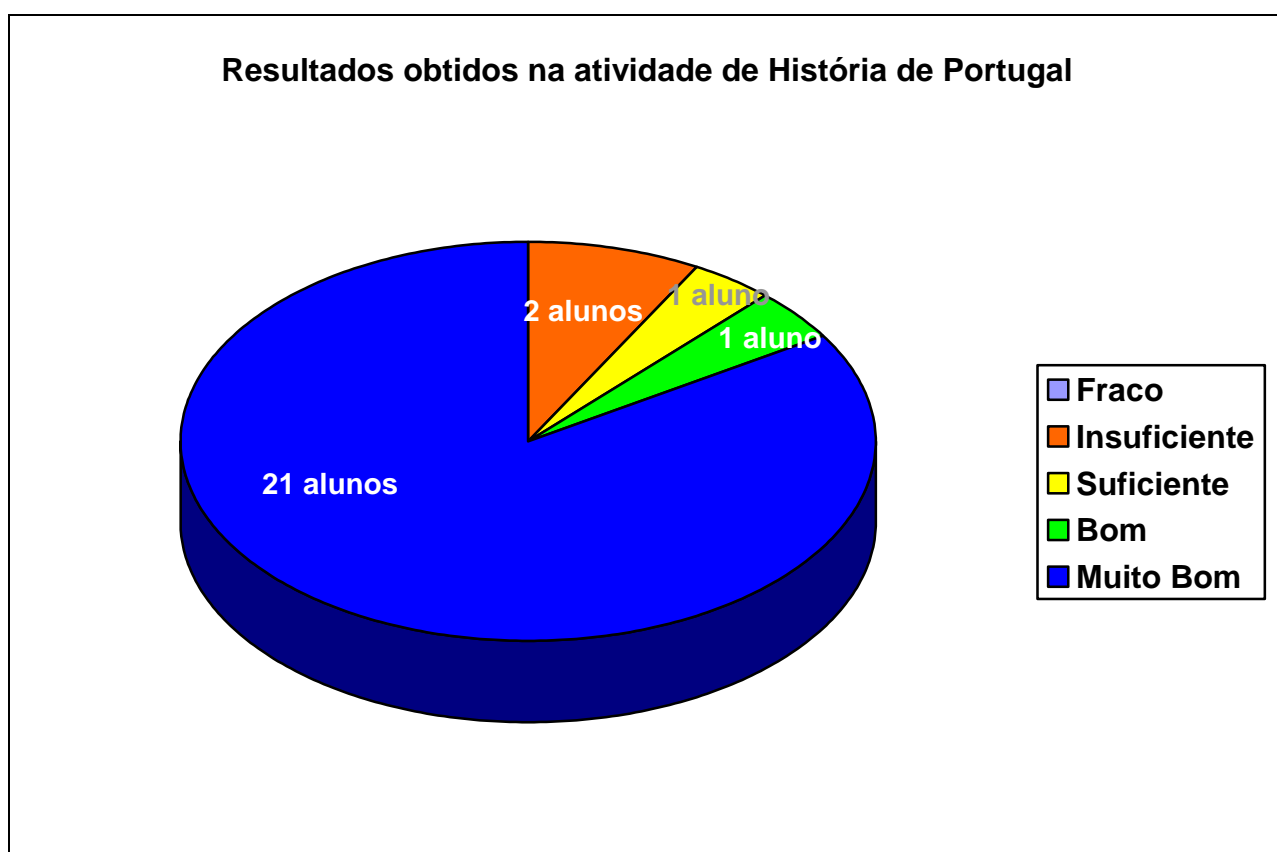


Figura 24 – Gráfico de *classificação qualitativa da proposta de trabalho de História de Portugal*

. Através do gráfico apresentado anteriormente (Figura 24) é perceptível que mais de metade dos alunos alcançaram a classificação máxima, Muito Bom. Um aluno da turma obteve classificação entre os 7 e os 8,9 valores adquirindo a classificação de Bom. Um dos alunos da turma, foi classificado de Suficiente pois a sua classificação está compreendida entre 5 e 6,9 valores. Dois alunos da turma obtiveram a classificação de Insuficiente. Nenhum aluno obteve a classificação de Fraco. De uma forma geral, a turma obteve classificações bastante positivas. Contudo, os alunos que

foram classificados com Suficiente e Insuficiente são alunos que revelam algumas dificuldades de aprendizagem.

3.6. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo

3.6.1. Contextualização

Esta atividade foi realizada numa escola onde realizei o estágio de 2.º Ciclo, numa turma de 6.º ano. Para tal foi elaborada uma proposta de avaliação (**Anexo D**) A atividade teve a duração de 20 minutos e foi realizada depois dos conteúdos terem sido lecionados.

3.6.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade elaborei uma grelha de parâmetros, critérios e cotações para averiguar se os alunos adquiriram os conteúdos lecionados durante a aula. Pretendia que os alunos conseguissem aplicar o que apreenderam anteriormente. Foi utilizado o mesmo quadro da atividade anterior para a classificação desta atividade.

3.6.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo

Em virtude da proposta de atividade ser composta por várias questões optei por dividir em três grelhas de avaliação (Quadro 24, 25 e 26).

Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (1.º Parâmetro)

Questões	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Reconhecer e Identificar o grau dos adjetivos incluídos numa frase.	O aluno assinalou 7 graus dos adjetivos.	3,5	3,5
		O aluno assinalou 6 graus dos adjetivos.	3	
		O aluno assinalou 5 graus dos adjetivos.	2,5	
		O aluno assinalou 4 graus dos adjetivos.	2	
		O aluno assinalou 3 graus dos adjetivos.	1,5	
		O aluno assinalou 2 graus dos adjetivos.	1	
		O aluno assinalou 1 grau dos adjetivos.	0,5	
		Não assinalou qualquer grau dos adjetivos.	0	
		Não respondeu.	0	

Quadro 25 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (2.º Parâmetro)

Questões	Parâmetros	Critérios		Cotações
2.	2.1. Completar a regra da adjetivação (adjetivos irregulares terminados em -z) numa frase lacunar.	Preencheu corretamente.	0,5	0,5
		Não preencheu corretamente.	0	
		Não respondeu	0	
2.2.	2.1. Preencher um quadro sobre os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético.	Colocou 6 adjetivos corretamente.	3	3
		Preencheu 5 palavras corretamente.	2,5	
		Preencheu 4 palavras corretamente.	2	
		Preencheu 3 palavras corretamente.	1,5	
		Preencheu 2 palavras corretamente.	1	
		Preencheu 1 palavras corretamente.	0,5	
		Não preencheu corretamente qualquer palavra.	0	
		Não respondeu.	0	
2.3.	2.3. Completar a regra da adjetivação (adjetivos irregulares terminados em -vel) numa frase lacunar.	Preencheu corretamente.	0,5	0,5
		Não preencheu corretamente.	0	
		Não respondeu.	0	
2.4.	2.4. Preencher um quadro sobre os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético.	Colocou 4 palavras corretamente.	0,4	
		Colocou 3 palavras corretamente.	0,3	
		Colocou 2 palavras corretamente.	0,2	
		Colocou 1 palavras corretamente.	0,1	
		Não colocou corretamente qualquer palavra.	0	
		Não respondeu.	0	
2.5.	2.5. Completar a regra da adjetivação (adjetivos irregulares terminados em –vogal ou ditongo nasal) numa frase lacunar.	Preencheu corretamente.	0,5	0,5
		Não preencheu corretamente.	0	
		Não respondeu.	0	
2.6.	2.6. Preencher um quadro sobre os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético.	Preencheu 4 palavras corretamente.	0,4	0,4
		Preencheu 3 palavras corretamente.	0,3	
		Preencheu 2 palavras corretamente.	0,2	
		Preencheu 1 palavras corretamente.	0,1	
		Não preencheu corretamente qualquer palavra.	0	
		Não respondeu.	0	

Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo (3.º Parâmetro)

Questões	Parâmetros	Critérios		Cotações
3	Conjugar os adjetivos no grau superlativo absoluto sintético.	Realizou corretamente a conjugação de 12 adjetivos no grau pedido.	1,2	1,2
		Realizou corretamente a conjugação de 11 adjetivos no grau pedido.		
		Realizou corretamente a conjugação de 10 adjetivos no grau pedido..	1	
		Realizou corretamente a conjugação de corretamente 9 adjetivos no grau pedido.	0,9	
		Realizou corretamente a conjugação de corretamente 8 adjetivos no grau pedido.	0,8	
		Realizou corretamente a conjugação de corretamente 7 adjetivos no grau pedido.	0,7	
		Realizou corretamente a conjugação de 6 adjetivos no grau pedido.	0,6	
		Realizou corretamente a conjugação de 5 adjetivos no grau pedido.	0,5	
		Realizou corretamente a conjugação de 4 adjetivos no grau pedido.	0,4	
		Realizou corretamente a conjugação de 3 adjetivos no grau pedido.	0,3	
		Realizou corretamente a conjugação de 2 adjetivos no grau pedido.	0,2	
		Realizou corretamente a conjugação de 1 adjetivos no grau pedido.	0,1	
		Não colocou qualquer adjetivo no grau pedido..	0	
		Não respondeu.	0	
Ortografia	Correção ortográfica	Por cada erro de ortografia, descontar -0,1		

Quadro 27 – Grelha de correção dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º ciclo

Parâmetros	1	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	2.5.	2.6.	3	Ort.	Total
Cotações	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
N.º										
1	3	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	9,5
2	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
3	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
4	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
5	3	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	9,5
6	2,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	8,8
7	3	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,3
8	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
9	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
10	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
11	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
12	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
13	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
14	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
15	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
16	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
17	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
17	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
18	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
19	2,5	0,2	2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,9	0,6	7,1
20	3	0,2	3	0,2	0,3	0,2	0,4	1,1	1	9,4
21	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
22	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
23	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
24	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
25	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
26	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
27	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
28	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
29	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	1	10
30	3,5	0,2	3	0,2	0,4	0,2	0,4	1,1	0,8	9,8
Média										10

3.6.4. Descrição da grelha de correções

De acordo com os dados obtidos (quadro 27) é possível verificar que no primeiro parâmetro, cinco alunos não adquiriram a cotação máxima; no segundo, terceiro, quarto e sexto parâmetros, todos os alunos alcançaram a cotação máxima; no quinto parâmetro, apenas dois alunos não conseguiram realizar a questão corretamente; no que concerne ao oitavo parâmetro, apenas um aluno não colocou corretamente o adjetivo no grau pedido; por último, na ortografia verifica-se que metade da turma deu um a dois erros na proposta de trabalho e um aluno deu três a quatro erros ortográficos.

3.6.5. Gráfico de cotações



Figura 25 – Gráfico de *classificação qualitativa da proposta de trabalho de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo*

Através da análise do gráfico anterior (Figura 25), pode concluir-se que a grande maioria da turma obteve Muito Bom, uma classificação que, como já foi referido anteriormente, varia entre 9 e 10 valores. Dois alunos obtiveram a classificação de bom, ou seja, entre 7 e 8,9 valores. Não houve nenhuma classificação de suficiente, insuficiente ou fraco.

A prestação da turma perante a proposta de trabalho que apresentei foi muito boa. Durante a aula, os alunos mostraram-se bastante motivados e isso refletiu-se nos resultados obtidos na proposta de trabalho.

Em virtude de este conteúdo já ter sido em anos anteriores e esta ser uma aula de revisão, considero que os resultados obtidos foram os esperados. Esta aula permitiu apenas relembrar algumas das regras essenciais para a conjugação dos adjetivos irregulares no grau superlativo absoluto sintético.

3.7. Avaliação da atividade de Matemática no 2.º Ciclo

3.7.1. Contextualização

Esta atividade foi realizada no Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento, numa turma de 5.º ano. A realização da proposta de atividade (**Anexo E**) teve a duração de 50 minutos e foi realizada depois dos conteúdos terem sido lecionados.

3.7.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade elaborei uma grelha de parâmetros, critérios e cotações para averiguar se os alunos adquiriram os conteúdos lecionados durante a aula. Pretendia que os alunos conseguissem aplicar o que apreenderam anteriormente.

Foi utilizado o mesmo quadro da atividade anterior para a classificação desta atividade. No quadro 28 é possível visualizar os parâmetros, critérios e cotação inerentes à avaliação desta atividade.

3.7.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Matemática no 2.º Ciclo

Quadro 28 – Grelha de correção do dispositivo de atividade de Matemática no 2.º Ciclo

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotações	
1.	Calcular o valor das expressões numéricas.	Efetuiu o cálculo de 7 expressões numéricas corretamente.	3,5	3,5
		Efetuiu o cálculo de 6 expressões numéricas corretamente.	3	
		Efetuiu o cálculo de 5 expressões numéricas corretamente.	2,5	
		Efetuiu o cálculo de 4 expressões numéricas corretamente.	2	
		Efetuiu o cálculo de 3 expressões numéricas corretamente.	1,5	
		Efetuiu o cálculo de 2 expressões numéricas corretamente.	1	
		Efetuiu o cálculo de 1 expressão numérica corretamente.	0,5	
		Não efetuou o cálculo de nenhuma expressão corretamente. Não realizou o exercício.	0 0	
2.	Completar igualdades.	Preencheu 3 igualdades corretamente.	1,5	1,5
		Preencheu 2 igualdades corretamente.	1	
		Preencheu 1 igualdade corretamente.	0,5	
		Não preencheu nenhuma igualdade corretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
3.1.	Explicar o que representa uma expressão.	Comentou corretamente o que representa a expressão.	0,25	0,25
		Não comentou corretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
3.2.	Explicar o que representa uma expressão.	Comentou corretamente o que representa a expressão.	0,25	0,25
		Não comentou corretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
3.3.	Calcular duas expressões numéricas.	Efetuiu o cálculo de 2 expressões numéricas corretamente.	0,5	0,5
		Efetuiu o cálculo de 1 expressão numérica corretamente.	0,25	
		Não efetuou o cálculo de nenhuma expressão corretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
4.	Realizar uma situação problemática .	Indicou os dados, indicação e operação e realizou corretamente.	0,75	0,75
		Realizou corretamente mas não indicou os dados, indicação e operação.	0,5	
		Indicou os dados, indicação e operação e não realizou corretamente.	0,2	
		Não indicou os dados, indicação e operação e realizou incorretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
5.	Representar graficamente numerais mistos.	Representou corretamente 2 numerais mistos.	0,5	0,25
		Representou corretamente 1 numeral misto.	0,25	
		Representou de forma incorreta.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
6.	Representar sob a forma de numeral misto.	Representou corretamente os 3 numerais mistos.	0,75	0,75
		Representou corretamente os 2 numerais mistos.	0,5	
		Representou corretamente os 1 numerais mistos.	0,25	
		Representou de forma incorreta.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
7.	Transformar numerais mistos em frações.	Fez a transformação de 2 numerais mistos corretamente.	0,5	0,25
		Fez a transformação de 1 numeral misto corretamente.	0,25	
		Não fez a transformação correta de nenhum.	0	
		Não realizou o exercício.	0	
8.	Resolver expressões numéricas.	Efetuiu corretamente o cálculo de 3 expressões numéricas.	1,5	1,5
		Efetuiu corretamente o cálculo de 2 expressões numéricas.	1	
		Efetuiu corretamente o cálculo de 1 expressões numéricas.	0,5	
		Não efetuou nenhum cálculo corretamente.	0	
		Não realizou o exercício.	0	

Quadro 29 – Grelha de correção do dispositivo de Língua Portuguesa no 2.º ciclo

Parâmetros		1.	2.	3.1.	3.2.	3.3.	4.	5.	6.	7.	8.	Total
Critérios		3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
N.º	Nome											
1	A	3,5	1,5	0,25	0	0,25	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	6
2	B	3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
3	C	3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
4	D	3	1,5	0,25	0,25	0,5	0	0,5	0,5	0,5	0,5	7,5
5	E	3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
6	F	3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
7	G	2,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,5	0,5	1	8,25
8	H	3,5	1,5	0,25	0,25	0,5	0,75	0,5	0,75	0,5	1,5	10
Média												8,97

3.7.4. Descrição da grelha de correções

De acordo com os dados obtidos (Quadro 29) é possível verificar que no primeiro, oitavo e décimo parâmetro, dois alunos não adquiriram a cotação máxima; no segundo, terceiro, sétimo e nono parâmetros, todos os alunos alcançaram a cotação máxima; por fim, no quarto, quinto e sexto parâmetros, apenas um aluno não conseguiu realizar a questão corretamente.

3.7.5. Gráfico de cotações

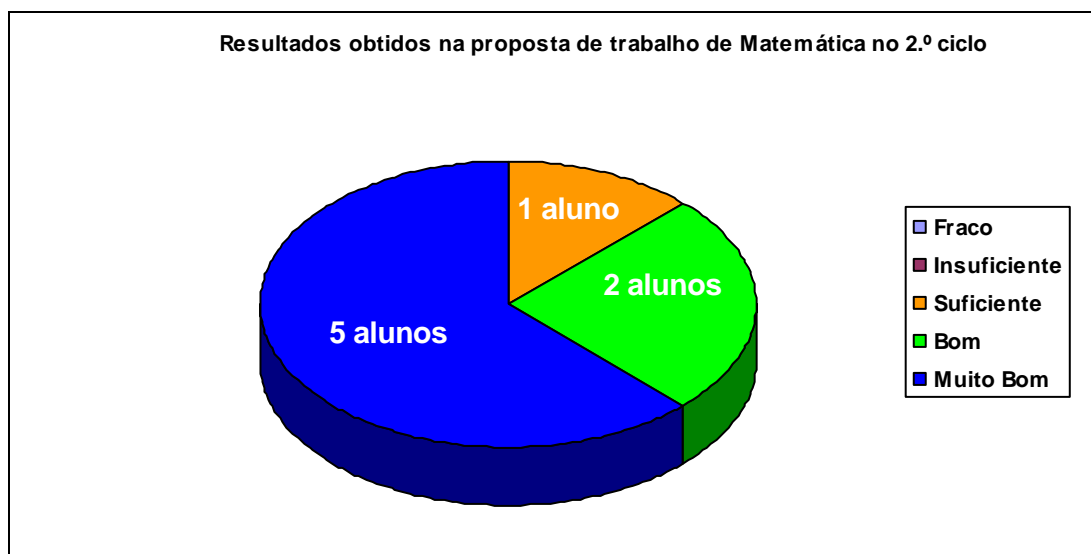


Figura 26 – Gráfico de *classificação qualitativa da proposta de trabalho de Matemática no 2.º Ciclo.*

Através da análise do gráfico anterior (Figura 26), pode concluir-se que a grande maioria da turma obteve a classificação de muito bom, uma classificação que, como já foi referido anteriormente, varia entre 9 e 10 valores. Dois alunos obtiveram a classificação de bom, ou seja, entre 7 e 8,9 valores. Apenas um aluno obteve a classificação de suficiente.

Os resultados obtidos nesta proposta de trabalho foram bastante positivos. Embora a proposta fosse bastante grande, os alunos conseguiram realizá-la no tempo previsto pois o seu ritmo de trabalho é elevado.

Os conteúdos apresentados não eram de total conhecimento dos alunos. Todavia, foram apreendidos de forma rápida e eficaz. Tal situação é perceptível através da análise do gráfico anterior.

3.8. Avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo

3.8.1. Contextualização

Esta atividade foi realizada no Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento, numa turma de 5.º ano (8 alunos).

Esta aula decorreu no dia 17 de fevereiro de 2012 e foi dada pelos meus colegas e por mim.

O tema da aula estava articulado com os meus colegas do grupo de estágio.

Começámos por fazer uma dramatização sobre a Revolução de 1383-1385, depois o meu colega falou sobre o modo de vida desta altura, a outra colega falou sobre o problema da sucessão ao trono de Portugal e, por fim, eu falei sobre as invasões castelhanas.

Durante a aula tanto os meus colegas como eu colocámos sempre questões dirigidas aos alunos.

Para a correta compressão da disposição de sala de aula, achei pertinente elaborar uma planta da mesma. Só assim é possível compreender a forma como os alunos estavam dispostos nas suas mesas de trabalho. O espaço de sala de aula encontrava-se bem organizado.

Os alunos estavam sentados nos seus lugares. É de salientar que cada mesa destina-se a apenas um aluno.

Assim sendo, apresento de seguida (Figura 27), a disposição da sala de aula.

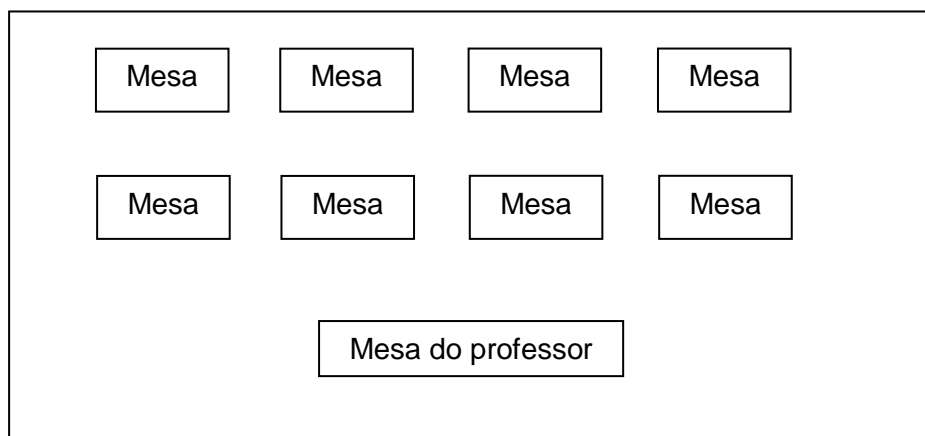


Figura 27 – *Disposição da sala de aula do 5.º ano*

Como se pode verificar, a disposição dos alunos na sala de aula, permite que o professor, e neste caso o estagiário possa circular entre os mesmos, podendo ir acompanhando o decorrer das atividades, a realização das propostas de trabalho e a primeira verificação das mesmas.

A observação realizada para este dispositivo de avaliação ficou facilitada com a organização do espaço de sala de aula. Foi realizada depois da apresentação dos conteúdos.

Em virtude de a turma ser constituída por poucos elementos, foi possível observar, fui registando um ou outro elemento e no final (já depois da aula e sem a presença dos alunos) completei a grelha e procedi à avaliação. Este tipo de avaliação prende-se com a observação direta. Resolvi elaborar uma grelha de observação (**Anexo F**) para este dispositivo, para diversificar os instrumentos de recolha de dados.

3.8.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade elaborei uma grelha de observação para averiguar a forma como os alunos tinham assimilado e compreendido esta temática.

Como tal, e visto ser uma avaliação qualitativa, os alunos serão avaliados de acordo com uma escala do tipo Likert como pode ser observado no quadro (quadro 30). Para esta aula foi tido em consideração a comunicação, os conhecimentos, a participação, o interesse, a autonomia, a organização e o sentido crítico. De seguida,

vou apresentar a categorização que idealizei para avaliar cada uma das competências acima descritas (Quadro 30).

Quadro 30 – Escala de avaliação de observação direta

Escala de avaliação	Excelente (E)	Satisfaz Bem (SB)	Satisfaz (S)	Não Satisfaz (NS)	Reduzido (R)
Parâmetros					
1. Comunicação	O aluno expressa claramente as suas ideias de forma coerente, exemplificando o seu pensamento.	O aluno expressa claramente as suas ideias de forma coerente.	O aluno expressa as suas ideias de forma clara mas pouco coerentes.	O aluno expressa as suas ideias mas de forma confusa.	O aluno não é capaz de expressar as suas ideias.
2. Conhecimentos	O aluno relaciona de forma adequada e precisa os conteúdos lecionados com conteúdos anteriores, dando exemplos..	O aluno relaciona de forma adequada e precisa os conteúdos lecionados com conteúdos anteriores.	O aluno relaciona de forma adequada os conteúdos lecionados com conteúdos anteriores.	O aluno relaciona de forma pouco adequada.	O aluno não relaciona os conteúdos com conteúdos anteriores.
3. Participação	O aluno participa de forma correta e pertinente exemplificando as suas ideias.	O aluno participa de forma correta e pertinente.	O aluno participa de forma correta mas pouco pertinente.	O aluno participa de forma desordeira.	O aluno não participa.
4. Interesse	O aluno mostra-se interessado nos conteúdos apresentados e questiona muito o professor sobre a temática.	O aluno mostra-se interessado nos conteúdos apresentados, mas questiona pouco o professor sobre a temática.	O aluno mostra-se interessado contudo não participa voluntariamente.	O aluno mostra-se pouco interessado.	O aluno não se mostra interessado.
5. Autonomia	O aluno tem espírito de iniciativa, sendo bastante perspicaz nas suas decisões.	O aluno tem espírito de iniciativa, sendo perspicaz nas suas decisões.	O aluno tem espírito de iniciativa, sendo pouco perspicaz nas suas decisões	O aluno tem pouco espírito de iniciativa.	O aluno não tem espírito de iniciativa.
6. Organização	O aluno possui a sua mesa bastante organizada e apenas possui em cima da mesa o material necessário para a aula.	O aluno possui a sua mesa organizada e apenas possui em cima da mesa o material necessário para a aula.	O aluno possui a sua mesa organizada e mas possui em cima da mesa material desnecessário para a aula.	O aluno possui a mesa organizada mas não tem o material essencial para a aula.	O aluno não possui a mesa organizada nem o material para a aula.
7. Sentido crítico	O aluno argumenta as suas ideias, defendendo muito o seu ponto de vista.	O aluno argumenta as suas ideias, defendendo muito o seu ponto de vista.	O aluno argumenta pouco as suas ideias.	O aluno argumenta muito pouco as suas ideias.	O aluno não tenta argumentar.

3.8.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo

Quadro 31 – Lista de verificação da atividade de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo

Competências	Comunicação	Conhecimentos	Participação	Interesse	Autonomia	Organização	Sentido crítico
N.º							
1	S	S	S	S	NO	E	NO
2	SB	SB	SB	E	NO	E	S
3	E	E	E	E	NO	E	SB
4	S	S	S	S	NO	E	S
5	SB	SB	SB	SB	NO	E	S
6	S	SB	SB	SB	NO	E	S
7	SB	SB	SB	SB	NO	E	S
8	S	S	S	SB	NO	E	S

Através desta tabela (Quadro 31) é possível analisar as competências dos alunos descritas.

Quanto à comunicação, é perceptível que metade da turma tem uma participação satisfatória. Contudo, é desejável que seja mais estimulada a fim de os alunos a desenvolverem

Ao nível dos conhecimentos, aos alunos, de uma forma geral, mostraram ter conhecimentos dos conteúdos estudados e conseguiram relacioná-los com conhecimentos anteriores.

Quanto à participação em sala de aula, os alunos mostrara-se de uma forma geral participativos, sendo esta participação feita de forma correta e pertinente.

Os alunos demonstraram ter bastante interesse nos conteúdos lecionados. Um aluno não demonstrou muito interesse. Contudo, quando era questionado de forma direta estava atento e sabia responder às questões.

No que concerne à autonomia, em virtude de a aula ter sido dada pelos meus colegas e por mim, não houve oportunidade de realizar nenhuma proposta de avaliação para verificar este ponto, ou seja foi não observado (NO).

Relativamente à organização, todos os alunos mantiveram as suas mesas bastante arrumadas e só possuíam em cima da mesa o material que lhes foi solicitado.

No que diz respeito ao sentido crítico, os alunos revelaram, na sua maioria, algumas dificuldades. Ainda não têm uma capacidade de argumentação muito desenvolvida.

De uma forma geral, esta atividade de observação tornou-se pertinente para compreender determinadas competências dos alunos. Contudo, devem ser criadas situações para desenvolver a comunicação e o sentido crítico.

3.9. Avaliação da atividade de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo

3.9.1. Contextualização

Esta atividade foi realizada no Jardim-Escola João de Deus do Entroncamento, numa turma de 5.º ano (8 alunos). Esta aula ocorreu no dia 17 de fevereiro de 2012. Esta aula foi dada pelos meus colegas e por mim.

O tema da aula estava articulado com os meus colegas do grupo de estágio. A minha colega começou por elucidar os alunos sobre os constituintes da folha. Seguidamente, eu expliquei a classificação da folha quanto à nervura e ao recorte. Por fim, o meu colega explicou a classificação das folhas quanto ao limbo e explicou a fotossíntese, de uma forma breve.

Esta aula teve lugar na mesma sala de aula apresentada no dispositivo anterior.

A avaliação desta atividade foi realizada depois da apresentação dos conteúdos. Em virtude de a turma ser constituída por poucos elementos, foi possível observar, fui registando um ou outro elemento e no final (já depois da aula e sem a presença dos alunos) completei a grelha e procedi à avaliação. Este tipo de avaliação prende-se com a observação direta.

3.9.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

Para a avaliação desta atividade utilizei a grelha de observação do dispositivo anterior, para averiguar a forma como os alunos tinham assimilado e compreendido esta temática.

Como tal, e visto ser uma avaliação qualitativa, os alunos serão avaliados de acordo com uma escala do tipo Likert como pode ser observado no quadro, (Quadro 30), apresentado no dispositivo anterior).

Para esta aula foi tido em consideração a comunicação, os conhecimentos, a participação, o interesse, a autonomia, a organização e o sentido crítico, aproveitei a grelha de observação que utilizei no dispositivo anterior (**Anexo F**).

3.9.3. Grelhas de avaliação da proposta de atividade de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo

Quadro 32 – Lista de verificação da atividade de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo

Competências	Comunicação	Conhecimentos	Participação	Interesse	Autonomia	Organização	Sentido crítico.
N.º							
1	S	S	SB	SB	SB	E	S
2	SB	SB	E	E	SB	E	S
3	E	E	E	E	E	E	SB
4	S	SB	S	S	E	E	SB
5	SB	SB	E	SB	E	E	S
6	SB	SB	SB	SB	E	E	S
7	SB	SB	SB	SB	E	E	SB
8	SB	S	SB	SB	SB	E	S

Através desta tabela, é possível verificar que, quanto à comunicação, os alunos fizeram-no, na sua maioria, de forma clara expressão as suas ideias com coerência.

No que diz respeito aos conhecimentos, os alunos, a maioria da turma revelou ter conhecimentos dos conteúdos lecionados e, de uma forma geral, conseguiram relacionar com conteúdos anteriores.

Ao nível da participação, os alunos mostraram-se bastante participativos, sendo essa participação pertinente. Dois alunos conseguiram apelar a exemplos para expressar as suas ideias.

Durante a aula, os alunos mostraram-se muito participativos. Este resultado está intimamente ligado com o interesse que os alunos demonstraram sobre a temática. O facto de terem que preencher um herbário com folhas reais criou bastante motivação.

Relativamente à autonomia, os alunos mostraram ser autónomos, sendo perspicazes nas suas decisões.

Ao nível de organização, todos os alunos se mostraram bastante organizados.

Por fim, a competência de sentido crítico foi de uma forma geral satisfatória, ou seja, os alunos argumentam pouco as suas ideias.

De uma forma geral, esta atividade de observação revelou que os alunos já possuem a maioria das competências desenvolvidas. Contudo, ao nível do sentido crítico, devem ser criadas mais situações para que os alunos a consigam desenvolver.

Reflexão Final

1. Considerações finais

Terminado este Relatório de Estágio Profissional importa refletir sobre a sua importância para a minha futura prática profissional. A realização da Prática Pedagógica, desde a Licenciatura até ao final do Mestrado, possibilitou-me o contacto com a realidade educativa, a observação de estratégias metodológicas bastante diversificadas realizadas pelos professores cooperantes, bem como as que foram dadas pelos meus colegas de estágio.

Este facto contribuiu para um elevado crescimento profissional, visto que, tive a oportunidade de refletir todas estas práticas. Alarcão (2001, p.19) salienta que a supervisão reflexiva “baseia-se em saberes reconfigurados a partir da interação dos saberes adquiridos e constituídos como saberes emergentes resultantes da análise das situações”.

Durante todo este percurso, tentei inovar e aplicar estratégias e metodologias que considerava importantes e enriquecedoras para os alunos. Contudo, nem todas elas se verificaram adequadas e, através de uma reflexão pessoal, de uma reflexão com as professoras cooperantes e com os elementos da equipa de Prática Pedagógica desta instituição, consegui traçar um melhor percurso, contribuindo para a minha identidade profissional.

Morgado (2004, p.50) refere que a reflexão sobre as práticas educativas “influencia este processo e que se pretende com o equilíbrio, por vezes difícil, entre as necessidades sentidas pelo professor de inovar e experimentar”.

Ao longo de todo este percurso senti que consegui evoluir através das reflexões que fui fazendo, dos modelos que fui observando e dos erros que fui cometendo.

Contudo, acho que não existem “receitas” em educação. Cada turma é uma turma e cada aluno é um ser individual e único. O professor deve sim estar capacitado para agir perante qualquer situação.

A Prática Pedagógica é imprescindível para que o futuro professor consiga desenvolver a prática em sala de aula de forma correta e sem receios. Zeichner (1980, 1983, 1993, citado por Gomes e Medeiros (2005, p.21) salienta que a prática pedagógica tem quatro funções essenciais, sendo elas “sensibilizadora, relacional, desenvolvimentista e reflexiva”.

Durante todo este período consigo enquadrar todas estas funções. A prática pedagógica sensibilizou-me para a correta lecionação da profissão, para o facto de cada aluno ser único, para a importância de planificar e avaliar no ensino entre tantas

outras coisas. Teve a função relacional pois consegui, tal como já referi, articular os conhecimentos teóricos com a prática em sala de aula. Teve a função desenvolvimentista na medida em que desenvolvi as minhas capacidades para o desempenho desta profissão. E, por fim, não menos importante, a função de reflexão. Considero que esta última função foi a mais importante e que permitiu desenvolver todas as outras.

Durante este período tive, como já referi um elevado crescimento profissional. Mas esse crescimento foi também pessoal. Passei a acreditar nas minhas capacidades, visto que tive que superar diversos obstáculos. Gomes e Medeiros (2005) salienta que a Prática Pedagógica tem uma importante função no

desenvolvimento pessoal e profissional (função desenvolvimentista), pois trata-se de um processo que envolve a pessoa do formando, numa diversidade de vertentes relacionadas com as formas de organização e de apreensão de conhecimentos, as crenças, os valores, os sentimentos e as atitudes do próprio formando, no seu contexto de referências socio culturais e educativas, e com vista, por sua vez, a otimizar o desenvolvimento integral e a aprendizagem significativa dos (seus) alunos da turma que lhe foi confiada (p.21).

Através das aulas que tive a oportunidade de lecionar, bem como as aulas dos professores cooperantes que observei, enriqueceram-me bastante. Tive a oportunidade de perceber que o professor tem que ter a capacidade de criar estratégias de ensino bastante diversificadas a fim de conseguir chegar a todos os alunos da turma.

Durante o meu período de estágio, consegui também por em prática grande parte dos conhecimentos teóricos aprendidos na Escola Superior de Educação João de Deus. Esta, deu-me as ferramentas teóricas imprescindíveis para uma correta prática profissional.

Contudo, a formação de um docente não termina quando este termina a sua formação inicial. Rodrigues e Esteves (1993, p.41) salientam que “a formação não se esgota na formação inicial, devendo prosseguir ao longo da carreira de forma corrente e integrada, respondendo às necessidades sentidas pelo próprio e às do sistema educativo”.

Quanto a todas as aulas que observei, lamento não ter conseguido observar, em grande número, no 1.º Ciclo, aulas de Estudo do Meio e de História de Portugal. Contudo, o estágio foi realizado durante todo o primeiro ano durante o período da manhã e, estas áreas, são normalmente lecionadas da parte da tarde.

O facto de ter estagiado tanto na valência de 1.º Ciclo como 2.º Ciclo do Ensino Básico tiveram um importante contributo para a minha formação. Esse contributo surgiu, não só por serem as valências com as quais me identifico mais, mas também porque, através da observação de aulas, tive conhecimento do currículo e das características das faixas etárias envolventes.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, os alunos só possuem um professor titular da turma que leciona as áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio. Por sua vez, os alunos do 2.º Ciclo possuem um professor diferente para cada uma das áreas. Durante a observação das aulas nos dois ciclos, encontrei vantagens e desvantagens neste modelo. O professor de 1.º Ciclo pode ter maior preferência por uma das áreas e estimular mais os alunos para essa mesma área. Por outro lado, o facto de possuírem diversos professores no 2.º Ciclo do Ensino Básico também se torna uma grande mudança para crianças tão novas. Cada professor possui o seu modelo de ensino, tem a sua forma de pensar, de se relacionar com os alunos, de avaliar.

Ao estar a terminar este estágio profissional ficarei habilitada para a docência do 2.º Ciclos, enquanto professora, as quatro áreas curriculares, pelo que a preocupação que manifestei anteriormente, de crianças tão novas terem uma grande diversidade de professores, ficará colmatada.

A realização deste estágio profissional também me permitiu compreender a importância do ato de planificar. O professor tem que elaborar uma planificação a longo prazo, a médio prazo e a curto prazo. Contudo, a planificação que o professor elabora para cada dia podem nem sempre ser cumprida. Os alunos, por vezes, surgem com interesses ou dúvidas sobre os conteúdos lecionados.

De encontro a esta ideia, Pais e Monteiro (2002, p.34) referem que “o professor terá que fazer a escolha que melhor se adegue aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha”.

O processo de avaliação também merece destaque. É imprescindível para a regulação do processo de ensino aprendizagem. Através dele, o professor diagnostica os conteúdos que os alunos já sabem, a fim de planear os conteúdos a serem lecionados posteriormente, ou a colmatar algumas lacunas em conteúdos anteriores. A avaliação também pode ser formativa na medida em que, segundo Cortesão (1993, p. 44), permite a “recolha e *feedback* de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a

melhoria”. E a avaliação sumativa que permite concluir a prestação no processo de ensino.

Em virtude de possuir as duas valências de ensino, considero que um professor deve conhecer os conteúdos anteriores e posteriores aos níveis de ensino que leciona. Desta forma, planeia as suas aulas de forma mais consciente, proporcionando aos seus alunos aprendizagens mais significativas.

2. Limitações

Durante a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional foram diversas as dificuldades encontradas. Contudo, todas elas contribuíram para uma elevada evolução pessoal.

A primeira dificuldade sentida para a elaboração deste Relatório foi o facto de não ter muito tempo para a elaboração do mesmo. Foi bastante difícil conseguir conciliar aula da Prática Pedagógica e aulas e trabalhos para apresentar na Escola Superior de Educação. Contudo, consegui terminar praticamente ao mesmo tempo que concluí as unidades curriculares.

Outra limitação que encontrei foi o facto de, relativamente aos relatos sobre as diversas áreas curriculares não ter havido um equilíbrio entre as mesmas, facto que se prende com o horário do estágio profissional e a respetiva organização curricular das turmas onde realizei o estágio.

Para fundamentar teoricamente alguns aspetos que considerava importantes, nem sempre encontrei bibliografia adequada para tal. Foi outra grande dificuldade que encontrei.

Outra situação que condicionou a elaboração deste relatório foi o facto de ter um período de observação de dois anos. Durante este longo período, foram observadas inúmeras vezes as mesmas estratégias e as mesmas metodologias de sala de aula. Este facto dificultou a diversidade de inferências que realizei ao longo deste trabalho.

Uma situação limitativa, foi também o facto de, no último período de estágio, na sala do quarto ano, sermos três estagiários em sala de aula e os alunos terem uma prova de aferição para preparar e termos pouca oportunidade de ver a professora da sala a lecionar as suas aulas.

Contudo, foi um período de importantes aprendizagens.

3. Novas pesquisas

Este longo período foi bastante enriquecedor para mim. Aprendi inúmeras coisas, como mencionei ao longo de todo este trabalho. Contudo, a minha formação não terminará aqui. Considero que um professor tem que estar em constante formação.

Para a minha realização pessoal, sinto que me faz sentido compreender a valência anterior ao 1.º Ciclo do Ensino Básico. Par tal, penso, um dia, continuar a minha formação nesta área.

Outra área que acho bastante pertinente prosseguir a minha formação é na área das Necessidades Educativas Especiais. Considero importante que o professor seja conhecedor deste tipo de necessidades para que possa ajudar os seus alunos.

Por fim, para mim, um professor também deve ter conhecimentos na área de Psicologia. Deve compreender porque é que os alunos têm determinados comportamentos, deve estar atento pois a determinadas situações que podem influenciar a personalidade dos seus alunos, bastante relevantes para o processo de ensino aprendizagem e para o desenvolvimento pessoal dos alunos.

Referências Bibliográficas

Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999) *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.

Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa Letras.

Alarcão, I. (org) (2001). *Escola reflexiva e supervisão: uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2010). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. 2.^a Edição. Mangualde, Portugal: Pedagogo.

Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.

Alçada, I. (coord) (2006). *Plano Nacional de Leitura – relatório*. Lisboa: Gabinete de Estatística e planeamento da Educação.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo — Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alsina, A. (2006). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.

Altet, M. (2001). *As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar*. In Paquay, L., Perrenoud, P., Altet, M. & Charlier, É. (2001). *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Amado, J. S. (2000). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.

Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura*. Porto: Edições ASA.

Araújo, L. (2007). *A compreensão da leitura: investigação, avaliação e boas práticas*. In Azevedo, F. (Org.). *Formar leitores das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.

- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. 5.º edição. Lisboa: McGRAW-HILL.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Balança, A. (2007). *Da leitura à escrita na sala de aula: um percurso palmilhado com a literatura infantil*. In: Azevedo, F. (Org.). *Formar leitores das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.
- Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *Ensino da escrita: dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Barbosa, M. E. (1997). *O dicionário na aprendizagem da língua materna*. Lisboa : IIE.
- Barbot, M. & Camatarri, G. (2001). *Autonomia e aprendizagem: a inovação na formação*. Porto: Rés-Editora.
- Barreto, G. (1998). “À procura das origens na arca do tempo”. In *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Porto: Campo das Letras; p. 15.
- Barreto, G. (2002). *Dicionário de Literatura Infanto-juvenil portuguesa*. Porto: Campo das Letras; pp. 40-342
- Bastos, G.(1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta; pp. 22-92
- Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand; pp. 14-15.
- Bloom, H. (2001). *Como ler e porquê?*. Lisboa: Caminho.
- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Brown, S. (2008). *Reconstruir a matemática escolar – problemas com problemas e o mundo real*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Caldeira, M. F. (2009a). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de doutoramento inédita. Málaga: Universidade de Málaga, Faculdade de Ciências da Educação.

Caldeira, M. F. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Calixto, J. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Carita, A.; Fernandes, G. (1998). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: editorial Presença.

Carrasco, J. B. (1989). *Como avaliar a aprendizagem*. Porto: Edições ASA.

Carvalho, G. & Freitas, M. (2010). *Metodologia do estudo do meio*. Luanda, Angola: Plural editores.

Cerezo, S. S. (1993). *Enciclopédia de Educação Infantil: recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*. Carnaxide, Portugal: Santillana.

Colomer, T & Camps, A. (2002). *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre, Brasil: Artes Medicas.

Contente, M. (1995). *A leitura e a escrita: estratégias de ensino para todas as disciplinas*. Lisboa : Presença.

Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa – que desafios?*. Porto: Edições ASA.

Cosme, A. & Trindade, R. (2001). *Área de estudo acompanhado: o essencial para ensinar e aprender*. Porto: Edições ASA.

Costa e Sousa, O. & Cardoso, A. (2010). *Desenvolver competências em língua*. Lisboa: Edições Colibri.

Cunha, P. D. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica.

Curto, L. M., Morillo, M. M. & Teixidó, M. M. (2000). *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler: vol. 1*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Dacosta, L. (2002). *Leitura e pedagogia do deslumbramento*. In MESQUITA, Armindo (org). *Pedagogias do imaginário: olhares sobre a literatura infantil*. Porto: ASA; p. 199.

Diniz, M. A. (1994). *As fadas não fora à escola: literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário*. Porto: Edições ASA.

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, (2006). *Provas de aferição do ensino básico 4.ª, 6.ª e 9.º anos: 2004: língua portuguesa e matemática*. Lisboa: Ministério da Educação.

Duarte, I. (2008). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Lisboa: Ministério da educação – Direcção-Geral de inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Dupont, P. (1987). *Prática da aula – domínio relacional*. Oimbra: Coimbra editora.

Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes.

Estrela, A. (1990). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. 4.ª Edição. Porto: Porto Editora.

Fabregat, C. & Fabregat, M. (1991). *Como preparar uma aula de história*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Feldman, R. S. (2001). *Compreender a psicologia*. Amadora, Portugal: McGraw-Hill de Portugal.

Felix, N. & Roldão, M. C. (1996). *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico história*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Fernandes, D. (2000). *Aprender matemática com calculadora e folha de cálculo*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Fontes, A. & Silva, I. (2004). *Uma nova forma de aprender ciências: a educação em ciências/tecnologia/sociedade*. Porto: ASA.

Fourez, G., Maingain, A. & Dufour, B. (2008). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Francia, A. & Martínez, O. (2000). *Jogos e dinâmicas*. Lisboa: Paulus Editora.

Freitas, M., Solé, G. & Pereira, S. (2010). *Metodologia de história*. Luanda, Angola: Plural editores.

Galvão, C., Reis, P., Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências: sugestões para professores do ensino básico e secundário*. Porto: Edições ASA.

Gervilla, A. (1994). *A mentira infantil*. Porto: Porto Editora.

Gomes, E. & Medeiros, T. (2005). *(Re) pensar a prática pedagógica na formação inicial de professores do 1.º ciclo do ensino básico*. In Alarcão, I., Cachapuz, A., Medeiros, T. & Jesus, H. (org) (2005). *Supervisão – investigações em contexto educativo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Goulemont, M. (1996). *Da leitura como produção de sentido*. In Chartier, R. (org.). *Práticas de leitura*. 2.ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade.

Grave-Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores - concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Jean, G. (1989). *Na escola da poesia*. Lisboa: Instituto Piaget.

Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa Editores.

Kabat-Zin, J. (2007). *Gestão do medo*. In Sequeira, J. (org.). *Desenvolvimento pessoal* (5.ª ed.). Lisboa: Monitor.

Kelchtermans, G. (2009). *O comprometimento profissional para além do contrato: autocompreensão, vulnerabilidade e reflexão dos professores*. in Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Pedagogo.

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: Edições ASA.

Lisboa, I. (2005). *Reflectindo sobre a formação*. Alonso, L. & Roldão, M. (Org.). *Ser Professor do 1º Ciclo: Construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel.

Loureiro, M. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Edições Asa.

Magalhães, V. (2009). “A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder”. In Costa E Sousa, O. & Cardoso, M. A. P. (org.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Coibri; pp 55-72.

Martins, I. n Veiga, M. L., Teixeira, F. Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, M. A. & Niza, I. (2000). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Marujo, H., Neto, L., & Perloiro, M. (2002). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

Maya, M. (2000). *A autoridade do professor: o que pensam alunos, pais e professores*. Lisboa: Texto Editora.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.

Miguéns, M. (1999). *Trabalho prático e o ensino das investigações na educação básica*. In Ministério da Educação (1999). *Ensino experimental e construção de saberes*. Lisboa: Concelho Nacional de Educação.

Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas*. 5.^a edição. Mem Martins, Portugal: Departamento de Educação Básica.

Ministério da Educação (1998). *A história na educação básica*. Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (1991). *Organização curricular e programas. Volume 1. Ensino Básico 2.º ciclo*. Mem Martins, Portugal: Departamento de Educação Básica.

Mintzes, J., Wandersee & J. Novak, J.(2000). *Ensinando ciência para a compreensão : uma visão construtivista*. Lisboa: Plátano.

Montandon, C., & Perrenoud, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível?*. Oeiras: Celta Editora.

Monteiro, M. (2001). *Didáctica da história – teorização e prática, algumas reflexões*. Lisboa: Edições Plátano.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação. Um desafio para os professores*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Presença.

Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.

Nabais, J. (1986). *À descoberta da matemática com o calculador multibásico*. Lisboa: Centro do Psicologia Aplicadma à Educação.

Nascimento, M. J. (2007). *Pensamento e práticas disciplinares de professores*. Lisboa: Educa.

Neto, C. (1997). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Oliveira, J. & Oliveira, A. (1999a). *Psicologia em educação escolar I – aluno-aprendizagem*. Coimbra: Livraria Amedina.

Oliveira, J. & Oliveira, A. (1999b). *Psicologia em educação escolar I –professor-aluno*. Coimbra: Livraria Amedina.

Oliveira, M. C. (2002). *Manual de higiene e segurança na escola*. Braga: Oficina S. José.

Oliveira, M. (2005). *Fábrica do texto - guia para a produção de diferentes tipos de textos*. Cascais, Portugal: Edições Arte Plural.

Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Presença.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, L. & Azevedo, F. (2005). *Como abordar... a escrita no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Areal Editores.

Pereira, M. (coord.) (1992). *Didáctica das Ciências da Natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pérez, M. R. & López, E.D. (2001). *Disenos curriculares de aula. Um modelo de planificación como aprendizagem- ensenanza*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.

Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre, Portugal: Artmed Editora.

Peterson, P. (2003). *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa : Piaget

Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (1993). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. P., Serrazina, L., Guimarães, H. M., Breda, A., Guimarães, F., Sousa, H., Menezes, L., Martins, M. E. G. & Oliveira, P. A. (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ponte, J.P & Serrazina, M.L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Postic, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional*. São Paulo, Brasil: Phorte Editora.

Rebelo, D. & Atalaia, L. (2000). *Para a aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Livros Horizonte.

Reis, C. (coord.) (2008). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Reis, Carlos & LOPES, Ana Cristina Macário. (1994). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina; pp. 158-224.

Ribeiro, A. (1995). *Concepções de professores do 1.º ciclo – a matemática, o seu ensino e os materiais didáticos*. Departamento da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, L. C. (1991). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editores.

Rodrigues, A. & Esteves, M. (1993). *A análise de necessidades na formação de professores*. Porto: Porto Editora.

Roldão, M. C. (2003). *Gestão do currículo e avaliação de competências: as questões dos professores*. Barcarena, Portugal: Presença.

Roldão, M. C. (1995). *Estudo do meio no 1.º ciclo: fundamentos e estratégias*. Porto: Texto Editora.

Rosa, C. & Soares, J. (1998). *Reflectir sobre a linguagem escrita*. Niza, S. (Org.) *Criar o gosto pela leitura – formação de professores*. Lisboa: ME, Departamento da educação básica.

Sá, J. & Varela, P. (2007). *Das ciências experimentais à literacia – uma proposta didáctica para o 1.º ciclo*. Porto: Porto Editora.

Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Porto: Porto Editora.

Santos, B. R. A. (2007). *Comunidade escolar e inclusão – quando todos ensinam e aprendem com todos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sardinha, M. G. (2007). *Formas de ler: ontem e hoje*. Azevedo, F. (Org.). *Formar leitores das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel.

Serrazina L. & Matos, J. M. (1996). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: APM.

Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Tese de doutoramento inédita. Málaga: Universidade de Málaga, Faculdade de Ciências da Educação.

Siman, L. M. C. (2011). *Crianças e professora como leitoras: criação de sentidos e subversões à ordem de textos históricos escolares*. In Fonseca, S. G. & Júnior, D. G. (org.) (2011). *Perspectivas do ensino da história: ensino, cidadania e consciência histórica*. Minas Gerais, Brasil: Edufu.

Simão, A. M. V. (2002). *Aprendizagem estratégica: uma aposta na auto-regulação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Simões, M. I. S. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Santa Maria da Feira, Portugal: Grafica Feirense, S.A.

Sousa, A., Pato, A. & Cavilhas, C. (1993). *Novas estratégias novos percursos no ensino da história*. Rio Tinto, Portugal: Eduções Asa.

Sousa, O. & Cardoso, M. A. (2010). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa: percursos didácticos*. Lisboa : Coibri.

Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia educacional*. Amadora, Portugal: McGRAWN-HILL.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre : Editora Artmed.

Tenreiro-Vieira, C & Vieira, R. (2000). *Promover o pensamento crítico do alunos. Propostas concretas para a sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Thouin, M. (2008). *Resolução de problemas científicos e tecnológicos : nos ensinios pré-escolar e básico 1º ciclo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Traça, M. E. (1992). *O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora; pp. 115-123.

Vieira, C. (2000). *O pensamento critica na educação científica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Asa.

Vieira, F., Moreira, M. A., Barbosa, I., Paiva, M., & Fernandes, I. (2006). *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo

Viseu, F. (2009). *A formação do professor de matemática apoiada por um dispositivo de interação virtual no estágio pedagógico*. Universidade do Minho: Centro de Investigação em educação.

Viveiros, H. & Medeiros, T. (2005). *Modelos de supervisão e desenvolvimento cognitivo de futuros professores do 1.º ciclo do ensino básico*. In Alarcão, I., Cachapuz, A., Medeiros, T. & Jesus, H. (org) (2005). *Supervisão – investigações em contexto educativo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora, Artmed.

Zabalza, M. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: ASA.

Webgrafia

Barreira, C & Cavalcanti, J. (2009). O Ensino Precoce de Língua Estrangeira e a Literatura para a Infância: diálogo de encantamento. *Revista Saber & Educar*, 14, 3 – 4. Recuperado em 2011, outubro 2, de <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/1000>

Borrvalho, S. & Oliveira, A. (2010). Sentimentos das crianças face aos professores. *Revista da Educação*, 2, 119 – 143. Recuperado em 2011, janeiro 26, de http://revista.educ.fc.ul.pt/arquivo/vol_XVII_2/Artigo6%20Sentimentos%20das%20Crianças%20Face%20aos%20Professores.pdf

Fortes, C. (sd). Interdisciplinaridade: origem, conceito e valor. Recuperado em 2012, junho 06, de <http://www3.mg.senac.br/NR/rdonlyres/eh3tcog37oi43nz654g3dswloqyejkbfxkjpbgehjepnlzyl4r3inoxahewtpql7drvx7t5hhxkic/Interdisciplinaridade.pdf>.

Fuentes, J. L. (1999). *Pedagogia Inaciana - uma visão sintética*". Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1999. Recuperado em 2011, novembro 24, de <http://www.pedroarrupe.com.br/upload/pivisao.pdf>

Galveias, M. F. CC. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2011, outubro 8, de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%>.

Gomes, J. (2010). *As potencialidades pedagógicas da banda desenhada nas aulas de português língua não materna*. Tese de mestrado inédita. Porto: Universidade de Letras. Recuperado em 2012, Julho 09, de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55389/2/tesemestjoanagomes000124977.pdf>.

João de Deus. In *Educação, Formação & Tecnologias; vol.2 (2)*, 84-94. Recuperado em 2012, abril 25, de <http://eft.educom.pt>.

Lopes, L. (2006). *Actividade física, recreio escolar e desenvolvimento motor*. Estudos Exploratórios em Crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Tese de mestrado inédita. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança. Recuperado em 2011, Fevereiro 10, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6206/1/TESE%20LUIS%20CARLOS%20OLIVEIRA%20LOPES.pdf>

Lucas, A. G. (2006). A técnica da observação participante. Recuperado em 2011, outubro 10, de <http://entreduesterras.blogspot.com/2006/01/tcnica-da-observao-participante.html>

Martinho, M. H. & Ponte, J. P. (sd). A comunicação na sala de aula de matemática: Um campo de desenvolvimento profissional do professor. Recuperado em 2011, julho, 08, de http://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/Comunicacao/Martinho-Ponte_05%20CIBEM_.pdf

Meireles, A. (2006). *Uso de quadros interactivos em educação: uma experiência em Físico-Químicas com vantagens e “resistências”*. Recuperado em 2011, maio 25 de <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/alcides/docs/tesecompleta.pdf>

Mercê, C. (2008). Concepções e práticas lectivas dos professores de matemática do 2.º ciclo em relação à calculadora: Contributos da formação para a reflexão. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências. in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1251/1/19022_ULFC091291_TM_Tese.pdf recuperado em 03 de abril de 2011.

Mesquita, A. (2010). Actividades lúdicas das crianças no do 1.º C.E.B: no recreio escolar e sua importância para a AF segundo o género e o I.M.C. Tese de Mestrado inédita. Recuperado em 2012, junho 05, de http://sigarra.up.pt/fadeup/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id.

Moreira, D., Ponte, J. P., Pires, M. e Teixeira, P. (sd). Manuais escolares: Um ponto de situação. Recuperado em 2012, julho 05 de http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/manuais_%20GDiscussao_publicacoes.pdf.

Moreira, M. (2004). As fontes históricas propostas no manual e a construção do conhecimento histórico. Tese de Mestrado inédita. Braga: Universidade do Minho. Recuperado em 2012, junho 05, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2631/1/tese.pdf>

Plano Nacional de Leitura (2011). Relatório de actividades do plano nacional de leitura 5.º ano. Recuperado de http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnl/vt/uploadadas/balancos/relat_actividad_5_anos.pdf.

Queirós, L. M. S. (2007). A disciplina de Educação Visual e Tecnológica em contexto escolar de diversidade cultural. Tese de mestrado inédita. Lisboa: Universidade Aberta. Recuperado em 2011, novembro 02, de <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/621/1/LC276.pdf>

Reimão, C. M. (2009, Abril). *Novos olhares sobre a educação: temas, problemas e Desafios*. Comunicação apresentada no Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Bragança. Recuperado em 2011, fevereiro 22, de http://portal2.ipb.pt/pls/portal/docs/PAGE/ESE/ESE_EVENTOS/ESE_XCONGRESSO_CE/LIVRO_GUIA_15_04.PDF

Serra, F. (1999). Fazer a escola acontecer: planificação e participação. Recuperado em 2011, abril 06, de area.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/edições/noe/noe50/dossier1.htm.

Silveira-Botelho, Teresa, & Vivar, Dolores (2009). *As TIC na formação inicial da ESE*

Legislação

Despacho normativo n.º 50/2005, de 09 de Novembro.

Despacho Normativo n.º 338/93, de 21 de outubro.

Anexos

Anexo A

**Dispositivo de avaliação de Matemática no
1.º Ciclo**

Jardim Escola João de Deus - Alvalade

Nome: _____

Data: _____

Matemática

1. Completa:

1.1. Um minuto são _____ segundos

1.2. Uma hora são _____ minutos

1.3. Um dia são _____ horas

1.4. Vinte e quatro horas são _____ dias

1.5. Trinta dias representam _____ mês

1.6. Um ano tem _____ meses

1.7. Um lustro são _____ anos

1.8. Uma década são _____ anos

1.9. Dez décadas são um _____

1.10. Um milénio são _____ séculos



2. Representa:

2.1. Cinco horas, três minutos e vinte e oito segundos

2.2. Três meses, vinte e sete dias, cinco horas, dois minutos e dezanove segundos

2.3. Quatro anos, vinte meses e meia dúzia de dias

2.4. Meia dezena de séculos, nove anos, dois meses, um quarteirão de dias

Anexo B

**Dispositivo de avaliação de Língua
Portuguesa no 1.º Ciclo**

Nome: _____ Data: ___/___/___

1. Depois de teres lido o texto, atribui-lhe um título.

2. Observa a frase:

Ontem, fui com o meu avô à praia da Galé.

1.1 . Reescreve a frase colocando o verbo no presente do modo indicativo.

1.2 .Reescreve a frase colocando o verbo no futuro do modo indicativo.

2 .Indica seis palavras da área vocabular de praia.



Anexo C

**Dispositivo de avaliação de História de
Portugal no 1.º Ciclo**

Jardim Escola João de Deus - Alvalade

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

História de Portugal - D. João VI

Após as Invasões Francesas, Portugal entrou numa grande crise económica, social e política.

1. Completa, com as palavras-chave, o texto lacunar.

Devido à permanência inglesa em Portugal, à difusão das ideias liberais e a permanência do rei _____ e da corte no Brasil, o povo português continuava bastante descontente. Em 1817, o general _____ de _____ organizou uma conspiração para afastar os ingleses.

Pela crise instalada em Portugal, em 1818, Manuel Fernandes Tomás fundou, no Porto, uma sociedade secreta, o _____.

O Sinédrio reuniu apoios junto dos militares portugueses proclamando o regime liberal. Era o início da _____, no dia 24 de agosto de 1820.

Foi eleita pelos militares a _____, que ficaria a governar até o rei D. João VI e as cortes regressarem do Brasil para a elaboração de uma _____.

Com o regresso do rei, foi o seu filho mais velho, _____, que assumiu a regência do Brasil. Perante as leis liberais da Constituição, o Infante _____ continuou a defender o regime absoluto tentando abolir a Constituição de 1822 e o regime liberal. Organizou uma revolta em _____, proclamando o absolutismo.

Dada a irreverência de D. Miguel e a sua repreensão por parte do rei, o Infante iniciou uma nova revolução em abril de 1824, denominada de _____.

Palavras-chave:

- | | |
|---|-----------------------|
| - abrilada | - Revolução Liberal |
| - D. João V | - Sinédrio |
| - Junta Provisional do Governo Supremo do Reino | - D. Miguel |
| - lei | - D. Pedro |
| - Constituição | - D. Pedro I |
| - Gomes Freire de Andrade | - Vila Franca de Xira |

Anexo D

**Dispositivo de avaliação de Língua
Portuguesa no 2.º Ciclo**

LÍNGUA PORTUGUESA

Ano _____ Turma _____

Data ___ / ___ / _____

Nome: _____ N.º _____

Os adjetivos

1. Identifica o grau em que se encontram os adjetivos presentes na frase.

1.1. *A vista do quarto da Sara é mais bonita do que a do quarto do irmão.*

1.2. *O Miguel é muito alto.*

1.3. *Este bolo é o menos saboroso.*

1.4. *O cão é um amigo fidelíssimo.*

1.5. *O livro que estou a ler é tão interessante como o que li anteriormente.*

1.6. *O teu desenho é o mais bonito.*

1.7. *O Mário é menos simpático do que o Artur.*

2. Recordando as regras da adjetivação, **preenche** as frases e os quadros que se seguem:

2.1. Os adjetivos terminados em **-z**, formam o superlativo absoluto sintético em _____.

2.2.

<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>	<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>

<i>Capaz</i>		<i>Feroz</i>	
<i>Feliz</i>		<i>Veloz</i>	

2.3. Os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo absoluto sintético em _____.

2.4.

<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>	<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>
<i>Agradável</i>		<i>Horrível</i>	
<i>Notável</i>		<i>Terrível</i>	

2.5. Os adjetivos terminados em *vogal nasal* ou *ditongo nasal* formam o superlativo absoluto sintético em _____.

2.6.

<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>	<i>Adjetivo no grau normal</i>	<i>Adjetivo no grau superlativo absoluto sintético</i>
<i>Cristão</i>		<i>São</i>	
<i>Comum</i>		<i>Pagão</i>	

3. *Atenta os seguintes adjetivos e coloca-os no grau superlativo absoluto sintético:*

a) *móvel* - _____

b) *normal* - _____

c) *sábio* - _____

d) *confortável* - _____

e) *pobre* - _____

f) *solúvel* - _____

g) *livre* - _____

h) *perspicaz* - _____

i) *fiel* - _____

j) *grande* - _____

k) *doce* - _____

l) *amigo* - _____

Anexo E

Dispositivo de avaliação de Matemática no 2.º Ciclo

Nome: _____

Número: _____

Ano Letivo 2011/2012

Data: ____/____/____

Matemática

Adição e subtração de frações

1. Calcule:

a) $\frac{3}{8} + \frac{2}{8} = \text{---}$

b) $\frac{4}{9} + \frac{4}{9} = \text{---}$

c) $\frac{2}{7} + \frac{3}{7} = \text{---}$

d) $\frac{8}{5} - \frac{4}{5} = \text{---}$

e) $\frac{8}{12} - \frac{5}{12} = \text{---}$

f) $\frac{13}{3} - \frac{7}{3} = \text{---}$

g) $0,5 + \frac{1}{10} = \text{---}$

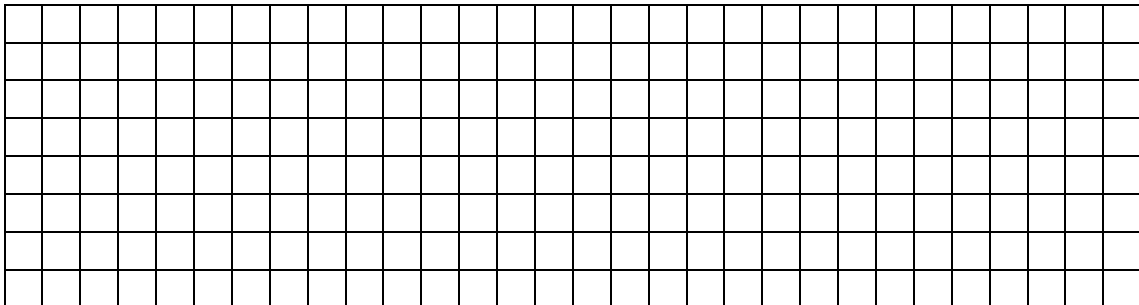


4. Num jardim foram plantadas diversas flores: $\frac{2}{5}$ de rosas;



- $\frac{1}{5}$ de túlipas
- a parte restante com amores-perfeitos.

- a) Que parte do jardim foi plantada com amores-perfeitos?

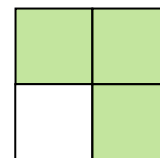
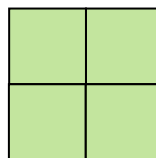
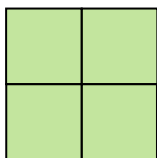


5. Represente graficamente os seguintes numerais mistos:

a) $3\frac{2}{5}$

b) $12\frac{1}{3}$

6. Observe a seguinte figura:



- a) Represente a parte sombreada sob a forma de numeral misto.

Anexo F

**Grelha de observação das áreas de História
e Geografia de Portugal e de Ciências da
Natureza no 2.º ciclo**

Local: Jardim-Escola João de Deus – Entroncamento

Turma: _____

Período: _____

Grelha de Observação da área de

Competências	Comunicação	Conhecimentos	Participação	Interesse	Autonomia	Organização	Sentido crítico.
N.º							
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							

Observações: _____
